

Defesa Nacional



OUTUBRO
1951

NÚMERO
447

General RENATO BAPTISTA NUNES, Diretor-Presidente.
General ANTONIO DE CASTRO NASCIMENTO, Diretor-Gerente.
Coronel ADALARDO FIALHO, Diretor-Secretário.

A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

Ano XXXIX

BRASIL — RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 1951

N. 442

SUMÁRIO

	Página
EDITORIAL	3
ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL	
A Artilharia Antiaérea na Coreia — Trad. do Maj. Reinaldo Melo de Almeida	7
Os nossos esforços para preservar a paz mundial — Trad. do Maj. Floriano Möller	17
A Cavalaria na era mecanizada — Trad. do Ten.-Cel. Arold Ramos de Castro	23
Projéteis teledirigidos (Missiles) — Trad. do Maj. Luiz F.S. Wiedmann	29
Dez normas para o lançamento de pontes permanentes de Exército — Tradução do Cel. Adalardo Fialho	35
Os blindados — Ensino da guerra da Coreia — Trad. da Redação	39
Emprego do Helicóptero na guerra — Trad. do Cap. João B. Santiago Wagner	47
Um pel. de fuzileiros no combate — Trad. do Maj. Moziul Moreira Lima	51
A Cavalaria e os PP — Cap. L.C. Silveira	69
O Pelotão de minas — IV — Ten. Gustavo Lisboa Braga	73
A foto-informação — Ten. Carlos Cesar Taveira	86
ASSUNTOS DE CULTURA GERAL	
Coerência brasileira — Gen. Felício Lima	89
Considerações sobre a guerra da Coreia — Gen. Manoel Carneiro Fontoura	93
Os interesses estratégicos do Reino Unido — II — Ten.-Cel. Raphael de Souza Aguiar	95
Os militares e os problemas sociais — VIII — Ten.-Cel. Riograndino da Costa e Silva	101
O teste — Maj. A.P. Leitão Machado	105
Sombras e luzes sobre a América latina — Trad. do Maj. Floriano Möller	119
Problemas do Brasil — XVIII — Cel. Adalardo Fialho	129
GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR	
A manobra de Colléchio-Fornovo — Gen. Sílio Portela	131
Os grandes problemas nacionais — A "heartland" brasileira — Brig. Lysias Rodrigues	137
Síntese de estudo sobre o Nordeste do Brasil — Maj. João Baptista Peixoto	143
DIVERSOS	
Palavras proferidas... — Brig. Eduardo Gomes	153
O desapeço às tradições — Ten.-Cel. Arold Ramos de Castro	155
Petain — Ten.-Cel. J.H. Garcia	157
O Serviço Social no Exército — Maj. Floriano M.B. Mendes	159
Mobilização dos cientistas brasileiros	163
Vinte mil barris de petróleo por dia	171
O lugar do Brasil na siderurgia latino-americana	177
Brasil, campeão no combate à malária	179
Em cinco anos a produção de artefatos de borracha duplicou	181
A Cia. do Rio Doce está produzindo dólares para o Brasil	183
NOTICIÁRIO DE INTERESSE MILITAR	
ATOS OFICIAIS GERAIS	185
	195



O NOSSO ANIVERSARIO

Com este número, completa "A Defesa Nacional" o seu 38º aniversário, o que equivale dizer, de atividade incessante em prol do desenvolvimento e da divulgação dos conhecimentos técnico-profissionais militares.

Nascida da salutar reação dum pequeno grupo de jovens oficiais que vinham de estagiar em exércitos europeus, contra o marasmo em que viviam as nossas forças armadas, após quase meio século de paz, foi a nossa revista, em seus primeiros tempos, obra, pode dizer-se, exclusiva de seus redatores, que tinham diante de si a tarefa de pregar, de doutrinar e, por vêzes, de criticar e bater-se contra a rotina, na ânsia de rasgar novos horizontes à nossa intelectualidade profissional.

Não que fôssem inexistentes os oficiais cultos e amantes da profissão, capazes de darem ao nosso Exército a eficiência militar indispensável. Entretanto, se muitos já eram os oficiais formados pela Escola Militar da Praia Vermelha, grande era também a massa dos que se haviam formado sem os conhecimentos básicos indispensáveis, ou de mentalidade atrasada, embora procurassem todos cumprir os seus deveres da melhor maneira, na medida de suas possibilidades.

Por outro lado, dentre aquêles, nem todos se haviam emancipado de alguns preconceitos oriundos duma formação mais filosófica que militar; alguns humoristas consideravam ser de bom gosto "revelar certo menosprêzo pela "tarimba", e até deixar aparecer a gravata civil pela abertura da gola da túnica, ou tropeçar propositalmente na espada quando em serviço no quartel. . .".

Alguns anos mais tarde, a adoção dum novo regulamento de ensino para a escola de formação de oficiais, o de 1905, menos científico, porém mais militar que o anterior, embora mediocrementemente executado, de início, veio contribuir sensivelmente para dar vida nova aos nossos corpos de tropa.

Apesar das falhas e insuficiências inevitáveis, pois que instrutores, mormente de oficiais, não se improvisam, foi a Escola Militar de Pôrto Alegre que lançou no seio do Exército mais de duas centenas de jovens aspirantes cheios de ardor e desejosos de se tornarem bons soldados.

Esse acontecimento, por feliz coincidência, secundava os esforços, iniciados pelos jovens camaradas mais antigos, constituindo-se, então, a falange dos "jovens turcos" que se havia de bater contra o império da "ordem unida".

Houve que lutar, era natural, contra a rotina e o comodismo de muitos, pois, sem dúvida, a vida era muito mais agradável de ser vivida quando a principal tarefa era aguardar, durante o "expediente", nos quartéis, a hora de ouvir a leitura da "ordem", e regressar a penates.

A salutar transformação, porém, não se fêz esperar muito e o progresso acentuou-se ainda mais, graças à pertinácia dos "jovens turcos" e da "missão indígena", apoiados por chefes esclarecidos. E dessa conjugação de esforços se foi formando o ambiente propício para que o benemérito Ministro General Cardoso de Aguiar pudesse, com pleno êxito, contratar a vinda ao Brasil da primeira Missão Militar Francesa.

Embora, por motivos que desconhecemos, a atuação dessa Missão tivesse sido limitada quase exclusivamente ao âmbito das escolas de oficiais, foram tão preciosos os conhecimentos transmitidos por aquêles mestres de escol, que aos "antigos" por êles beneficiados cumpre o dever de retransmiti-los, por sua vez, às novas gerações de oficiais.

A doutrina, os métodos e os processos de guerra, tal como nós as fizemos compreender os mestres da M.M.F., são de hoje como o foram de ontem. A última guerra mundial em nada os infirmou: ao contrário, só fez confirmá-los na sua essência.

Com efeito, a doutrina de guerra, dizia-nos Gamelin, não é um conjunto de axiomas com força de leis, mas um todo homogêneo que compreende: — uma concepção da guerra: luta entre duas vontades; — um método de raciocínio, que considera as questões de guerra sempre sob o mesmo ângulo: a missão, o inimigo, o terreno e os meios; — um princípio, o da economia das forças, não no sentido restrito de "parcimônia", mas no de justa repartição, isto é, engajar, em cada caso, tudo quanto fôr preciso, nada mais do que fôr preciso, quando e como fôr preciso.

A doutrina, acentuava, se não é imutável, só pode variar, entretanto, segundo as modificações essenciais do armamento: a complexidade dos processos, crescendo com o aperfeiçoamento das armas, exige do chefe militar conhecimentos táticos e técnicos cada vez mais desenvolvidos e, ao mesmo tempo, madureza de espírito no raciocínio, fertilidade de imaginação, calma na decisão e atividade na execução. Quanto ao método de raciocínio, este, pode dizer-se, é imutável porque se funda na lógica.

Os fatos da última guerra, nos seus aspectos e nas concepções, apenas refletiram as novas possibilidades criadas pela abundância e pelo poder dos engenhos de guerra, mas não abalaram os fundamentos da doutrina. E os que, iludidos pelo aspecto exterior dos fatos, julgaram que o material podia suplantar a concepção lógica da manobra, pagaram caro o seu equívoco.

A manobra é mesmo mais a arma dos fracos que a dos mais poderosos. E os conhecimentos que haurimos da M.M.F. são os que mais se coadunam com as nossas contingências de país de poucos recursos industriais e econômicos, o que exige dos chefes militares maiores prodígios de imaginação criadora e realista na conquista da vitória.

Seja como fôr, é inegável o progresso verificado nestes últimos trinta anos, mas cumpre não olvidar que as necessidades jamais são ultrapassadas pelas realizações: a tarefa é perene e há sempre o que acrescentar.

Organizar, armar e instruir um exército moderno é tarefa ingente, mas não insuperável; nada, porém, estará feito se a alma que deve dar vida à máquina de guerra não se houver cultivado e sublimado paralelamente: — a disciplina e a noção do dever, como bases da força moral.

Nem disciplina consciente, nem dever são coisas de regulamento, ou que se aprendam nos livros. Não são, igualmente, sentimentos natos, mas qualidades que se cultivam e se engrandecem para integrarem a alma do soldado. Disciplina é escravidão ao dever, e não há dever amoral ilegal nem deprimente. O espírito de disciplina é um dos maiores galardões do soldado. A obediência à lei e aos que a representam e a cumprem também, dignifica a todos. Só a inércia e a subserviência degradam.

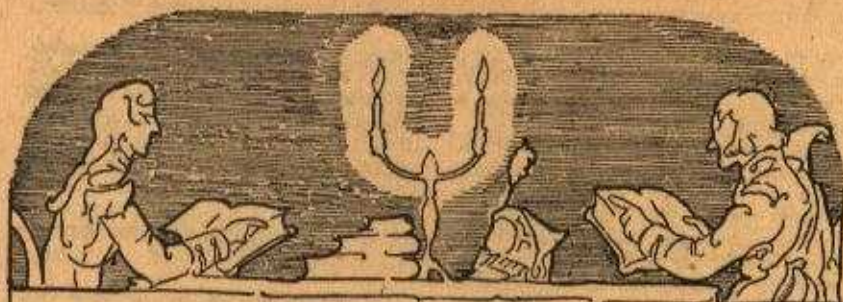
Não há moral civil e moral militar, nem dever civil e dever militar. Fardado e em serviço ou em trajes civis na sociedade, o militar é sempre um militar. Não pode encarnar duas personalidades distintas e muito menos antagônicas. Ele aceitou livremente, e sob compromisso de honra, as restrições à sua liberdade individual que diferenciam, entre si, a sociedade militar e a sociedade civil. E o chefe, ou o soldado, que não encarnarem essa unidade espiritual, não compreenderam nem estão à altura de sua missão de sacrifício pessoal.

A "Defesa Nacional" viveu, nos seus trinta e oito anos de existência, tôdas as fases de vicissitudes e de glórias das nossas forças armadas, e sempre pugnou pelo progresso harmônico, conjugado e contínuo das forças materiais e morais do nosso Exército. Comemorando o seu aniversário, realizando o "milagre de viver" até hoje, como disse um dos nossos Generais, deu também uma prova de que a indiferença de muitos pode menos do que a dedicação de alguns: parece-nos justa e cabível, no momento, êsse rápido lance de vista retrospectivo.

Anima-nos a esperança de que a nossa revista, que é obra dos nossos camaradas que nela colaboram, seja, cada vez mais, o espelho da cultura profissional e geral dos quadros do nosso Exército.

...

Como é de justiça, e sempre fazemos prazerosamente, congratulamo-nos, nesta efeméride, com aquêles grupo de distintos camaradas que, a 10 de outubro de 1913, fundaram esta revista, e rendemos um preito de saudade aos que já se foram.



CULTURA PROFISSIONAL

A ARTILHARIA ANTIAÉREA NA CORÉIA

Major-General WILLIAM F. MARQUAT

(Traduzido pelo Major REYNALDO
MELLO DE ALMEIDA)

O Major-General William F. Marquat foi o oficial AAA das Forças das Nações Unidas na Coreia. Tomou parte, como auxiliar imediato do General Mac Arthur, nas lutas de Bataan e Corregidor e na espetacular fuga para a Austrália.

Resumindo as impressões colhidas de uma visita às unidades AA na Coreia, publicou três artigos no "Antiaircraft Journal".

Tratando-se de uma autoridade no assunto, julgamos de interesse a tradução dos mesmos. Pedimos e conseguimos a autorização necessária e com a publicação do presente, iniciamos a série.

Antes, porém, devemos dar algumas explicações: o material AA foi idealizado e construído para realizar o tiro contra as aeronaves. As exigências, decorrentes particularmente da velocidade dos alvos que devem atacar, deram ao material tais características de precisão e volume de fogo que cedo ele foi cobçado pelos comandantes de tropas para apoio às suas unidades em terra.

Com efeito, uma Bateria de Can Au possui 35 metralhadoras .50 e 8 ou 16 can au de 40 mm (material AP); um RI tipo 2, somente 32: uma Cia de Petrechos Pesados. Note-se, pois, o apoio de fogo que pode ser obtido!

Um obus de 105 mm tem uma cadência de tiro de 4 tiros por peça e por minuto; um canhão AA de 90 mm uma média de 15 tiros. Isso quer dizer que uma Bateria AA pode dar mais tiros, num minuto, do que um grupo de 105 mm!

Há, porém, sérias limitações ao emprego desse material, decorrentes, particularmente, de sua segurança e da usura que está sujeito.

Pesando-se as possibilidades e as limitações, chegou-se a uma doutrina de emprego, que consta dos regulamentos. Embora o emprego do material AA, em missões de tiro terrestre, já tenha sido feito em grande escala, durante a 2ª Guerra Mundial, foi na guerra da Coreia, onde a superioridade aérea dos aliados é nítida, que se colheu mais experiência sobre o assunto.

Dai a importância dos artigos do General Marquat que historia fatos, faz críticas construtivas e sugestões.

Cumpra lembrar que, na Coreia, os aliados possuem superioridade aérea e material autopropulsado, grande parte do qual moderno; que as unidades sul-coreanas são desprovidas de artilharia, viaturas e armas pesadas de apoio; que o terreno dificulta enormemente o ataque; que exceto poucos momentos de defensiva em uma só posição, as operações se caracterizaram por rápidos avanços ou retiradas, só assim se justificando o emprego generalizado do material AA em todos os tipos de missões, onde o tiro AA foi uma exceção.

É, porém, uma sugestão de real interesse para um conflito num Teatro sul-americano, onde as aviações em luta não terão, certamente, um efetivo suficiente para ações violentas e continuadas e onde as tropas combatentes terão sempre necessidade de maior apoio de fogo.

1 — GENERALIDADES

Artilharia automática! Foi como os vermelhos coreanos apelidaram a AAA americana. Isto porque viam suas arremetidas detidas pelo grande volume de fogos dessas armas, desencadeado quase instantaneamente e com grande precisão; porque sentiam o efeito devastador de que eram capazes.

Logo os sul-coreanos também empregaram o apelido, porém, dessa vez como beneficiados.

O Exército americano cedo compreendeu a importância em incorporar a AAA como um membro permanente da equipe Infanteria — Blindado — Artilharia e não perdeu tempo na aplicação.

A experiência da guerra da Coreia mostra o acerto dessa decisão, caracterizado pelos casos vividos, (dos quais alguns serão transcritos adiante) em todas as fases da guerra, desde a retirada em toda a frente até à ofensiva relâmpago.

As unidades AA fizeram prodígios. Quando a história militar da guerra na estreita península, con-

tigua ao coração da órbita comunista do Oriente, for escrita, certamente comportará um capítulo especial para a arma que, destinando-se ao combate ao inimigo no ar, encontrou-o em terra e realizou milagres.

II — OS REGULAMENTOS E A EXPERIÊNCIA

Os regulamentos estabelecem como missão secundária da AAA o seu emprego em proveito das forças terrestres.

A experiência na Coreia já permite concluir que se não pode distinguir, para a AAA, uma missão normal de uma secundária. Deve haver uma única — a destruição do inimigo onde quer que se encontre.

É, já, um assunto bastante explorado o do emprego da AAA em apoio às tropas terrestres; porém, como em toda novidade, ainda não há uma unidade de doutrina. Uma dessas controvérsias refere-se à questão do comando da unidade AA que cumpre uma missão de tiro terrestre. Devem os Can Au reforçar ou apoiar a unidade em benefício da qual trabalha? Qual o melhor emprego dos Can AA agindo como artilharia de campanha? Na Coreia esse problema só apareceu quando o inimigo já estava derrotado.

Na zona de combate, encontrei unidades de Can AA integradas nas AD e unidades de artilharia de campanha num agrupamento de AAA.

No campo acadêmico isso ocasionaria discussões e dúvidas, porém na Coreia o Can AA foi eficiente em sua missão terrestre, qualquer que fosse o órgão de comando que o enquadrasse.

Logo, essa campanha não servirá como clássico, na definição das autoridades responsáveis...

O prescrito nos regulamentos foi, de um modo geral, seguido com proveito e eficiência. Algumas dúvidas, como, por exemplo, a questão da distância em que os Can Au e metralhadoras deviam ser colocadas, em relação à infantaria, ainda persistem. Algumas

vêzes foram colocados à frente, outras à retaguarda. O essencial é que estivessem sempre com a infantaria, observando os seus choques na defensiva e cobrindo a sua progressão no ataque; participando do apoio dado pela própria infantaria e pela aviação; integrando a nova equipe — Infantaria — Artilharia — Blindados.

III — VISITAS E APRECIACÕES

Visitando as unidades AA na Coréia, não as pude observar em ação. Nessa ocasião, as tropas das Nações Unidas tinham retornado a ofensiva e a progressão era tão rápida que era difícil saber exatamente onde havia luta. Geralmente, quando chegava a um PC ou posição de bateria, era informado que essa unidade já se tinha deslocado para a frente; dirigindo-me ao seu encontro, já a encontrava de volta, com a missão cumprida e um sorriso de satisfação no rosto de cada soldado.

Quando pude, finalmente, recapitular o que realizaram, cheguei à conclusão que tinham cumprido uma tarefa notável, que ultrapassava de muito tudo o que fora previsto nos regulamentos.

Quando era mais encarniçada a defensiva, na ocasião em que as tropas da ONU eram recalçadas para Pusan, os Can AA e os Can Au cobriram retiradas, estabeleceram núcleos de defesa nas ações retardadoras, participaram de contra-ataques para desforramento — tudo com grande valor e eficiência.

Quando foi retomada a ofensiva e as tropas progrediram até quase à fronteira comunista, novamente a AAA deu provas de sua eficiência durante a progressão: travessia de cursos d'água, redução de bloqueios em estradas, interdição de itinerários, contra-bateria e proteção dos avanços através de localidades fortemente defendidas.

Embora não tenha sido empregada em grande escala em operações anfíbias, nas poucas vezes que o foi deu margem a vastas referências sobre a sua eficiência, por parte dos fuzileiros americanos.

IV — OPERAÇÕES REALIZADAS PELOS CAN AA

O Coronel William H. Henning, comandante do 10º Agpt AAA, dispunha dos 68 e 79 Gp Can AA 90 Mv e posteriormente, quando trabalhou em proveito da 1ª DI, foi reforçado pelo 9º GO 155. Essa GU, como todas as sul-coreanas, dispunha de excelentes soldados mas ressentia-se da falta de artilharia e viaturas. Quando conseguiu algumas viaturas e o apoio do 10º Agpt, que funcionou como sua AD, começou a progredir com grande rapidez. Seus homens passaram a ter tal confiança no fogo dessa artilharia improvisada que avançavam sobre seus objetivos, mal o fogo era suspenso. De uma feita, um incidente de tiro determinou a suspensão do fogo, temporariamente, de uma bateria e isto bastou para que, sem comando, as tropas se lançassem ao ataque e dominassem rapidamente as resistências encontradas.

Do relatório apresentado pelo Ten.-Cel. Thomas W. Ackert, sobre operações realizadas, entre 14 e 30 de setembro de 1950, pelo 79 Gp Can 90 Mv, extrai: "Durante esse período, foram dados 2.263 tiros, ocasionando a destruição de carros, peças de artilharia, depósitos de munição, morteiros e outros equipamentos militares.

O Grupo e o agrupamento instalaram centrais de tiro. Os observadores terrestres e um observador aéreo, o Major Sorensen, auxiliaram grandemente nas regulações.

Numa ocasião, 2 baterias deram 180 tiros sobre uma concentração de tropas, empregando espoleta instantânea e tiro de tempo. Na manhã seguinte, as tropas sul-coreanas encontraram no terreno 203 mortos.

Em outra oportunidade, foram dados 56 tiros a 16.000 metros, sobre uma concentração de batalhão. Uma patrulha constatou 250 mortos.

358 tiros foram dados sobre uma concentração de tropas, em Hong-Dong, no limite máximo do alcance. Ocasionalmente 150 mortos, numerosos feridos e a apreensão de con-

siderável quantidade de equipamento militar.

O 10º Agpt AAA foi fator decisivo nos sucessos obtidos pela 1ª DI e o Gen. Paec, seu comandante, fez público o valor desse apoio.

O 68º Gp Can AA 90 Mv, sob o comando do Ten.-Cel. Raymond C. Cheal, apoiou a 1ª Divisão de Cavalaria, a 24ª DI, a 27ª Bda Inglesa e a 2ª Bda da 7ª DC.

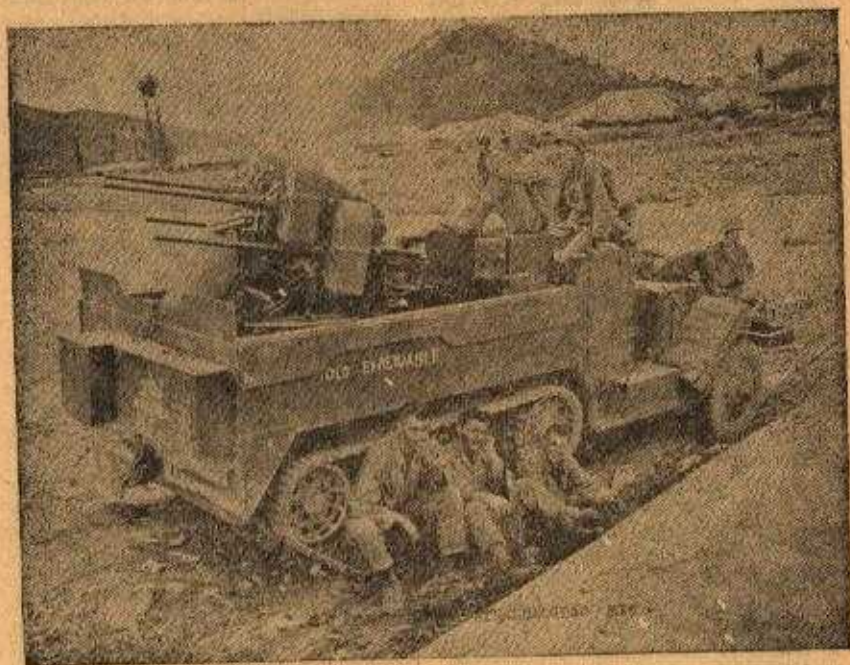
Durante esse período, destruiu 5 peças de artilharia, 3 carros, inflingiu 1.750 baixas, dispersou 21 formações inimigas e silenciou nove canhões.

Essa foi, de um modo geral, a doutrina de emprego dos Can AA: "Nunca substituindo a artilharia de campanha, porém sempre complementando ou suplementando o seu fogo".

V — OPERAÇÕES DAS UNIDADES DE CAN AU

A) O 50 Gp Can Au AP:

Na ZA do 10º CEx (Gen. Edward M. Almond), o 50º Gp Can Au AP, comandado pelo Ten.-Cel. Charles S. O'Malley, foi empregado, com unidades de cavalaria, para reduzir



O conjunto Metralhadoras M 16

Grande parte do fogo dos canhões foi desencadeado no alcance máximo, em virtude da necessidade de desenfiamiento. (Para um desenfiamiento de 100 m, é necessário um afastamento de 8.000 metros da massa cobridora).

O GO de 155 era encarregado de bater os objetivos situados nas contra-encostas.

os bolsões deixados pelo inimigo. Era a primeira vez que entrava em ação.

B) O 15 Gp Can Au AP:

O 15 Gp Can Au AP, reforçando a 7ª DI, já tinha combatido na ação de cobertura realizada pelo 31º RI em Angyank.

Seus elementos acompanharam carros e a infantaria no combate, particularmente nos ataques aos bloqueios de estradas e aos bolsões inimigos.

Em 3 dias, sua 2ª Bateria consumiu 125.000 tiros de metralhadora .50 e 2.400 de 40 mm.

Um bom emprêgo que fez com seus Can Au foi no tiro executado contra posições inimigas dominantes, que barravam itinerários. Os M-19 ocupavam posição de flanco e com tiros de enfiada destruíam rapidamente essas posições. O fogo era tão intenso e tão rápido que as guarnições inimigas não tinham tempo para abandonar suas armas.

Entre as várias ações realizadas com suas metralhadoras, destacou-se a de um M-16: O inimigo lançou um contra-ataque suicida (banzai), partindo de uma elevação próxima; essa unidade de tiro foi suficiente para deter o contra-ataque e fazer refugiu-lo, ocasionando além disso 100 mortos e numerosos feridos.

Provou, também, que as unidades de Can Au são extremamente eficientes no apoio à progressão dos blindados.

C) O 82 Gp Can Au AP:

A 2ª DI foi a única GU que embarcou para a Coréia tendo um Gp de Can Au orgânico em sua AD. As outras divisões possuíam unicamente 1 bateria, se bem que, em alguns casos, fossem reforçadas com grupos fornecidos pelo teatro, os quais não possuíam, entretanto, experiência na execução de missões terrestres.

O Major-General Laurence B. Keiser, Cmt. da 2ª DI e o Brigadeiro Joseph S. Bradley, que comandou o célebre "Destacamento Bradley" desde o início da campanha, foram unânimes em reconhecer o grande serviço prestado pelos Can Au em proveito de suas tropas.

O Brigadeiro General Loyal M. Haynes, Cmt. da AD/2 e seu Subcmt., o Coronel W.R. Goodrich, foram os responsáveis pelo treinamento do 82º Gp Can Au AP, do Ten.-Cel. Killilae e são entusiastas

dos resultados por ele obtidos em combate.

O Gen. Haynes preconiza que o melhor emprêgo do Gp Can Au é um apoio à infantaria, centralizado pela AD.

Outros, principalmente os que não tiveram oportunidade de exercitar as suas tropas em conjunto com os elementos AA, preferem o emprêgo em reforço.

O Coronel Paul L. Freeman, Comandante do 23 RI, de grande fama na Coréia, prefere o emprêgo dos Can Au em apoio à infantaria.

A 2ª DI proclama ter empregado o seu Gp de Can Au em todos os tipos de operações terrestres. É preciso que se saliente ter essa GU tomado parte não só na retirada geral, como ter liderado a contra-ofensiva.

Do relatório do 82º Gp de Can Au AP, extrai o seguinte:

1. "Ao Destacamento Bradley tinha sido dada a missão de defender o aeródromo de Pohang-Dong. Era ele constituído pelo 3º Btl/90º RI; 3ª Bia/15º GO; Cia de Carros de Combate/90º RI; 1ª Cia/BE Cmb e 1ª Bia/82º Gp Can Au AP. O Destacamento deixou Kyong-San em 10 de agosto. A 11ª Cia, que constituía a vanguarda, foi emboscada perto de Angang-Ni. O grosso, porém, devido ao apoio dos tanques e dos Can Au, pôde prosseguir.

Para liberar a 11ª Cia, aferrada pelo inimigo, o Gen. Bradley enviou a 12ª Cia. Esta também foi emboscada a 3 km da 11ª Cia e ficou detida. Tornou-se evidente que o inimigo era forte e dispunha de grande quantidade de metralhadoras e morteiros. Foi, então, que a 1ª Bateria de Can Au recebeu ordem de enviar 2 M-16, para auxiliar as operações de desarmamento. O fogo devastador dessas armas permitiu o retratamento dos remanescentes, embora com pesadas perdas".

2. "Pouco após a chegada à Coréia, o Grupo foi envolvido numa defesa perimétrica. No dia 21 de agosto, o PC foi instalado nas proximidades de Chomaktong, num vale estreito, tendo à direita uma elevação coberta de pinheiros e

À esquerda uma estrada. As 04,35 do dia 25 de agosto, um número desconhecido de guerrilheiros atacou o PC, partindo da estrada e da elevação. No estacionamento encontrava-se a 1ª Bateria e a Bateria Comando. Explosões de granadas de morteiros foram assinaladas no parque de viaturas. Armas portáteis e metralhadoras atiraram dentro do estacionamento, durante cerca de 30 minutos. Após 40 minutos de fogo intermitente, foram ouvidos sinais convencionais de apitos entre os atacantes: O inimigo, buscando ligação com as suas tropas, já estava certo da vitória. As 05,50, as viaturas da 1ª Bateria e Bateria Comando que puderam entrar em posição, começaram a atirar. Os traçantes dos M-16, iluminavam todas as direcções nas quais se percebia a existência de inimigo e só esse efeito moral foi bastante para afugentar os guerrilheiros, que deixaram numerosos mortos e feridos.

3. Em várias ocasiões, o grupo empregou, com excelentes resultados, o tiro indirecto, quer com as suas metralhadoras, quer com os seus Can Au, particularmente sobre pessoal. Esse método foi muito eficiente quando realizado à noite, tendo havido uma regulação prévia durante o dia.

O tiro indirecto com os M-19, empregando as espoletas autodestruídas, contra tropas reunidas, foi eficiente; só é possível, porém, no limite de alcance da espoleta. Numa ocasião, elementos do 23º RI puderam observar o incêndio provocado pelos projectis de 40 mm sobre um depósito de gasolina.

4. Elementos do grupo, desde a peça até a bateria, foram empregados com a infantaria, artilharia, blindados e engenharia.

As missões recebidas foram as mais diversas: execução de fogos ofensivos e defensivos contra pessoal; neutralização e destruição de armas automáticas, morteiros e artilharia leve; protecção de patrulhas com efetivo que variavam desde esquadrão até batalhão; reforço às unidades blindadas; estabelecimento e defesa de bloqueios de es-

tradas; defesa de estacionamento, zonas de reunião ou desdobramentos de artilharia; defesa de pistas de aterragem.

VI — A MISSÃO DE TIRO AA

Para se evitar mal entendidos, esclareço que as unidades AA também foram empregadas em missões de tiro AA.

— Os primeiros tiros dados, nessa missão, partiram do "Destacamento X", encarregado da defesa do aeródromo de Suwon, em 29 de junho de 1950, no dia em que, pela primeira vez, o General Mac Arthur visitou a Coreia com seu EM, al aterrando. Quatro Yaks atacaram a pista com bombas e metralhadoras. Os conjuntos de metralhadoras entraram em ação e um caça foi abatido e outro danificado. Outro ataque noturno foi também repellido.

O Destacamento X era constituído de 3 oficiais e 34 praças, sob o comando do Cap. Frank J. McCabe (voluntários do 507º Gp Can Au).

— O 78º Gp Can Au AP cobriu a Pista K. As maiores dificuldades que encontrou, decorreram da rapidez dos deslocamentos da 5ª FAT, devido aos recuos continuados dos norte-coreanos.

VII — O EMPREGO COM OS BLINDADOS

Do emprego dos Can Au com os blindados, podem ser tirados alguns ensinamentos: O tremendo poder de fogo das metralhadoras múltiplas aconselhou, inicialmente, a colocação dessas armas, quando montadas num M-16, na ponta das vanguardas. Tal solução não aprovou, pois, não dispendo de blindagem, foram elas vítimas da ação das minas terrestres, das armas automáticas e principalmente do armamento anticarro, inimigos.

Várias combinações foram então experimentadas. A melhor foi aquela em que se utilizava a seguinte formação: um carro, duas M-16, outro carro e em seguida a infantaria transportada. O carro é mais capaz de absorver as pri-

meiras ações inimigas, devido ao seu couraçamento. Se armas anti-carro, principalmente lança-rojões, forem localizadas, os M-16, graças à sua potência de fogo, podem muito mais facilmente neutralizá-las ou destruí-las. E foi surpreendente o número dessas armas postas fora de ação pelos M-16, na Coréia, embora quase nunca se conhecesse a sua localização exata.

são da infantaria, em ótimas condições.

Numa ocasião, um M-19 ocupou uma posição de onde pôde enfiar 6 posições de armas automáticas inimigas. Seu fogo foi tão rápido e preciso que todas elas foram destruídas e suas guarnições mortas, antes que tivessem tempo de fugir. Esta foi uma situação excepcional, porém, mostra a possibili-



O canhão autopropulsado M 19

Esse tipo de formação se presta também para o caso em que, detida a coluna por um obstáculo qualquer, receba um ataque em massa tipo banzai, antes que o movimento tenha sido retomado.

VIII — A CONQUISTA DAS ELEVAÇÕES

Na redução dos abrigos localizados em elevações, tanto os 40 mm como as .50, foram soberbos. Embora a destruição não seja possível, a neutralização por eles executada sempre permitiu a progres-

sidade do emprego dos Can Au nessa missão: devido à sua mobilidade, é capaz de ocupar facilmente posições de tiro favoráveis e, graças à sua potência de fogo, neutralizar ou destruir rapidamente o inimigo.

Na conquista das elevações, o emprego dos Can Au é também de grande utilidade. Suas viaturas podem galgar as alturas muito mais rapidamente que a infantaria e uma vez em cima têm poder de fogo bastante para silenciar as armas que encontrarem, enquanto a infantaria ainda progride.

Caso o inimigo possua, porém, lança-rojões ou outras armas anticarro, tal emprego não é aconselhável, pois os Can Au não podem atrair suficientemente longe para cobrir a sua própria progressão, a não ser que se realize uma barragem com as armas automáticas da infantaria, como proteção à sua progressão, visando a neutralização daquelas armas.

Os ensinamentos desse tipo de emprego sugerem a colocação de todos os conjuntos de metralhadoras em viaturas de meia lagarta, uma adaptação dos reparos para permitir o fogo com maiores depressões e um aumento de blindagem, para proteção da guarnição.

IX — O EMPREGO NA TRAVESSIA DE CURSOS D'ÁGUA

O emprego dos Can Au nos flancos das regiões de travessia para a neutralização das armas da defesa, foi de grande eficiência na Coréia.

Após conquistada a cabeça de ponte, há toda conveniência em transportar os Can Au para a outra margem o mais rápido que for possível, tendo em vista o seu emprego na neutralização das elevações que dominam a região de travessia e reunião das reservas inimigas.

Na defensiva, a coberto de um curso d'água, o emprego deve ser o mesmo, desde que o inimigo não disponha de armamento semelhante.

X — O EMPREGO NA DEFENSIVA

Nos primeiros momentos de luta, os Can Au foram empregados no apoio das forças de segurança de uma posição defensiva. Cedo verificou-se, que, devido ao seu fogo devastador e à sua grande silhueta, eram os alvos prediletos dos morteiros e da artilharia inimiga. Não é aconselhável, em consequência, a utilização desse material no apoio ou reforço aos destacamentos de cobertura ou para a luta nos Postos Avançados.

O seu emprego mais eficiente é na PR, sob a proteção de sacos de

areia e atirando por cima da infantaria. Mesmo aí, é necessário mudá-los constantemente de posição, a fim de se evitar os tiros preparados do inimigo, realizados particularmente à noite.

XI — OUTROS EMPREGOS

As viaturas de meia lagarta foram também de grande utilidade para o transporte de pessoal encarregado das comunicações e dos postos de comando, através de áreas batidas por fogo inimigo.

As viaturas rádio dos Grupos de Can de 90 mm foram utilizadas seguidamente para a regulação do tiro da artilharia de posições avançadas, ou para constituírem a rede de comando da AD e mesmo da infantaria. Ou melhor, quando a rede de comando da infantaria tinha sofrido algumas interrupções, a ligação era mantida através da rede estabelecida pelos Can Au, aí existentes em apoio ou em reforço.

A munição do Can de 40 mm carregada com fósforo branco foi muito empregada para o balizamento de objetivos para os ataques aéreos ou para o fogo contra pessoal.

XII — A TÉCNICA DO TIRO

O Coronel Killilae e seus comandados acham que, quando o objetivo é fixo, é preferível empregar somente uma única metralhadora das 4 disponíveis em cada unidade de tiro. É o caso típico do tiro de precisão.

Quando o inimigo não está perfeitamente localizado, é aconselhável o emprego de todas as armas, ceifando ligeiramente na região suspeita.

Os projéteis têm potência suficiente para destruir pequenos arbustos ou ligeiros trabalhos de OT e atingir o alvo.

O fogo de saturação é visto com bons olhos pelos coronéis de infantaria, que são unânimes em reconhecer a superioridade dos Can Au, em relação ao armamento de que dispõem. O fogo pode ser contínuo desde que se atire alter-

nadamente com cada uma das metralhadoras, o que é de grande efeito quando se deseja a neutralização de uma determinada arma ou área.

Esse artigo não tem a intenção de abordar todos os assuntos referentes ao emprêgo da AAA, em sua missão secundária, porém, aqueles que julgo mais importantes.

Todos devem estar alertados do caso especial com que se apresenta a operação na Coréia.

As elevações, quase desprovidas de vegetação, são excelentes para a defesa e, logicamente, apresentam grande dificuldade ao atacante.

As possibilidades da observação aérea, decorrentes da ausência de arborização, caracterizam a dificuldade das operações sob a ação de uma aviação ativa.

A habilidade dos norte-coreanos, na infiltração em transportar suprimentos e equipamentos a braço, fora das estradas, acarretou problemas novos.

A luta foi diferente da encontrada no Pacífico ou na Europa.

Deve-se ter todo o cuidado nas sugestões que tenham em vista alterar os atuais quadros de organização. Em operações onde o transporte marítimo ou aéreo é necessário, as organizações muito

pesadas são muito sacrificadas. Na Coréia, o problema logístico foi muito complicado, com a destruição e posterior restauração das linhas férreas, bem como com a demora no restabelecimento das rodovias, em consequência dos avanços e recuos sucessivos. Sofre-se muito com a falta dos transportes.

Tudo isso faz com que qualquer aumento no efetivo atual deva ser olhado com muito cuidado. O efetivo de uma unidade deve ser o mínimo compatível com o cumprimento de sua missão em boas condições.

CONCLUSÃO

Em resumo, as unidades AA das Nações Unidas cumpriram, na Coréia, a sua missão, de acordo com as elevadas tradições da Artilharia. Conquistaram a confiança dos comandantes da Infantaria e dos Blindados, para quem trabalharam em suas missões de apoio de fogo.

Pela segunda vez, pois, (a primeira foi na 2ª Guerra Mundial), impuseram-se como parte integrante da equipe Infantaria — Artilharia — Blindados.

O emprêgo da AAA na luta terrestre, deve ser regulamentada para servir de base à instrução, não só nas Escolas especializadas de AAA e projetis dirigidos, como também em todas as demais, básicas ou avançadas existentes nas Forças Armadas.

CASA FERNANDEZ LTDA.

Completo sortimento de Malas, Cadeiras e Camas de Iona, Camas-Patente e artigos para Viagem

PERFEIÇÃO E PREÇOS COMODOS

MATRIZ: RUA SILVA JARDIM, 22 E 24 — (TABOÃO) — TELEFONE 2596

FILIAL: CALÇADA DO BONFIM, 48 — (DEFRENTE A ESTAÇÃO DA LESTE)

TELEFONE 03-380 — BAHIA

CASA DAS MEIAS

Irmãos Simões

SEMPRE NOVIDADES — VENDAS A VISTA

RUA J. J. SEABRA N. 12 — ITABUNA — ESTADO DA BAHIA

OS NOSSOS ESFORÇOS PARA PRESERVAR A PAZ MUNDIAL

General J. LAWTON COLLINS, Chefe do
E.M.E. dos E.E.UU.

Traduzido da revista "Combat Forces", pelo
Cmt. Victor Castro San Martin, na Re-
vista "Ejército" (Espanha) e desta pelo
Maj. Floriano Möller

O nosso Exército deverá alcançar a máxima mobilidade e potência de fogo que o gênio americano possa criar, para que seja uma força eficiente, capaz de prevenir a guerra ou de opor-se a outros exércitos superiores em efetivo ou em quantidade de material, como teve que fazer, por duas vezes, na Coreia, e, como poderá ter que fazer no futuro, se a guerra for desencadeada em alguma outra parte do globo terrestre.

Sómente um organismo militar pode conquistar e manter o terreno na guerra (como a luta na Coreia o demonstrou suficientemente), ou seja, um Exército apoiado, desde o início das operações, por uma aviação tática e com suas linhas de abastecimento guarnecidas pela Marinha. Um conjunto desta categoria foi que converteu a situação desesperadora da cabeça de ponte de Pusan em uma bilhante vitória militar, e que já havia aniquilado completamente os comunistas coreanos, quando da nova invasão por um novo inimigo. E este conjunto é quem vencerá, se o mundo livre for invadido novamente.

A sobrevivência da nossa Pátria e do mundo livre, em seu conjunto, poderá depender da maneira pela qual possamos conseguir a suficiente mobilidade e potência de fogo de nossas forças terrestres. Neste sentido, não devemos permitir que as recentes experiências nos impeçam de sentir quais possam ser as nossas reais necessidades no futuro. Assim, devemos evitar a tendência

de ver na luta da Coreia "uma antecipação da guerra futura".

A guerra da Coreia foi, na verdade, uma volta ao antigo sistema, mais parecido com o empregado nos dias de luta na fronteira indiana, do que nos da guerra moderna. Ainda que parte do equipamento e algumas das ações táticas que o inimigo empregou sejam, sem dúvida, semelhantes às que poderíamos ter que fazer frente, em uma guerra próxima, não creio que a luta na Coreia seja o protótipo da guerra futura.

Nossas tropas não foram submetidas ao mais insignificante ataque aéreo; nossas forças aéreas têm mantido o completo domínio do ar e a ação naval hostil foi completamente insignificante. Tudo isso permitiu às nossas forças terrestres e aos nossos esplêndidos serviços alcançarem a sua eficiência máxima. Desde logo, o fato de o maior poderio dos comunistas coreanos repousar sobre as forças terrestres mostra que isto seria típico de qualquer guerra que tivéssemos que enfrentar, em qualquer outra parte do mundo, porque é sobre enormes forças terrestres que se apoia o maior poderio dos Estados policiais. Para impedir uma invasão da Europa Ocidental, a região mais cobiçada pelos comunistas, teríamos que combater em uma guerra muito diferente da Coreia. Nossos serviços estariam sujeitos aos ataques aéreos e navais e, nós e nossos amigos, teríamos que fazer frente a forças aéreas táticas muito poten-

tes. Isto quer dizer que as nossas forças aéreas teriam, por sua vez, uma tarefa muito mais difícil e os elementos encarregados da defesa antiaérea desempenhariam um papel mais relevante. Com uma rede moderna de auto-estradas, as forças blindadas teriam ainda maior importância. Teríamos que fazer fente a muitos carros de combate, inclusive os modelos mais pesados.

Portanto, estou convencido de que não devemos consentir que ataques, como os da Coreia, nos levem a interromper nossos programas a longo prazo, para a produção de novos equipamentos, inclusive a aplicação tática de armas atômicas pelas unidades terrestres, o que não somente reforçará a eficiência de nossas próprias forças, senão que auxiliará também às demais nações do mundo livre. Nossa segurança exige que nós e nossos amigos apliquemos todos os nossos recursos (potencial humano, conhecimentos científicos e capacidade industrial) para resolver este problema. Os progressos que temos feito, tanto quanto os nossos amigos, são tão compensadores que sou de parecer que devemos aumentar nossos esforços nesse sentido.

Por estas razões, creio que a modernização do seu equipamento é o problema número um do Exército.

Qualquer discussão sobre o Exército deve admitir, previamente, o fato de que o combatente individual, o soldado, é o elemento mais importante no campo de batalha. Não pode haver substituto para ele. Admitido que nossos possíveis inimigos tenham forças em potencial, muito maiores que as nossas, os nossos soldados devem possuir a máxima eficiência que lhes possa proporcionar nossa superioridade científica e industrial.

Na modernização do equipamento do nosso Exército, deve fazer-se menção especial ao lançamento e transporte, pelo ar, dos carros de combate e das armas contracarros, às armas antiaéreas e aos projéteis dirigidos e bem assim ao apoio aerotático. Examinemos cada um desses fatores.

LANÇAMENTO E TRANSPORTE PELO AR

O conceito de que devemos aproveitar as possibilidades que o domínio do ar nos facilita, para dar a mobilidade característica do transporte aéreo a todos os recursos do Exército, tem conseqüências de grande alcance. A maior parte das nossas grandes unidades, exceção das divisões aeroterrestres, foram treinadas e equipadas, no passado, para se deslocarem por terra e por mar. Com este novo conceito, teremos a oportunidade de aumentar a mobilidade e o raio de ação das forças de terra. Os progressos que já conseguimos são tão animadores, que não devem permitir que os obstáculos que ainda restam nos inibam de explorar vigorosamente este novo campo de ação, que considero um dos mais importantes progressos da guerra, nos tempos modernos.

Esperamos que, com o aumento da mobilidade pelo ar, possa cada uma das nossas divisões cumprir, caso seja necessário, as missões de várias das divisões atuais. Esta esperança não está baseada em meras especulações, senão nos impressionantes resultados conseguidos com o emprego limitado de meios aéreos para transportar homens e equipamento ao combate, nas grandes batalhas da 2ª grande guerra e na da Coreia, onde as forças aéreas transportaram as primeiras tropas para a luta e continuam transportando grandes quantidades de suprimentos e reequipamentos, tanto dos Estados Unidos, quanto do Japão, assim como efetuaram o lançamento de pára-quedistas diretamente na luta.

TRANSPORTE DE ASSALTO

Assim como os novos transportes de assalto podem decolar e aterrisar em pistas incrivelmente curtas, é possível desenvolver outros tipos de aviões-transporte que possam operar de porta-aviões. Parece-me, a mim, que a conjugação de transportes aéreos e marítimos pode ser utilizada vantajosamente para transportar e lançar grandes uni-

dades em seus objetivos. E nos parece também que, por este meio, a Marinha pode logicamente ampliar uma das suas atribuições vitais: o transporte do Exército.

Trabalhamos em estreito contacto com as Forças Aéreas e com a Marinha, num esforço conjunto para resolver nossos mútuos problemas. Entre os adiantamentos que obtivemos, figura o protótipo de um avião capaz de transportar um carro de combate. Isto tem grande significação, já que a nossa incapacidade para transportar carros pelo ar constituía um dos pontos fracos das nossas operações aeroterrestres, na 2ª grande guerra. Este avião pode levar 200 homens completamente equipados ou 22 toneladas de carga.

Temos desenvolvido igualmente aviões e equipamentos que não somente têm permitido transportar, com êxito, a viatura de 1/4 ton. (jeep) e o obus de 105 mm, mas que também tornaram possível lançá-los por meio de pára-quedas. Contamos com protótipos de planadores que podem levar o dobro da carga dos seus predecessores da guerra passada e novos aviões de transporte de assalto, capazes de substituírem os planadores nas operações aeroterrestres. Já temos o novo avião de transporte com o compartimento de carga amovível. Este avião é capaz de alçar vôo imediatamente após haver trazido pessoal ou equipamento à região de desembarque, sem necessidade de esperar que a carga seja retirada do seu interior.

Empregamos helicópteros na Coreia e esperamos o desenvolvimento de novos protótipos que nos darão possibilidades sem precedentes para operar no futuro. E temos as maiores esperanças de poder desenvolver o "avião conversível" que unirá a decolagem e aterrissagem vertical, características dos helicópteros, com o vôo horizontal dos aviões.

Na minha opinião, estamos começando apenas a explorar as aplicações do transporte aéreo ao Exército. Contando com transportes em quantidades suficientes, nossas divisões poderão adquirir u'a maior

importância estratégica para atuarem em regiões extra-continentais ameaçadas no mundo, ou em operações a grande distância, em uma guerra que abarque o mundo inteiro. Com planadores em número suficiente e o equipamento especializado, nossas divisões aeroterrestres poderão passar sobre as linhas inimigas para atacarem os objetivos vitais que, de outro modo, somente poderiam ser conquistados à custa de grandes perdas em homens e material.

CARROS DE COMBATE E ARMAS CONTRACARROS

A eficiência de nossos carros de combate, na Coreia, foram objeto de comentários os mais diversos. Nas primeiras fases da luta foram dirigidas muitas críticas contra a nossa aparente incapacidade para neutralizar a ameaça dos modernos carros de fabricação soviética. Creio que atualmente os esplêndidos resultados conseguidos na Coreia, pelos nossos carros e armas contracarros testemunham eloquentemente o alentador progresso que realizamos; no entanto, acho que devo esclarecer alguns malentendidos em relação ao emprego dos blindados.

Como reconhecemos que teremos que nos colocar na defensiva, nas primeiras fases da guerra futura, tivemos que pôr o maior interesse em desenvolver e produzir armas que nos dessem a maior capacidade defensiva. A enorme amplitude das nossas necessidades forçou-nos a dar prioridade às armas da defesa contra carros que pudessemos produzir em tempo de paz; nas grandes quantidades que seriam necessárias para a guerra.

Reconhecemos, sem dúvida, que, contra o carro, uma das melhores armas, senão a melhor, é outro carro, especialmente quando possamos dotá-lo com algumas de nossas novas armas contracarro. Mas, o carro de combate é destinado primordialmente para a ofensiva, sendo empregado no reconhecimento, na ruptura e na exploração do êxito. Com o preço do carro (acima de 200.000 dólares), é possível adqui-

rir maior quantidade de armas contracarro; os lança-rojões, por exemplo, custam apenas 65 dólares. Esta modicidade de preço é ainda de maior importância para os países do Oeste da Europa, os quais necessitam de armas defensivas que possam ser produzidas dentro das possibilidades de seus quebrantados orçamentos.

Se bem que tenhamos feito o esforço principal na produção de munição contracarro mais aperfeiçoada e do já famoso "Bazooka" de 3,5 polegadas (88 mm) que demonstrou ser tão eficaz, na Coreia, também temos procurado prover-nos de uma série bem equilibrada de novos carros (leve, médio e pesado), ainda não superados em potência de fogo, mobilidade e blindagem. O primeiro integrante da série, o carro de combate leve T-41, sobrepujou nossas previsões e estamos esperando dispor de número suficiente para distribuí-lo às divisões e unidades divisionárias.

Dentro em breve, teremos modelos de prova do novo carro médio T-42, dotado de um canhão de grande velocidade de tiro inicial, o qual será experimentado em comparação com o carro "Patton", que deu tão bons resultados na Coreia.

Igualmente, em data próxima, teremos modelos de prova do novo carro pesado T-43, com armamento ainda mais potente, que acreditamos seja capaz de derrotar qualquer outro tipo de carro de combate conhecido na atualidade.

O pensamento dominante, no referente ao emprego de carros de combate nas ações contracarros, é a necessidade urgente de se criar meios eficientes de defesa contra os poderosos carros pesados que se sabe existirem entre os 40.000 que possuem os exércitos dos Estados policiais.

Há quem acredite que, somente contrapondo um carro pesado com outro pesado, teremos probabilidades de vencer no campo de batalha, se bem que outros, igualmente competentes, opinem que podemos alcançar os mesmos resultados com notável economia, equipando nossos carros médios, extraordinariamente

móveis, com canhões e projetis radicalmente aperfeiçoados.

Acredito, para isso, que o desenvolvimento de carros de todos os tipos, assim como de armas contracarros, continue sendo acelerado, concentrando-se todos os esforços em conseguir a maior eficiência no combate com o máximo de economia possível.

ARMAS ANTIAERIAS E PROJÉTIS DIRIGIDOS

O advento do avião de retropropulsão provocou, no campo vital das armas antiaéreas, o abandono de algum equipamento da 2ª grande guerra. O progresso contínuo dos aviões, que alcançam velocidades sempre em crescendo, pôs em relevo a necessidade de novas armas antiaéreas de todos os tipos.

Nossa melhor contestação, hoje em dia, à ameaça dos aviões de bombardeio a baixa e média alturas, é o novo canhão de 75 mm "Skysweeper" (varredor do céu). Esta arma foi fabricada para substituir o atual canhão de 40 mm (tão apreciado na 2ª guerra mundial), que não tem direção de tiro suficientemente precisa, nem alcance, nem potência para enfrentar os aviões modernos.

As principais características do "Skysweeper" são a sua direção de tiro totalmente radioelétrica e as suas espoletas de aproximação. As provas realizadas mostram que esta arma é capaz de atingir aviões a velocidades super-sônicas, tanto de dia, quanto de noite. Já demos ordem para ser fabricado, este ano, um número limitado destas peças e esperamos aumentar a produção nos anos vindouros.

E para localizar e abater aviões à grande altura e a velocidades próximas do som, estamos adquirindo um certo número de aparelhos diretores de tiro extraordinariamente precisos, para empregá-los com os nossos canhões antiaéreos de grande alcance.

Cada vez se torna mais evidente que estamos nos aproximando dos limites práticos no desenvolvimento das armas antiaéreas clássicas e que devemos procurar outros meios

mais promissoras para fazer frente às necessidades futuras. Por isso temos concedido um renovado interesse aos foguetes anti-aéreos e aos "missiles" (projétils dirigidos). Visitemos recentemente nosso centro de investigações anti-aéreas de Fort Bliss, no Novo México e posso afirmar que se estão obtendo autênticos progressos na consecução desse objetivo.

Quando chegarmos à fase de realizações, o projétil dirigido mais barato poderá custar alguns milhares de dólares. Os mais complexos custarão muito mais. Mas, se um deles puder colocar fora de combate um bombardeiro que conduza uma bomba atômica, por certo ficará muito barato.

Estamos desenvolvendo também projétils contra alvos terrestres para aumentar o alcance da nossa artilharia, especialmente nas ocasiões em que, devido às condições atmosféricas e à obscuridade, não se possa dispor do apoio aéreo.

APOIO AÉREO E TÁTICO

O destacado apoio aéreo dado pelas Forças Aéreas, pela Marinha e pelo Corpo de Fuzileiros Navais (1), às unidades terrestres, na Coreia, é uma demonstração evidente da capacidade "artilheira" da moderna aviação tática.

O êxito das operações terrestres, em qualquer guerra futura, dependerá mais que nunca da massa de apoio e do transporte aéreo proporcionado ao Exército. Com a potência de fogo aumentada pelo apoio aerotático, com o objetivo de isolar o inimigo e obrigá-lo a enterrar-se no terreno, as nossas unidades terrestres poderão ganhar liberdade de movimento para dominá-lo inteiramente. E este apoio aéreo poderá vir tanto das Forças Aéreas, como também da Marinha e do Corpo de Fuzileiros Navais.

Por isso, concedemos, ao Exército, tanta importância na coordenação terra-avião e atuamos junto aos Serviços para resolverem os

problemas que esta coordenação entrosa.

O HOMEM, ARMA FUNDAMENTAL

É conceito reiteradamente afirmado que o homem tem sido sempre o elemento mais importante dos exércitos em campanha. No Exército, ao contrário do que se passa na Marinha ou nas Forças Aéreas, o elemento básico não é o navio nem o avião, senão o combatente individual. E as novas armas somente servem para aumentar a sua importância.

Temos, hoje em dia, no Exército, homens melhores que nunca. Muitos deles são veteranos com destacada folha de serviços de guerra. Outros muitos são técnicos diplomados em uma ampla variedade de especialidades: rádio, saúde, mecânicos e outras mais.

Da mesma maneira que pretendemos alcançar o máximo rendimento de nossas verbas para material, também deveremos obter o máximo rendimento de nossos recursos humanos. Isto somente será possível, se dispusermos de homens de alto estalão físico e mental, que possam facilmente assimilar os ensinamentos que se lhes ministram.

Armas como as que vimos de referir e como as que esperamos ter, em futuro previsível, impõem ao Exército a necessidade, sem precedentes, de dispor também de homens com grandes conhecimentos técnicos e científicos.

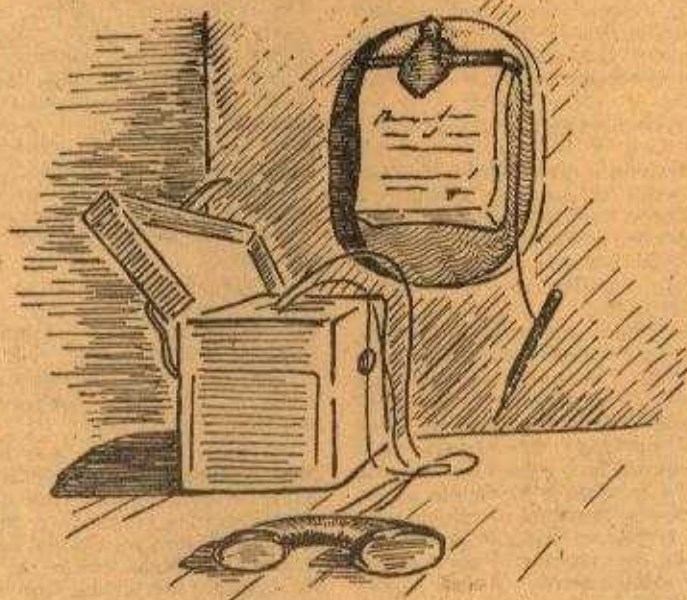
Porém, ainda mais que homens com conhecimentos técnicos, o Exército os necessita com os mais altos dotes de comando e de valor pessoal. A luta na Coreia tem sido ilustradora neste ponto de vista. As tropas americanas que mantiveram a cabeça de ponte de Pusán estiveram, às vezes, numa proporção de inferioridade numérica de 1 para 30 em relação ao inimigo; porém o valor e a determinação que se lhes desprendiam, em face da confiança em suas armas, em

(1) A Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais dos EE.UU. dispõem de aviação própria.

seus chefes, em seus companheiros, e, o que é mais importante, em nossa pátria, fêz dar a cada um de nossos soldados um rendimento completamente desproporcional com a sua potência relativa.

Não obstante, a nossa vitória, na cabeça de ponte de Pusán, esteve, às vészes, tão dependente do valor e da determinação de um punhado de homens, que nunca mais deveremos nos fiar em uma tão estreita margem de segurança. Sómente

quando nós e nossos amigos dispusermos permanentemente de Exércitos, constituídos de um conjunto de homens decididos e treinados, armas modernas e chefes valorosos e capazes, apoiados por uma aviação tática adequada, é que poderemos impor suficiente respeito às forças do mal, a fim de prevenir outra espantosa guerra mundial ou para assegurar a vitória, se essas forças do mal desencadearem uma outra guerra contra nós.



A CAVALARIA NA ERA MECANIZADA

Ten.-Cel. de Cavalaria, do Serviço de E.M.,
JOAQUIM DE SOTTO MONTES, da Escola de
Aplicação e Equitação de Cavalaria

(Tradução, do espanhol, de um artigo publicado na Revista "Ejército", pelo Tenente-Coronel AROLD RAMOS DE CASTRO)

As pequenas ações, por numerosas que sejam,
nunca chegam a formar uma grande ação
(Do Cel. de E.M. LOPES MUNIZ)

I — PREDOMÍNIO DA AÇÃO MECÂNICA NAS BATALHAS DE ANIQUILAMENTO

A última guerra mundial, em particular as operações levadas a cabo nos teatros de operações da França e da Polónia, veio demonstrar plenamente a possibilidade das batalhas de aniquilamento, assim como também a de proporcionar, mediante um amplo emprego de meios de combate adequados à situação, uma rápida decisão nos campos láticos e estratégicos.

Atualmente é possível afirmar que a eterna aspiração dos Comandos de encontrar um elemento, uma arma ou um procedimento, capaz de abreviar a duração de um conflito bélico, foi atingida. A referida arma não é integrada pela Infantaria, apesar de continuar ela, atualmente, sendo insubstituível em qualquer operação de guerra, tão pouco a tradicional Cavalaria, apesar da flexibilidade manobreira e alto espírito ofensivo dos seus cavaleiros e, o mesmo pode-se afirmar com relação à Artilharia, embora as possibilidades balísticas dos seus canhões atuais ofereçam qualidades indiscutíveis.

Para tamanha empresa se necessita incorporar à máquina de guerra dos diversos Exércitos, formações de carros, de veículos blindados e de forças mecanizadas e

motorizadas, cuja ação, auxiliada por uma vigorosa atividade aérea, conseguiu imprimir aos antigos e tradicionais Exércitos uma potência e rapidez tal que, hoje em dia, os círculos de forças inimigas, tendo em vista a sua destruição ou captura, podem ser completados com muito mais ligeireza e possibilidades que em épocas passadas.

Muitos exemplos podiam citar-se, dos inúmeros que registra a história da última guerra mundial, dentre os quais, possivelmente, os mais significativos são os seguintes:

As vertiginosas operações em Flandres e as desenvolvidas no Somme, assim como as do Egito, prolongadas ao longo do deserto cirenáico, demonstraram claramente que, pelo menos até então, não existiu nenhum meio mais rápido e mais potente que o emprego das unidades blindadas, mecanizadas e motorizadas, em combinação com as forças aéreas. Obstinar-se em não reconhecer o valor decisivo de tais tropas, quando se dispõe de um terreno firme e bem servido de estradas, é argumentar de forma negativa com fatos evidentes, de todos conhecidos e perfeitamente concretos.

Contrariamente, nos teatros de operações da Finlândia, Grécia e Albânia, zonas todas elas de comunicações muito precárias e de desfavoráveis condições climáticas

cas, os escassos meios mecânicos que o atacante pôs em jogo foram rapidamente neutralizados pela defesa. É necessário também considerar que a ausência de uma numerosa e bem armada Cavalaria não permitiu aos defensores nacionais daqueles países explorar devidamente o êxito da atitude defensiva sobre a ofensiva.

II — MECANIZAÇÃO TOTAL OU PARCIAL?

O exposto anteriormente parece traduzir, de início, a idéia de que os Exércitos que mais integralmente tenham conseguido a sua mecanização e motorização, serão os mais capacitados para a obtenção de ótimos resultados, em qualquer novo conflito. Entretanto, a nosso juízo, essa mecanização integral pode ser considerada impraticável, mesmo pelos Exércitos melhor resguardados pela capacidade industrial de sua nação. Inclina-mo-nos a aceitar tal critério em vista do seguinte:

a) Hoje em dia, nem mesmo os Estados mais potentemente dotados e de capacidade industrial mais desenvolvida contam com a existência de carburantes e de suficientes possibilidades de matérias-primas para poder chegar ao "maquinismo" integral e alimentar êste de forma contínua, durante um conflito de envergadura.

b) Por outro lado, as inúmeras quantidades de veículos, que exigiria o desenvolvimento de tão grandiosa idéia, tornariam sumamente difíceis os movimentos e abastecimentos dos exércitos em operações. Isto sem contar com o crescente aumento de vulnerabilidade que normalmente haveria de apresentar-se.

c) Ademais, facilmente ter-se-á de supor que, paralelamente ao desenvolvimento e progresso de tais meios rápidos, se apresentaria o natural aperfeiçoamento dos meios que haveriam de se lhes opor. A atual defesa contracarros, com seus obstáculos especiais, obstruções, campos de minas, armas contracarros, etc., alcançaria um aperfeiçoamento tão extraordinário,

que possivelmente o esforço dos exércitos para chegarem à mecanização total não produziria, nos teatros de operações, benefícios proporcionais a tão ingente transformação.

Como pode-se ver, a total mecanização, como uma consequência natural do desaparecimento nas campanhas das Armas tradicionais, não pode atualmente considerar-se mais que uma das muitas experiências sobre a arte da guerra, sem possibilidade de levar-se a cabo em um futuro próximo e possivelmente nunca.

III — A CONTRIBUIÇÃO DA CAVALARIA NA RAPIDEZ DE DECISÃO

Poder-se-ia argumentar que, durante a primeira guerra mundial (1914-1918), processou-se uma grande batalha de aniquilamento — Tannenberg (lagos Masurianos) —, na qual, sem necessidade de tropas mecanizadas e blindadas e com uma única Divisão de Cavalaria — como representação das forças rápidas — empregada de forma fragmentária, os efetivos alemães imperiais conseguiram o aniquilamento e o cerco correspondente de todo o exército russo de Narew. Entretanto, interessante será recordar que aquela "Cannes" da Prússia oriental não se deveu ao fato da Infantaria do Marechal Von Hindenburg haver desenvolvido uma grande velocidade para lograr adiantar-se a um inimigo prudente e hábilmente disposto para fugir a uma batalha decisiva, até conseguir reunir efetivos mais numerosos e potentes. Pelo contrário, o exército alemão viu facilitada providencialmente a sua manobra em face do passo de cágado dos russos, com o que foi possível, ao citado Marechal, estreitar o seu cerco sem grandes preocupações.

Tal exemplo não pode ser considerado mais que uma exceção, já que, à medida que se aperfeiçoou a aviação e se aprimoraram as medidas de exploração e segurança, isto é, quando as tropas do Ar e as de Cavalaria foram empregadas de forma adequada,

nunca mais voltou a apresentar-se, em nenhuma guerra, em nenhuma frente, nem em nenhum teatro de operações da Europa, uma verdadeira batalha de aniquilamento.

IV — NECESSIDADE DA CAVALARIA MONTADA E MECANIZADA E SUA PROPORÇÃO

Até agora não há motivo sério que se oponha ao pensamento de que, em qualquer época que se pudesse empregar, sem restrições, as formações mecanizadas e motorizadas, as tropas de Cavalaria montadas deixariam de ter funções importantes em campanha, já que, em princípio, haveria de apresentar-se, desde o começo de qualquer ação de guerra, a necessidade peremptória de assegurar as dilatadas comunicações das unidades que empregam o motor de explosão até à chegada da Infantaria normal. Assim, pois, manter a distância que haveria de apresentar-se entre as tropas mecanizadas e blindadas e as a pé, seria missão específica da Cavalaria montada, por gozar tal tropa de uma velocidade intermediária entre as das anteriormente citadas.

Como é natural, dificilmente será possível manter o equilíbrio da dita distância sem solução de continuidade, aparecendo, em consequência, a necessidade de dar segurança e cobrir a referida Infantaria, já que as citadas soluções de continuidade, é bem verdade, haveriam de ser aproveitadas pelos elementos ligeiros inimigos infiltrados pela retaguarda das formações mecanizadas e blindadas que atuam na vanguarda. Assim, pois, se se continua mantendo o critério (coisa que nós duvidamos) de que a tradicional Infantaria é Arma de combate aproximado e de ocupação do terreno e que as tropas blindadas e mecanizadas são as indicadas para as ações de ruptura e rápidas decisões, a necessidade de tropas de velocidade intermediária, isto é, a Cavalaria montada, continuará sendo evidente, com o objetivo de assegurar aos escalões a pé da Infantaria uma relativamente "cómoda"

aproximação e um contacto sem surpresas.

Realizando o contacto, levado a cabo o ataque e conseguida uma decisão favorável, o início do aproveitamento do êxito não se fará esperar, aparecendo novamente a necessidade de tropas de velocidades intermediárias, já que as blindadas e mecanizadas volverão a distanciar-se rapidamente das a pé. Eis, pois, uma outra situação que aconselha aos exércitos manter efetivos de Cavalaria montada.

Se o ataque a que anteriormente nos referimos fracassar, o contrário se passará; será ao inimigo que cabe iniciar o aproveitamento do êxito. Certamente que as possíveis ações ofensivas das tropas blindadas e mecanizadas que os Comandos tenham mantido em reserva, poderão aparar em parte a avalanche de tropas contrárias, porém, o que dificilmente conseguirá é evitar infiltrações, cunhas, etc., de destacamentos ligeiros de alguma importância.

Agora bem; se pensamos que a distância entre a couraça (unidades blindadas e mecanizadas) que as unidades derrotadas ponham entre si e o ataque vencedor, haverá de ser de alguma valia, facilmente poder-se-á tirar a conclusão de que a atitude defensiva que o vencido apresente será elástica, não se podendo conseguir isto senão preenchendo, embora de forma descontínua, a anteriormente mencionada distância com aquelas tropas cuja velocidade permita assegurar uma relativa ligação entre as unidades movidas a motor e as a pé, tornando a surgir a necessidade de efetivos de elementos de cavalaria a cavalo.

Resumindo o anteriormente exposto, julgamos não cairmos em falsa especulação se nos permitirmos afirmar que, pelo menos em um futuro próximo, não deverá desconhecer-se o valor tático dos esquadrões montados.

Relativamente à Cavalaria mecanizada, não vamos expor, nos parágrafos seguintes, a sua necessidade, já que de sobra é conhecida, limitando-nos tão somente a salientar a extraordinária ajuda

que o motor representa atualmente para a Arma.

Anteriormente se expressou a dúvida sobre a atual possibilidade de que um exército atue totalmente mecanizado, e cabe salientar agora que tanto as formações do ar como as blindadas de terra, não obstante a sua indiscutível e enorme importância, não são outra coisa que novas Armas dentro dos exércitos modernos; novas armas imprescindíveis e até preponderantes em determinados momentos, porém que não substituem as antigas, se bem que, com a sua aparição e desenvolvimento, tornou-se mais fácil a ação das demais, aumentando-lhes a rapidez e potência, isto é, o impulso.

Por tal motivo a era mecânica, como consequência natural da mecanização no tocante à Cavalaria, deve considerar-se por todos de indiscutível utilidade, já que os veículos todo o terreno, os motos, os carros, etc., vieram diminuir os esforços das tropas de cavalaria em muitas de suas missões, as quais antes absorviam e esgotavam prematuramente grande parte de seus efetivos.

Atualmente não exagero pensar que, mediante a cooperação do avião, armas contracarros, carros, efetivos mecanizados e motociclistas, os grossos das G.U. podem chegar intactos à batalha decisiva e desenvolvê-la em boas condições de tempo e de espaço.

Com efeito, para que faticar os esquadrões de cavalaria na vigilância e na proteção de uma fronteira ou de uma determinada frente, se se dispõe de tropas mecanizadas que podem acudir com maior potência e rapidez que as tropas a cavalo aqueles lugares críticos?

Por que desperdiçar, em várias direções, numerosos núcleos de Cavalaria a cavalo, enviando-os a grandes distâncias, em missão de exploração ou segurança afastada, quando as esquadrilhas de aviões, em curto prazo, podem reconhecer e obter informações fotográficas, em lugares bem distantes, e as tropas mecanizadas podem igualmente investigar sobre frentes dilatadas

e profundas, contando com a ocupação temporária dos objetivos?

Que finalidade útil apresentam hoje em dia aqueles desgastadores "raids" de Cavalaria a cavalo sobre lugares de concentrações inimigas distantes, quando agora, mediante ações de bombardeio, metralhamento do ar e emprego de tropas rápidas (mecanizadas e blindadas) é possível conseguir resultados superiores?

Boa parte daquelas missões que, antes, eram tradicionais da Cavalaria a cavalo, passaram, pois, a fazer parte, ou estão em vias de passar, das atuais tropas de Cavalaria que empregam o motor de explosão, com o qual a Arma, em geral, obteve um grande alívio e maiores possibilidades para levar a cabo as suas missões específicas: exploração, segurança, ataque, aproveitamento do êxito, ação retardadora, etc.

Comentada a necessidade de que os modernos exércitos disponham, em sua organização, de unidades de cavalaria a cavalo e mecanizadas, vamos tratar de ver a sua proporcionalidade.

Como é natural, não consideramos a nossa pena suficiente-mente autorizada para estabelecer matematicamente uma proporcionalidade determinada, já que a fórmula que cada país eleja virá imposta por vários fatores, tais como futuros teatros de operações, possibilidades de fabricação e de matérias-primas, depósitos e riquezas em carburantes, planos de operações, etc., elementos todos impossíveis de tratar sem cair na especulação ou, o que é pior ainda, em indiscreções.

O que vamos tão somente pretender é firmar alguns conceitos para que o leitor medite sobre eles e tire as conclusões que o seu critério ditar.

É indiscutível que, naqueles países de forte potencialidade industrial, as tropas montadas, ante a ingente acumulação de materiais automóveis de todas as classes, possivelmente serão consideradas como auxiliares das formações mecanizadas, e, por conseguinte, a proporcionalidade entre cavaleiros

e mecanizados seguramente haverá de inclinar-se para os últimos.

Ao contrário, haverá outros Estados que não podem apoiar a sua organização militar em uma muito sólida capacidade industrial, parecendo racional que os conceitos agora se mudem e que sejam as tropas mecanizadas as auxiliares das montadas e, por conseguinte, que a referida proporcionalidade se incline favoravelmente para os cavaleiros. (*)

Claro é que esta ponderação de meios se fez de forma abstrata, sem levar em conta possíveis ajudas exteriores, com as quais nem sempre será possível contar, apesar dos bons desejos de uns e de outros.

Assim, pois, como pode-se ver, a gama de proporcionalidades é muito diversa, intimamente relacionada com as possibilidades industriais dos diferentes países, a qual não se refletirá tão somente na Cavalaria, como nas outras Ar-

mas e Serviços, resultando, em consequência, que as vicissitudes da Arma, em nosso país, estarão diretamente relacionadas com as transformações que experimentem as outras Armas irmãs, em particular a Infantaria. Se esta alijeira os seus movimentos, mediante a criação de numerosos G.U. motorizadas, transportadas, etc., os esquadrões de cavalaria terão de ceder grande parte do campo de ação aos mecanizados; se, ao contrário, continuam prevendo jornadas de Infantaria de 25 a 30 km, a velocidades não superiores a 4 ou 5 km horários, um grande aumento proporcional ao atualmente adotado nos será indispensável, salvo, se existir certa quantidade de unidades mecanizadas e a cavalo (D.C.) que possibilitem aos Cmts. de G.U. garantir-se o tempo e o espaço suficiente, antes de iniciar uma ação decisiva, para explorar esta ou para reduzir o mais possível os efeitos adversos, em caso de fracasso.

(*) O grifo é da Redação.



PROJETIS TELEDIRIGIDOS (MISSILES)

Tenente-Coronel HOWARD B. HUDIBURG,
do Estado-Maior e Tenente-Coronel RICHARD
G. RHOMAS, da Artilharia de Costa.

Da publicação norte-americana "Antiaircraft
Journal" (tradução e resumo do Coronel FER-
NANDES FERRER)

Tradução do Major de Artilharia LUIZ FELIPE
SILVA WIEDEMANN

Ainda faltam, na literatura mi-
litar, informações referentes à in-
fluência que os projetis dirigidos
possam exercer sobre as operações
de guerra.

Isto é natural, porque a evolu-
ção da tática se verificou, no trans-
curso de largos períodos de tempo,
partindo de conceitos em que só
eram consideradas as armas e os
meios que a técnica vai ofertando
paulatinamente ao tático.

Assim, nada há de particular
que ainda não se haja incluído nos
regulamentos de campanha no que
se refere ao emprego tático dos
projetis dirigidos.

Neste assunto, o ponto de vista
mais acertado é o de estimar, pri-
meiro, as possibilidades e limi-
tações das futuras armas, para,
após, deduzir a sua influência nas
operações.

O exame do problema deverá
abranger os seguintes aspectos:

CARACTERÍSTICAS DAS NOVAS ARMAS

Como base de análise, é preciso
adotar uma classificação geral dos
tipos de teleprojetis que se acham,
atualmente, em uso corrente.

Os teleprojetis podem ser clas-
sificados nos oito grupos funda-
mentais que se seguem:

Missiles (projetis) de superfície
contra superfície (S.S.M.); (*)

Missiles (projetis) de superfície
contra o ar (S.A.M.);

Missiles (projetis) de ar contra
superfície (A.S.M.);

Missiles (projetis) de ar contra
o ar (A.A.M.);

Missiles (projetis) de superfície
contra submarinos (S.U.M.);

Missiles (projetis) de ar contra
submarinos (A.U.M.);

Missiles (projetis) de subma-
rinos contra superfície (U.S.M.);

Missiles (projetis) de subma-
rinos contra o ar (U.A.M.).

Levando-se em consideração que
os leitores desta Revista pertencem,
na sua maioria, às forças ter-
restres, dedicaremos uma atenção
especial aos dois primeiros tipos
(S.S.M.) e (S.A.M.).

Os teleprojetis da defesa de cos-
tas podem ser de duas espécies:
de costa contra navios e de costa
contra submarinos.

Os do solo para o ar, podem ser
contra os aviões usados (A.A.) ou

(*) Foi mantida a palavra "superfície" em vez de "terra" ou "solo", nesta
especificação, a fim de ser conservada a designação "S.", simbólica, mantida no
inglês e no espanhol. E, como também o foi feito nas notas do Curso de Tática
Aérea, onde o tradutor é instrutor, para ser mantida uma unidade de termi-
nologia no terreno militar.

Na continuação do artigo encontraremos o termo que melhor se adaptar às
nossas conclusões, sendo, no entanto, mantidas as letras já estabelecidas (S.S.M.),
(S.A.M.), etc. onde o "M" vem corresponder ao "Missile", projétil.

contra os teleprojéteis (contra mísseis) (A.M.).

Os do ar para o solo (A.S.M.) podem ser de queda livre do projétil ou de projétil propulsado. O último tem mais flexibilidade para emprego tático.

Os do ar contra o ar (A.A.M.) podem ser ofensivos ou defensivos.

Os ofensivos são os empregados pelos caças contra aeronaves e os defensivos são os utilizados para a defesa própria dos bombardeiros.

Estas, no entanto, são mais que subdivisões acessórias; a classificação fundamental foi a indicada anteriormente, ainda bem que se trate, somente, de uma classificação feita sob o ponto de vista tático e estratégico dos projéteis.

Podem se distinguir porém, dentro deles, vários tipos, atendendo-se às características técnicas do seu funcionamento; características que não deixam de ter predominância também no campo das operações e da logística.

As que principalmente afetam o emprego militar são as que se referem aos sistemas de propulsão e orientação dos projéteis. Dêstes, os que oferecem mais dificuldades técnicas são os que se referem à orientação. Este problema é consagrado, por seu valor, aos técnicos mais qualificados.

A orientação de um projétil tele-dirigido (Missil) compreende três fases: a inicial, a do curso médio da trajetória e a do trajeto final.

Denomina-se fase inicial da orientação a correspondente ao trajeto do projétil desde o seu ponto de partida até que o projétil chegue a tomar, na sua trajetória, uma posição adequada para que o sistema de orientação do curso médio possa tomar conta dele e conduzi-lo até a proximidade do objetivo, em cujo instante entra em ação o sistema terminal de direção, que controla e se incumbem de conduzir o projétil, na parte final da sua trajetória, até o impacto ou a explosão.

Existem muitos sistemas de orientação dos projéteis, durante as fases de seu trajeto, mas todos eles

podem ser resumidos, essencialmente, nos tipos que se seguem:

1) Sistema diretor pré-estabelecido — É aquele em que se regula o trajeto do projétil na base de lançamento, antes de dispará-lo. Utiliza-se a aparelhagem de autopilotagem, destinada a manter o projétil automaticamente na trajetória pré-estabelecida.

Este sistema foi utilizado pelos alemães nas bombas "V-2", e, sob o ponto de vista tático, possui as seguintes vantagens:

É de funcionamento simples; podem ser lançados vários projéteis simultaneamente contra um mesmo objetivo, sem mútuas interferências e uma vez disparado (deflagrado) o projétil, os serventes não têm que se preocupar com o controle do mesmo no seu trajeto. Além disso, é pouco vulnerável às contramedidas inimigas.

Um dos inconvenientes que apresenta é o de que não pode ser modificada a sua trajetória, após o lançamento e esta falta de controle permanente reduz a precisão do tiro; donde, a sua aplicação tática é a de bombardeio de zonas extensas muito distantes e nas quais os objetivos sejam fixos.

2) Sistema de telecomando — Consiste em guiar o projétil à distância, desde a base de lançamento, por meio de dispositivos alojados no referido projétil que atendem, automaticamente, às ordens que lhe são dadas pelo rádio, feixes de radar ou outros processos adequados.

As ordens de direção podem ser determinadas por meio de observações visuais ou de aparelhos óticos, ou também pode funcionar o sistema de maneira completamente automática, determinando-se os dados de comando eletronicamente ou por calculadores mecânicos.

Taticamente, este sistema tem a vantagem de permitir controlar e corrigir a trajetória, porém exige uma atenção toda especial ao trajeto de cada projétil. Pode, também, ser aplicado este sistema contra alvos móveis terrestres, marítimos ou aéreos.

Do acima exposto se deduz que os sistemas de tele-orientação, permitindo corrigir a trajetória, após o disparo, são suscetíveis de executar um tiro com maior precisão; mas têm a desvantagem tática de precisar do emprego de complicados aparelhos terrestres de orientação e de ter o rendimento de tiro reduzido; vale dizer que o número (a capacidade) de projetis (de cada posto de lançamento) que podem se achar simultaneamente no ar (espaço) é diminuto. Além disso, as bases de lançamento, com seus complicados aparelhos, são muito vulneráveis à ação inimiga.

3) Sistema de curso sobre um faixo diretor — Consiste em fazer com que o projétil siga um faixo de radar que canaliza o espaço, de maneira que fique dirigido para um objetivo aéreo.

Taticamente, os sistemas desta classe apresentam várias vantagens táticas, entre elas a de que o projétil regula automaticamente a sua própria direção e, em consequência, ficam eliminados os aparelhos terrestres de orientação.

Oferecem, também, a vantagem de um grande rendimento, ou seja a de ter, simultaneamente, um grande número de projetis no ar e a de prestar-se a um tiro de grande precisão.

O alcance é limitado pelo raio útil do faixo diretor e o projétil é suscetível de ser interceptado pelas contramedidas do adversário.

Como sistema de orientação (S.A.M.) do solo contra o ar, é muito recomendável esta orientação.

4) Sistema de navegação — No sistema de navegação, o projétil navega por assim dizer, com rumo ao alvo. O rendimento, a respeito da capacidade simultânea de projetis, é limitado e o sistema é recomendável para a orientação (S.S.M.) de superfície contra superfície. Este sistema de navegação compreende três subdivisões, que são: a do curso do projétil sobre um faixo de radar; a da navegação astronômica, por referências celestes e a da direção

orientação, por referências terrestres.

A primeira, de curso sobre um faixo de radar, é suscetível de ser interceptada pelo inimigo que se valendo, também, de irradiação, poderá atuar sobre o faixo diretor e apoderar-se do controle do projétil. As contramedidas inimigas são ineficazes contra os outros dois sistemas de navegação — astronômica e terrestre, porém, a precisão do tiro só é adequada para bater zonas extensas.

5) Sistema de artifício por busca automática — É aquele em que o projétil se acha provido de um artifício ou espoleta com afinidade/por assim dizer, com o objetivo, ou seja procuradora automática do alvo, como a de proximidade.

O projétil isola e busca o objetivo aproveitando-se de suas características físicas, como por exemplo, as de emissão ou reflexão da luz, calor, ruído, irradiações, etc.

Taticamente, este processo tem a vantagem de perseguir automaticamente o objetivo, porém, em compensação, oferece a dificuldade de exigir uma qualidade especial de espoleta adequada às características físicas do alvo.

O sistema é indicado para bater objetivos concretos, reduzidos e móveis e é, particularmente, eficaz empregando-o com outros sistemas de orientação, uma vez que a busca automática só começa a atuar na fase final da trajetória.

O provável será o valer-se de uma combinação de vários dos sistemas diretores indicados nas fases distintas da trajetória. Assim, por exemplo, pode-se utilizar para a primeira parte um sistema de regulação prévia dos mecanismos do projétil, antes de ser lançado; após, outro sistema de telecomando, da terra, para o curso médio do trajeto e, finalmente, o sistema da busca automática para a parte final do percurso.

Pelo exposto, pode ser verificada a complexidade técnica do problema da teledireção.

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS DE PROPULSAO DOS PROJÉTIS

Pode ser dito que, essencialmente, todos os teleprojétis são propulsados por reação; queremos dizer, pelo impulso para a frente produzido quando sai um jato de gás.

Com este sistema de propulsão se tenciona imprimir aos projétis grandes velocidades, superiores às investigadas (supersônicas), com o objetivo de dificultar a sua interpretação pelo inimigo, ou de poder interceptar, por sua vez, os que este lance contra nós. Para se conseguir isto, o único meio é o do motor a reação, porque não só imprime a velocidade desejada, como pode incrementá-la e mantê-la durante a maior parte da trajetória.

O sistema de reação tem, ainda, a vantagem de poder funcionar, também, fora da atmosfera, se for necessário.

Os motores desta classe são, assim, de duas espécies: atmosféricos, que são aqueles que apreendem do ar o oxigênio necessário para a combustão da substância propulsora e, conseqüentemente, sem saírem da atmosfera e motores de auto-alimentação, que levam com a carga propulsora o oxigênio indispensável, e são, portanto, independentes da atmosfera.

Os primeiros pertencem à categoria dos chamados motores a jato e os segundos a dos chamados especificamente foguetes.

O tipo do motor empregado é de grande influência nas características táticas do projétil, porque influi no teto, velocidade e alcance e forma de trajetória. Depreende-se, assim, que a escolha do modelo mais adequado constitui um problema bastante complicado.

Temos que levar em consideração, antes de tudo, relativamente à velocidade do projétil, que, o que quisermos ganhar neste sentido, teremos que pagar com vantagens, à custa de outros fatores, entre os quais o consumo de combustível.

Sob o ponto de vista logístico, também é de grande importância

o tipo do motor. Os motores a jato que observem o oxigênio do ar, podem utilizar-se, provavelmente, em grande escala e sem inconveniente, carburante e combustíveis ordinários, como a gasolina ou o petróleo; porém os motores dos foguetes apresentam o inconveniente, bem grave, de serem de um manejo complicado, muito delicado e até perigoso.

Muitos dos combustíveis empregados nestes motores são sumamente tóxicos ou inflamáveis e outros não são suscetíveis de ficarem armazenados durante muito tempo.

É muito fácil se dar conta das dificuldades que representa, por exemplo, o transporte de um gerador volumoso de ar ou de oxigênio líquido utilizado em alguns foguetes (ou o transporte de um comboio de tanques de ácido nítrico despedindo vapores e tóxicos por caminhos expostos ao fogo do inimigo. Não se deve, no entanto, perder a esperança de que estes problemas possam ser resolvidos, como já o foram outros mais difíceis no passado.

Os trabalhos realizados pelos investigadores tendem, não só para encontrar combustíveis de um maior rendimento balístico, como poder fornecer às tropas projétis de reação, com todos os seus elementos já combinados com unidades, sem se tornar necessário juntá-los no momento de seu emprego tático. Mesmo conseguindo-se isto, deverá o artilheiro conhecer os princípios técnicos essenciais do funcionamento dos projétis com que maneja, como cabe também aos comandantes das tropas saber como integrar as novas armas na dotação do material e as normas gerais de seu emprego tático.

Pode-se dizer, geralmente, que os projétis de reação poderão complementar ou substituir, em certos casos, as metralhadoras e as peças usadas nos aviões, incrementando o poder ofensivo e defensivo dos aparelhos na luta aérea, como também serão, como é lógico, de grande utilidade nas armas terrestres.

Devido ao seu grande alcance poderão substituir as ações dos bombardeios estratégicos e completar a da artilharia antiaérea e a da aviação de cooperação tática.

Para darmos uma idéia de como é complicado o emprego tático dos projetis de reação, daremos, hipoteticamente, em linhas gerais, as condições técnicas próprias dessas novas armas.

Suponhamos que se trata de empregar projetis de superfície contra o ar (S.A.M.) pela artilharia antiaérea.

Para conhecermos as dificuldades que acarretam o material e emprego tático dos teleprojetis, valer-nos-emos de dois projetis que, ainda que sejam hipotéticos, queremos dizer, não regulamentares, correspondem às condições técnicas gerais destas armas. Um deles para o tiro antiaéreo do solo (S.A.M.-A.A.) e outro para o tiro de terra contra alvos terrestres (S.S.M.), cuja distância não exceda de 150 milhas (cerca de 242 quilômetros).

Teleprojétil S.A.M.-A.A. — Suponhamos que se deseja lançar um projétil do tipo foguete, de uns 6 metros de comprimento, com 46 centímetros de diâmetro e 454 quilos de peso.

O combustível propulsor contido no foguete é líquido: porém, como o projétil não respira, ou seja não aspira o oxigênio do ar, necessita, para alimentar a sua combustão, de uma substância oxidante contida num recipiente especial que pesa uns 175 quilogramas, que terão de ser adicionados ao peso do referido foguete.

Ainda, o projétil é impulsionado inicialmente, não por um dispositivo lançador, mas sim por outro foguete suplementar (booster) (**), que é quem põe em movimento o projétil e o vai acelerando, enquanto se queima, até que entre em ação a carga do foguete principal.

Este "booster" pesa uns 679 quilos e leva uma carga de 453 quilos de combustível sólido.

Na constituição do sistema do projétil, entra ainda outro elemento essencial, que é o conjunto dos órgãos mecânicos e tubulações de propulsão e acrescidos dos de estabilização. Estes últimos são necessários porque o foguete voa pela atmosfera.

No total, o foguete contém as seguintes partes:

- 1º) A cabeça, com espoleta e a carga explosiva;
- 2º) O corpo anterior, com os dispositivos de direção e planos aerodinâmicos de estabilidade;
- 3º) O corpo posterior com o sistema de propulsão e planos aerodinâmicos;
- 4º) O recipiente do oxidante, e
- 5º) O "booster" (reforçador).

O peso total do foguete completo é de uns 1.530 quilogramas e o seu volume de uns 9,8 metros cúbicos.

O foguete em questão é suposto supersônico e terá de ser guiado pela sucessão de três sistemas dos indicados anteriormente: o de regulação prévia, na estação de lançamento, o de comando à distância (telecomando) para o curso médio da trajetória e o de procura automática do alvo, na parte final do trajeto, mediante a espoleta procuradora de proximidade.

As diferentes partes do foguete estão separadas e podem ser conduzidas, formando um grupo, em veículos regulamentares de transporte, até à estação de lançamento, onde serão reunidas para constituírem o projétil completo.

Com tudo isto, ainda não terminaram as operações. A unidade de tiro ou bateria tem que dispor de aparelhagem de radar, para aviso controle do deslocamento do alvo, de aparelhos automáticos de calcular para o telecomando e de um certo número de caixilhos ou estruturas de lançamento.

A equipagem constituída pelos aparelhos de direção do tiro tem uma mobilidade tática equivalente à de um sistema de direção de tiro antiaéreo e o conjunto de es-

(**) booster — (reforçador).

truturas de lançamento tem a mobilidade de um obus de 155 mm, aproximadamente.

Finalmente, ter-se-á que juntar a todo o material mencionado a equipagem de máquinas de remoção local dos projetis, recipientes, etc., semelhante a um gigantesco móvel.

Vê-se, pelo exposto, que estas armas são de um manejo complicado, não só na ordem tática, senão, também, na logística, e, além de tudo, levando-se em consideração que a possibilidade de acertar, apesar de toda a aparelhagem de direção e da espoleta procuradora, não passa de 25% (vinte e cinco por cento); queremos dizer que, para se ter um tiro útil, precisamos gastar quatro projetis.

O outro projétil foguete hipotético que poderemos considerar é o S.S.M., de superfície contra superfície, de uns 242 quilômetros de alcance, com combustível líquido (álcool e oxigênio líquidos) e tendo uma velocidade superior a do som.

Este projétil, de uns 10,7 metros de comprimento e 0,92 de diâmetro,

pesaria uns 7.000 quilogramas em conjunto, com todos os elementos constitutivos.

Empregando-se os mesmos sistemas de regulação prévia, de comando (no curso médio da trajetória) e espoleta de aproximação, na parte final do trajeto, o desvio provável do tiro, no alcance máximo, atinge um círculo de uns 804 metros de diâmetro.

As partes constitutivas dos foguetes são transportadas desde os depósitos de armazenagem ao posto da bateria, e, neste, são conjugadas, constituindo o projétil.

Como no caso anterior, a unidade de fogo tem que estar dotada, também, da equipagem correspondente de aparelhos de direção de tiro, elementos de transporte e acessórios, análogos aos indicados anteriormente.

Pelo que ficou dito, sente-se a complexidade técnica que o emprego destas novas armas acarreta e a necessidade de se estudar a sua adaptação e utilização na tática, com o maior rendimento possível.



DEZ NORMAS PARA O LANÇAMENTO DE PONTES PERMANENTES DE EXÉRCITO

Ten.-Cel. WILLIAM C. HALL, em "The Military Engineer". Tradução do Cel. ADALARDO FIALHO

O Regimento n. 1.306, de Engenharia, do Exército dos Estados Unidos, construiu, aproximadamente, 70 pontes permanentes para o 3º Exército, do General Patton.

Esta Unidade, com 15 semanas, apenas, de instrução, durante os seus 4 meses de serviço na Inglaterra e sem ter se especializado no lançamento e construção de pontes, aprendeu, pode dizer-se, com a experiência e chegou a desenvolver uma técnica especial que se pode considerar como modelo, em tal classe de operações. O conhecimento das regras e métodos de trabalho que foram empregados e as razões de sua adoção podem ser, talvez, de alguma valia para os futuros comandantes de Unidades, quando defrontarem tais problemas, razão pela qual os apresentamos aqui.

Os princípios ou regras são :

1º) *Construir para dar passagem às maiores cargas possíveis.*

Em agosto de 1944, construiu-se, nos arredores de Verdun, uma ponte para cargas de 40 t, com passagem numa única direção.

No dia seguinte ao da terminação dos trabalhos, o "Serviço de Circulação", "M.P.", permitiu a passagem de uma carga de 100 t pela ponte e esta foi reclassificada para cargas de 70 t. Os engenheiros reforçaram-na da melhor maneira que puderam e insistiram em baixar a classificação para 40 t. Apesar destas solicitações, continuaram passando, de modo mais ou menos constante, cargas de 70 t. Em Regensburg, encontrou-se uma fenda no arco de certa ponte sobre o Danúbio. Efetuou-se o lançamento da ponte Bailey, para 30 t e, por baixo dela, iniciou-se a cons-

trução de uma ponte permanente. O "Serviço de Circulação" deveria ter proibido, com toda a propriedade, que os veículos do "Serviço de Recuperação de Tanques" utilizassem a ponte Bailey, mas não o fez; um desses veículos, com pesada carga de cadeias para tanques, intentou passar. O referido Serviço autorizou-o e a Bailey afundou-se, resultando feridos gravemente os homens que trabalhavam debaixo dela. Veículo e carga pesavam cerca de 70 t. Em Florenville, Bélgica, um tanque passou por certa ponte de madeira, para 10 t e tais foram os danos à mesma causados que foi preciso rebaixar a sua classificação para cargas de 3 t. Até que se produza uma falha qualquer, ninguém, exceto os engenheiros, preocupa-se com a verdadeira capacidade e resistência das pontes; quando sobrem a falha, enormes esforços são, então, necessários para evitar que tudo venha abaixo.

2º) *Construir a ponte permanente sobre os melhores acessos.*

Ao ensejo de construir-se uma ponte permanente, em dado ponto, deve-se contar, freqüentemente, com a existência, nesse ponto, de uma ponte flutuante, de uma Bailey ou de uma ponte fixa. Igualmente conta-se com a autorização para que os elementos e materiais empregados no início da construção não sejam retirados até à terminação da nova estrutura que substitui a antiga. Em muitos casos, a necessidade ou o desejo de imediata retirada do material de equipagem obriga a construir a ponte permanente em local distinto do devido, já que o melhor estará ocupado pela ponte flutuante ou, o

que é mais freqüente, pela Bailey. Em alguns casos, pequenos trabalhos de demolição e construção podem proporcionar o acesso mais satisfatório. Foi possível, com freqüência, construir a ponte permanente no mesmo local da Bailey e se levantavam, por baixo desta, os pilares ou se fincavam as estacas. O serviço fazia-se durante a noite, quando o tráfego era menos intenso, usando-se o próprio taboleiro da Bailey ou através deste. Em dada ocasião, as estacas foram fincadas com o auxílio do pontão de uma ponte pesada. É evidente que, no caso de um ataque aéreo, o haver-se formado um estrangulamento na rede de estradas, junto de uma ponte, pode constituir um desastre. Tais estrangulamentos devem ser evitados a todo custo.

3ª) *Empregar materiais locais.*

É necessário reconhecer o valor inestimável que oferece a existência de material local nas imediações do ponto de passagem; muitas vezes mesmo, sem essa ajuda, a construção seria impossível. Em Fontainebleau e em Montereau, sobre o Sena e em Budenheim, sobre o Reno, utilizaram-se barcas, vigas de ferro, estacas e outros materiais encontrados nos arredores. Na França e Alemanha, as vigas de ferro foram muito úteis. Os alemães haviam armazenado grandes reservas desses elementos para as reparações nas pontes bombardeadas. Dispor-se de taboleiros e estacas pesadas constituiu, freqüentemente, sério problema. A madeira se obtinha nos bosques próximos; as serrarias trabalhavam continuamente. Aterros, em substituição de pontes ou trechos de pontes, constituem, às vezes, boa solução.

4ª) *Construir longos trechos empregando grandes vigas.*

Na primeira ponte construída na França, em Craon, empregaram-se vigas de madeira. Em todos os demais trabalhos usou-se o ferro. Nas principais estruturas, empregaram-se perfis de 14, 16 e 18 polegadas.

Conforme os trabalhos se sucediam, a tendência era para empregar vigas cada vez mais pesadas, por proporcionarem trechos mais extensos. A preferência no emprego das dimensões e peso variava segundo as Companhias; algumas empregaram, sempre que possível, vigas de pontes ferroviárias. Outras preferiram os perfis de 26, 24 ou 22 polegadas, pois eram mais fáceis de manear com os equipamentos ligeiros de que eram dotadas. O comprimento das vigas variava de 9 a 18 m. Certo interessante trabalho requereu o emprego de vigas de ponte ferroviária. Foi em Scharding, sobre o Inn, onde se recebeu ordem para construir uma ponte para uma única direção e cargas de 70 t e outra para dupla direção e cargas de 40 t. O ponto de passagem não ficava longe dos Alpes e o rio estava em cheia, por causa do degelo. Os trabalhos preliminares começaram sobre velha ponte ferroviária, longa de 330 m, apresentando 2 vãos, os quais se preencheram com elementos Bailey e se classificaram para 8 t. Essa ponte compunha-se de pesadas vigas de madeira travejadas e várias armaduras, também de madeira, reforçadas com tirantes de ferro. O piso era de 3,84 m de largura, embora os antigos pilares tivessem uma largura de 6,40 m. O uso destes pilares teria proporcionado grande economia de tempo e trabalho se, sobre eles, se houvesse construído uma ponte pesada. Os pilares não eram de dimensões uniformes, não estavam alinhados com o eixo da ponte e as maiores dimensões de alguns apresentavam um desvio de 10 a 15 graus fora da perpendicular do eixo. A extensão dos trechos variava de 9 a 27 m. Uma ponte pesada de pontões, lançada a jusante, permitia, com certa dificuldade, a passagem de cargas de 17 t. O pessoal da Unidade encarregada da ponte informou que a corrente do rio tinha uma velocidade de 5 m por segundo. Fez-se uma tentativa para dividir os vãos, mediante estaqueamento e com o objetivo de colocar-se os perfis de 22 polegadas. A tentativa fracas-

sou e recorreu-se às estacas de aço, sem resultado também pela impossibilidade de perfurar o leito duro do rio. Durante estas tentativas, a força da correnteza arrastou as partes essenciais da ponte. A vista disso, planejou-se a montagem de elementos Bailey, para construir-se, com eles, uma armadura inferior, porém nada menos de 500 caminhões pesados seriam necessários para o transporte do referido equipamento. Finalmente, pôde-se localizar suficiente número de vigas de ponte ferroviária e obteve-se permissão para a sua utilização. A maior viga tinha 30 m de comprimento e pesava cerca de 15 t. Transportaram-se estas pesadas vigas sobre pranchas ferroviárias e, descarregadas nas proximidades da ponte, ainda foi necessário transportá-las novamente para o lugar emprazado, distante algumas centenas de metros.

A sua colocação foi extraordinariamente difícil, pois só se dispunha de equipamentos apropriados para o deslocamento de pesos até 5 t. Efetuado, por fim, o lançamento destas vigas, outras, menores, deslizaram sobre elas. Empregaram-se as grandes como proa de lançamento e por onde, sucessivamente, iam deslizando as menores e sendo colocadas lateralmente, mediante o emprego de cadernais. Desta maneira, construiu-se a ponte dentro de um tempo razoável. É muito provável que continue em serviço por muito tempo devido às despesas e dificuldades que a construção de outra, para a substituir, poderia acarretar.

5º) Evitar construir sobre ruínas.

Em igualdade de condições, ao construir-se uma ponte, é mais fácil e mais rápido é construir a ponte mais curta. Isto induz, frequentemente, a tentar a reparação de trechos voados à base de explosivos. É muito possível, porém, que as dificuldades surgidas, o tempo gasto e o grande esforço necessário para remover os pesados e retorcidos ferros destruídos sejam maiores que os precisos para transpor a brecha em outro ponto. Em grande

número de casos, minas e explosivos foram descobertos no trabalho de remoção dos escombros. Uma Unidade perdeu 30 homens quando pequena carga, empregada para facilitar a remoção dos escombros, fez explodir, por simpatia, parte da carga primitiva empregada na destruição da ponte. Até o fim da guerra, foi norma geral utilizar os trechos intactos e desviar a direção nos que estavam em ruína, construindo-se novos trechos segundo direções paralelas às seções destruídas.

6º) Como regra geral, empregar estacas em vez de arcos.

A tendência para levantar arcos resulta antiestético e, em algumas ocasiões, proporciona estruturas perigosas. Uma estaca inclinada é muito fácil de endireitar e a observação da penetração das estacas proporciona uma idéia da resistência e natureza do leito do rio. Perto de Trier, em rodovia alemã, ampliou-se certa ponte numa única direção, executando-se um fincamento de estacas com o auxílio da estrutura da própria ponte. Ao sobrevirem as cheias, as águas arrasaram o arco afimão, mas as estacas ficaram intactas. Incidentalmente, até o final da guerra, introduziu-se ligeira curvatura na maior parte das pontes. Isto melhorava sua aparência e bom aspecto, principalmente no caso de se produzir algum abaixamento.

7º) Limpar o leito do rio.

Esta precaução não foi sempre observada, na Europa, e várias pontes se perderam quando as inundações ou cheias, arrastando escombros e restos, concentravam os choques sobre os pilares e estribos, ocasionando desvios e socavões.

8º) Prever o crescimento do nível das águas.

É uma coisa que não é tão simples como parece.

O fator tempo e os materiais disponíveis não permitirão, frequentemente, construir a ponte sobre o nível das máximas cheias. É preciso muito meditar sobre a missão da ponte, sobretudo se ela deve ficar bastante tempo em serviço.

Assim, por exemplo, teria sido tolice construir estruturas com nível alto sobre os rios Marne e Sena, para as tropas dos 1º e 2º Exércitos, durante o mês de agosto de 1944, quando os alemães estavam em completa retirada. Sobre o Mosela, ao Sul de Metz, as pontes foram construídas com 3 ou 6 m abaixo do nível das máximas cheias, por isso que se dizia: "Só necessitamos das pontes durante uma ou duas semanas". É interessante observar o efeito das cheias quando, um mês depois da construção, como sucedeu com as pontes construídas em Arnville e Vaudières, as águas alcançam a altura de 3 m sobre o taboleiro das pontes. Na primeira, empregaram-se trechos realmente curtos e as ancoragens contiveram a corrente. A ponte desapareceu, exceto as seções correspondentes às margens. Já em Vaudières empregaram-se trechos longos, os de maiores comprimentos sobre o centro do rio. A proporção que o nível das águas ia se aproximando do taboleiro, danos surgiam, causados pelos restos em deriva, inclusive de outras pontes a montante. Depois da cheia, somente a seção central havia sido arrastada, juntamente com o balaústre de alguns outros elementos.

9º) *Prever os esforços horizontais.*

Deu-se grande difusão a esta norma por causa de uma série de

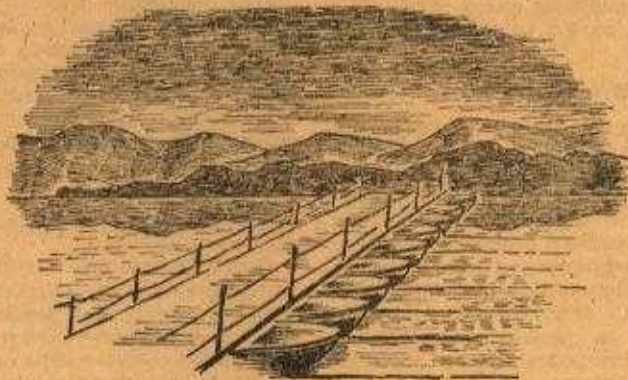
afundamentos sucedidos nos arcos das pontes da Itália e França. Os arcos vinham abaixo, seção por seção, principalmente pela falta de resistência dos esforços horizontais resultantes do peso morto do último arco levantado, ao atuar sobre o estribo descoberto. O remédio requeria cimentação nos pilares e estribos, a fim de que as vigas pudessem transmitir o esforço horizontal a um arco ou ao estribo.

10º) *Não fornecer datas otimistas sobre a terminação dos trabalhos.*

Quando se exige uma ponte, é porque será necessária logo que a zona de sua futura localização seja ocupada. Os comandos superiores invariavelmente farão pressão para que as obras terminem tão rapidamente quanto se possa. Se dá-se uma data otimista e logo surgem dificuldades, somente aos engenheiros se lançará a culpa.

As partes mais visíveis de uma ponte são: o taboleiro, os balaústres e os emblemas.

Estes últimos servem para identificar a Unidade que construiu a ponte. Vale a pena fazer um pequeno esforço mais e cuidar bem destes detalhes. Algumas Unidades alcançaram grande popularidade devido aos seus emblemas atraentes. Contudo, jamais o emblema deverá ser melhor do que a ponte.



OS BLINDADOS — ENSINAMENTOS DA GUERRA DA COREIA

Tenente-Coronel GEORGE B. PICKETT

(Da revista americana "Armor")

Traduzido da revista espanhola "Ejército"
pela Redação

Antes dos norte-coreanos se lançarem à luta atual, o estudo do terreno feito pela maioria de nossos oficiais concluía que, no movimentado terreno coreano, eram quase impossíveis as operações de grande envergadura de blindados. Apesar dessa conclusão pouco animadora, os norte-coreanos colocaram blindados na vanguarda de todas suas penetrações — carros de combate T-34, para sermos mais precisos. Não só tiveram pleno êxito, senão que provocaram, de um de nossos generais, a observação de que os "norte-coreanos sem os seus carros não iriam a parte alguma". Os acontecimentos subsequentes mostraram a exatidão desta observação, porque, depois dos coreanos perderem os seus últimos carros, trataram de forçar a travessia do Naktong, em seus últimos intentos para apoderarem-se de Pusan, mas fracassaram ignominiosamente com seus ataques em massa de infantaria, semelhantes aos conhecidos "Banzai" japoneses. Quanto às forças da ONU, somente em setembro (1950), depois que conseguiram a superioridade em carros, é que lograram irromper fora do seu perímetro defensivo.

Uma das primeiras lições que podemos extrair da atuação dos carros de combate (nossos e do inimigo) na Coreia, foi a subestimação que deles fizeram os oficiais americanos, ao considerarem a sua mobilidade através do campo. E, mesmo depois que os norte-coreanos percorreram com seus carros a maior parte da Coreia, ainda ha-

via oficiais que insistiam em que os nossos carros não poderiam manobrar nos arrozais, nem vencer os fortes aclives e se veriam obrigados a não deixar as estradas, em um país em que as poucas que há são más, em sua maioria. Foi uma subestimação idêntica que tornou possíveis as duas rupturas alemãs nas Ardenas.

Quando um agrupamento táctico, o de Dolvin, levou a cabo a sua magnífica sortida de Chinju, a 26 de setembro de 1950, o traçado Chinju — Hamyang — Namwon percorria, em quase toda a sua extensão (104 km), um desfiladeiro rodeado de altas montanhas. A estrada serpenteava por encostas escarpadas, nas faldas do maciço montanhoso de Chii-San, o mais alto do Sul da Coreia. Seu traçado em ziguezagues e o terreno dominante ofereciam aos norte-coreanos amplias oportunidades para apanharem a coluna, porém, a força de determinação e de bom comando, Dolvin penetrou em Namwon e desarticulou a resistência. Suas perdas em carros são ainda assunto reservado, mas podemos assegurar que foram surpreendentemente pequenas.

O Agrupamento Táctico Dolvin se compunha de duas companhias de carros médios do 89° B.C.C., duas companhias de fuzileiros, um pelotão de morteiros pesados e um pelotão de engenharia. Os infantess foram transportados sobre os carros, salvo quando em combate.

As unidades mecanizadas de reconhecimento demonstraram, também, a sua mobilidade, operando

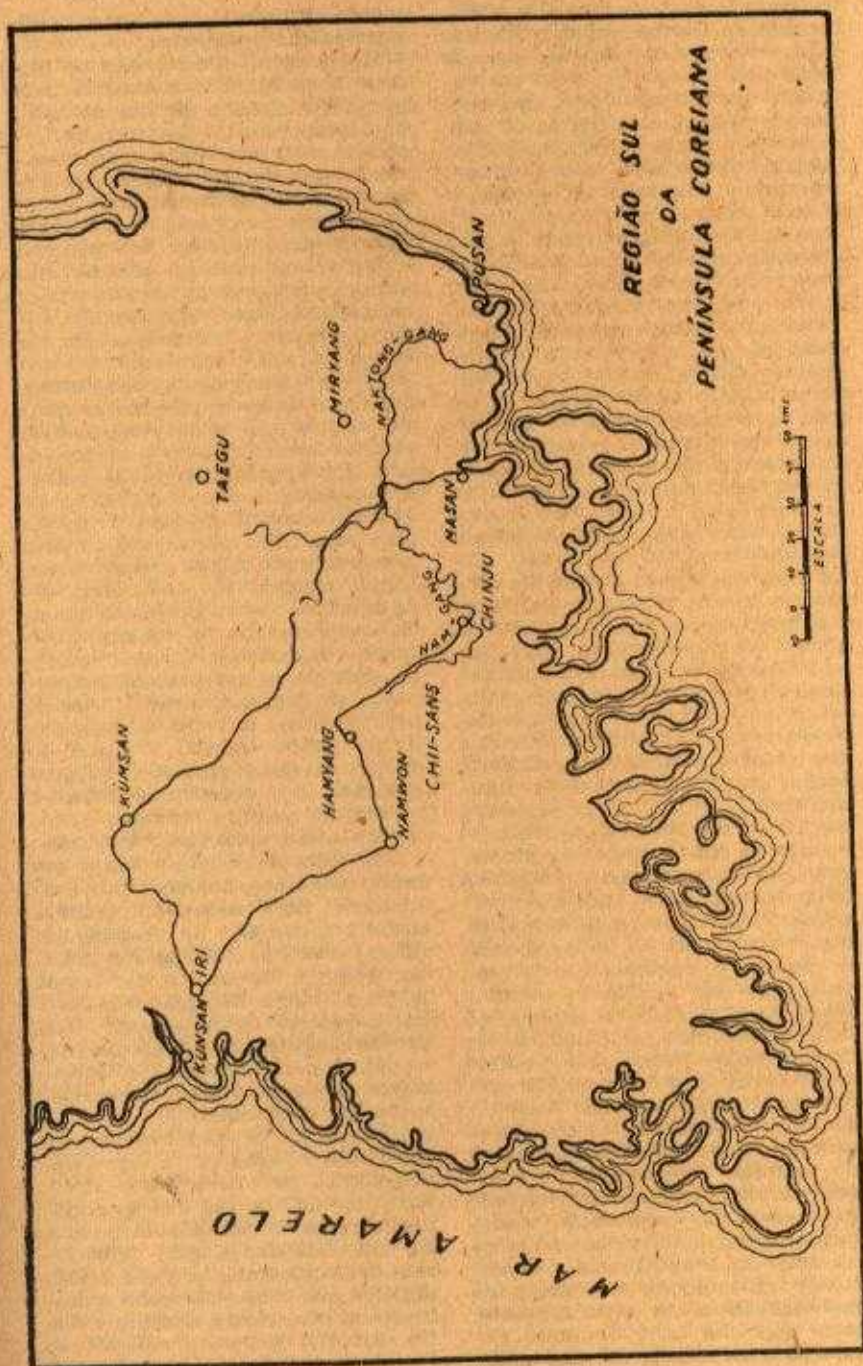
em terreno desfavorável. O A.T. Dorman, constituído por um esquadrão de reconhecimento e uma companhia de carros leves, partiu do S.E. de Masan, a 24 de setembro e, em 36 horas cobriu 85 km, para apoderar-se do passo do Chinju, sobre o Nam; foi este rápido avanço que permitiu a Dolvin ser substituído e vencer o trajeto Chinju-Namwon em 40 horas. A seguir, o A.T. Dolvin continuou avançando até à região Kusan-iri, mas esta fase não lhe foi tão favorável porque o terreno movimentado do Chi-San termina em Namwon. O terreno escarpado e um inimigo resolutivo e bem equipado podem fazer com que as operações com carros nas montanhas se tornem extremamente difíceis, se bem que não impossíveis. De outra parte, o terreno, por si só, não nos protegerá contra as forças blindadas inimigas.

A segunda lição que tiramos das recentes operações é a necessidade da cooperação entre a infantaria e os carros. Nem todas as ações dos carros, na Coreia, foram tão bem planeadas e executadas como as que foram levadas a cabo por Dolvin e Dorman. Infelizmente, a tão provada doutrina sobre a cooperação infantaria-carros, desenvolvida com tanto zelo nos últimos cinco anos, em nossas escolas, não penetrou ainda até o âmago do nosso Corpo de Oficiais. Todavia, costuma-se dizer aos elementos integrantes dos carros que "a única armadura que tenho é a camisa de campanha, enquanto que você se esconde atrás de oitenta milímetros de aço", e ainda se os envia "por grupos de um", com ordem de "chegar até aquela aldeia". Um comandante de unidade blindada comentava, com veemência, que um de seus carros fora enviado sem proteção alguma para que avançasse por uma determinada estrada e, aquele que o enviou não podia compreender porque não voltara. O cmt. de um destacamento avançado, de um Regimento de Carros britânico, que esperava a chegada desta unidade à Coreia ficou horrorizado ao inteirar-se de que alguns de nossos co-

mandantes haviam colocado carros isolados, sem proteção alguma, para barrarem estradas durante a noite. Assim eramos! Em resumo, a referência a estes incidentes só tem por objetivo demonstrar que o conceito da cooperação infantaria-carros-artilharia não é ainda considerado como deveria sê-lo.

A terceira lição é que habitualmente se comete o erro de avaliar os carros pelo seu número e não por unidades táticas constituídas. Em outra ocasião foi dada uma ordem pondo "cinco carros à disposição do ... Regimento de Infantaria". Que são cinco carros? Um pelotão? Os remanescentes de uma companhia? O que se tenha à mão no momento? O comandante do B.C.C. enviou, acertadamente, um pelotão completo, mas estaria completamente justificado se houvesse mandado cinco carros quaisquer, escolhidos ao acaso, entre os de seu batalhão. Que eu saiba, ninguém jamais deu uma ordem pondo dois ou três fuzis à disposição de um B.C.C.; mas se se procedesse com a mesma mentalidade que no caso comentado, seria muito provável que tal se fizesse. Um exame retrospectivo vem mostrar que alguns dos nossos oficiais da 1ª Grande Guerra, em 1918, na França, se acostumaram aos "canhões de acompanhamento". Na Coreia, em 1950, não existiam os "canhões de acompanhamento", mas os carros foram empregados como tais.

A quarta lição se refere à instrução. A maioria das unidades que resistem na Coreia, partiu da zona do Interior, com uma pressa incrível. Quando chegaram as ordens de Ultramar, os B.C.C. estavam incompletos e seus efetivos foram completados com homens sem instrução de blindados, sem maiores preocupações que as de "preencher claros". Isto foi posto em evidência na Coreia. Em tal situação demonstrou-se a facilidade de adaptação do soldado americano, mas foi à custa de muitas baixas em homens e material, perfeitamente dispensáveis. O mesmo poderá acontecer novamente. Coloque-mos-nos, por um momento, na



pele de um Comandante de Companhia de Carros, cujos artilheiros não tenham dado um tiro com as suas peças e que se veja em caminho para tomar parte nas operações de polícia da Coreia... Não é de se crer que houvessem muitas oportunidades para instruí-los até chegarem à cabeça de ponte de Pusan...

A quinta lição se refere à manutenção e está estreitamente relacionada com a quarta. As guarnições deficientemente instruídas cuidam mal dos seus carros. Como resultado do sucedido na Coreia, alguns oficiais do Serviço de Material Bélico estão estudando se não seria mais vantajoso aplicar, na arma blindada, o sistema de "guarnições de combate" e "guarnições de manutenção", vigente na Aeronáutica. Que seria anti-económico? Pois esses oficiais afirmam que este sistema, nas atuais circunstâncias das operações da Coreia, pouparia pessoal e manteria em serviço um maior número de carros. É desnecessário dizer que as exigências de emprego contínuo dos carros em combate, com pouco tempo a dedicar à manutenção, provocaram um terrível desgaste dos carros de combate na Coreia; assim, por exemplo, a 2 de outubro de 1950, um B.C.C. dispunha de 26 carros M26, dos quais só 6 estavam em condições de prestarem serviço, pois o restante estava indisponível. Para este estado de coisas contribuíam muitos fatores, tais como a falta de tempo, a falta de pessoal competente e o terreno escarpado que pesava ao máximo sobre as viaturas. O sistema de "guarnições de combate" e de "manutenção" poderia ter mantido treze carros em serviço, em vez dos seis então existentes. Calcule-se o preço dos carros, acrescente-se os homens-hora perdidos por causa do material indisponível, o custo dos carros perdidos em virtude do serviço de manutenção inadequado, a diminuição da eficiência da unidade, e sentiremos a necessidade de melhorar o sistema de manutenção atual. Pessoalmente, creio que não seria um luxo excessivo a existência de uma guar-

nição de manutenção para cada guarnição de combate.

Há também outro grupo de oficiais do S.M.B. que acredita que o melhor sistema de manutenção, em um terreno da classe do da Coreia, é o de empregar equipamentos móveis de manutenção, ao longo dos eixos de penetração, a fim de reparar os carros no local em que foram avariados. Este sistema exige algum material pesado, mas tem a vantagem de não bloquear as estradas com viaturas de socorro pesadas; a recuperação de carros no S.O. da Coreia foi um problema terrível, porque, ainda que se dispusesse das companhias de manutenção e das viaturas de socorro necessárias, não poderiam ser empregadas porque as estradas principais de suprimento (EPS) estavam bloqueadas. Este problema foi, por certo, muito grave, porque quase todas as estradas transitáveis eram EPS divisionárias. Outro problema atual, na recuperação do material, no campo de batalha, foi a impossibilidade de deixar pessoal guarnecendo os carros avariados. Assim, por exemplo, no caso do agrupamento tático Dolvin, o ritmo do avanço foi tão rápido, que o Agrupamento, em questão de horas e mesmo de minutos deixava, quilômetros atrás, cada carro avariado; e isso tornava perigoso deixar um grupo de cinco homens com suas viaturas. Ao encontrá-las abandonadas, os escalões de acompanhamento americanos se encarregavam, por sua vez, de transportar o que podiam. Nosso Exército está cheio de "caçadores de souvenirs", — é provavelmente uma tradição nacional, mas condenável, no que se refere ao nosso sistema de recuperação em campanha.

Deu-se muita publicidade aos resultados obtidos por nossa aviação contra os carros norte-coreanos. Dos 300 carros que se supõe dispusessem os comunistas, no início das hostilidades, mais de 80 foram destruídos pela aviação! Esta impediu que os norte-coreanos deslocassem seus carros durante o dia. No entanto, podemos deduzir os ensinamentos da lição número 7

para o pessoal de carros: Tornou-se muito competente em assuntos de camuflagem e, durante o dia, ocultava as suas viaturas nas cobertas ao lado das estradas, nos túneis, nas aldeias e mediante estes e outros estratagemas conseguiu que suas perdas, por nossa ação aérea, fossem muito menores que as que sofreram os alemães na 2ª Grande Guerra. Num período de dez dias e numa área determinada, calculou a nossa Aviação haver destruído completamente treze carros inimigos; pois bem, os dois únicos carros encontrados na mencionada área, quando foi atingida, durante a ofensiva que se seguiu pouco depois, foram dois T-34, postos fora de combate pelo 89º B.C.C. da 25ª D.I. É possível que os norte-coreanos arrasassem os treze carros e os ocultassem depois... A aviação pode imobilizar os carros na retaguarda inimiga, mas afirma-se "que o avião porta-foguetes é a ruína do carro", como foi dito recentemente por um dos nossos homens de ciência, de maior destaque, não está justificado pelos acontecimentos da Coreia.

A oitava lição é sobre a eficiência do nosso "Bazooka" de 88 milímetros contra carros inimigos. As cargas dirigidas apresentam um problema difícil aos projetadores de carros. Não obstante, o "super-bazooka" é "super", especialmente no que tange ao moral do infante; o "cartaz" que esta arma obteve proporcionou à nossa infantaria u'a maior sensação de segurança no enfrentar os carros inimigos. Ilustraremos este ponto com uma referência do Chefe do Serviço de Saúde do IX C.Ex., o qual viajava em um trem-hospital que circulava entre Miryang e Pusán, pouco depois da fracassada tentativa de ruptura, a cargo da 105ª Brigada Blindada norte-americana, nas imediações de Chanyang. Um soldado jovem narrava as suas recentes experiências no campo de batalha, e, como de costume, a palestra centralizou-se nas armas que o infante mais teme: os carros e os morteiros. O jovem soldado sorriu com orgulho:

"Bem; eu sei de dois carros que já não chatearão mais ninguém! Eu me encarreguei de um e meu companheiro de outro!" O Chefe do S.S. perguntou como haviam destruído os carros e o soldado respondeu imediatamente: "Com um super-bazooka". Entretanto, no decorrer da conversa, ficou demonstrado que os dois carros haviam sido impelidos para fora da estrada, contra um talude, pelo fogo de um carro M-26 americano e não podiam mover-se em virtude da presença de outros carros americanos; além disso, os carros norte-americanos atuavam sem apoio de infantaria (como tão frequentemente acontecia), o que permitiu aos dois infantes americanos rastejarem até as bordas do talude e fazerem fogo à queimadura. Aliás, o manual C-17-33 determina que "os infantes, armados com lança-rojões, cooperarão com os carros na destruição dos carros inimigos, quando o terreno permitir". O que o jovem soldado narrava não era outra coisa que um episódio (ainda que casual) de correta colaboração infantaria-carros.

O "Super-bazooka" está sendo bastante exaltado. Entretanto, tem ainda pequena velocidade inicial, uma trajetória elevada, parecida com a de um obus de curto alcance e a conseqüente imprecisão do tiro. A cooperação infantaria-carros norte-coreana deixava muito a desejar e muitos carros destruídos por nossos lança-rojões ter-se-iam salvo se a infantaria os houvesse apoiado. O manual de campanha C-17-33 prescreve que "os infantes do conjugado infantaria-carros protegerão seus carros contra os elementos inimigos, armados com lança-rojões". O inimigo ulteriormente tirou proveito disso cingindo-se a este conceito, no decorrer das operações.

A nona lição da Coreia é sobre a dificuldade de estabelecer transmissões rádio de frequência modulada, em terreno montanhoso. Em conseqüência das dificuldades encontradas, as companhias de carros foram dotadas de novos aparelhos de transmissão em grafia.

As transmissões rádio, na Coréia, são asseguradas por meio dos aparelhos rádio RAD 302, a menos que todos os carros se encontrem num mesmo vale ou desfiladeiro.

Há outras particularidades na guerra de carros da Coréia. O carro russo T-34 supera os tipos americanos M-24 e M-4 A-3 E-8, mas os nossos carros M-26 e M-46 o superam por sua vez. Nem mesmo um bom carro, como é o M-24, pode apoiar a infantaria, quando os carros inimigos o superam em potência de fogo e em blindagem. Esta situação surgiu quando nossas companhias de carros leves chegaram à Coréia, em julho (de 1950), procedentes do Japão. O resultado foi a destruição completa destas companhias. Não obstante, quando se empregou o M-24 para o fim a que está destinado, o resultado foi excelente. Assim, por exemplo, o Agrupamento Tático Torman levou a cabo o seu fulminante avanço com este tipo de carro, empregado em missão

de segurança, a qual, depois se converteu em uma marcha de flanqueamento.

Como sempre, dos acontecimentos da Coréia surgiram pareceres e opiniões contraditórios. As conclusões que apresentamos neste trabalho representam a opinião da maioria dos comandantes de unidades de carros, com quem tivemos oportunidade de trocar idéias, contrastada com minhas observações pessoais desde os primeiros dias de setembro de 1950 até o término de nossa operação de ruptura, em princípios de outubro. E, analisei todos os informes oficiais, fantasias, narrativas e queixas, em coordenação com o nosso Serviço de Informações. Os carros postos fora de combate, tanto os próprios como os do inimigo, foram examinados em busca de causas e efeitos. Em que pesem às circunstâncias extremamente adversas que prevaleceram nas operações analisadas, a influência dos carros foi indubitavelmente decisiva.

OLYMPIO PESSÔA & CIA.

REPRESENTAÇÕES E CONSIGNAÇÕES

FÁBRICA DA ESTRÉLA

(M. DA GUERRA)

VILA INHOMIRIM — E. DO RIO
DINAMITES PARA FINS INDUSTRIAIS — PÓLVORAS PARA
CAÇA E MINA — ESPOLETAS E ESTOPIM — EXPLOSIVOS
DE ALTA QUALIDADE

Distribuidores na BAHIA e em SERGIPE

Códigos :

BORGES, MASCOTE 1ª E 2ª ED. E PARTICULARES

TELEGRAMAS : "INDIO"

PRAÇA DEODORO, 19 — TELEFONE, 4276

BAHIA — BRASIL

NOVA TABELA DE JUROS DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

De acôrdo com a recomendação do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, o Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro aprovou a seguinte tabela de juros para as diversas modalidades de depósitos voluntários em vigor desde 1º de julho último:

DEPÓSITOS POPULARES:

Até o limite de 100.000 cruzeiros — Juros capitalizados semestralmente 4 1/2 % ao ano

DEPÓSITOS LIMITADOS:

— Por meio de cheques até 200.000 cruzeiros 4 1/2 % ao ano
— Até o limite de 500.000 cruzeiros, movimentados por meio de cheques ou cadernetas 4 % ao ano
Ambos capitalizados semestralmente

DEPÓSITO SEM LIMITE:

A vista sem limite — juros capitalizados semestralmente 3 % ao ano

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO:

Entrada inicial a partir de 10.000 cruzeiros, sem limite — juros de:

— Prazo de 6 meses 5 % ao ano
— Prazo de 12 meses 5 1/2 % ao ano
— Prazo de 24 meses 6 % ao ano

DEPÓSITO DE AVISO PRÉVIO:

Sem limite — juros capitalizados semestralmente:

— Aviso de 60 dias 3 1/2 % ao ano
— Aviso de 90 dias 4 % ao ano
— Aviso de 120 dias 4 1/2 % ao ano

DEPÓSITOS ESCOLARES:

Até o limite de 500.000 cruzeiros — juros capitalizados semestralmente 4 1/2 % ao ano

As contas da modalidade "SEM LIMITE" deverão ser emitidas e movimentadas, por meio de cheques, nas Agências Rio Branco e Candelária.

EMPREGO DO HELICÓPTERO NA GUERRA

Ten.-Cel. CHARLES W. MATHENY JR. Tradução do "Combat Forces Journal", de julho de 1951, pelo Cap. JOÃO B. SANTIAGO WAGNER.

Os helicópteros estão sendo empregados em missões especializadas, na guerra da Coreia. É possível que possam suprir as deficiências e gradualmente substituir, em muitos casos, os jeeps e caminhões, na frente de combate.

Ainda há poucos anos, as operações terrestres eram medidas pela distância média que as unidades de Infantaria ou Cavalaria podiam cobrir em uma jornada. Depois da substituição do cavalo pelo transporte motorizado, as operações basearam-se na distância média que as unidades combatentes equipadas com veículos motorizados podiam deslocar-se em uma jornada. Com helicópteros, a futura zona para manobrar poderá ser medida pelo raio de ação destas e de outras aeronaves. Dizer do seu valor, ainda é mera conjectura. O aumento será material.

O helicóptero aumentará a velocidade e a flexibilidade das operações táticas e do apoio logístico às forças terrestres. Sua capacidade de ascensão e descida, a possibilidade de ficar parado no ar e de aterrar e decolar em zonas sem necessidade de preparação, possibilitam o seu emprego em todos os tipos de terreno e em situações que não permitem o emprego dos aviões e viaturas atualmente em uso. Estas possibilidades de emprego são ainda viáveis não só em operações diurnas, como nas noturnas. O helicóptero pode voar a baixa altura, a uma velocidade de 120 a 200 KPH e aterrar em pequenas clareiras. Obstáculos e terrenos impraticáveis não impedem que ele voe; só o mau tempo o pode impedir.

Os helicópteros podem ser utilizados para transportes a pequenas distâncias, no âmbito de Corpos de Exército, Divisões ou Unidades menores. Isto proporciona maior mobilidade às operações terrestres. Homens, material e equipamento podem ser trazidos, rapidamente, até a linha de frente. Obstáculos, como pontes destruídas e estradas intransitáveis, não existem para os helicópteros.



Fig. 1 — O Hiller YH-23 é o jeep dos helicópteros. Estes estão sendo fabricados para o Exército americano

O emprego de helicópteros pelas pequenas Unidades abre novo caminho à tática. Um Comandante pode empregar suas forças para reforçar uma zona vital do terreno ou um obstinado centro de resistência, valendo-se do rápido movimento aéreo, em vez de difíceis manobras terrestres. O transporte por helicópteros pode prestar grande auxílio nas operações de aproveitamento do êxito, para tapar brechas em nossas linhas e ainda nas manobras normais do campo de batalha. Unidades terrestres, que se encontrem isoladas, poderão ser abastecidas por meio de helicópteros.

O helicóptero, usado como "ambulância aérea", poderá substituir as ambulâncias comuns nas zonas avançadas da frente de combate. Este emprêgo tem se tornado comum na Coreia. Os helicópteros

economia de mão-de-obra e material. A conseqüente diminuição do tráfego, nas estradas da zona de combate, reduzirá os problemas do congestionamento e da manutenção.



Fig. 2 — O tipo que se vê acima, de um Peasecki, acha-se em fase experimental e já foi apelidado de "Caminhão voador". Se as experiências forem coroadas de êxito, a sua fuselagem destacável poderá ser de grande utilidade

apanham os feridos na linha de frente e os transportam em padiolas diretamente para os hospitais de base, numa fração do tempo atualmente requerido pelas viaturas automóveis. Além de reduzir os casos fatais entre os feridos, isso significa também a eliminação de muitas instalações intermediárias do Serviço de Saúde, atualmente existentes, para a evacuação dos feridos.

Quando estiverem em uso grandes helicópteros, os suprimentos poderão ser transportados sobre terrenos difíceis ou rios invadeáveis, mais rápida e economicamente do que pelos métodos presentes. O apoio logístico a tropas que avançam rapidamente — um dos maiores problemas da 2ª Guerra Mundial — poderá ser realizado por meio de helicópteros de transporte. Além de constituírem um mais rápido e flexível meio de transporte, muitos postos de suprimento intermediários poderão ser eliminados, resultando disso uma considerável

Um tipo de helicóptero chamado "guindaste voador", que pode transportar material pesado sobre obstáculos do terreno como rios, pântanos e precipícios, está sendo fabricado.

Nas regiões árticas, a dificuldade de suprir as forças militares po-



Fig. 3 — O H-13 B, outro "jeep voador", está em uso na Coreia. Ele pode estender fios telefônicos, regular o tiro ou cumprir missões semelhantes

de ser em grande parte eliminada pelo uso de helicópteros. Durante o verão de 1950, uma unidade topográfica do Exército, que operava no Alaska, utilizou helicópteros para reforçar os transportes motorizados e os engenheiros conseguiram um resultado que, normalmente, exigiria seis campanhas.

Na Coreia, onde as estradas e o sistema ferroviário são deficientes e o terreno é difícil e montanhoso, os helicópteros têm sido de grande utilidade. Têm sido empregados para o transporte de elementos de postos avançados e de observação, para facilitar as comunicações rádio, para estender fios telefônicos,

des helicópteros de carga, para as Divisões de Infantaria. A finalidade capital dessas unidades será a de fornecer transporte às unidades de Infantaria. Estas Companhias de Helicópteros de Transporte podem ainda cumprir, para as D.I., missões de transporte a pequenas distâncias, inclusive de rações e munição para armas portáteis. Admitindo-se que a capacidade de carga aumente com os melhoramentos futuros, é bem possível que todos os tipos de suprimentos possam ser transportados pelo ar, o que fatalmente aumentará a velocidade de avanço de um exército moderno.



Fig. 4 — Vemos acima o Sikorsky H-19 sendo empregado como transporte de tropas de assalto. A porta larga permite o rápido desembarque de um G.C.

para lançar cortinas de fumaça e para possibilitar rápidos meios de reconhecimento aéreo e observação, na zona da frente. Além disso, têm sido utilizados como elemento de segurança dos flancos; para possibilitar deslocamentos de patrulhas em segurança, de um ponto para outro; para a evacuação de feridos da linha de frente, debaixo do fogo; para o salvamento de pilotos que tenham caído em território inimigo; e — importante para o infante — para lançar rações quentes aos elementos de postos avançados que estejam muito afastados.

Atualmente, o Exército Americano está organizando Companhias de Transporte equipadas com gran-

Olhando para o futuro, não é desarrazoado admitir que uma parte ou mesmo todo o transporte motorizado, atualmente empregado pelas Unidades terrestres, possa ser feito pelo ar, com aeronaves capazes de operar em campos de pouso sem prévia preparação. Durante a 2ª Guerra Mundial, os veículos anfíbios, que podiam operar tanto em terra como na água, tiveram um grande desenvolvimento; e é provável que um helicóptero, que tanto possa andar no ar como em terra, possa ser fabricado em futuro não muito longínquo. Uma aeronave com essa finalidade, de asa fixa, já foi ultimamente construída e este mesmo princípio poderá muito bem ser adaptado ao helicóptero.

UM PELOTÃO DE FUZILEIROS NO COMBATE

Tradução autorizada da revista "Infantry School Quarterly", número de julho de 1949, pelo Major MOZIUL MOREIRA LIMA

Quando o 1º Pelotão, da Companhia I, do 16º Regimento de Infantaria, da 1ª Divisão de Infantaria, preparou-se para transpor o Rio Reno, perto de Remagem (Alemanha), no dia 18 de março de 1945, tinha trinta praças e um oficial. Seis dias mais tarde eles eram apenas sete praças e um oficial.

Durante aqueles seis dias, ele percorreu toda a escala, que vai da retirada inglória até o assalto vitorioso. Surpreendido pelo inimigo, deixou-se tomar pelo pânico, antes mesmo de ser golpeado. Mais tarde, assaltou posições organizadas e progrediu através de terreno limpo, batido pelo fogo dos morteiros e das armas portáteis, para atacar e destruir forças alemãs de maior valor.

Como uma pequena unidade de infantaria típica, cometeu erros e lutou brilhantemente, resistiu ao choque e sofreu as perdas do combate aproximado e, finalmente, foi capaz de sentir a satisfação peculiar do sucesso duramente conquistado, embora este mal tivesse sido notado pelos que estavam fora de suas fileiras.

Na manhã de 18 de março de 1945, o 3º Batalhão do 16º R.I. transpôs o Reno, em uma ponte de pontões. Esta transposição fazia parte da luta da 1ª Divisão de Infantaria para alargar a cabeça de ponte de Remagem, ponto de apoio que, provavelmente, seria a base da qual o I Exército irromperia, para lançar-se sobre Paderborn e fechar a orla Sul da bolsa do Ruhr.

No dia seguinte, o batalhão deslocou-se para a parte N. da cabeça de ponte, alguns quilômetros a L. do Reno e, depois de ter tomado todas as medidas necessárias, passou um dia como reserva da divisão. Na tarde de 21, o batalhão deslocou-se alguns quilômetros mais para L., tendo em vista substituir o 3º Btl. do 18º R.I.

A substituição começou à meia-noite de 21 para 22 de março. As 0135, a Cia. I do 16º R.I., havia ocupado as suas novas posições na vila de Kurscheid, conquistada, nas últimas horas da tarde anterior, pelo 18º R.I. (Ver Croquis 1).

Muitos edifícios na vila estavam se incendiando; alguns incêndios tinham sido causados pela nossa artilharia, outros pelo fogo dos rojões inimigos.

A Cota Kurscheid dominava a parte N.L. numa extensão de 1.000 a 1.400 jardas. Sua altura tornava-a particularmente vulnerável ao fogo da artilharia alemã — condição que o inimigo explorou durante os dois dias seguintes.

Pouco depois de ter ocupado a posição, a Cia. I lançou duas patrulhas, descendo por ambos os lados da má estrada que vai de Kurscheid para o Hanf. Uma patrulha seguiu pelo bosque, a umas 300 jardas à esquerda da estrada. Nesse bosque aparentemente não havia inimigo, pois a patrulha foi até o curso d'água antes de receber fogo e se retrair. A patrulha do lado direito da estrada recebeu intenso fogo de armas portáteis, vindo do bosque à sua direita, quando estava ainda a umas 500 jardas do curso d'água.

O PELOTAO

PLANOS E ORDENS

O 1º Pelotão da Cia. I ocupava uma posição na orla N.L. de Kurscheid, a cavaleiro da estrada, com a maioria de seus meios à esquerda, do lado em que a patrulha havia atingido o curso d'água, sem tomar contacto com o inimigo. Situado como estava, na encosta da Cota de Kurscheid, o Pel. recebeu fogos de rojões em volume crescente. As construções ao longo da orla da vila queimaram durante toda a noite, de modo que as chamas marcavam a silhueta de qualquer homem que tentasse se mover. A despeito deste fato, não houve tiros das armas portáteis inimigas e o único contacto ocorreu quando uma patrulha alemã, de três homens, precipitou-se no interior de nossa linha de tocas e rendeu-se rapidamente.

Durante todo o dia 22, o Pel. esteve sob intenso fogo, principalmente de rojões de grosso calibre, morteiros e canhões autopropulsados. Durante aproximadamente 24 horas foi impossível ter descanso.

O efetivo do Pel., nessa ocasião, tinha diminuído para 26 praças e um oficial. O Sargento Auxiliar, O Sargento Orientador e um Comandante de grupo de combate eram homens experimentados; os outros dois comandantes de grupo eram soldados de primeira classe, com dois meses de combate, aproximadamente. Dos elementos restantes, poucos homens tinham estado em combate durante um ano, outros apenas durante uma semana. Vários não tinham recebido instrução de infantaria antes de terem sido incorporados ao Pel. Apesar de tudo isto, o Pel. era tão bom quanto qualquer pelotão comum das divisões veteranas, naquela época. Tinha a sua mistura de antigos (que variavam de uns poucos hábeis e aguerridos veteranos até os que haviam atingido o seu limite de resistência) com os seus esparsos recrutas, medianamente combativos e parcialmente treinados recém-chegados.

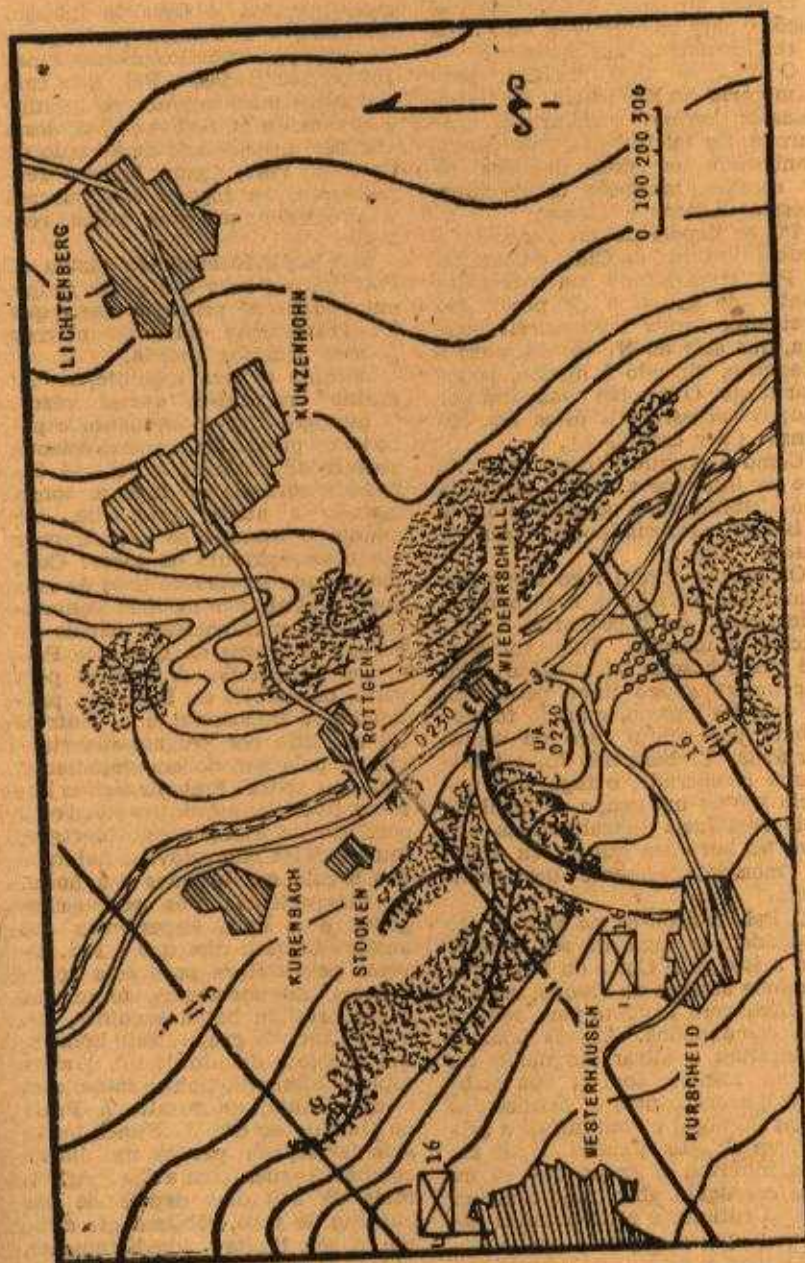
As 17,35 do dia 22 de março, o 3º Btl. recebeu ordem para atacar na direção N.L., tendo em vista limpar a faixa até o Hanf, numa frente de 1.400 jardas, aproximadamente. A Cia. I deveria conquistar Kurenbach e Stocken, enquanto a Cia. I conquistaria a parte do curso d'água compreendida entre Wiederschall, ao N. da estrada, até a ravina ao S. da estrada. (Ver croquis 1). A Cia. L., à esquerda, deveria avançar antes do escurecer, enquanto a Cia. I deveria esperar até a noite.

Em sua ordem, o Cmt. eventual da Cia. I, respondendo pelo comandante da Cia. que estava hospitalizado, disse aos seus comandantes de pelotões que se supunha que o inimigo estivesse ocupando fortemente a parte N.L. do Hanf; que o bosque à esquerda da estrada parecia livre de alemães e que os bosques, à direita, estavam provavelmente defendidos. Estas possibilidades do inimigo eram baseadas nas informações das duas patrulhas realizadas durante a noite.

O 1º Pel. da Cia. I., à esquerda, deveria conquistar Wiederschall e, em seguida, enviar uma patrulha para estabelecer ligação com outra da Cia. L. a meio caminho entre Wiederschall e Stocken. O 3º Pelotão, à direita, iria atacar diretamente na direção do curso d'água. O 2º Pel. ia permanecer em Kurscheid, pronto para se deslocar e apoiar seja um, seja outro dos Pels. de 1ª Escalão.

Os morteiros permaneceriam em Kurscheid, em apoio geral. Não foi feita qualquer menção às metralhadoras, porque na Cia. I a secção era composta de três peças e cada pelotão de fuzileiros estava sempre reforçado por uma peça de metralhadora (assim nos adiantávamos ao atual processo de emprego).

Os 1º e 3º Pelotões deveriam reconhecer locais de travessia para viaturas, no Hanf, e estar preparados para prosseguir no ataque, mediante ordem.



Croquis n. 1

Seriam enviadas turmas com as rações, para os objetivos, logo após o reajustamento nos mesmos.

O P.C. do Cmt. da Cia. permaneceria em Kurscheid. As transmissões seriam asseguradas por turmas de telefonistas, que acompanhariam os dois pelotões de 1º escalão, lançando os circuitos mesmo durante o ataque.

Pouco depois de ter recebido a ordem do Cmt. da Cia., o Cmt. do 1º Pel. transmitia a sua ordem aos Cmts. de grupo e de peça. Ele pretendia seguir uma estreita trilha, que saía do N. da vila para o bosque e, virando à direita, penetrar neste. O Pelotão avançaria por grupos sucessivos e estes em coluna. (Ver croquis 1).

Como o bosque parecia estar livre de inimigos e o luar prometia boa visibilidade, o ocultamento que o bosque oferecia poderia ser de grande valor.

Os grupos foram logo alertados, a munição verificada e os homens orientados. As 22,00 horas, o Pel. iniciou a marcha. Tudo foi bem até que o bosque foi atingido. Mal o primeiro grupo tinha penetrado na orla do mesmo, quando foi recebido por súbito fogo de armas portáteis. Embora não fôsse totalmente inesperado, o fogo, que parecia vir de um grupo de combate e de dois fuzis metralhadoras, obteve tal surpresa que o seu efeito foi momentaneamente desmoralizante.

O Pel. lançou-se no solo e não respondeu ao fogo até ser compelido a isto pelo Cmt. do Pel., que se movia através do bosque, usando de linguagem violenta para com os seus comandados. Alguns homens começaram a atirar, enquanto ele mesmo atirava com a sua submetralhadora contra os clarões das armas inimigas e continuava a gritar com os seus homens. Após alguns minutos, o grupo que ia na testa conseguiu abrir fogo com um volume suficiente e foi possível fazer com que o segundo grupo entrasse em posição, aumentando o fogo na frente.

Logo que o Pel. começou a empregar as suas armas, forçou o inimigo a se retrair. Depois de al-

guns minutos, o fogo do inimigo diminuiu e o avanço prosseguiu. Progredindo cautelosamente umas 100 ou 200 jardas, o Pel. logo caiu sob fogos mais intensos do inimigo e novamente se deteve; mas, desta vez, sem necessidade de atuação do Cmt. do Pel., alguns homens responderam ao fogo e continuaram a progredir seguidos pelos restantes.

Este segundo encontro custou ao Pel. um de seus Cmts. de grupo, um soldado de primeira classe que foi gravemente ferido e morreu poucos minutos depois.

Durante a hora seguinte, o "figurino" repetiu-se várias vezes. O inimigo atirava, enquanto o pelotão progredia vagorosamente, através do bosque; o Pel. se detinha, respondia ao fogo e, continuando a atirar, progredia, enquanto o inimigo se retraiu para um novo conjunto de tocas. Contudo, quase sempre os tiros de resposta do Pel. não partiam voluntariamente, mas somente depois de energicas ordens do Cmt. do Pel. e dos Sargentos. A ligação pela vista, no âmbito do Pel., era praticamente impossível e o controle foi mantido por ordens, advertências e palavras de encorajamento, tudo aos gritos. Embora alguns homens tivessem estado no sangrento combate da Floresta de Huertgen, muitos deles não estavam habituados à luta nos bosques e à noite. A inexperiência dos recém-chegados e a dura experiência dos antigos fizeram com que o Pel. tivesse pouca fibra para esta ação.

Estas circunstâncias foram as causadoras da baixa seguinte, um outro Cmt. de grupo. Este homem, um sargento dotado de um grande espírito ofensivo, tinha estado, com a companhia, no assalto à Praia do Omaha, no dia D. Nunca tendo sido ferido, não perdeu um dia de combate sequer, com a Cia. Agora, mais de 270 dias depois de seu batismo de fogo, subitamente atingiu o seu limite. Imediatamente, antes de sair do lado oposto do bosque, os alemães fizeram um último e mais vigoroso esforço em um conjunto de abrigos nas proximidades da orla. Eles conti-

nuaram a atirar até que o pelotão chegou a 30 jardas. Então, uma dúzia deles rompeu o combate e correu para o Hanf, enquanto os sete ou oito restantes permaneceram lutando. Metade deles continuou a atirar até ser morta em seus abrigos, os quatro restantes renderam-se.

O sargento iniciou o assalto. Se, de fato, participou dele, não se sabe, mas uma vez este último conjunto de abrigos reduzido, o bosque tornou-se silencioso e o silêncio foi perturbado apenas pelos seus soluços. Engatilhando o fuzil, sentou-se ao pé de uma árvore, completamente histérico. Recusou-se a desengatilhar o fuzil, não demonstrava ouvir as ordens, não se deixava comover pela solicitude e estava incapaz para qualquer ação ulterior.

Temendo que este colapso do sargento desmoralizasse os outros homens, o Cmt. do Pel. determinou que dois homens levassem-no de volta para Kurscheid. Levando-o meio carregado, eles partiram para a retaguarda. (Depois de tomar um sedativo, no Posto de Socorro do Btl., e alguns dias de repouso, na região onde estacionavam as cozinhas, ele voltou para a Cia., mas nunca mais voltou a ser um combatente de fato.)

Desenvolvido em linha de atiradores, o Pel. ficou, breve, pronto para se deslocar através das 400 jardas de terreno descoberto que o separavam das primeiras edificações de Wiederschall. A turma de telefonistas, que havia ficado atrás, conseguiu atingi-lo neste ponto e o Cmt. do Pel. telefonou ao Cmt. da Cia., pondo-o a par da situação.

A linha de atiradores avançou vigorosamente — 100, depois 200 jardas. A meio do caminho para o objetivo, o inimigo subitamente abriu fogo com fuzis, pistolas metralhadoras, uma metralhadora e lança-rojões. A maior parte dos tiros era muito baixa, atingindo a encosta à frente dos homens que progrediam.

Aproveitando as poucas cobertas que a encosta suavemente ondulada oferecia, os americanos res-

pondiam ao fogo, mas o inimigo continuava a lançar pesado, embora um pouco mal ajustado, volume de fogo. Avançar diante deste fogo resultaria em pesadas perdas, de modo que o Cmt. do Pel. determinou aos seus homens que se retraissem, por grupos, indo se proteger na orla do bosque.

Telefonou, então, ao posto de comando da Cia., pedindo fogos de morteiros de 60 mm. Em poucos minutos, a seção de morteiros regulou com três tiros e começou com "seção, dez tiros". Continuaram com este fogo intermitentemente, durante uma hora, entre as salvas dos rojões inimigos que batiam as suas posições em Kurscheid.

Enquanto isto, o 3º Pel. estava encontrando dificuldades, do lado direito da estrada. Tinha progredido sem incidentes, até mais ou menos umas 300 jardas do Hanf, quando entrou em um denso campo de minas, batido por armas portáteis. Vários homens foram feridos e o Cmt. da Cia. determinou ao Pel. que retraísse para Kurscheid. O Cmt. da Cia. enviou o 2º Pel. à frente, para apoiar o 1º, e aquele juntou-se a este, justamente quando os morteiros haviam terminado o "amaciamento" de Wiederschall.

Assumindo o comando dos dois pelotões, o Cmt. do 1º Pel. desenvolveu-os em uma longa linha de atiradores e ordenou que suspendessem o fogo até que fossem novamente atingidos. As 02,00 horas, as duas unidades moveram-se, silenciosamente, para a frente. Sua marcha de aproximação não encontrou oposição até atingirem os primeiros quintais, quando quatro vateadores inimigos dispararam alguns tiros e, em seguida, renderam-se. A maioria dos defensores havia se retraído, deixando, à retaguarda, dois soldados gravemente feridos e o pequeno elemento retardador. (Ver croquis 2).

O número total de prisioneiros feitos, durante a noite, atingia a dez. Além disso, tinham sido contados cinco inimigos mortos no bosque e, muito provavelmente, o inimigo havia evacuado vários feri-

dos. O efetivo total dos alemães que se opuseram à ação do Pel., durante essa noite, era provavelmente maior ou igual ao do Pel.

Desde que foi limpa a aldeia, um posto avançado do 2º Pel. foi mandado para o entroncamento mais ao S.

Um telefonema ao Cmt. da Cia. trouxe como resultado a informação de que a Cia. L. tinha chegado aos seus objetivos em Kurembach e Stocken. O Cmt. do 1º Pel. determinou que um dos seus soldados de 1ª classe, Cmt. de grupo de combate, com o seu grupo procurasse a ligação prevista, indo com a sua patrulha encontrar a da Cia. L., que viria de Stocken.

Quando a patrulha partiu, o Cmt. do Pel. determinou aos seus homens que cavassem os seus abrigos em torno de Wiederschall, cobrindo as tocas com troncos e madeiras que havia em torno das casas.

Poucos minutos mais tarde, a patrulha voltava, informando que um carro de combate alemão estava na estrada, a umas duzentas jardas da posição ocupada pelo Pel. Deixando a tropa sob o comando do Cmt. do 2º Pel., o Cmt. do 1º Pel., com dois de seus homens, partiu para verificar o informe e realizar a patrulha.

Verificou que o carro de combate era apenas um boeiro. Uma árvore tinha sido derrubada por um tiro de artilharia e um de seus galhos desnudos, projetando-se através do boeiro, formava um conjunto que, em silhueta, parecia a torre de um carro de combate com o seu canhão.

Com este informe esclarecido, a patrulha prosseguiu o seu caminho para Stocken, sem encontrar ninguém da Cia. L. Em Stocken, o grupo recebeu intimações e pedidos de Senha, em alemão. Retratu-se rapidamente, seguido por tiros esparsos de fuzis, e voltou para Wiederschall. Então, um Cmt. de Pel., muito aborrecido, chamou o seu Cmt. de Cia., o qual, depois de verificar com o Btl., descobriu que o informe anterior, relativo à conquista de Stocken, estava ligeiramente errado. A Cia. L. estava a várias centenas de jardas da orla

W. da localidade. A patrulha do 1º Pel. tinha estado na parte L. da localidade, à retaguarda da tropa alemã que a defendia.

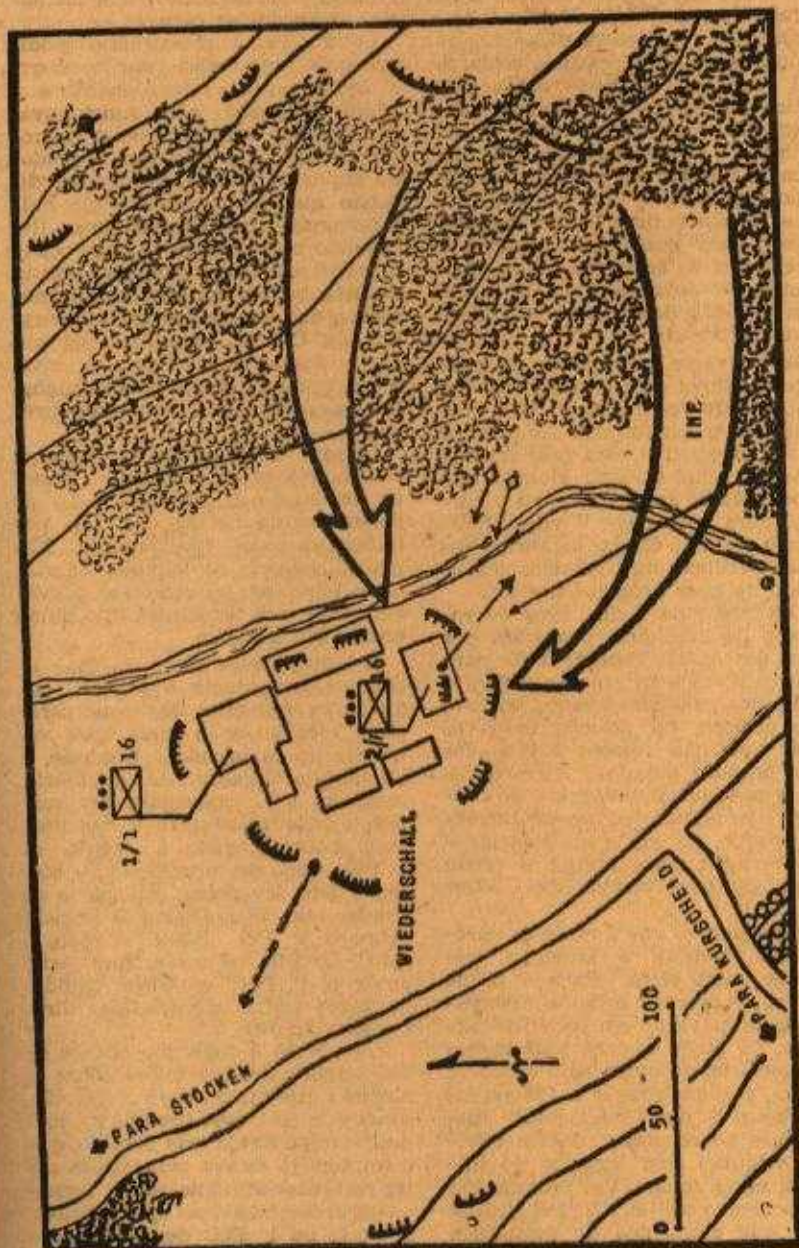
Quando o dia clareou, foram observados soldados alemães no bosque entre Wiederschall e Stocken. Tornou-se claro que a patrulha tinha percorrido cerca de mil jardas de estrada paralela e à retaguarda das linhas alemãs.

Antes do amanhecer, uma turma chegou de Kurscheid, carregando caixas de rações "C". Tinha encontrado um pequeno grupo de alemães no bosque, no itinerário anteriormente percorrido pelo 1º Pel., e depois de uma curta troca de tiros, prendeu um alemão e dispersou os outros.

Poucos momentos antes do amanhecer, o posto avançado do entroncamento a S.L. de Wiederschall foi retraído para a aldeia e todo o pessoal dos dois pelotões recebeu ordem para se abrigar, seja nas casas, seja nas tocas cobertas.

O Cmt. do 1º Pel. telefonou e recebeu a promessa de que todo o apoio necessário, de artilharia, obuses de infantaria e morteiros, seria prestado à tropa que estava isolada. Consumiu toda a manhã regulando os tiros para a Cia. de Obuses do 16º de Infantaria, para o 7º Grupo de Obuses e para os morteiros da Cia. M. (Cia. Ptr. P. do 3º Btl.), de ambos os lados de Wiederschall, e marcando os números das concentrações, em sua carta, à proporção que eles eram recebidos das unidades em apoio. Por volta das nove horas, várias concentrações foram executadas contra o inimigo, ao longo da Crista de Wiederschall, e no restante da manhã não houve nenhum movimento além da crista. Logo no princípio da tarde, um único morteiro alemão começou a atirar na casa ocupada pelo posto de comando do 1º Pel. (Ver croquis 2).

A arma inimiga estava localizada imediatamente depois do Hanf, a menos de 400 jardas. O Cmt. do Pel. de um posto de observação localizado no sótão da casa, tentou destruir o morteiro com tiros de morteiros de 81 mm, mas antes que o morteiro de 81 mm pudesse ajus-



Croquis n. 2

tar o seu fogo, aquêle lançou uma rajada de cinco tiros sobre o P.O., quando o Tenente a disparar escada abaixo até o segundo andar e daí continuar descendo até o primeiro. Antes que o 81 pudesse executar um fogo eficaz sobre ela, a guarnição alemã, segundo tudo indicava, realizava a sua Norma-Padrão de Ação: uma rajada rápida de cinco tiros e, em seguida, correr para uma outra posição à direita ou à esquerda. Este jogo continuou durante toda a tarde, sem que um dos lados conseguisse destruir o outro.

Se houvesse necessidade de mais alguma prova de que o inimigo era plenamente conhecedor da presença da tropa inimiga no interior de seu dispositivo, esta veio durante a tarde. Um soldado alemão que procurava se render, cruzou o córrego para entrar em Wiederschall. Pouco antes de chegar ao abrigo das casas, recebeu um tiro pelas costas, vindo de suas próprias linhas.

Durante todo o dia, tiros de rajadas e de artilharia passaram por cima das nossas cabeças, indo para a Cota Kurscheid; mas a crista, a N.L. dos pelotões isolados, evitava que caíssem na posição todos os tiros que não fossem executados com grandes ângulos. Além disso, as armas autopropulsadas do inimigo não podiam se mover através do bosque, na parte mais distante da elevação, para atingir a crista e realizar tiros diretos sobre Wiederschall.

A proporção que a noite se aproximava, porém, a situação tornou-se mais séria. Para o S. do 2º Pel., o córrego infletia, afastando-se da elevação em poder do inimigo, de modo que os seus carros de combate, do outro lado do curso d'água, podiam chegar a 150 jardas do flanco S. de Wiederschall. Justamente ao escurecer, foram ouvidas viaturas com lagartas do inimigo, nesta zona. (Ver croquis 2).

Ao mesmo tempo, o 2º Pel. informou que elementos de infantaria tinham cruzado o Hanf e estavam se aproximando, vindos de S.L., e o 1º Pel. viu alemães descendo a encosta para o córrego. Logo os tiros de fuzis e das metralhadoras

inimigas, partidos de curta distância, varreram as casas.

O 1º Pel., procurando pedir apoio de fogo à Cia., verificou que a linha estava interrompida e o rádio SCR-300 não funcionava. A situação era realmente pouco promissora, até que um operador de rádio da Cia. L. respondeu dizendo que podia ouvir o 1º Pel. e retransmitiria as mensagens. Recebendo ordens para chamar o Btl. e pedir fogos de artilharia, obuses de infantaria e morteiros, pelos números das concentrações, o operador da Cia. L. misturou os números das mesmas. Podia se ouvir o Btl. pedindo que as concentrações fossem designadas com mais precisão.

Duante este tempo, o inimigo continuava se aproximando. Todos os homens, nas orlas N. e L. do perímetro de defesa dos dois pelotões, atiravam rapidamente. Nas pausas, podiam ser ouvidas as viaturas blindadas movendo-se, provavelmente sem ter conseguido ainda entrar em posição.

O operador de rádio da Cia. L. chamou novamente o 1º Pel., pedindo os números das concentrações, recebeu-os e mais uma vez transmitiu-os errados. Contudo, o oficial de ligação de artilharia, junto ao Btl., conseguiu dar sentido a esta mensagem e executou uma concentração, à frente do 1º Pel., logo do outro lado do córrego. Isto favoreceu esta parte da frente, mas não aliviou a pressão sobre o 2º Pel. Nessa ocasião, o Cmt. do Btl. informou que podia ouvir o 1º Pel. e outros pedidos de fogos foram transmitidos diretamente ao Btl.

Foi aberto o fogo dos obuses de infantaria e dos morteiros, sobre os alemães que atacavam o 2º pelotão, vindos de S.L. (ver croquis 2), mas tanto tempo havia sido perdido, que o inimigo já estava penetrando entre as focas e entre as casas. Tornava-se necessária uma ação drástica. O Cmt. do 1º Pel. deu as coordenadas de Wiederschall e pediu tiros de morteiros de 81 mm sobre a própria aldeia. Mais ou menos dois minutos depois, uma concentração caiu na localidade. Foi repetida e

o fogo inimigo diminuiu. Depois, tão rapidamente como havia começado, o ataque terminou e o inimigo se retraiu, deixando vários mortos e feridos.

A despeito de haver recebido o fogo de seus próprios morteiros, o pelotão tinha apenas uma baixa: o soldado de primeira classe que tinha substituído um dos Cmts. de grupo que o Pel. perdera na noite anterior. Ele quebrou a perna ao saltar para dentro do seu abrigo, quando o inimigo abriu fogo, para iniciar o ataque. Este era o terceiro Cmt. de grupo que o Pel. perdia em 24 horas.

Durante as horas que se seguiram, houve calma em Wiederschall. À meia noite, o Cmt. da Cia. determinou que os dois Cmts. de Pel. voltassem a Kurscheid, para receberem uma nova ordem de ataque. Deixando instruções, tendo em vista preparar os pelotões para o ataque seguinte, os dois oficiais percorreram o caminho de volta para Kurscheid, onde souberam que as localidades gêmeas de Kunzenhohn e Lichtenberg, 1.400 jardas a N.L. de Wiederschall (ver croquis 1) eram o novo objetivo do Btl.

A Cia L devia tomar a ponte sobre o curso d'água, em Rottgen, em frente a Stocken. A Cia. I devia prosseguir para Stocken, atravessar a ponte para Rottgen e atravessar a localidade, depois de feita a sua limpeza pela Cia. L. Feito isto, deveria seguir pela estrada, de Rottgen para Kunzenhohn.

Os Cmts. de pelotão regressaram às suas unidades e, às 02,30 horas do dia 24 de março, o restante da Cia. I reuniu-se aos pelotões, em Wiederschall. Como o Cmt. do 1º Pel. tinha executado a patrulha até Stocken, na noite anterior, seu pelotão foi designado para marchar à testa da coluna de pelotões, no novo ataque.

A Cia. deslocou-se para Rottgen sem incidentes, entrando na localidade justamente quando a Cia. L terminava a sua limpeza. Pouca resistência tinha sido encontrada e não havia indícios de blindados inimigos. Sem se deter, a Cia. I prosseguiu para Kunzenhohn, por

pelotões sucessivos, com uma fila de cada lado da estrada.

Oitocentas jardas à frente, a coluna parou, quando os esclarecedores do 1º Pel. voltaram para informar que, do bosque à frente, vinha o ruído de homens organizando o terreno e cortando raízes de árvores.

Enviando um esclarecedor para a retaguarda da coluna da Cia. a fim de levar o informe ao seu Cmt., o Cmt. do 1º Pel., caminhando pelo campo à direita da estrada, foi à frente para investigar. Os sons, que se tornavam mais claros à medida que ele avançava, eram nitidamente produzidos por homens que organizavam o terreno.

Quando estava a cem jardas ou mais, à frente do seu pelotão, ouviu homens que se aproximavam, vindos da direção do inimigo. Ajoelhando-se na sargeta da estrada, viu um soldado alemão descendo pelo meio da estrada, dez jardas mais atrás um segundo e, ainda mais atrás, um terceiro, enquanto mais uns dois ou três podiam ser ouvidos se aproximando. Embora caminhando pelo meio da estrada, os alemães progrediam de vagar e cautelosamente — era evidentemente uma patrulha da tropa que estava no bosque. (Ver croquis 3).

Ajoelhando-se na sargeta, o Tenente deixou que o primeiro homem passasse por ele, bem como o segundo. O terceiro homem, quando estava a umas quatro jardas, encherrou-o, aproximou-se e falou-lhe em alemão, em tom amigável. Antes que o americano pudesse responder, o alemão verificou que defrontava um inimigo, ergueu rapidamente a sua arma automática e deu uma rajada, ao mesmo tempo que o oficial americano atirava com a sua submetralhadora Thompson. Dois tiros da arma alemã atravessaram a jaqueta do Tenente, enquanto toda a rajada da Thompson pegou em cheio a barriga do alemão. Gritando horrivelmente, ele projetou-se para a frente, caiu e morreu em cima do Tenente.

Estes gritos provocaram um pânico que varreu a Cia. I, causando um retraimento desorganizado de quase todos os seus homens e resul-

tar o seu fogo, aquêle lançou uma rajada de cinco tiros sobre o P.O., lançando o Tenente a disparar escada abaixo até o segundo andar e daí continuar descendo até o primeiro. Antes que o 81 pudesse executar um fogo eficaz sobre ela, a guarnição alemã, segundo tudo indicava, realizava a sua Norma-Padrão de Ação: uma rajada rápida de cinco tiros e, em seguida, correr para uma outra posição à direita ou à esquerda. Este jogo continuou durante toda a tarde, sem que um dos lados conseguisse destruir o outro.

Se houvesse necessidade de mais alguma prova de que o inimigo era plenamente conhecedor da presença da tropa inimiga no interior de seu dispositivo, esta veio durante a tarde. Um soldado alemão que procurava se render, cruzou o córrego para entrar em Wiederschall. Pouco antes de chegar ao abrigo das casas, recebeu um tiro pelas costas, vindo de suas próprias linhas.

Durante todo o dia, tiros de roções e de artilharia passaram por cima das nossas cabeças, indo para a Cota Kurscheid; mas a crista, a N.L. dos pelotões isolados, evitava que caíssem na posição todos os tiros que não fossem executados com grandes ângulos. Além disso, as armas autopropulsadas do inimigo não podiam se mover através do bosque, na parte mais distante da elevação, para atingir a crista e realizar tiros diretos sobre Wiederschall.

A proporção que a noite se aproximava, porém, a situação tornou-se mais séria. Para o S. do 2º Pel., o córrego infletia, afastando-se da elevação em poder do inimigo, de modo que os seus carros de combate, do outro lado do curso d'água, podiam chegar a 150 jardas do flanco S. de Wiederschall. Justamente ao escurecer, foram ouvidas viaturas com lagartas do inimigo, nesta zona. (Ver croquis 2).

Ao mesmo tempo, o 2º Pel. informou que elementos de infantaria tinham cruzado o Hanf e estavam se aproximando, vindos de S.L., e o 1º Pel. viu alemães descendo a encosta para o córrego. Logo os tiros de fuzis e das metralhadoras

inimigas, partidos de curta distância, varreram as casas.

O 1º Pel., procurando pedir apoio de fogo à Cia., verificou que a linha estava interrompida e o rádio SCR-300 não funcionava. A situação era realmente pouco promissora, até que um operador de rádio da Cia. L. respondeu dizendo que podia ouvir o 1º Pel. e retransmitiria as mensagens. Recebendo ordens para chamar o Btl. e pedir fogos de artilharia, obuses de infantaria e morteiros, pelos números das concentrações, o operador da Cia. L. misturou os números das mesmas. Podia se ouvir o Btl. pedindo que as concentrações fossem designadas com mais precisão.

Duante este tempo, o inimigo continuava se aproximando. Todos os homens, nas orlas N. e L. do perímetro de defesa dos dois pelotões, atiravam rapidamente. Nas pausas, podiam ser ouvidas as viaturas blindadas movendo-se, provavelmente sem ter conseguido ainda entrar em posição.

O operador de rádio da Cia. L. chamou novamente o 1º Pel., pedindo os números das concentrações, recebeu-os e mais uma vez transmitiu-os errados. Contudo, o oficial de ligação de artilharia, junto ao Btl., conseguiu dar sentido a esta mensagem e executou uma concentração, à frente do 1º Pel., logo do outro lado do córrego. Isto favoreceu esta parte da frente, mas não aliviou a pressão sobre o 2º Pel. Nessa ocasião, o Cmt. do Btl. informou que podia ouvir o 1º Pel. e outros pedidos de fogos foram transmitidos diretamente ao Btl.

Foi aberto o fogo dos obuses de infantaria e dos morteiros, sobre os alemães que atacavam o 2º pelotão, vindos de S.L. (ver croquis 2), mas tanto tempo havia sido perdido, que o inimigo já estava penetrando entre as tocas e entre as casas. Tornava-se necessária uma ação drástica. O Cmt. do 1º Pel. deu as coordenadas de Wiederschall e pediu tiros de morteiros de 81 mm sobre a própria aldeia. Mais ou menos dois minutos depois, uma concentração caiu na localidade. Foi repetida e

o fogo inimigo diminuiu. Depois, tão rapidamente como havia começado, o ataque terminou e o inimigo se retraiu, deixando vários mortos e feridos.

A despeito de haver recebido o fogo de seus próprios morteiros, o pelotão tinha apenas uma baixa: o soldado de primeira classe que tinha substituído um dos Cmts. de grupo que o Pel. perdera na noite anterior. Ele quebrou a perna ao saltar para dentro do seu abrigo, quando o inimigo abriu fogo, para iniciar o ataque. Este era o terceiro Cmt. de grupo que o Pel. perdia em 24 horas.

Durante as horas que se seguiram, houve calma em Wiederschall. À meia noite, o Cmt. da Cia. determinou que os dois Cmts. de Pel. voltassem a Kurscheid, para receberem uma nova ordem de ataque. Deixando instruções, tendo em vista preparar os pelotões para o ataque seguinte, os dois oficiais percorreram o caminho de volta para Kurscheid, onde souberam que as localidades gêmeas de Kunzenhohn e Lichtenberg, 1.400 jardas a N.L. de Wiederschall (ver croquis 1) eram o novo objetivo do Btl.

A Cia L devia tomar a ponte sobre o curso d'água, em Rottgen, em frente a Stocken. A Cia. I devia prosseguir para Stocken, atravessar a ponte para Rottgen e atravessar a localidade, depois de feita a sua limpeza pela Cia. L. Feito isto, deveria seguir pela estrada, de Rottgen para Kunzenhohn.

Os Cmts. de pelotão regressaram às suas unidades e, às 02,30 horas do dia 24 de março, o restante da Cia. I reuniu-se aos pelotões, em Wiederschall. Como o Cmt. do 1º Pel. tinha executado a patrulha até Stocken, na noite anterior, seu pelotão foi designado para marchar à testa da coluna de pelotões, no novo ataque.

A Cia. deslocou-se para Rottgen sem incidentes, entrando na localidade justamente quando a Cia. L terminava a sua limpeza. Pouca resistência tinha sido encontrada e não havia indícios de blindados inimigos. Sem se deter, a Cia. I prosseguiu para Kunzenhohn, por

pelotões sucessivos, com uma fila de cada lado da estrada.

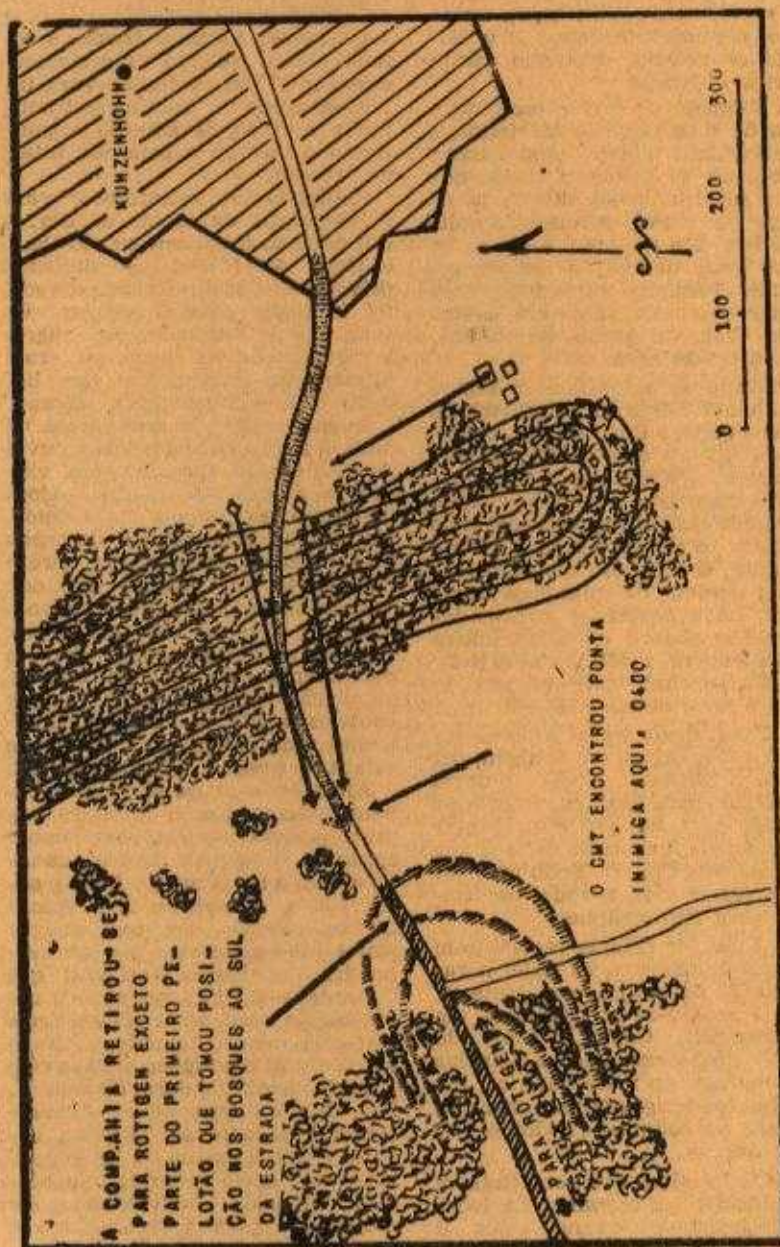
Oitocentas jardas à frente, a coluna parou, quando os esclarecedores do 1º Pel. voltaram para informar que, do bosque à frente, vinha o ruído de homens organizando o terreno e cortando raízes de árvores.

Enviando um esclarecedor para a retaguarda da coluna da Cia. a fim de levar o informe ao seu Cmt., o Cmt. do 1º Pel., caminhando pelo campo à direita da estrada, foi à frente para investigar. Os sons, que se tornavam mais claros à medida que ele avançava, eram nitidamente produzidos por homens que organizavam o terreno.

Quando estava a cem jardas ou mais, à frente do seu pelotão, ouviu homens que se aproximavam, vindos da direção do inimigo. Ajoelhando-se na sargeta da estrada, viu um soldado alemão descendo pelo meio da estrada, dez jardas mais atrás um segundo e, ainda mais atrás, um terceiro, enquanto mais uns dois ou três podiam ser ouvidos se aproximando. Embora caminhando pelo meio da estrada, os alemães progrediam de vagar e cautelosamente — era evidentemente uma patrulha da tropa que estava no bosque. (Ver croquis 3).

Ajoelhando-se na sargeta, o Tenente deixou que o primeiro homem passasse por ele, bem como o segundo. O terceiro homem, quando estava a umas quatro jardas, encherrou-o, aproximou-se e falou-lhe em alemão, em tom amigável. Antes que o americano pudesse responder, o alemão verificou que defrontava um inimigo, ergueu rapidamente a sua arma automática e deu uma rajada, ao mesmo tempo que o oficial americano atirava com a sua submetralhadora Thompson. Dois tiros da arma alemã atravessaram a jaqueta do Tenente, enquanto toda a rajada da Thompson pegou em cheio a barriga do alemão. Gritando horivelmente, ele projetou-se para a frente, caiu e morreu em cima do Tenente.

Estes gritos provocaram um pânico que varreu a Cia. I, causando um retraimento desorganizado de quase todos os seus homens e resul-



tando em graves perdas. Dois carros de combate alemães, em posição, de um lado e do outro da estrada varreram-na, bem como as sargetas, com o fogo de suas metralhadoras. Submetido a este fogo e concluindo precipitadamente que o seu Cmt. tinha morrido, o Pel. desintegrou-se. Quando o Cmt. do Pel. saiu rastejando de baixo do alemão morto e regressou ao local onde havia deixado os seus homens, encontrou apenas menos da metade deles. Muitos deles estavam imóveis nas sargetas; vários, inclusive o Cmt. de grupo que marchava à testa da coluna da esquerda, tinham sido atingidos.

Os carros de combate inimigos continuavam a atirar, ao longo da estrada e varriam as sargetas de cima a baixo. O Tenente ordenou aos primeiros homens que encontrou, na sargeta do lado direito, que saíssem para o campo, escapando deste tiro de enfiada. Poucos homens se moveram. Foi preciso, para ser franco, dar pontapés nos homens para compeli-los a se moverem; isto, a despeito do fato de que a sua única oportunidade de obter segurança residia em abandonar as sargetas. Os homens do lado esquerdo da estrada procederam da mesma maneira e, mesmo depois de terem abandonado a sargeta, um ou dois deles rastejaram de volta para ela.

Uma vez os homens tendo rastejado para o campo, o oficial dirigiu-se para onde a retaguarda do Pel. deveria estar, procurando pelo restante da Cia., mas ela havia desaparecido. Compreendendo que só dispunha de menos da metade de seus homens, determinou que o seu Pel. regressasse à orla do bosque, recentemente ultrapassada.

Seguindo os seus homens no escuro, o oficial precipitou-se sobre a arma da sua peça de metralhadora, que tinha sido abandonada pela guarnição. Levou-a de volta para o bosque, onde encontrou a guarnição da peça e 8 ou 10 homens do Pel. Estes remanescentes foram dispostos em uma curta linha de atiradores, ao longo da orla avançada do bosque (ver cro-

quis 3). Nessa ocasião, cerca de 05,00 horas, a madrugada vinha clareando, um ataque alemão parecia iminente e o Pel. estava sem ligação com a Cia., porque o operador do rádio SCR-300 estava entre os desaparecidos.

Neste momento, o sargento auxiliar do Pel. veio através do bosque e informou que existiam homens da Cia. I. espalhados no bosque.

Determinando que o sargento permanecesse com os homens na orla mais avançada do bosque, o Pel. saiu à procura de reforços. Uma busca de meia hora fê-lo descobrir a maioria dos remanescentes do Pel. e meia dúzia de homens dos 2º e 3º Pels. Um deles era o operador de rádio que ainda tinha o seu SCR-300.

O Tenente tentou, em vão, entrar em ligação com a Cia. pelo rádio. Então chamou o Btl., informando da situação. O Cmt. do Btl. determinou: "A Cia. I avançará a todo o custo". Mas a Cia. I, pelo que o Cmt. do Pel. sabia, consistia apenas de 20 ou 24 homens sob o seu comando.

Enquanto isto, uma patrulha alemã tinha vindo pela estrada, provavelmente para verificar até que distância os americanos tinham se retraído. Os homens no entroncamento esperaram até que a patrulha chegasse a poucas jardas e, então, abriram fogo, matando um alemão e ferindo dois, enquanto um outro rendeu-se. Vendo que a patrulha não tinha voltado, o inimigo abriu fogo, com os seus carros de combate e morteiros, sobre o bosque. Um outro Cmt. de grupo — o quinto Cmt. de grupo a ser atingido — foi morto. Frequentes arrebentamentos, na copa das árvores, feriram vários homens, inclusive o observador dos morteiros da Cia. M. (Cia. Ptr. P. — 3º Btl.) que havia acabado de chegar à frente, para regular o tiro sobre as posições alemãs. O padoleiro do Pel. ficou inconsciente, em consequência da queda de um galho de árvore, mas recuperou os sentidos, depois de cinco minutos, e imediatamente começou a atender os feridos.

O Cmt. do Pel. pediu, pelo rádio, tiros de artilharia sobre os carros de combate. Antes que eles estivessem ajustados, os carros, que tinham estado atirando com o alto explosivo no bosque, subitamente alongaram a alça. Para a retaguarda, através de uma abertura entre as árvores, mais ou menos a uma distância de uma milha, podia-se ver os carros de combate, em reforço ao 3º Btl., deslocando-se ao longo da estrada. Cada carro era submetido ao fogo dos alemães num percurso aproximadamente de 200 jardas, até que uma parte mais alta na cota à frente o protegia novamente. Em poucos minutos, cruzaram o Hanf, em Rottgen e se aproximaram do bosque ocupado pelo 1º Pel. Com eles estavam o Cmt. da Cia. e muitos homens extra-aviados dos 2º e 3º Pels.

A Cia. preparou-se para reiniciar o ataque. O 1º Pel. recebeu ordem para avançar através de 400 jardas de terreno descoberto, no lado S. da estrada, e conquistar a ravina boscosa onde os alemães estavam localizados (ver croquis 4). O 3º Pel., seguido pelo 2º, devia atacar pelo terreno mais ondulado e um pouco mais coberto, no lado N. da estrada. Dois carros de combate acompanhariam o 1º Pel. Os carros restantes, que não podiam transpor o terreno mais acidentado, ao N. da estrada, deveriam permanecer na orla do bosque, apoiando pelo fogo o avanço dos 3º e 2º Pels.

Nessa ocasião, os carros de combate alemães tinham se retraído para além de uma curva existente na estrada, mas não se sabia se eles tinham parado ali ou ido mais para longe. Da ravina boscosa ocupada pelos alemães vinham tiros esparsos de armas portáteis.

A um gesto feito pelo Cmt. da Cia., os pelotões de 1º escalão avançaram. Ao N., o 3º Pel. encontrou séria resistência. Ao S., o 1º Pel., agora reduzido a 14 homens e mais os quatro homens da guarnição da metralhadora, também encontrou cerrado fogo de armas portáteis, metralhadoras e morteiros.

O Cmt. do Pel., auxiliado pelo sargento auxiliar e pelo sargento orientador, não permitia que ninguém parasse e exigia contínuo movimento para a frente, empregando todo o fogo das armas portáteis e dos carros de combate. As primeiras 300 jardas foram muito difíceis, caindo seis homens, em consequência do fogo alemão, um dos quais era o sexto Cmt. de grupo perdido em quatro dias.

Alguns homens vacilavam e os flancos atrasavam-se de vez em quando, mas, estimulada pelos seus comandantes, a tênue linha continuava a atirar e a avançar. A menos de cem jardas da ravina, o fogo dos alemães enfraqueceu sensivelmente e o Pel. aumentou a velocidade e começou a correr. Poucos, se é que havia alguém, entre os que iniciaram o ataque, tinham esperado chegar ao fim; mas agora que o objetivo estava próximo e o inimigo vacilante, a confiança ressurgira e o pelotão lançou-se no interior do bosque.

Uns poucos alemães, ocupando abrigos isolados dos lados da ravina, continuaram a atirar até serem mortos. Outros renderam-se, em face de um assalto feroz. Dentro de dez minutos, estava terminada a limpeza do bosque e da ravina. Dez alemães tinham sido mortos e vinte e dois capturados, neste assalto realizado por uma tropa numericamente inferior.

O motivo da tenaz resistência, oferecida inicialmente, foi descoberto quando se verificou que um dos mortos e um dos prisioneiros eram homens das SS. Eles tinham constituído um núcleo que, pelo exemplo e pelo temor, conseguia realizar uma defesa sem idéia de recuo.

Agora que este objetivo intermediário tinha sido conquistado, restava propriamente a localidade de Kunzenhohn. Se acontecesse estar tão fortemente defendida como a ravina e o bosque, parecia haver poucas probabilidades de conquistá-la. Contudo, o Cmt. da Cia., que atingiu com o 3º Pel. o bosque ao N. da estrada, decidiu prosseguir no avanço, com o mesmo dis-



Croquis n. 4

positivo. Como resultado do assalto coroado de sucesso, o moral estava elevado e o desfalcado 1º Pel. preparou-se, sem hesitação, para avançar.

Os planos encontraram um sério obstáculo, quando o sargento Cmt. da secção de carros apresentou objeções à ideia de cruzar, junto com a infantaria, o campo descoberto, que ia até à localidade. A despeito de ter transposto com sucesso o terreno descoberto, para chegar ao bosque que ocupava agora, insistia em que se realizasse tal progressão, por certo perderia os seus carros.

Sabendo que, na verdade, não conhecia a localização dos carros inimigos, o Cmt. do 1º Pel. mandou que os seus carros ocupassem posição de onde pudessem atirar contra a localidade, durante as primeiras centenas de jardas do ataque. Eles rapidamente ocuparam essas posições e o pelotão desembocou do bosque, todos os homens atirando contra a localidade, enquanto os carros apolavam o ataque, com as suas metralhadoras durante um ou dois minutos, antes que a margem de segurança fôsse atingida.

A umas 150 jardas de Kunzenhohn, o sargento auxiliar do pelotão assinalou umas casas, em uma granja a 200 jardas ao S. do pelotão e mais ou menos a umas 200 jardas a S.W. da localidade. Recebeu ordem de, com mais três homens (os quais com ele constituíam metade do efetivo do pelotão), reconhecer as casas. Os quatro homens restantes, o Cmt. do Pel. e o pessoal da peça de metralhadora prosseguiram sobre a localidade, sem encontrar resistência, até que as primeiras edificações foram atingidas e ocupadas. Houve troca de tiros durante alguns minutos e a munição ficou quase completamente esgotada — uma verificação sumária mostrou que todo o grupo só dispunha de 14 tiros para os diversos tipos de armas. Nessa ocasião, os carros de combate tinham chegado, vindos do bosque, mas desvaneceu-se toda a esperança de obter deles munição, 30, porque, segundo informaram, tinham gasto

até o último tiro de metralhadora.

A escassez de munição foi comunicada ao Cmt. da Cia., que providenciou uma redistribuição, tirando de outros pelotões. Mesmo assim, havia muito pouca munição em toda a Cia.

Meia hora mais tarde, chegou a munição e a Cia. K, que tinha sido empregada à esquerda da Cia. I, penetrou na localidade.

O sargento auxiliar do Pel. deixando as casas da granja que tinha reconhecido, reuniu-se ao Pel. em Kunzenhohn, trazendo três prisioneiros, que constituíam a guarnição de um canhão anticarro que estava localizada em um dos celeiros. O canhão tinha sido apontado para atirar em flanco, logo à frente do bosque e, se os carros americanos tivessem acompanhado a infantaria, no ataque final, ofereceriam os seus flancos como ótimos alvos.

Assim terminou o combate da jornada para a Cia. I e para o 1º Pel. A Cia. reverteu à reserva do Btl., enquanto as Cias. K e L, prosseguiram no ataque, através de Lichtenberg e sobre o objetivo do regimento: Bierth. Em oitenta horas, de 21 de março a 24 de março de 1945, o pelotão tinha perdido, em mortos e feridos, 19 dos seus 26 homens; destes, seis eram Cmts. de grupo de combate, alguns dos quais exerceram as funções apenas poucas horas antes de baixar. A despeito destas perdas, tinha conquistado todos os seus objetivos.

A Cia. I não atacou novamente, se não mais tarde, naquela noite.

ANALISE E CRITICA

Uma recapitulação desse combate não nos mostra uma arrancada heróica, constante e sem vacilações, sobre todos os objetivos. Ao contrário, ela pinta o quadro de uma pequena unidade não muito segura de si mesma — que hesitou às vezes e deixou-se tomar, de maneira ingloria, pelo pânico, uma vez, mas, de qualquer forma, cumpriu suas missões a despeito das pesadas perdas.

Seus sucessos e fraquezas dependeram quase todos do valor da li-

derança exercida sobre ela. Quando o Pel. contou com a presença de chefes que executavam as suas tarefas, realizou a sua performance de modo satisfatório e mesmo heroico, às vezes. Quando se sentiu sem líderes, tornou-se uma dispersão impotente de indivíduos assustados.

Esta liderança tinha que ser uma coisa concreta. Quando seus homens podiam ver o comandante do Pel., à frente da linha de atiradores, assaltando a ravina à frente de Kunzenhohn, avançaram através de fogos que poderiam deter um elemento muito maior. Quando podiam ouvi-lo, gritando ordens e palavras de encorajamento e atirando com a sua própria arma, no ataque noturno em Wiederschall, afastaram o temor do combate à noite no bosque e avançaram com ele.

Por outro lado, quando o Pel. foi surpreendido pelo encontro no escuro, na estrada para Kunzenhohn, dissolveu-se, pois parecia que o seu Cmt. estava perdido. Se considerarmos este incidente, parece que o Cmt. do Pel. cometeu grave erro de julgamento, indo à frente, para realizar, pessoalmente, o reconhecimento. Em um momento em que a sua unidade mais necessitava de um pulso forte, ele estava a umas duas centenas de jardas à frente — distância que, na escuridão da noite, tinha a mesma significação que duas milhas.

O pânico que se seguiu é compreensível. Os homens estavam cansados até os ossos, por uma ação contínua durante 72 horas e o controle sobre os grupos de combate era fraco, se não inexistente, devido ao fato que quatro Cmts. de grupo tinham sido perdidos até aquela ocasião e os novos Cmts. eram volteadores, apenas poucas horas antes. A liderança que eles poderiam ter exercido, para manter o controle, tinha pouca probabilidade de sucesso, desde que correu o grito de que o Cmt. do Pel. tinha sido morto.

Nos três dias anteriores, os comandados do Tenente tinham se colocado em uma situação de quase absoluta dependência em relação a ele — situação perigosa. Tornan-

do-se o elo mais forte, na cadeia das possibilidades do Pel., ele tornou-se, ao mesmo tempo, o seu elo mais fraco, pois, no caso de sua perda, o colapso do pelotão era provável que se seguisse. Embora a sua iniciativa e agressividade fossem louváveis, ele não pode fugir a uma condenação. Ainda que as perdas em comandantes de grupos de combate fossem excessivas, restavam a ele os serviços dos sargentos auxiliar do pelotão e orientador, ambos homens experimentados e de coragem indiscutível. Quando realizou ações como comandar pessoalmente a patrulha sobre Stocken ou reconhecer pessoalmente o inimigo antes de Kunzenhohn, encorajou um afrouxamento do senso de responsabilidade deles. A atitude deles poderia bem ter sido: "Se ele quer fazer tudo pessoalmente, deixa que faça". Em consequência, não estavam preparados para assumir o comando, na emergência com que se defrontaram, na escuridão, na estrada para Kunzenhohn. Esta foi a maior falha em uma performance que, sob outros pontos de vista, foi exemplar.

Embora a opinião dos técnicos possa condenar a decisão de atacar à noite, através de um bosque que não tinha sido reconhecido, a ação sobre Wiederschall mostrou que, dotadas de comandos agressivos, pequenas unidades podem obter sucesso em ataques como este, mesmo que se não obtenha a surpresa.

Na defesa de Wiederschall, as tropas cobertas recompensaram bem o trabalho, quando foi necessário pedir os tiros dos morteiros amigos sobre a aldeia, para repelir os atacantes. A regulação e o registro dos tiros de morteiros, obuses de infantaria e artilharia, durante o dia, poupou tempo precioso, quando estes fogos tornaram-se necessários, durante o contra-ataque.

Se fossem necessárias outras provas do poder no ataque, do combinado carros-infantaria, a conquista da ravina, à frente de Kunzenhohn, seria suficiente. Aquele, uma tropa reduzidíssima de infantaria, acompanhada por dois carros de combate, reduziu a resistên-

cia de uma força alemã muito maior.

A despeito de seus erros, a despeito de suas pesadas perdas e de sua inferioridade numérica, o 1º pelotão da Cia. I conquistou todos os seus objetivos e matou ou capturou alemães em numero maior que o seu efetivo. Os erros iniciais foram corrigidos e os objetivos finais foram conquistados pela combinação do fogo com o movimento — o melhor se não o único modo da infantaria cumprir a sua missão — cerrar o contacto com o inimigo e destruí-lo.

ENSINAMENTOS

1. As unidades de infantaria que recebem carros de combate, em reforço, beneficiam-se grandemente, não somente porque o moral melhora, como ainda pela potência de fogo blindada.

2. As focas cobertas oferecem proteção muito melhor do que as "a céu aberto", o tiro dos morteiros amigos, sobre o 1º Pel., afastou o inimigo, mas não causou nem uma baixa nos homens que estavam nos abrigos cobertos.

3. Nenhuma unidade, por menor que seja, pode atuar com plena eficiência, durante longos períodos, sem que sejam repletados os seus Cmts. de grupo.

4. Um Cmt. de Pel. pode sentir-se, algumas vezes, compelido a participar, pessoalmente, de suas patrulhas, mas quando fizer isto,

não poderá exercer, ao mesmo tempo, o comando de seu pelotão.

5. No comando das pequenas unidades, o aspecto exterior frio, calmo e cuidado nem sempre basta. Às vezes (e isto é particularmente verdadeiro no combate à noite) é necessário energia e voz alta, para controlar os homens.

6. O comando, pelo exemplo, geralmente sobrepujará o temor sentido, normalmente, pelos soldados experimentados, quando em combate. Mas se o medo cresce até o estágio do pânico, nem o exemplo nem a razão serão suficientes. Medidas drásticas, inclusive compelindo os homens fisicamente, às vezes tornam-se necessárias.

7. A execução do fogo durante o assalto, é de grande valor. O soldado comum não tem idéia de como ajudar a si mesmo, atirando muito, mesmo que não veja nenhum objetivo determinado, nessa ocasião; em consequência, só com grande dificuldade é que a maioria dos homens pode ser compelida a progredir e continuar atirando.

8. É necessário um determinado efetivo no 1º escalão, mas uma unidade pode obter melhores resultados se todos os homens forem obrigados a atirar e avançar.

9. Normalmente, apenas poucos homens se destacam na luta, em cada combate e, em geral, são sempre os mesmos homens que se portam bem em todos os encontros.

A SOMBRINHA FAVORITA

FABRICA DE SOMBRINHAS E GUARDA-CHUVAS

DE

F. PEREIRA & CIA.

Fabricantes e Exportadores de Guarda-Chuvas, Sombrinhas e Chapéus de Praia
Artigos para Viagens em Geral Malas, Valises, Pastas e Cadeiras de Lona para
Varanda e Artigos para Barbeiro

FERRAGENS PARA MALAS

Papelão, Fibrolite, Papel para Fôrro, etc.

VENDAS EM GROSSO E A VAREJO

RUA GUINDASTE DOS PADRES, 15 — TELEFONE: 2465

SALVADOR — BAHIA

HOMENAGEM
DE
ALBERTO COCOZZA S. A.
A

brilhante revista de assuntos militares - A DEFESA NACIONAL - pelo transcurso do seu 38º aniversário de fundação em prol da cultura intelectual e profissional dos componentes das classes armadas

SALVE 10-X-913

SALVE 10-X-951

A CAVALARIA E OS PP

Cap. L. C. SILVEIRA, do Regimento Osório

11

"O movimento é a primeira e a eterna característica da Cavalaria" — eis uma verdade que não admite contradições, nem sofismas.

Em torno d'ele, para possibilitá-lo de modo eficaz, gravita uma série enorme de servidões, de cuidados, de desvelos e de carinhos.

Poderíamos citar, acaso quiséssemos, uma infinidade de pequenos "nadas" mas que representam "tudo" no conjunto das medidas tomadas diariamente no seio da tropa por aquêles que nela mourejam conscientemente.

Todavia, não é nosso intuito tecer louvores ao trabalho anônimo dos que labutam na caserna, e sim abordar, sem outras quaisquer pretensões, mais um aspecto da instrução da Arma à luz do que se acha consignado nos PP.

Assim sendo, tomemos os quadros abaixo (PP 21 — 1, 3ª Parte — Págs. ns. 20 e 58, respectivamente) :

46 — MARCHAS A PÉ, BIVAUQUES E ACAMPAMENTOS

Instruendos: Tôdas as praças, exceto, etc., etc.

N. DAS SESSÕES	HORAS	ASSUNTOS	REF. E OBS.
1	2	Na 2ª semana: percurso de 8 Km, com mochila, diurno.....	C 2-5
2	4	Na 4ª semana: percurso de 12 Km, com mochila, diurno..... Execução de um bivaque de uma hora.	C 6-5
3	4	Na 6ª semana: percurso de 6 Km, com mochila, noturno.....	C 7-5
4	10	Na 8ª semana: percurso de 24 Km, com mochila, diurno. Execução de um acampamento de 4 horas	

NOTA 1 — As unidades a cavalo executarão marchas a cavalo nas 4ª, 6ª e 8ª semanas, realizando nesta última um exercício de acampamento, com as horas consignadas no Quadro de Trabalho.

ALTERAÇÕES NO QUADRO DE TRABALHO PARA AS UNIDADES A CAVALO
QUADRO N. 2

MATERIAIS DA INSTRUÇÃO	RELAÇÃO DOS ASS.	TOTAL DAS HORAS	HORAS POR SEMANA							
			1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª
Marchas, bivaques e acampamentos.	46	10				2		2		6

Vejamos, agora, um possível desenvolvimento do que acima se acha prescrito:

A) Na 4ª semana:

a) Inicialmente, diremos que, quer a jornada comece com a execução da marcha, quer esta suceda a um assunto qualquer, haverá sempre um "deficit" prejudicando o desenvolvimento e o rendimento de um ou de outro, pois os tempos determinados nos P P são de "enfiaça", não havendo previsão de descanso, ao fim de cada hora de instrução.

b) Admitindo que:

— para início da jornada seja marcada a execução da marcha de 12 Km;

— o Pel (ou Pelotões ou turmas) não compareça à formatura geral da manhã, como obrigatoriamente preceitua o R-82;

— os executantes tenham vindo mais cedo para o quartel, a fim de retirar o material e conduzi-lo às baías, executar a limpeza sumária dos animais (todos que servem ou serviram no Rio Grande sabem das dificuldades causadas pela estação invernal às alforadas "prematu-ras"), etc., etc.

Teremos, finalmente, começado na hora justa o determinado no Q.T.S.

Entretanto, sendo esta a primeira marcha que os recrutas executarão, é evidente que há necessidade de uma prévia preparação e como esta é imperiosa — pelo menos achamos —, antes da partida, deve ser ministrada; nisto, perderemos 20 minutos.

Ainda, é a primeira vez que o recruta monta com a sela equipada (se para as armas a pé é determinado o uso da mochila, análogamente para nós...), haverá, pois, mais do que nunca, e como sempre, necessidade de ser cumprida uma prescrição regulamentar — "ao montar, os homens se auxiliarão mutuamente de modo a não deslocarem as selas; para isso, cada um segura o loro direito do cavaleiro vizinho". A execução deste preceito regulamentar, acresce um novo "deficit", que orçamos em 10 minutos e que, somado ao anterior, dá um total de 30 minutos.

Desta maneira, pelo que acima ficou exposto, restará, para a execução da marcha, um total de 1 hora e 30 minutos, o que nos leva a concluir não ser possível cobrir o percurso determinado sem prejuízo das outras sessões programadas ou sem chegar atrasado para o almoço etc.

B) Na 6ª semana:

— É dispensável qualquer demonstração, bastando uma simples comparação:

PP — percurso noturno de 16 Km em 2 horas;

R-9 — velocidade à noite, em estrada, 5 Km por hora,

Donde...

C) Na 8ª semana:

É determinada a duração de 6 horas para a marcha e estacionamento.

Se considerássemos unicamente o tempo em si, este seria exíguo, pois só a marcha absorve 4 horas, e as 2 restantes não seriam suficientes

para serem focalizados e realizados os trabalhos mínimos (armar e desarmar barraca, colocação da corda tranco, anel de forragem, cuidados com os animais, etc.) indispensáveis num estacionamento da Arma, agravado pelo fato de ser a primeira vez que os recrutas os realizam.

Todavia, é fácil de se compreender que, nesse dia, o da execução do exercício, a jornada será completa, e o tempo, neste caso, suficiente.

Vimos assim, rapidamente, que no P.P. em questão não foi focalizada precisamente a importância que as marchas têm em nossa Arma, pois "amarradas em excesso"

no tempo, têm sua execução dificultada, precisando para a respectiva realização — como acontece na 4ª semana — uma quase subversão na vida normal da Unidade.

Perguntaremos, agora, por que para as outras Armas são consagradas 20 horas para as marchas, bivaches e acampamentos e para a nossa somente 10? Acaso ela não tem, em toda a sua plenitude, o direito de machar? Não é ela a Arma que tem o movimento como pedestal? Não é ela a Arma que tem o movimento como *fin* e o *fogo* como meio? Por que restrições? Por quê?

(Continua)

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE ILHÉUS

A Associação Comercial de Ilhéus, fundada a 1 de novembro de 1912, foi reconhecida de utilidade pública, mediante o Decreto 4.289 de 29 de junho de 1921. É órgão técnico e consultivo do Governo Federal.

Sua atuação destacada em prol dos interesses das classes laboriosas do Município de Ilhéus e da zona cacaueteira em geral, cercou-a do maior prestígio na região e hoje é uma instituição de renome dentro do estado e em todo o Brasil.

Tem edifício próprio, em linhas sóbrias e imponentes.

Sua atual diretoria é a seguinte:

Diretor-Presidente, Alvaro Mello Vieira.

Diretor-Vice-Presidente, Ananias da Silveira Dórea.

Diretor-Secretário, Adolfo Lima.

Diretor-Tesoureiro, Ananias Menezes.

DIRETORIA

Leovigildo Penna.

Izaaca Albagli.

José Luiz Maia.

José Aristides Leite Mendes Junior.

Milton Bastos.

Pedro Pinto da Silva.

Elisio Nunes.

SUPLENTE DA DIRETORIA

Alberto Storino.

Osvaldo Mendonça.

Sinésio C. Chagas.

CONSULTOR JURÍDICO

Dr. Edgar Lyra.

O PELOTÃO DE MINAS

Ten. GUSTAVO LISBOA BRAGA

MINA PESADA CONTRATANQUE M6 AMERICANA

Mina pesada contratanque M6 é uma resposta ao inimigo no uso dos tanques pesados. A mina pesa 20 libras, das quais 12 são de explosivos. Um peso de 300 a 400 libras sobre a capa de pressão e explode a mina. Há um orifício especial, lateralmente, para colocação de "bubitraps" e, no seu fundo, outro para colocação de dispositivos de descompressão.

Para armar a mina, desaparafuse e remova a tampa de pressão do

seu tópo e verifique se o alojamento para colocação do detonador está livre de corpos estranhos. Remova o "clip" de segurança do detonador e coloque o detonador no seu devido lugar. Recoloque a tampa de pressão, obedecendo-se ao que se lê: "Armed this side up" (armado, este lado para cima).

Para desarmar a mina, desaparafuse e remova a tampa de pressão, retire o detonador e recolque o seu "clip" de segurança. Transporte a mina e o detonador separadamente.



Fig. 1

MINA CONTRATANQUE LEVE M7 AMERICANA

A mina contratanque leve M7 foi desenvolvida para colocação rápida de campos de minas, proporcionando locais de segurança. A mina pode ser retirada e recolocada quantas vezes se fizerem necessárias. A mina é de forma retangular, pesa 4 1/2 libras e contém 3 libras de explosivos. O detonador é o mesmo que para a mina M6 e

Evitando fazer pressão para baixo, recoloque levemente a chapa de pressão. Centre-a sobre o detonador com as bordas viradas sobre cada lado da mina e os seus orifícios coincidindo com os traços verticais da chapa de pressão.

Quando enterrada a mina, coloque sobre ela um pano de cobertura e enterra-a até que a superfície da chapa de pressão não fique mais do que 1" abaixo do terreno.

MINA ANTI-TANQUE LEVE M7 — AMERICANA

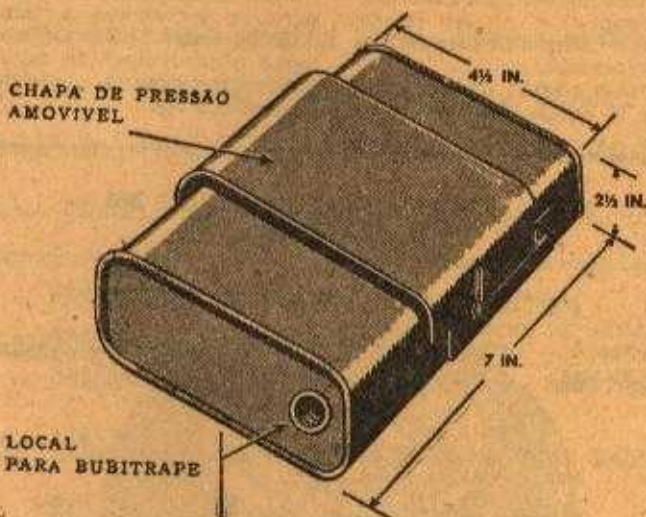


Fig. 2

uma pressão de 150 a 250 libras fará explodir a mina.

A M7 é colocada com o lado maior dirigido para o lado esperado do ataque. Para ser efetiva contra os tanques pesados, as minas deverão ser colocadas duas juntas, uma sobre a outra. Para armar a mina, levante a chapa de pressão e verifique se o alojamento do detonador está limpo de corpos estranhos; então remova o "clip" de segurança e coloque o detonador.

A mina tem um alojamento para "bubitrape", em uma extremidade. Para desarmar a mina, procure cuidadosamente por "bubitrapes", levante a mina e recoloque o "clip" de segurança.

EXERCÍCIOS DO PELOTO DE MINAS

a) *Pista de Minas:* "Os conhecimentos práticos de um dia de combate equivalem a dez meses de instrução". Não existe, pois, razão

para que não procuremos aproximar a instrução o mais possível da realidade, de modo a conseguir um maior rendimento de trabalho.

No que diz respeito a minas e armadilhas, os dois grandes problemas a resolver são:

- eliminar o medo; eliminar a falta de cuidado.

A maneira mais fácil de se alcançar o objetivo desejado é o emprego, no devido tempo, de exercícios na pista de minas, nas condições as mais realísticas possíveis.

Os trabalhos, na pista de minas, devem ser constantes e graduativos — partindo do fácil para o difícil, do simples para o complexo, finalizando com um exercício à noite, numa pista completa, com explosões de pequenos petardos de trotil do lado de fora da mesma, simulando artilharia inimiga e com fogo real ou de festim de armas automáticas — observada a segurança de um homem de pé, por cima da tropa executante.

Na execução dos nossos trabalhos, na pista de minas, devemos observar algumas normas sobre os mais distintos pontos. Assim:

- qualquer elemento, distante cerca de 5 a 10 passos de uma armadilha ou mina, por ocasião da explosão, é considerado perdido e retirado do exercício.
- as minas e armadilhas simuladas podem sem ser preparadas com pequenas cargas explosivas de TNT, da ordem de 200 a 100 gramas. Devemos sempre tomar a precau-

ção de retirar completamente o envólucro metálico do petardo, a fim de evitar acidentes com os estilhaços de fôlha e nas cargas maiores de 200 gramas devem ser enterradas cerca de 45 cm do solo, enquanto as menores podem ficar cerca de 25 cm; análogamente, as espoletas comuns ou elétricas devem ser enterradas a pequena profundidade, a fim da terra absolver parte da explosão.

- Devemos retirar as pedras das escavações feitas.
- Devemos colocar a carga explosiva sempre a alguma distância do detonador e empregar o estopim comum, com cerca de 30 cm de comprimento, nas armadilhas; esta prática dará tempo ao incauto para abrigar-se da explosão provocada.
- Podemos usar, nos nossos incidentes, os detonadores de pressão, tração, descompressão, o acendedor de fricção, as granadas ofensivas (com arame de tropêço), o dispositivo com o detonador de granada seccionado (com arame de tropêço), a armadilha ligada a um fecho de iluminação e em conexão com uma arma automática... Os 3 últimos exemplos são descritos no item anterior deste capítulo. A espoleta elétrica, também, muito se presta para o nosso exercício e o seu emprego mais conhecido é no chamado "livro detonador", que as gravuras elucidam:

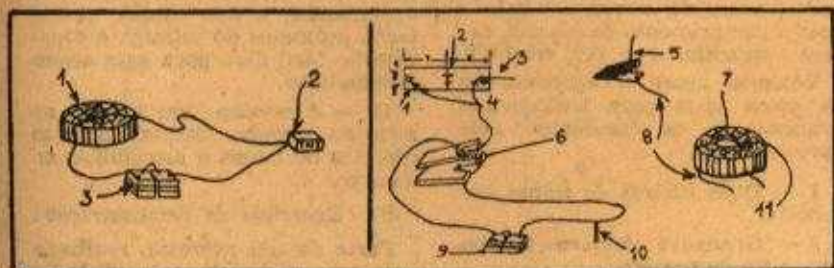


Fig. 3

Ao ser assentado o "livro detonador", a ligação às baterias é a última coisa a ser feita. Deve-se, ao enterrá-lo, cobri-lo com uma folha de jornal ou papel, para evitar que qualquer corpo estranho faça o contacto entre as 2 placas metálicas do livro. Estes dispositivos são de emprego perigoso em terreno muito úmido ou em dias chuvosos. A ligação da carga explosiva ao livro detonador, propriamente dito, deverá ser feita empregando condutor elétrico isolado, pois aquela fica sempre a cerca de 2 m do livro.

O melhor local para se armar a nossa pista é o estande de tiro para fuzil, pois substitui plenamente uma estrada, não é local de passagem obrigatória para outras tropas, permite o lançamento dos nossos engenhos e faculta a execução do tiro por cima da tropa executante.

Preparada a pista, esta deve ser interdita.

A tropa executante deverá ser enquadrada numa situação simulada, recebendo um croquis ou carta da região e uma ordem esclarecendo que o inimigo teve tempo para obstruir a estrada (no nosso caso representado pelo estande de tiro), empregando armadilhas pelas imediações e que o pelotão deve desimpedir a via de comunicações no espaço máximo de 5 horas, pois nossas tropas motorizadas e a pé se deslocarão por aquele itinerário.

O comandante da tropa executante deverá recordar para os seus comandados os conhecimentos e ensinamentos sobre campos minados, antes de entrar em ação e após o cumprimento da mesma, deverá confeccionar o seu relatório.

Vejamos agora a apresentação da nossa pista para treinamento avançado e os incidentes nela apresentados:

1 — Duas fileiras de minas enterradas.

2 — Granadas ofensivas ligadas com o fio de tropéço.

3 — Minas terrestres dispersas, porém não enterradas. Estas minas

devem estar ligadas a detonadores de tração e descompressão. O soldado que levantar uma determinada mina sem que, primeiro, a examine por baixo, nunca mais esquecerá a lição.

4 — Minas terrestres em posições diferentes, juntamente com um obstáculo de madeira. Ligar poucas minas ao obstáculo de madeira, sob o mesmo (descompressão) e espalhar algumas minas ao redor, sem ativá-las.

5 — Erigir duas ou três redes de arame diferentes e ligar armadilhas ao fio. Este obstáculo é comumente encontrado e de difícil remoção.

6 — Ligar dispositivos detonadores por tração ou pressão (livro detonador) a tambores de óleo, tonéis e latas abandonadas, de modo a funcionar com a movimentação dos objetos.

7 — Arame de tropéço ligado a cargas diversas, que, em caso de acionamento, provocará a queda de árvores sobre a estrada (abatizes simuladas).

8 — Campo de minas ativadas — pressão, tração e descompressão, disposta irregularmente, de modo a fazer supor que a passagem está livre, quando somente a metade do campo foi removido. Este incidente ensinará o exame cuidadoso do terreno.

9 — Toras de madeira formando um obstáculo. Não colocar minas ou armadilhas; mas, mesmo assim, os homens perderão tempo procurando-as.

10 — Armadilhas de tropéço, ligadas a faches de iluminação. Os executantes, a esta altura, já estarão próximos do inimigo e constituirão fácil alvo para suas armas automáticas.

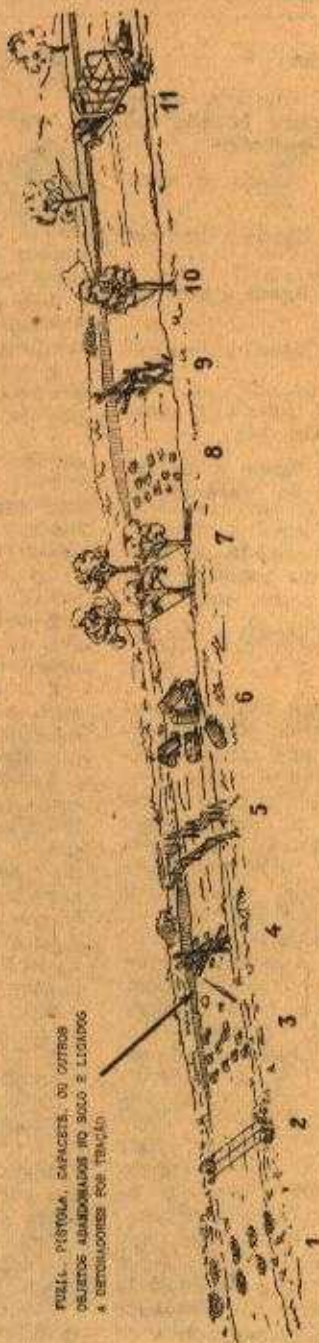
11 — Atravessar um veículo no meio da estrada. Colocar todas as espécies de minas e armadilhas no mesmo.

b) *Exercício de demonstração:*

Parte de um exercício realizado pelo pelotão de minas do 13º R.I., como demonstração para o restante do Regimento, em 1949.

PISTA DE APLICAÇÃO NA REMOÇÃO DE MINAS A. C. E A. P.

FUZA, PISTOLA, CAPACETE, OU OUTROS
OBJETOS ABANDONADOS NO SOLO E LIGADOS
A DETONADORES POR TENSÃO



NOTA: 1 A 11 NUMERAÇÃO DOS OBSTÁCULOS
COMPRIMENTO DA PISTA 1,6 KM

Incidentes criados :

1 — armadilha colocada numa viatura — a viatura impede um pouco a visão do auditório.

2 — armadilha ligada a uma pistola (fig. 10).

3 — armadilha ligada a uma cadeira (fig. 13).

4 — armadilha ligada a uma janela (fig. 9).

5 — armadilha ligada a uma gaveta (fig. 11).

6 — armadilha ligada a uma cerca de arame (fig. 16).

7 — armadilha ligada a um fecho de iluminação (aramé de tropéço (fig. 12.)

8 — armadilha ligada a uma carga, ocasionando a queda de uma árvore (fig. 8).

9 — armadilha ligada a um pequeno fornilho.

NOTA: Devemos usar, de preferência, o detonador de tração ligado a uma granada ofensiva explodindo a pequena distância, pois a instalação é muito fácil e rápida, o que o recomenda para demonstrações. Para o incidente n. 1 aconselhamos a adaptação da espoleta seccionada, descrita no item anterior deste capítulo, por ser de fácil instalação, não oferecer perigo e proporcionar um efeito razoável. Podemos, também, ligar uma bomba de pólvora negra no detonador de tração — não sendo necessária a instalação da espoleta comum M8 — e conseguiremos o mesmo efeito. Para colocação na viatura, instalamos o engenho numa parte resistente da mesma (em baixo do suporte do pára-lama) e ligamos o arame na hélice do motor. Estando o capote da espoleta imobilizado pelo arame, retiramos com cuidado o grampo de segurança da espoleta (no caso de emprego do detonador de tração, retiramos os grampos de segurança). Ao ser ligado o motor do carro, a rotação da hélice acarreta o funcionamento da armadilha.

Meios auxiliares da instrução : duas pranchas com os dizeres :

O QUE VOCÊ NÃO DEVE FAZER

1 — Não corte um arame esticado ; não puxe um arame solto.

2 — Não tente desarmar ou remover uma mina ou armadilha, a menos que você esteja treinado para isso.

3 — Não mova ou toque em veículos abandonados, suprimentos e equipamentos.

4 — Não dirija nem caminhe em áreas não marcadas como limpas de minas.

5 — Não fique em pé sobre os estribos dos veículos.

6 — Não abra portas ou janelas sem primeiro examinar ambos os lados.

O QUE VOCÊ FAZ

1 — Olhe onde anda.

2 — Olhe ambas as extremidades de um arame antes de tocar nele.

3 — Quando você achar uma mina ou "bubitraxe", marque-a e notifique a seu comandante ou a um oficial.

4 — Coloque sacos de areia nos compartimentos dos motoristas de todos os veículos.

5 — Seja especialmente cuidadoso nos edifícios e nas junções de estradas, nas voltas, nas áreas de bosques, nos desfiladeiros, nos pontos de água e variantes em torno das estradas bloqueadas e pontes destruídas.

6 — Transporte uma corda de 50 jardas em todos os veículos.

7 — Estude e observe sinais marcadores (fig. 5).

FASES DA DEMONSTRAÇÃO

Instrutor : Estamos aqui reunidos para uma demonstração de... antes de ir adiante, vou mandar retirar esta viatura daqui, pois está prejudicando a visão da maioria da tropa.

O motorista liga o motor e a armadilha funciona.

O instrutor continuando : é este o assunto da nossa instrução de hoje "Minas e armadilhas".



Fig. 5

Se o motorista tivesse assistido e prestado atenção a uma instrução do tipo da que vamos apresentar agora, não aconteceria o sucedido.

(O instrutor apresenta e comenta as duas pranchas: "O que você faz" "o que você não deve fazer").

Continua em seguida a instrução,

agora em forma de teatrinho. O instrutor chama: Soldado 82. O soldado avança e provoca o funcionamento da armadilha a seu cargo (Oba! uma pistola alemã! vou levar como recordação). O instrutor faz comentários e tira ensinamentos após cada incidente. Figuras: 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13.

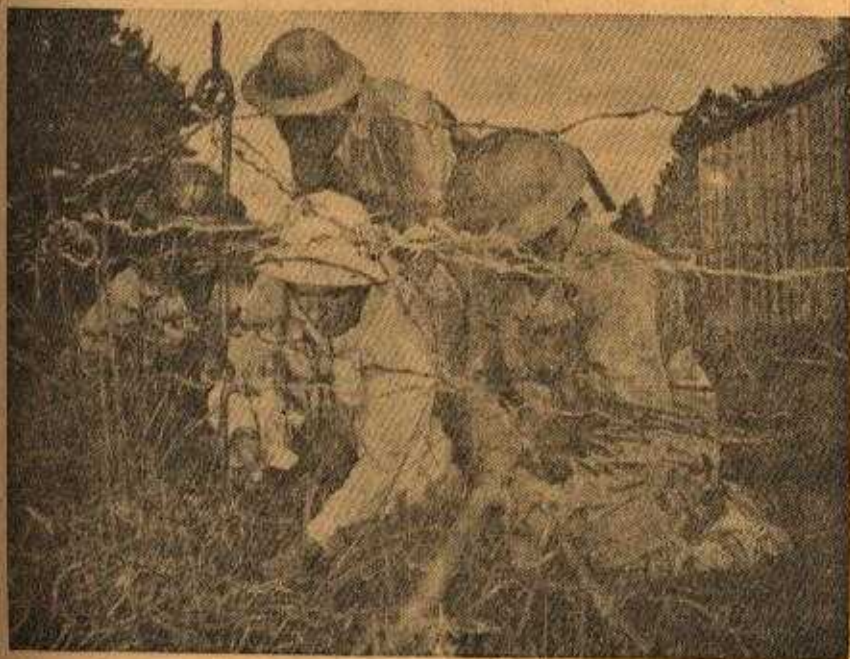


Fig. 6



Fig. 7

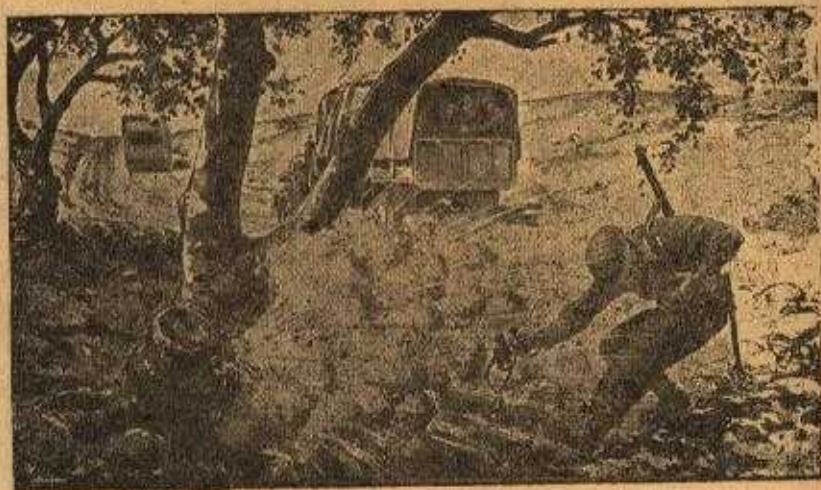


Fig. 8



Fig. 9



Fig. 10

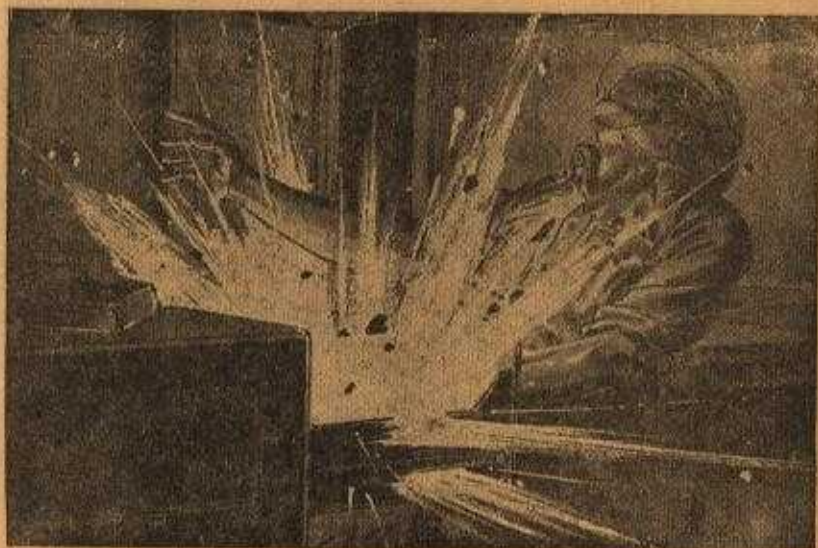


Fig. 11



Fig. 12



Fig. 13

De maneira análoga se sucedem os demais incidentes e, finalmente, com a explosão de um fornilho à distância, fechamos com chave de ouro a instrução.

NOTA: É conveniente escolher soldados bem desembaraçados para o teatrinho.



A FOTO - INFORMAÇÃO

1º Ten. CARLOS CESAR GUTERRES TAVEIRA,
Instrutor do Dep. Foto-Informação da E.I.E.

CAPÍTULO I — A FOTOGRAFIA AÉREA

Quando nos propusemos a elaborar o presente trabalho, foi nossa intenção tornar mais conhecida e melhor compreendida, no nosso meio, esta atividade militar que, em síntese, denominamos Foto-Informação. Mais conhecido, dissemos, por isso que, entre nós, esta atividade só é estudada, no seu sentido mais amplo, na Escola de Instrução Especializada, em cursos regulares, ou, de modo mais rudimentar, em diversas formas de estágios.

Os cursos regulares visam à formação de oficiais e sargentos especialistas no assunto.

Os estágios, cujo objetivo é a divulgação de conhecimentos básicos e elementares a respeito, são cumpridos por turmas de oficiais e sargentos alunos dos vários cursos de especialização e aperfeiçoamento com sede na 1ª Região Militar. Assim, estagiam conosco alunos da E.A.O., Escola de Transmissões, E.A.C., C.R.A.S., etc., etc. Existem, porém, os camaradas que ainda cá não estiveram, ou tiraram esses cursos quando não existiam os estágios. Existem ainda os camaradas cujo conhecimento a respeito da aplicação da fotografia aérea na arte da guerra é bem diverso daquilo que existe hoje em dia.

É a esses, principalmente, que dedicamos o presente trabalho.

Antes de tudo, rogamos sejamos acreditados num ponto: não fomos inspirados por nenhum prurido modernista, nem é nossa idéia haver descoberto, na Foto-Informação, a mola real da resolução dos problemas tático-estratégicos...

Nosso escopo já foi definido nas primeiras linhas. Baseados em notas de aula do Dep. Foto-Informação da E.I.E., regulamentos e conhecimentos adquiridos, vamos tentar atingi-lo.

a) Bosquejo Histórica

Desde o seu invento, a fotografia tem logrado ocupar posição de destaque nas atividades humanas. Fotografias tiradas de pontos dominantes do terreno se prestaram, de início, como preciosos elementos auxiliares na confecção de cartas militares.

O aparecimento e a utilização dos aerostatos permitiu à fotografia estender mais ao longe o seu campo de ação. Em 1858, Nadar, oficial do Exército Francês, obteve, de bordo de um balão cativo, a primeira fotografia aérea. Estava, pois, iniciada uma nova atividade militar.

Dai por diante, em situações diversas, no tempo e no espaço, a fotografia aérea foi empregada militarmente sob um aspecto mais ou menos empírico, ora como fonte de informações, ora como elemento auxiliar na confecção de cartas.

Balizemos sucintamente a sua evolução.

De modo tosco foi utilizada, em 1859, na guerra Franco-Piemontesa; em 1870, apareceram, com um toque de sensacionalismo jornalístico, em periódicos parisienses, fotografias das posições prussianas, obtidas de bordo de balões cativos.

Em 1906, os japoneses empregaram-na com real proveito, em sua guerra contra os russos.

Avancemos um pouco mais.

Em 1910, foi tirada a primeira fotografia aérea, de bordo de um

mais pesado que o ar. De um avião Wright, sobrevoando Roma, foi fotografado o Vaticano.

Esta modalidade de aeronáutica veio expandir, ainda mais, as suas possibilidades militares.

A guerra 1914/18 foi o campo de cultura ótimo onde se desenvolveram os primeiros germes do organismo que hoje vive e se evidencia em todos os exércitos modernos.

O acervo de experiências, fruto de realizações empíricas em guerra anteriores, permitiu se empregasse, de modo mais racional, a fotografia aérea. Câmeras especiais, manejadas por especialistas, executavam recobrimentos fotográficos do terreno; obtinham-se, então, os "mosaicos" ou "Assemblages" denominação francesa que perdurou, entre nós, até bem pouco tempo, influência do contato com a missão gaulesa que esteve em nosso exército.

São criadas, então, em diversos países, as escolas de foto-interpretres. Urgia "decifrar" as imagens fotográficas das posições inimigas. O pequeno raio de ação dos aviões da época permitia apenas o devesamento fotográfico de faixas do terreno pouco além das primeiras linhas inimigas. Tinha-se, então, a busca de informação de caráter eminentemente tático.

A interpretação das fotografias permitia ao comando não mais apenas o delineamento das posições inimigas, mas uma imagem viva e exata dessas posições, em sua extensão e profundidade, com uma riqueza em conjunto e em detalhe ainda não obtida por outro qualquer meio.

Estava, pois, bem definido, o emprêgo tático da fotografia aérea.

Feita a paz, emudecidos os clarins da guerra, plângeram os sinos docemente, concitando os homens à construção de um novo mundo, todo ele criado de amor e boa vontade...

Fecharam-se, então as escolas de foto-interpretres, os maços de fotografias, encaixotados naigum porão, amarelecaram e se decompueram. Não mais carecia aprender uma coisa inútil e sem emprêgo nos próximos mil anos...; apenas, aqui e ali, era ainda a fotografia

aérea utilizada para fins pacíficos. Na confecção de cartas teve o seu maior emprêgo, aliás, com resultados surpreendentemente compensadores.

A última guerra mundial veio encontrar, segundo consta, os beligerantes mais ou menos desprevidos no tocante ao emprêgo bélico da fotografia aérea. Restava, porém, na lembrança dos chefes e seus estados-maiores, a superioridade flagrante que essa atividade já demonstrara como fonte de informação.

O grande desenvolvimento do engenho humano fez o resto. A química, a óptica, a fotografia em especial, a grande capacidade de vôo dos novos aviões permitiram que, de um salto, fôsem de muito ultrapassadas as suas possibilidades puramente táticas. Surge, então, o emprêgo Estratégico da fotografia aérea.

b) A Fotografia Aérea na atualidade

Estatísticas oficiais revelaram que 80 % das informações da última guerra foram obtidas por intermédio da fotografia aérea; esta cifra é, por si só, eloquente. Vejamos por que.

A fotografia, na grande maioria dos casos, é superior à observação direta. O observador, seja aéreo ou não, é susceptível de emoção, e, além disso, o cérebro humano não tem capacidade bastante para guardar de memória todos os fatos que possam ser captados pela visão, nem esta possui um setor tão amplo e com tal agudeza que permita a percepção de todos os detalhes.

A fotografia, pelo contrário, sendo isoladamente um documento frio e absolutamente isento de influências emocionais, em conjunto convenientemente interpretada se apresenta como a imagem viva e palpitante da faixa do terreno fotografada.

Os grandes progressos da ciência possibilitaram fôsem as servidões técnicas reduzidas ao mínimo.

Um dos fatores que muito contribuiu para que a fotografia aérea ocupasse tal destaque, como fonte

de informações, foi a grande facilidade e presteza de obtenção. Aviões rápidos, câmeras automáticas, emulsões sensíveis, equipamento automático de revelação, cópia e secagem permitiam que grandes faixas de terreno fossem fotografadas em pouco tempo e que, cerca de duas horas após a aterragem do avião, 5 exemplares de cada recobrimento, com 500 fotografias cada um, estivessem prontos para a distribuição às unidades interessadas. Esta rápida divulgação, ao interessado, de informações atualíssimas, dava ao chefe, quando mais não fosse, um comando excepcional sobre um dos fatores de grande relevância na guerra: o tempo.

Vejamos agora alguma coisa a respeito da fotografia aérea, tal qual nos é apresentada.

De um modo geral podem ser verticais ou oblíquas.

Verticais, as que são obtidas com o eixo da lente sensivelmente na vertical. Oblíquas, quando este eixo possui uma inclinação considerável.

Fotografia Vertical

Possui uma escala uniforme, o que permite a perfeita avaliação do tamanho real dos objetos fotografados e, em consequência, medição de distâncias. O terreno e os objetos nele existentes se apresentam como se fossem vistos de cima.

São tiradas com recobrimento, de modo a possibilitar a percepção do relevo por meio da visão estereoscópica, isto é, cada fotografia possui 60 % da anterior e, assim, os objetos ou acidentes do terreno são fotografados de dois pontos diferentes, o que facultará a estereoscopia, sendo o par de fotografias convenientemente ajustado num estereoscópio.

O terreno é fotografado em faixas extensas e muitas vezes justapostas; ao conjunto das fotografias de uma determinada missão, dá-se o nome de "corrida".

A superposição judiciosa das fotografias consecutivas de uma corrida apresenta a imagem contínua

do terreno num documento que tem o nome de mosaico.

A interpretação das fotografias verticais exige conhecimentos e sobretudo muita prática. Abordaremos este assunto mais adiante.

Fotografia Oblíqua

Apresenta-nos uma imagem bem mais familiar do terreno, que nos é mostrado tal qual estivesse sendo visto de um ponto alto, de uma elevação, digamos; podemos, então observar, com clareza, o escalonamento sucessivo das linhas de altura.

Acompanhando ordens de operação, é utilizada para a designação de objetivos, bases de fogo e de partida, observatórios, etc., etc. Esclarece, com maiores detalhes certos pontos obscuros na fotografia vertical.

Fotografias Especiais

Normalmente, a fotografia aérea emprega o filme de emulsão pancromática e os objetos nos são apresentados em branco e preto, passando por todos as tonalidades de cinza, tal qual a fotografia comum que todos conhecemos.

Missões especiais, porém, requerem o emprego de fotografias especiais.

Esta modalidade é fruto do grau de aperfeiçoamento atingido por esse ramo de atividade científica que genericamente chamamos fotografia.

Seu emprego é limitado às missões que são absolutamente indispensáveis. São diversos os tipos de fotografias especiais, de acordo com o fim a que se destinam.

Vejamos, de relance, alguns desses tipos.

Fotografia infra-vermelha

Fotografias tiradas com filme de emulsão sensível à radiação infra-vermelha. Tem eficaz emprego na detecção de camuflagem de organizações, de vez que o material de disfarce (telas, pinturas, rédes, etc.) reflete os raios infra-vermelhos de modo diverso do material natural (grama, folhagem verde).

Dentro de certos limites, esta emulsão permite a obtenção de fotografias através de bruma.

Fotografias noturnas

Antes de seu aparecimento, a atividade aerofotográfica cessava com o pôr do sol.

Câmeras e artifícios iluminativos especiais vieram estender, às 24 horas do dia, esta atividade.

Nessas fotografias, graças à técnica empregada, ainda que durante a noite, o terreno se apresenta claro, oferecendo boa visibilidade, havendo mesmo quem as confunda com fotografias diurnas.

Permite seja revelada a atividade do inimigo durante a noite (deslocamento de tropas, concentrações a céu aberto) e o seu maior emprêgo é a verificação imediata dos efeitos de bombardeios aéreos noturnos, o que foi utilizado, na última guerra, em tôdas as missões de bombardeio aéreo-estratégico levadas a efeito, pelos aliados, no coraço do continente europeu.

Anaglifo e Polaróide

Um dos fatores primordiais, na interpretação de fotografias aéreas, é a percepção do relevo por meio da estereoscopia; assim, era de todo interesse que, ao invés de um par estereoscópico ser interpretado por um só indivíduo, como normalmente é feito, fôsse possível, em determinadas ocasiões, pudesse ser visto, em relevo, por várias pessoas ao mesmo tempo. Foi, então, criado o Anaglifo e, em seguida, o Polaróide.

O anaglifo, em rápidas palavras, se obtém pela superposição das imagens de um par estereoscópico sobre um mesmo plano, sendo as imagens impressas em cores complementares uma da outra, geralmente azul ou verde e vermelho. Munidos de óculos tendo uma lente azul ou verde e outra vermelha, vários indivíduos, ao mesmo tempo, terão a percepção do relevo e, deste modo poderão interpretar, em conjunto, a fotografia em aprêço. O "Polaróide" se obtém de modo semelhante, utilizando, em vez de

cores complementares, propriedades da luz polarizada. Utiliza-se, para a interpretação, óculos com lentes polarizadas ortogonalmente.

Estes tipos de fotografias foram muitíssimo empregados no reconhecimento aero-fotográfico das costas ocidentais da Europa, durante o planejamento da invasão do continente.

Ampliações de anaglifos ou polaróides das prováveis regiões de desembarque eram estudadas, em conjunto, pelo pessoal empenhado na missão, sem que isso exigisse nem adaptação nem grande dispêndio de energia visual por parte do mesmo.

Radarscópica

Este tipo de fotografia utiliza a onda de radar na captação das imagens. As vantagens e servidões do seu emprêgo serão praticamente as mesmas que presidem a aplicação do radar.

Foi empregada em grande escala nas operações estratégicas da última guerra.

Vimos, até aqui, alguma coisa sobre a fotografia em si. No que diz respeito a material, o exercício perfeito da Foto-Informação, de qualquer exército, exigirá equipamento técnico especializado. A exploração de uma de suas características principais, a atualidade das informações, requer o funcionamento de um mínimo de material e método de trabalho adequados e próprios à atividade:

— Aviões rápidos, câmaras poderosas, equipamento automático de revelação, cópia e secagem de fotografias e apreciável disponibilidade de material de consumo: filmes virgens, papel de cópia, sais e ácidos para revelação, etc., etc.

Mesmo não se obtendo o máximo rendimento, a foto-informação será sempre uma atividade capaz de fornecer ao comando os dados que lhe serão valiosos, em qualquer fase da guerra.

No próximo capítulo, abordaremos o emprêgo da fotografia aérea, como fonte de informação.

(Continua no próximo número)



COERENCIA BRASILEIRA

Gen. FELICIO LIMA

O Brasil vem mantendo e desenvolvendo aceleradamente a mesma instituição do seu passado glorioso.

Ao seu povo, que, no exercício dos princípios liberais, não poderá deixar de imprimir à civilização sul-americana a fisionomia e orientação de seu aperfeiçoamento, incumbe, na presente hora de singular dificuldade na História Universal, uma tarefa indeclinável na defesa do patrimônio da Pátria e de sua soberania.

As raízes ideológicas da última guerra mundial que nos avasaliou não refletem somente um dos choques armados em que frequentemente desfecham concorrências ou antagonismos econômicos até o paroxismo das grandes crises.

O conflito internacional que se estendeu pelo mundo foi devido, em face do progresso humano, a duas concepções de vida social, por assim dizer, o presente irreduzível que ainda apresenta, aos olhos do observador, um aspecto agudo e crítico das causas e efeitos: o nazi-fascismo e o comunismo.

Dai o trabalho de desintegração da cultura ocidental vir-se processando com rapidez tão crescente que os historiadores, em análise segura, puderam reconstituir a árvore genealógica por onde se vem propagando a seiva alimentadora dos frutos envenenados que tanto têm amargado o mundo.

Porém, tais conceitos materialistas, desprezando, na teologia cósmica, a expressão de uma inteligência criadora, cortaram pela raiz a possibilidade de uma ordem que se impusesse ao respeito individual com jerarquia intangível de seus valores.

Resultou, então, a negação progressiva do espírito humano subtraindo todos os fundamentos ontológicos de sua eminente dignidade, rebaixando o homem à simples categoria de animal gregário e exigindo-lhe uma ideologia incondicional que deturpa o caráter.

Os dirigentes das nações, muitas vezes empolgados pelo seu poderio, esquecem-se de que os grandes desvarios, no domínio do poder, são inexoravelmente seguidos de

não menos grandes cataclismos sociais. Eis o motivo pelo qual as duas poderosas máquinas de guerra — Alemanha e Rússia — ofereceram o mais propício campo de cultura ao desenvolvimento do vírus totalitário, numa experiência dolorosa!

E foi por isso que os democratas pegaram em armas, com o objetivo de quebrar a mais formidável organização bélica que uma ideologia fatal havia montado, visando uma conquista inaceitável: impunha-se a luta, para a defesa dos fundamentos da nossa civilização perigosa, em prol das liberdades privadas.

E que a exteriorização de tão belo intuito é humana, porque a repugnância pelo desprezo dos postulados pelos quais tanto se sacrificaram as Nações Unidas, em defesa dos povos oprimidos, se justifica plenamente, em face de decisiva colaboração e real cooperação na política internacional, procurando as nações, nas últimas guerras, a paz e a liberdade de todos os povos.

A paz é um problema de psicologia dos povos em luta. Há paz na América do Sul e no Mar das Antilhas, por exemplo, porque o império luso-espanhol se desmoronou; donde, somente poder haver paz no mundo quando desaparecer da superfície da terra as ambições imperialistas; de outro modo, nada impedirá que se desencadeie uma terceira guerra mundial, para resolver em definitivo essa palpitante questão. Só assim ficaria fundamentado o equilíbrio internacional, o único estável, porque se baseia no respeito e na igualdade dos povos.

Esse o motivo de a Rússia estar perturbando as negociações de paz, pois que continua a se apossar dos bens dos povos fracos e a cercar-lhes a liberdade e a soberania; essa a origem das justas reivindicações que provocam as guerras.

Vêm a propósito as palavras de Pierre Van Poass, em seu livro — "Estes Dias Tumultuosos", com re-

ferência à Alemanha, após a guerra de 1914-18:

"Esse povo sordidamente humilhado, sem esperanças, reduzido à fome e à miséria, cuja mocidade sentia a decepção e a inutilidade de sua existência, estava pronto para tudo, para todos os expedientes, por mais absurdos e insensatos, desde que se pudessem libertar da escravidão imposta em Versalhes. O povo alemão tinha perdido a fé no jogo parlamentar e nos métodos empregados pelos diplomatas para aliviar o fardo de Versalhes, quando surgiu Hitler, comportando-se — segundo se disse algures, com muita propriedade — como um homem de perna de cortiça que caísse em ataque epilético sobre um telhado de zinco".

Assim, o Brasil chegou à conclusão lógica de que a finalidade dos princípios totalitários, por limitadas que sejam as suas aplicações, é invadir todo o domínio da cultura e reclamar da individualidade uma submissão irrestrita, não deixando intacto qualquer de seus valores espirituais.

Esse caráter ideológico da imensa luta não permitiu uma neutralidade, não obstante as suas simpatias ou antipatias nacionais, na certeza de que a vitória das Nações Unidas teria uma amplitude de consequências não só de ordem econômica e política, senão também de alcance moral e religioso que a nenhuma alma cristã deixaria indiferente.

É que as aparências políticas de um governo popular não raro dissimulam, na história, a tirania das massas ou o despotismo das minorias. Porque as forças de tais governos são contingências históricas que variam de povo a povo e, num mesmo povo, com as diferentes fases de sua evolução social.

Eis porque o Brasil se associou aos Estados Unidos: segundo a Carta do Atlântico, comprometeram-se, de modo indeterminado, em favor do direito de todos os

povos quanto à escolha da forma de governo sob a qual desejam viver. Daí a Rússia tomar parte na Sociedade das Nações.

Portanto, a O.N.U. está lutando para conseguir a ereção de uma vida comum baseada no respeito da dignidade de cada cidadão, que é o portador de um destino social elevado — para cujo êxito é titular de direitos imprescritíveis, — estendendo as suas exigências às instituições econômicas e políticas, jurídicas e sociais, mas impondo limites intransponíveis para não sacrificar as liberdades essenciais que condicionam a padronização da vida humana.

Escreveu notável estadista:

"Todo o plano de preservação da paz que tiver como base a consagração ou, mais propriamente, a inviolabilidade de um estado de coisas existente, para o fim de consolidar a hegemonia mundial das três grandes potências sobreviventes, estará destinado ao fracasso. Tais processos, no passado, conduziram o mundo ao sofrimento e acabaram banhado-o em sangue..."

A esses princípios liberais o Brasil se aliou, a despeito das livres preferências em matéria de regime político, numa intuição profunda das realidades em jogo e com a nobre missão de defender também os fundamentos naturais da concepção cristã na sociedade mundial.

A lógica das idéias veio trazer, à luz dos fatos, a confirmação de uma evidência irrecusável: a realidade de que as indispensáveis liberdades, sem as quais não é possível viver dignamente, postulam uma concepção de vida que o liberalismo do Século XIX recebeu com hostilidade e com a indiferença das cousas supérfluas.

Depois, veio a confirmação, isto é, a política impossibilitada de resolver os magnoz problemas sem uma filosofia social que não exclua as funções do tratar o ser humano como uma pessoa moralmente livre.

A reconstrução do mundo de após-guerra, que deve ter por fundamento a implantação dessa Nova Ordem por que todos aspiram, constitui, pois, o verdadeiro problema da revolução espiritual das bases de nossa civilização.

E para se conseguir esse desiderato, tornar-se-ia necessário que o ajuste de contas fôsse mantido no sentido de impedir a Alemanha de dominar o Continente Europeu, deixando-lhe tão somente uma reserva para ser a detentora do equilíbrio de forças entre as democracias de Oeste e o totalitarismo do Leste, patrocinado pela União Soviética.

A Alemanha não é mais bárbara do que as demais nações do mundo, porque a guerra não é uma consequência dos instintos bestiais dos povos, mas o fruto de profundo antagonismo social, a exploração de uma maioria produtiva e incauta por uma minoria locupletadora e perversa, em cujas mãos estão os problemas econômicos e políticos do Estado.

Os estadistas que desejam uma paz duradoura devem ter em vista o que declarou Wendell Willkie, quando em viagem à Índia e outras colônias:

"Encontrei nesta parte do mundo o mesmo que encontrei na China: um crescente espírito de fervoroso nacionalismo... Causa inquietante para quem acha que a única esperança mundial jaz na tendência contrária".

Eis porque, a partir de 1939, os povos começaram a compreender a necessidade impreterível de segurança coletiva, além dos mares que separam as nações. E para alcançar esse altruístico objetivo, pelo qual combateram os nossos soldados nas montanhas dos Alpes e Apeninos e nas planícies do Rio Pó, reuniram-se todos os países, inclusive o Brasil, os Estados Unidos e a Coreia do Sul e fundaram a Sociedade das Nações.

Consequentemente, ante a agressão inopinada sofrida por esta úl-

tima nação, estão lutando na desditosa península os soldados da O.N.U., originários das Américas, dos países europeus e mesmo asiáticos. Espiritualmente, o Brasil acha-se ali representado, por força do compromisso assumido, como membro da importante Sociedade Internacional.

Não se trata, em conclusão, de uma questão asiática, mas sim de uma defesa internacional. Daí a coerência do Brasil, evidenciada pelo nosso Ministro do Exterior, na última reunião das nações americanas realizada nos Estados Unidos.

A RESTAURADORA

Viuva Francisco Beck

GASOLINA — ÓLEOS — PEÇAS "CHEVROLET"
PEÇAS "FORD"

OFICINA ESPECIALIZADA EM REFORMA DE
AUTOMÓVEIS, CAMINHÕES, MOTOCICLETAS E
ÔNIBUS — SERVIÇO DE LUBRIFICAÇÃO
ESPECIALIZADA

RUA NILO PEÇANHA, 9 — FONE 08-110

SALVADOR — BAHIA

ROMULO DIAS COSTA

ITABUNA BAHIA

MOBILIÁRIA MODERNA DE

Paulo Fues

Móveis para quartos, salas de jantar, visitas e escritórios — Cadeiras em geral, colunas, floreiras consolos, mesinhas de centros, etc.
Permanente e variado sortimento de Móveis de São Paulo e Rio em todos os estilos e para todas as dependências

VENDAS A DINHEIRO E A PRAZO

RUA DR. SEABRA, 130-132 — TELEFONE 6044 — BAHIA

CONSIDERAÇÕES SOBRE A GUERRA DA CORÉIA

General MANOEL CARNEIRO DA PONTOURA

A Coréia é uma pequena nação, que está situada num recanto da Ásia Oriental, onde se choca a ambição de três grandes países: Japão, Rússia e China. A China, dilacerada por convulsões intestinas, sempre foi considerada o concorrente fraco; a Rússia, outrora sob o regime do czarismo, era o "colosso com os pés de barro", na expressão irônica de um cronista internacional britânico; e o Japão, após a espetacular vitória militar sobre os moscovitas, no começo do século, alinhou-se entre as grandes nações imperialistas. Em 1905, o Japão declara zona de sua influência político-econômica a parte da Ásia continental, que lhe fica imediatamente vizinha, isto é, a Coréia e a Mandchúria, no que é tolerado pelas potências mundiais.

A desmedida ambição imperialista custou muito caro ao Japão, em 1945. Pesa-lhe, ainda, a ocupação militar e tem a lamentar a perda da soberania sobre algumas ilhas, situadas dentro e fora da área metropolitana, bem como a da influência nos estados vassalos da Coréia e da Mandchúria. Esta passou a gravitar na órbita soviética e aquela ficou dividida pelo paralelo 38 em duas áreas territoriais, sensivelmente equivalentes e semi-soberanas: Coréia do Norte, comunista, e Coréia do Sul, democrática. Na Coréia do Sul, as Nações Unidas mantêm um contingente militar de ocupação diretamente subordinado ao Comando Aliado, em Tóquio. Na partilha dos despojos do Império do Japão, no que toca a controle militar, em regra, coube à Rússia o quinhão continental, com exceção da Coréia do Sul; coube aos Estados Unidos o insular, menos a parte meridional da ilha Sakhalin e o arquipélago das Kurilas que fe-

cha, pelo sul, o mar de Okhotsh. Tal é, em traços rápidos, a situação internacional, no oriente da Ásia, ao se iniciarem as hostilidades, há um ano atrás.

Sob a supervisão japonesa, na Coréia como na Mandchúria, as atividades econômicas, principalmente a mineração, sofreram grande impulso, passando ambas as regiões a serem consideradas, em conjunto, uma das áreas mais adiantadas da Ásia continental. No que diz respeito à Coréia, por exemplo, a indústria extrativa é notável, sobretudo pela variedade, figurando, entre os minerais, os seguintes: alumínio, arsênico, bário, caulim, cobre, fluorespato, grafite, ferro, mica, molibdeno e tungstênio. Alguns desses minerais são considerados de extraordinária importância, na economia de guerra. Vejamos, a título de curiosidade, algumas das principais aplicações militares dos minerais coreanos:

— alumínio: é utilizado na fabricação de pistas de aterragem portáteis, refúgios individuais portáteis;

— bário: é utilizado na fabricação de cápsulas fulminantes para projeteis de artilharia, bombas incendiárias e projeteis traçadores;

— cobre: a importância é tal, que se costuma dizer: "um exército sem cobre significa um exército privado de movimento, ligação e potência de fogo";

— fluorespato: do qual se elabora ácido que é empregado, como "catalizador", na fabricação de gasolina para avião;

— grafite: foi um material importante na investigação que culminou na fabricação da bomba atômica sendo utilizado como "moderador" para reduzir a ação dos neutrons de urânio;

— ferro : o ferro e o aço são os materiais básicos para a construção, não só de equipamentos fabris, como de veículos mecanizados ;

— molibdeno : é utilizado, em liga, na fabricação de equipamentos de radar, hélices, tubos para fuselagem ; e

— tungstênio : é utilizado em liga na fabricação de peças de artilharia, projéteis perfurantes, filamentos para válvulas de rádio.

Os minérios de ferro das jazidas da Coreia do Norte são de fraco teor (cerca de 35 a 40 % de ferro metálico), porém, juntamente com os da Manchúria (ao sul de Mukden) e os da China (vale inferior do rio Yang — Tze e península de Shantung) são as fontes de melhor aproveitamento econômico existentes na Ásia Oriental.

Além da produção mineral, a Coreia conta com agricultura, criação de animais de região montanhosa e pesca costeira, cujas atividades se concentram de preferência na região ao sul do paralelo 38°. Entre os produtos agrícolas mais importantes, destacamos : trigo, arroz, tabaco, linho e canhamo.

A guerra da Coreia, que ultrapassa dos estreitos limites de um conflito local, reveste-se do aspecto universal e transcendentais de um choque preliminar, entre duas ideologias, ambas fortalecidas na luta contra o inimigo comum, por ocasião da II Guerra Mundial. Sua causa é determinada por fatores diversos, um de âmbito nacional e os demais de âmbito mundial. Com efeito, para o coreano, a guerra é a luta em prol da estruturação política de sua pátria, alicerçada numa ou noutra base ; para os geo-economistas, o conflito tem por objetivo a posse de importantes fontes de matéria-prima mineral ; e para os geo-políticos, é a disputa em redor de uma posição que se tornou de grande importância no jogo da dominação do mundo, devido a complexo de condições : política, econômica e, principalmente, estratégica.

O bávaro Karl Haushofer, inspirador da GEOPOLITIK alemã, enunciou, uma geração humana antes da explosão da primeira bomba atômica no deserto do Arizona, a tese de que o poder terrestre que se assenhorear da Eurásia dominará o mundo. A Rússia, a julgar-se pela marcha, metódica e segura, da expansão da ideologia comunista, primeiro, na Europa Oriental, e a seguir, na Ásia Oriental, está, ao que tudo indica, não longe de consolidar a influência, política e econômica sobre a Eurásia. Por outro lado, a presença de forças militares democráticas, sob a exclusiva direção norte-americana, na península da Coreia, produz o efeito psicológico não só de impedir o alastramento por aquele lado, da expansão comunista como também de constituir uma ameaça a pesar sobre a eventual cooperação militar sino-soviética.

Há, ainda, a considerar o aspecto político-econômico, cuja importância não é preciso encarecer. O aproveitamento dos minerais coreanos, não interessa, pelo menos por enquanto, aos EE.UU. ; poderá interessar, de certo modo, à Rússia ; e certamente interessará, e muito, ao Japão ou à China. Tanto a U. R. R. S. como os EE.UU. fizeram a última guerra, sem contar com os minerais da Coreia. E o seu transporte, para esses países, é bastante dificultado pela considerável distância a vencer. Todavia, há um evidente cuidado de ambos os partidos em evitar que o que se lhe opõe conte, livremente, com tais recursos econômicos. Há indícios de que se cogita do restabelecimento do poderio militar japonês, purificado em Hiroshima. Será o mais extraordinário acontecimento político deste início da era atômica, a participação nipônica na defesa da causa democrática, no Oriente.

A desgraça dos coreanos é terem recebido de Deus um rico quinhão situado num recanto do mundo, onde o diabo vive a soprar a ambição de poderosos vizinhos.

OS INTERESSES ESTRATÉGICOS DO REINO-UNIDO

Major-General SIR IAN JACOB, K.B.E., C.B.,
ex-Secretário-Assistente Militar do Gabinete de
Guerra Inglês (1939 a 1946) — Tradução e adap-
tação pelo Ten.-Cel. Raphael de Souza Aguiar

II

As nações que formam a União Ocidental ou que dela possam participar são : o Reino-Unido — a França — a Itália — a Bélgica — a Holanda — a Dinamarca — o Luxemburgo e a Noruega. Essas nações têm uma população total de 160 milhões de homens. À primeira vista, esse número deveria representar um bloco poderoso, mas na verdade ele possui verdadeiros pontos fracos. Somente três desses Estados, por sua grandeza, seriam capazes de fornecer forças suficientemente importantes para serem utilizadas em uma guerra moderna. O valor do grupamento dependerá dos efetivos terrestres e aéreos que os três Estados puderem fornecer, em conjunto, para participar e manter-se em presença dos grandes conflitos que venham a se travar pela posse da Europa Ocidental. Dependerá, ainda, da vontade desses Estados agirem de comum acordo, como um único bloco, dotado da vontade de vencer e se disporão de um parque industrial capaz de suportar os seus esforços. Não será possível, senão dentro de mais alguns anos, responder com segurança e de modo favorável a essas questões. A França, que seria obrigada a fornecer as principais forças de terra, não se encontra em condições de pôr em campanha um grande exército moderno, apoiado por uma força aérea também moderna, tudo sufi-

cientemente alimentado por armas e munições. O poderio da Grã-Bretanha não pode ser desenvolvido nem rápida nem completamente, no continente. As forças Italianas encontram-se limitadas pelas contingências de tratados.

Todos os países da Europa Ocidental contam atualmente com a assistência Norte-Americana para ajudá-los, evitando-lhes o desastre econômico. Não será preciso um longo estudo para concluir que todas as nações que compõem atualmente a União Ocidental ou que dela venham a participar, em futuro, não se encontram em condições de se opor aos Russos, nem impedir a ocupação da Europa Ocidental.

Consideremos agora o que será o tabuleiro dos acontecimentos, para a "União Ocidental", se ela for apoiada solidamente pelo Canadá e pelos E.E.UU., através do Tratado do Atlântico.

Esse enorme acréscimo de poder será, por certo, decisivo, com o tempo, mas poderá impedir que a Europa seja esmagada?

Como ressalta aos olhos, em uma guerra moderna, com o emprego de todas as armas conhecidas, é da maior importância que se mantenha firmemente a Europa e que se não permita a qualquer nação apoderar-se de suas posições, sobre o litoral atlântico. Como ideal, uma linha atravessando o centro da Eu-

ropa deverá ser mantida, para permitir à Grã-Bretanha o desenvolvimento do seu poder.

Os americanos possuem, na Europa, forças de terra e ar mas, na verdade, não se acredita que essas forças, juntamente com as da União Ocidental, sejam suficientemente fortes para manter essa linha central.

Não devemos acreditar que a queda de algumas bombas atômicas sobre a Rússia será bastante para deter as operações de seus exércitos na Europa. Eles serão, talvez, retardados e perturbados, mas durante a última guerra os Russos demonstraram uma notável aptidão para progredir regular e inflexivelmente através de regiões que, no percurso de centenas de quilômetros, tinham sido devastadas pelo avanço e pela retirada dos alemães. Supondo-se que a guerra se desencadeie ao sabor dos Russos e no momento em que eles o desejarem, será fantasia imaginar-se que o poderio americano seja suficiente, na Europa, para defender uma frente tão extensa.

Parece provável que os EE.UU. terão de montar uma retirada segundo a direção das três bases disponíveis: — Grã-Bretanha — Espanha — Itália. Aos aliados ocidentais caberia a missão de manter os Alpes — Os Pirineus e a Mancha, até que se possa mobilizar uma força capaz de contra-atacar.

É uma má expectativa por duas razões:

Primeiro: — porque as populações dos países invadidos poderiam ser levadas a alinhar-se nas fileiras Russas, por pressão externa e por solapamento interno. Foi o que Hitler procurou e não conseguiu, mas o objetivo de estabelecer um novo regime europeu e uma "fortaleza europeia" poderá realizar-se.

Segundo: — não é certo que o Reino-Unido possa servir de base sólida e de trampolim para uma contra-ofensiva, como se deu na guerra passada.

Parecem existir dois meios capazes de impedir a invasão da Europa Ocidental. O primeiro seria o de

criar, em todo o mundo, um ambiente contrário à União Soviética, capaz de forçá-la a abandonar a idéia de arriscar-se em um conflito. Poder-se-ia dizer que isso constitui um meio indireto de atingir os fins.

O equilíbrio estável na Europa não seria conseguido, mas a Rússia seria impedida de aproveitar-se das fraquezas da Europa Ocidental pela utilização do que lhe adviria, se ela cometesse o atentado.

O segundo meio é direto e comporta a integração da Alemanha ou, em todo o caso, da Alemanha Ocidental, na União dos Estados do Oeste Europeu. A Alemanha possui uma grande população, grandes recursos industriais e muita capacidade técnica. Se uma Alemanha democrática pudesse ser criada e conseguida a sua entrada total no sistema de segurança da Europa Ocidental, o objetivo Aliado, na Europa, poderia se realizar. É preciso que isso se dê de modo que a Alemanha aceite voluntariamente a posição, em pé de igualdade e sem suscitar antagonismos e nem rivalidade entre a Alemanha e a França. Não será possível manter a Alemanha sob estado permanente de submissão e deve-se ter como finalidade a sua força e habilidade do mesmo modo que serão utilizadas as dos países da Europa Ocidental, dentro de um plano comum e no interesse comum. O mérito da primeira hipótese consiste em que, se conseguida, a guerra seria definitivamente evitada, pois que as mesmas considerações, aplicáveis à Europa, aplicar-se-iam também fora dela. De mais, o problema difícil da política alemã poderia ser deixado para que se resolvesse por si mesmo. Não parece um plano muito seguro e de prognóstico favorável. Ninguém poderá saber que medidas de força seriam necessárias para deter os russos, não importa em que momento, e o entendimento, com oportunidade, de uma coalisão mundial sólida poderia, talvez, ser difícil. A criação de um poder irresistível levaria as Potências Ocidentais a impor à vida normal da União Soviética condições tão duras que a impelisses à guer-

ra, tal como se deu com o Japão, em 1941. Do ponto de vista inglês, não parece que uma força geral, em comum, se bem que desejável, possa substituir uma força particular, capaz de manter a sua posição, na Europa, em caso de guerra. Tudo faz crer que a Alemanha deva ser ligada à Europa Ocidental, identificando completamente os seus interesses com os das Potências que a constituem. Ainda mais, será preciso integrar o potencial militar da Alemanha com o do Reino Unido, de modo a criar um poder quase inatacável, até onde ele se tornar necessário. Sob o ponto de vista estratégico, um vazio no centro da Europa é muito perigoso. Isto não quer dizer que o Reino Unido não deva também levar o seu poderio a outras regiões. Será de grande importância estar preparado para exercer, em qualquer ponto, uma ação para que, em caso de guerra, se possa contrabalançar a força que a Rússia possa apresentar na Europa. Desse modo, reduzir-se-á a pressão e se prestará um auxílio essencial para ganhar a batalha decisiva no Velho Mundo.

O REINO-UNIDO E O COMMONWEALTH

Passemos, agora, a considerar, num quadro mais amplo, a posição do Reino Unido relativamente ao Commonwealth. Já chamamos a atenção sobre o vivo interesse do Reino Unido, na situação europeia, mas as nações do Commonwealth têm, nela, um interesse que lhes é próprio, bem maior do que aquele que diz respeito ao Reino Unido. No passado, o perigo que se apresentava aos domínios era indireto. Desde que o Reino Unido se mantivesse íntegro e as esquadras do Commonwealth dominassem os mares, nenhuma nação europeia poderia atacar os domínios britânicos. O problema consistia, então, em saber como organizar-se com o auxílio e apoio prestados pela contribuição dos domínios. Esta posição modificou-se, dentro de certos limites, com a 2ª Guerra Mundial, quando o ataque do Japão passou a constituir uma ameaça direta à

Austrália. No futuro, novas situações poderão se apresentar, porque o perigo vindo da Rússia poderá surgir ou na Europa Ocidental ou em direção à Índia ou através do Polo Norte sobre o Canadá, caso a ciência resolva o problema dos foguetes de longo alcance.

A difusão do comunismo, inspirado pela Rússia, poderá ocasionar um movimento de massas em direção ao Sul e sobre as regiões desguarnecidas da Austrália. É preciso que o Commonwealth esteja pronto a agir em várias direções e que todos os seus membros estejam prontos, com o Reino Unido, a lutar pela sobrevivência. A agressão Russa será um perigo mortal para todos.

Quais as possibilidades para o auxílio mútuo e como deverá ser organizado?

Durante uma conferência de Chefes do Commonwealth, discutiu-se a esse respeito e muitos delegados pareciam ter o sentimento de que o Commonwealth não podia ser nunca considerado como um bloco, nem na sua política exterior nem na sua defesa. Parece que a maioria dos argumentos baseava-se numa idéia falsa do que representava a expressão "apoio recíproco", decorrente de conceitos emitidos, relativos ao ponto de vista do Reino Unido.

Deixando de lado a questão sentimental, existem várias razões para que relações internas sejam desejáveis entre o Reino Unido e os diversos domínios. Mas, enquanto que do ponto de vista do Reino Unido as razões não diferem de um domínio para outro, são elas bem diferentes quando vistos sob o ponto de vista dos domínios entre si. O Reino Unido tem necessidade do apoio decidido dos demais membros do Commonwealth, porque eles representam valores de diversas naturezas:

- 1 — efetivos.
- 2 — reaprovisionamentos.
- 3 — pontos obrigatórios das linhas de comunicações, sobre os quais efetivos e reaprovisionamentos terão de circular. São, assim, bases essenciais para a defesa des-

sas linhas. E, pois, por razões de interesse, é que o Reino-Unido exige de cada domínio e dos EE.UU. ligações internas, para consultas, no que respeita aos trabalhos de defesa e para uma íntima cooperação, preparadas desde o tempo de paz. De mais, é inconcebível que o Reino-Unido guarde a sua neutralidade, se um ou outro dos domínios for atacado por inimigo externo. Dêsse modo, as consultas são necessárias, para que o auxílio do Reino-Unido possa ser rápido e potente. Não se trata de saber se o Commonwealth é ou não uma unidade estratégica. O Reino-Unido não mantém uma organização Central, em Londres, nem em qualquer outro lugar, que dirija ou coordene os projetos e os preparativos defensivos do Commonwealth. Trata-se de realizar uma cooperação eficaz entre o Reino-Unido e cada um dos domínios independentemente. Vejamos por exemplo: Reino-Unido — Canadá: ambos se interessam em impedir que uma Potência inimiga obtenha uma posição dominante, ao N. do Oceano Atlântico ou nos territórios vizinhos.

O Canadá conta com o Reino-Unido, para a defesa das costas leste e os dois países devem se reunir, para a defesa do Oceano que os separa.

O Reino-Unido tem necessidade do Canadá, a fim de garantir os seus reaprovisionamentos, sua indústria e a sua vida.

As duas nações devem estar intimamente ligadas aos EE.UU., cuja segurança estaria gravemente ameaçada, no caso de que o Reino-Unido e o Canadá sucumbissem.

Elementos completamente diferentes agem para formar a cadeia entre a Austrália e o Reino-Unido.

A Austrália tem necessidade de que lhe seja assegurada a ajuda do Reino-Unido, em momentos difíceis, e é por isso que ela se interessa vivamente na grande via atravessando o Médio Oriente e o Oceano Índico. A Ásia de Sueste pode ser, quer um bastião, sobre o flanco N. da Austrália, quer um trampolim para uma invasão, tudo depen-

dendo de qual das Grandes Potências venha a dominar essa região. A manutenção da posição do Commonwealth, no Oceano Índico, tem a maior importância para a Austrália e ela deverá acordar sua ação com o do Reino-Unido, ali e no Oceano Pacífico, ao mesmo tempo. O Reino-Unido tem vivo interesse na Ásia de Sueste, na África Oriental e no Golfo Pérsico. Ele tem necessidade dos produtos da Austrália e deve estar pronto a ajudá-la nos momentos críticos. A segurança do Oriente Médio tem uma grande importância, para ambas as nações, não somente como posição a meio de caminho, entre elas, mas principalmente pelas razões do óleo ali existente.

Relações semelhantes existem, ligando o Reino-Unido com os demais domínios. Certos domínios têm razões igualmente fortes para entenderem-se intimamente entre si.

A velha concepção da figura de uma mãe que aconchega os filhos, no carinho do lar e impõe a todos uma mesma linha de conduta, era encarada pela Comissão de Defesa Imperial. Isto hoje cedeu lugar a uma nova concepção que surgiu da ação desenvolvida antes e durante a 2ª Guerra Mundial e que se baseou na ideia de um Estado-Maior interaliado que se reuniria para distribuir missões específicas. Assim, o problema da defesa Anglo-Canadense que existe e continuaria a existir se não houvesse o Commonwealth, pode ser encarado por seus organismos de cooperação, em Londres e Ottawa, simultaneamente.

O problema da defesa Anglo-Australiana é estudado em Londres e Camberra, ao mesmo tempo, sendo que um de seus aspectos particulares, é da defesa do Pacífico Sul, no qual a Nova Zelândia é interessada, se concentra, por melhor conveniência, em Camberra. O futuro poderá determinar uma outra organização zonal que se encontrará em pontos que melhor atendam aos interesses dos membros do Commonwealth, contíguos às suas posições geográficas.

O traço comum e predominante desses entendimentos é a participação do Reino-Unido, em condições de igualdade, com os demais membros do Commonwealth. O Reino-Unido permanece o mais experimentado, o mais desenvolvido industrialmente e o mais forte dos membros do Commonwealth e tem interesses espalhados por todo o mundo; sua posição geográfica, vizinha ao continente europeu, coloca-o próximo da fonte de perigos e todos os laços que ligam o Reino-Unido aos países do Commonwealth terminam em Londres. O bom funcionamento da nova máquina administrativa do Commonwealth é, pois, de grande importância para o Reino-Unido e é necessário que exista um certo grau de coordenação de esforços internos, como os que se processam em Camberra-Londres e outras localidades, onde existem como que vários cordões que devem ser reunidos.

No mais, a idéia predominante é a de permitir, aos países ligados pelos mesmos interesses e uma mesma história, o direito de resolverem os problemas que lhes são comuns, sem se engajarem na responsabilidade de outros problemas que não lhes diga respeito e sem

qualquer regulamentação ou controle. A nova concepção do mecanismo para a defesa acomoda-se bem com os interesses dos demais sistemas de organização regionais que apareceram desde a guerra passada, tal como o *Tratado Atlântico*, a *União Ocidental* e a *defesa do Pacífico Sul*, a que já nos referimos.

Esses novos sistemas têm por fim unir — “como consta da Carta das Nações Unidas” — países que tenham interesses comuns, em face de suas posições geográficas. Com a evolução dos acontecimentos, eles terão necessidade de órgãos de Consulta, para a preparação de planos militares e industriais em comum e mesmo para o caso de comando de Exércitos combinados. Se tomarmos, como exemplo, o caso do Pacto do Atlântico, o mecanismo consultivo estabelecido pelo Reino-Unido e Canadá, no tocante ao trato dos problemas de defesa comuns, apresenta-se com um campo mais extenso. Este é o exemplo mais evidente, no momento, mas outros igualmente distintos poderão se apresentar, no Oceano Índico, no Oriente Médio e no Pacífico.

(Continua)

D. F. VASCONCELLOS

FABRICANTE DE INSTRUMENTOS ÓPTICOS

BINÓCULOS PRISMÁTICOS

TELÊMETROS

GONIÔMETROS-BÚSSOLA

ESTEREOSCÓPIOS

Av. INDIANÓPOLIS 4254

SÃO PAULO

“CAML”

COMERCIAL ARMANDO MENESES LTDA.

SEGUROS — REPRESENTAÇÕES — CONTA PRÓPRIA

MATRIZ: Rua Rodolfo Vieira, 27-31 — Enderêço Telefónico “Meneses”

ILHÉUS — BAHIA

FILIAL: Ed. Corrêa Ribeiro — 3º And. S/1 — Cx. Postal, 974 — Tel. 4965

End. Teleg. “Azil” — SALVADOR — BAHIA

OS MILITARES E OS PROBLEMAS SOCIAIS

Ten.-Cel. RIOGRANDINO DA COSTA E SILVA

VIII

A EVOLUÇÃO DE UMA DOUTRINA SOCIAL

Desde que Karl Marx e Frederico Engels, usando de todos os meios e processos de agitação das massas, lançaram o brado de guerra contra o capitalismo, através de suas teorias eminentemente revolucionárias e subversivas, começaram a surgir adeptos das suas idéias em diferentes países europeus. Onde, porém, o credo nivelador encontrou campo admiravelmente preparado para uma disseminação fácil, imediata e largamente produtiva, foi no solo enorme e vastíssimo da velha Rússia, cujo povo vinha sofrendo, de há muito, as mais tirânicas e bárbaras opressões. Tudo ali era, por assim dizer, exageradamente escandaloso e selvagem. A aristocracia e, bem assim, as classes médias viviam na maior opulência, entregues a orgias desenfreadas, enquanto o povo, a massa incalculável de camponeses e operários, sofria o jugo do mais cruel despotismo. A moral, como a cultura, era do mais baixo nível, pois os costumes se caracterizavam pela maior devassidão e a instrução popular, onde existia, era criminosamente rudimentar e imperfeita.

Até 1880, poucas eram as fábricas e empresas industriais existentes na Rússia, em cuja economia predominava o regime de servidão, abolido exatamente por aquela época (1861), mas sem resultados práticos apreciáveis. Os

grandes senhores de terras arrendavam suas propriedades em condições iníquas, obrigando os camponeses a pagar-lhes uma renda como aluguel e, além disso, a trabalhar de graça em determinadas extensões, com material e animais que eles próprios deviam possuir. Era a chamada "prestação pessoal". E, quando não convinha esse sistema, o camponês ficava obrigado a pagar a renda em espécie, entregando ao senhor da terra a metade da colheita. Era a "parceria".

Não obstante, extinto que se achava o regime de servidão, o desenvolvimento do capitalismo industrial se processou rapidamente, de modo que em 25 anos, de 1863 a 1890, o número de operários aumentou de 706.000 para 1.433.000, unicamente nas grandes fábricas e nas empresas ferroviárias. Durante o último decênio do Século XIX, a grande indústria capitalista tomou ainda maior incremento e o número de operários que trabalhavam nas maiores fábricas, nas empresas industriais, na indústria mineira e nas estradas de ferro elevava-se a 2.207.000, nas 55 províncias que então constituíam a Rússia Européia, e a 2.792.000, em toda a Rússia.

As condições de trabalho dessas massas, já consideráveis, de obreiros eram as piores possíveis e as mais penosas que se possam ima-

ginar. A jornada de trabalho, nas fábricas e empresas industriais, nunca era inferior a 12 e meia horas, enquanto chegava, na indústria têxtil, a ser até de 14 a 15 horas.

O trabalho das mulheres e crianças era fartamente explorado, pois estas últimas trabalhavam com o mesmo horário dos adultos, mas ganhavam, como as mulheres, salários muito inferiores. Além disso, o próprio nível dos salários era extraordinariamente baixo. Muitos operários não ganhavam mais que 7 ou 8 rublos por mês; os trabalhadores mais bem pagos das fábricas metalúrgicas e de fundição não recebiam mais de 35 rublos mensais. Não havia nenhuma medida de proteção ao trabalho, como não existia, também, o seguro operário. As condições de existência dos trabalhadores eram o que de pior se possa imaginar, quer do ponto de vista moral, como higiênico e social.

A ARREGIMENTAÇÃO DO PROLETARIADO

Era natural, inevitável mesmo, que um campo assim propício e admiravelmente preparado fôsse habilidosamente explorado pelos agitadores socialistas, que começaram a promover a arregimentação do proletariado nas mais variadas entidades. Os trabalhadores mais inteligentes foram colocados à frente da classe, na luta contra o capitalismo, e surgiram, desde logo, as primeiras associações operárias. Aparecem, então, sucessivamente, a "União dos Operários do Sul da Rússia", em Odessa (1875) e a "União dos Operários Russos do Norte", em Petersburgo (1878). Logo em seguida, surgem os primeiros grupos propriamente marxistas, dos quais o primeiro foi organizado por Plekanov, em 1883, sob a denominação de "Emancipação do Trabalho". As sociedades secretas não foram, entretanto, desprezadas e, entre elas, aparece em primeira plana a celebre "Narodnaia Volia" (Vontade do Povo), que, agindo eficientemente por meio de atentados ter-

roristas, conseguiu assassinar o Czar Alexandre II, em 1 de março de 1881.

LENINE COMEÇA A AGIR

Entre os chefes dos diversos agrupamentos revolucionários existentes na Rússia, não tardaram a surgir divergências mais ou menos profundas, quanto ao modo de atuar de uns e outros. Aparece, então, nesse período, o verdadeiro fundador do bolchevismo, chamado Vladimir Ilich Ulianoff, ou mais simplesmente Lenine, como veio a se tornar mundialmente conhecido.

A atuação de Lenine se torna imediatamente decisiva e o movimento revolucionário do operariado passa a ostentar, desde então, a marca inconfundível de seu talento e de sua energia inquebrantável. Assim é que, logo em 1895, o grande agitador reúne todos os círculos obreiros marxistas de Petersburgo, já em número de 20, e funda a "União de Luta pela Emancipação da Classe Operária", considerada como a primeira organização da Rússia a estabelecer a "fusão do socialismo com o movimento operário" e, ao mesmo tempo, a semente para a fundação do partido operário revolucionário, naquele país. A primeira tentativa específica, nesse sentido, porém, verifica-se em 1898, quando Lenine procurou unificar todas as organizações social-democrático-marxistas em um partido único, fazendo realizar o primeiro congresso do Partido Operário Social-Democrata da Rússia. Não resultou, contudo, desse congresso, a almejada criação do partido, porque não havia ainda um programa estabelecido, nem estatutos, nem um centro único de direção. E faltava, ainda, um entendimento perfeito entre os diversos círculos e grupos marxistas. De sorte que, para realizar esses objetivos, o incansável Lenine concebe e põe em prática o plano de criação do primeiro periódico revolucionário marxista. E lança em circulação o jornal intitulado "Iskra" (Chispa), que trazia, sob o cabeçalho, o

lema que logo se tornou célebre: — "Da chispa nascerá a chama".

O programa pôsto em execução por Lenine visava propagar a idéia da revolução operária e, do mesmo passo, batalhar contra tôdas as correntes que se opunham, dentro do próprio partido, às suas idéias de reforma social. Porque as divergências, entre os partidários, cada vez mais se acentuavam e a luta sustentada contra eles pelo fundador do comunismo tinha que ser, também, cada vez mais forte. A "Iskra", nessa emergência, passou a servir de laço de união entre os círculos e grupos marxistas dispersos. O pensamento de Lenine encontrou, no periódico revolucionário, o veículo poderoso e amplo de sua divulgação, sendo preparado, assim, o ambiente para o segundo congresso do partido, que se celebra em 1903.

SURGEM OS BOLCHEVISTAS E MENCHEVISTAS

Manifestam-se, nesta luta, nitidamente distintos, dois grupos, dentro do Partido Operário Social-Democrata da Rússia: — os bolchevistas e os menchevistas, que representavam duas correntes opostas, "dentro do próprio partido. Sua formação ocorreu por ocasião do segundo congresso, reunido em 17 de julho de 1903, podendo ser assim resumida:

As primeiras reuniões desse congresso foram realizadas em Bruxelas, porém, diante da perseguição da polícia local, os delegados tiveram de abandonar aquele país e mudaram a assembléia para Londres.

A tarefa principal do conclave consistia em "criar um verdadeiro partido, fundado nas bases orgânicas e de princípio que haviam sido propugnadas e elaboradas pela Iskra". Tratava-se, em outras palavras, de moldar o Partido Operário nas bases traçadas por Lenine, cujas idéias deviam ser consagradas no programa partidário. Na discussão desse programa, entretanto, surgiu uma divergência fundamental entre os

congressistas, tendo por ponto de partida, precisamente, a questão da ditadura do proletariado. Foi finalmente aprovado o programa, em que se distinguem duas partes fundamentais, ou seja — um máximo e um mínimo. No programa máximo, tratava-se da missão básica do partido da classe operária, da revolução socialista, da destruição do poder dos capitalistas e da instauração da ditadura do proletariado; no programa mínimo, eram expostos os objetivos imediatos do partido, os quais podiam realizar-se sem esperar que fôsse derrubado o regime capitalista e se instaurasse a ditadura do proletariado, isto é, tratava-se, nesta parte, da derrubada da autocracia czarista, implantação da república democrática, introdução da jornada de oito horas para os operários, destruição dos vestígios feudais no campo e devolução aos camponeses das terras que lhes tinham sido tiradas pelos grandes senhores.

Ao serem discutidos os estatutos do partido, assim como na composição dos organismos centrais e da redação da "Iskra", acentuaram-se ainda mais as divergências que já se vinham verificando entre os congressistas, mas venceram — como venceriam daí por diante — os pontos de vista de Lenine e daqueles que o acompanhavam. Eram os pontos de vista dos que haviam obtido maioria de votos na eleição dos organismos centrais e demais questões, os quais, por isso mesmo, começaram desde aí a ser chamados de bolcheviques ou bolchevistas. Seus adversários, ao contrário, por terem ficado em minoria, passaram a ser designados por mencheviques ou menchevistas.

Com o desenvolvimento das atividades do Partido, a idéia do bolchevismo se fundiu com a do próprio comunismo, primeiro sob a orientação de Lenine e atualmente sob o controle absoluto de Stalin, sendo seus inimigos intitulados de menchevistas, logo depois de trotsquistas e, atualmente, de titoístas, fascistas, etc. . .

PERÍODO DE LUTAS E GUERRAS

Finda, porém, esta primeira grande batalha em que se empenharam encarniçadamente, os bolchevistas ficaram sob a orientação exclusiva de Lenine e prosseguiram em suas atividades subversivas, por entre lutas ora mais, ora menos violentas. Durante esse período, trava-se a guerra russo-japonesa. Mal armado, mal instruído e mal dirigido, o exército russo sofreu derrotas consecutivas que levam o governo do Czar a render-se ignominiosamente.

As duas correntes do Partido Operário, que então já se apresentavam completamente separadas uma da outra, adotaram atitudes diferentes em face da tragédia da guerra. Os menchevistas guiados por Trotski, abraçaram a defesa do Czar, dos grandes senhores e dos capitalistas, ao passo que os bolchevistas, sempre encabeçados por Lenine, entendiam que a derrota do governo seria benéfica, pois conduziria ao aniquilamento do czarismo e, portanto, ao fortalecimento da revolução.

O caos político que sucedeu à derrota das armas imperiais foi aproveitado inteligentemente pelos líderes revolucionários. As técnicas que ainda hoje usam os comunistas, em todo o mundo, começaram, então, a ser experimentadas em larga escala. Greves e agitações de toda ordem passam a ocorrer em diferentes pontos do território russo, ao mesmo tempo que se desenvolvia cada vez mais intensa a pregação das idéias subversivas, por todos os modos possíveis e imagináveis. Várias tentativas de revolução, cuidadosamente preparadas, são reprimidas violentamente, sem que, no entanto, esmorecessem em seus esforços e nos seus trabalhos conspiratórios os condutores do movimento implacável e destruidor. E vem, assim, nesse ambiente das mais sombrias perspectivas para a velha Rússia,

a deflagrar a Primeira Grande Guerra.

A VITÓRIA DA REVOLUÇÃO

Na pavorosa hecatombe mundial que se prolongou de 1914 a 1918, os russos tiveram, como é sabido, uma atuação verdadeiramente desastrosa. Os comunistas tiraram daí novos e mais fortes motivos de combate contra o regime imperial, tanto assim que, em março de 1917, sob a pressão invencível dessas duas forças conjugadas, o Czar Nicoláu II é obrigado a abdicar ao trono. Sob a chefia de Kerenski, os socialistas tomam conta do governo, mas, pouco depois, cedem o lugar a Lenine e aos bolchevistas, em virtude da revolução de 7 de novembro daquele ano.

Começa, então, para a infeliz Rússia, uma era muito mais sombria e mais tirânica que todas as anteriores de sua história tão desgraçadamente trágica. Passa a se concretizar, como forma de governo, toda a concepção doutrinária do credo marxista, dentro da realidade brutal da mentalidade tártara dos comunistas soviéticos.

Um princípio verdadeiramente monstruoso passa, desde logo, nesse regime, a regular todas as relações individuais e a própria norma de ação governamental: — "moral é o que serve ao partido comunista".

Os interesses considerados coletivos, que são os interesses do Estado — e o Estado, no princípio, era Lenine e atualmente se chama Stalin — têm preferência absoluta sobre todos os demais, devendo cada um produzir segundo as suas forças e receber conforme as suas necessidades.

As características desse regime, ou, mais propriamente, o comunismo em teoria e na realidade é o que apreciaremos na continuação de nosso trabalho.

A seguir: A teoria e a realidade de uma doutrina social.

O TESTE

(PALESTRA DE DIVULGAÇÃO)

Major A.P. LEITÃO MACHADO

I — CONCEITUAÇÃO

O teste é um modismo como outros tantos.

Está na pauta dos acontecimentos que nos interessam.

Assim como o ioiô, êsse ioiô que, em certa época, todo o mundo utilizou. Aquela rodinha entreteinha-nos com evoluções graciosas, descendo, subindo, fazendo volteios e floreios que a todos agradavam e distraíam.

Foi quase cacoete social.

Ninguém procurou se inteirar das razões científicas do comportamento daquela rodinha. Leis de equilíbrio, ação e reação, movimento rotativo, etc., etc., foram, sempre, letra morta nas cogitações dos saboreantes da inocente distração.

Ademais, ela, a distração, nada mais pretendeu, mesmo, que distrair.

Fazendo-o, no entanto, já prestou sua contribuição modesta, desprezenciosa e eficiente ao bem-estar humano que busca, nos acontecimentos que entretêm o tempo, um meio de viver mansamente e ser feliz.

Bendizemos, nesta oportunidade, os inocentes ioiôs que enlevam, quietamente, a vivência sobre a orbe. Bendizemo-los como à silenciosa obra de arte que acalenta, através do belo e do estético, a sensibilidade dêsse bicho irrequieto que, muita vez, busca na turbulência e na emotividade exagerada e corrosiva, a aplicação da capacidade intelectual que dêle faz o gestor das coisas do mundo.

Bendizemos, ainda, a música, a poesia e tantas outras modalidades de canalização do sentimento bulicoso para o belo e, através dêle, o bem-estar.

São, artes e divertimentos, muita vez associados, o meio de afirmação dessa inteligência que constitui o apanágio de nossa classe zoológica.

O teste, com essa aparência desprezenciosa de um ioiô letrado e não raro caricaturado, não é um simples bilboquê, ioiô ou passatempo inocente. Não deve ser usado assim como uma vulgaridade. É vulgar apenas no aspecto. Mas não é inocente, absolutamente.

Atentos a essa caracterização — instrumento de medida — já não mais admitiremos que seja usado, empregado e até engendrado assim, levianamente, de qualquer jeito.

Pode-se usar, também, o termômetro como passatempo. Mas, isto não servirá às finalidades científicas para que existe.

Esse objetozinho, usado devidamente pelo único agente capacitado a usá-lo bem, poderá motivar o diagrama das oscilações térmicas que indicarão a infecção tífica ou outra qualquer. Esse objetozinho se agiganta na utilidade, em contraste com a sua insignificância como brinquedo.

Já vimos, ainda, uma bonita balança, com um vistoso ponteiro correndo sobre um limbo elegantemente desenhado, servir de brincadeira a meninos sequiosos de distração. E ela, quieta, dócil e muito branca, quedava-se como que pa-

cientemente ante o "sobe nela", desce, "pula dela", etc. Se ela sentisse e pensasse, estaria matutando sobre o contraste daquilo que, no momento, estava significando e sofrendo, nos sucessivos trancos que levava e a utilidade de que dera prova, pouco antes, de indicar a um médico, pela perda sensível de peso de um cliente, que o rumo do tratamento não era satisfatório e que seria preciso modificar tudo, na terapêutica adotada, para salvamento daquela vida.

Nessa questão de teste há muita brincadeira e leviandade, também.

Muita vez, felizmente, há inocuidade nessa facilidade de brincar com o desconhecido ou mal-conhecido.

Pode, ademais, dar um ar importante, assim um aspecto de pessoa estudiosa, técnica e respeitável, cultora da ciência e isso é muito sedutor. Muito sedutor mesmo. Mas muito fátuo, muito leviano e até perigoso.

Brincar com um Rorschach, um T. A. T., etc., não é inocente pasatempo.

É audácia inconsciente.

É perda de tempo, no mínimo.

II — INSTRUMENTO DE MEDIDA

(Caracterização)

Queremos aqui, isto é, numa palestra, expor algumas idéias, algumas noções e certas particularidades que devem ser conhecidas por quem considera o problema "teste".

Nada mais.

Muitas coisas que serão aqui ditas simploriamente, quase esquematicamente, comportariam estudos prolongados, demorados, profundamente científicos por vezes e muita vez inabordáveis por nós, por deficiências que não podemos remover.

Tiramos um curso dessas coisas e nos sentimos como que vazios, desamparados, interna e externamente, às tontas. Só podemos, de pronto, ressaltar a vontade.

Uma vontade forte de acertar e ser simples, para sermos compreendidos e simplórios para sermos aceitos.

A base destas condições estaremos aqui para trocar idéias e impressões e receberemos as críticas de intenções elevadas, como uma ajuda a agradecer.

Buscaremos focalizar o teste como instrumento de medida.

Segundo Mira y Lopez, a palavra teste foi proposta em 1883 por Francis Galton para designar "uma tarefa ou trabalho pedido a um ou mais indivíduos com o fim de averiguar, de modo mais preciso e rápido, o grau em que possuem determinada habilidade reacional".

Como instrumento de medida, o teste tem características, razões científicas e condições gerais de observância obrigatória.

Passaremos em revista as principais condições e características a que deve satisfazer e que são aqui mais citadas que estimadas, pois a presente palestra visa divulgar, esclarecer e ilustrar e nunca ensinar, pois ainda é muito deficiente a nossa autoridade e precárias as nossas condições de técnico.

Entre as características e elementos indispensáveis, há sempre uma gradação, quanto à importância, em cada caso.

Mas essa prioridade ou importância relativa não derroga a necessidade de constante observância no que respeita às mesmas. Essa gradação, outrossim, cabe ao técnico que, em cada caso, deve saber dosá-las com melhor propriedade.

Começemos pelas características condicionantes ou que situam devidamente o teste-instrumento de medida:

- 1) Os testes são instrumentos de medida baseados na apreciação de amostras de comportamento;
- 2) Os testes fornecem dados relativos e não absolutos. São mais informativos que conclusivos;
- 3) Na medida de atributos humanos, o indivíduo é um todo, um complexo de elementos que devem ser estimados no maior número para se ter o máximo de indicações desse todo;

- 4) O teste fornece, rapidamente, índices de atributos humanos que seriam, também, obtidos com muito tempo e observação orientada. (Experiência com o Prof. Mira);
- 5) Nenhum teste deve ser aplicado sem *prévio* conhecimento de suas condições de utilização, instruções e elementos para a sua correta interpretação padronizada e cômputo de resultados;
- 6) O teste deve ser adequado à finalidade (seleção, classificação, verificação, etc...) e obediente a um *critério*;
- 7) O teste deve ser *prévia*mente testado.
A pesquisa é *imprescindível* ao bom teste.

— Vejamos agora as *características de conformação* que fazem do teste, realmente, um instrumento de medida fiel, constante e preciso.

Dentre elas, as duas primeiras avultam em importância e todo teste deveria trazer, junto ao seu nome e cabeçalho, os respectivos índices numéricos, bem como as indicações da pesquisa que os proporcionou (muitos testes americanos modernos já o fazem).

Referimo-nos à *validade* e *fidedignidade*. Essas características são obtidas por intermédio de longo cálculo psico-estatístico ou no campo da *inferência estatística* e, em consequência, de pesquisa especial.

As demais são obtidas pelo trabalho em equipe, também coadjuvado pela estatística e pela psicologia.

Vejamos, pois:

- 1) *Validade*, que é a característica que nos assegura que o teste medirá, de fato, aquilo que dêle se espera. Está intimamente relacionada ao critério e ao poder discriminante dos itens;
- 2) *Fidedignidade* (ou *constância*, ou ainda, *precisão*), que

faz com que os seus resultados sejam, com grande aproximação, os mesmos, quando sua aplicação é repetida ao mesmo grupo, dentro de condições idênticas às que foram obtidas na 1ª aplicação;

- 3) *Objetividade*, que é a qualidade que permite que o critério de avaliação independa de julgamentos subjetivos, ou seja, que vários examinadores, trabalhando independentemente, atribuam o mesmo resultado ou nota a uma mesma prova;
- 4) *Validade aparente*, que é a qualidade pela qual o teste se impõe ao examinando e lhe inspira confiança;
- 5) *Praticabilidade*, da aplicação e de apuração;
- 6) *Diversas*, de menor valor, como preço, simplicidade de impressão e de apresentação, sigilo, etc.

III — TIPOS DE TESTES

Conforme as necessidades ou os fins a que se destinam e condicionados pela praticabilidade, os testes apresentam uma farta gama de tipos. Apresentaremos-os agora aos pares.

Individuais; e
Coletivos.

De profundidade (também chamados de precisão ou "de poder"); e

De velocidade.

De escolaridade ou capacidade; e
De aptidões.

Verbais; e
Não verbais.

De personalidade; e
De ajustamento social e emocional.

De seleção; e
De habilidades.

De rendimento (performance), etc., etc...

(testes típicos em quadros).

IV — UTILIDADE DOS TESTES

De um modo amplo, têm eles sido empregados como

- Medidas psicológicas
 - Medidas profissionais
 - Medidas pedagógicas
 - Medida de condições físicas e fisiológicas
 - Medidas diversas
- e mais especificamente, medindo
- Inteligência
 - Aptidão
 - Capacidade
 - Habilidade
 - Interesses e atitude
 - Personalidade
- (Ser e parecer)
- Pesquisa de falhas e insucessos
 - Constatação de desajustamentos pessoais
 - Verificação de desajustamentos de normas, cursos e programas às necessidades e grupos
 - Descobrir líderes e chefes naturais, etc., etc.

V — O TESTE NO MUNDO

Referimo-nos ao nosso mundo, isto é, àquele com que temos intercâmbio.

Nada sabemos quanto aos países orientais.

Disponos, no entanto, do mosaico ocidental, com a brilhante "performance" americana, nesse terreno.

Nos EE.UU., o uso de testes é fato comum, corrente e indiscutido.

Entrou lá para o rol das técnicas cujo conjunto foi um dos elementos de ascensão rápida desse povo, hoje vanguardeiro.

Para conceituar o desenvolvimento da Psicometria com inteira justiça, temos que reconhecer o pronunciamento do multissecular espírito científico europeu, cheio de índices de criação nesse campo.

Sabemos dos esforços e dos resultados geniais que a contribuição francesa, alemã, belga e suíça, especialmente, trouxeram ao seu desenvolvimento.

Se buscarmos na orografia, no entanto, o tipo de configuração dos níveis obtidos nos trabalhos psico-

métricos, veremos, de espaço a espaço, culminantes, os picos altos do pronunciamento europeu, ora de colorido germânico, ora de colorido francês ou suíço mas, impressionante pela vastidão, uniformidade e imponência, a cordilheira norte-americana, monolítica e dominadora, com alguns picos excelsos, também, inumeráveis picos menores, sobretudo debruçada sobre o platô médio mundial, situado bem abaixo.

No promontório norte-americano encontramos índices belíssimos, pela significância e especialmente pela realização.

Por exemplo, disseram-nos que nas escolas públicas de Ohio, os testes são aplicados simultaneamente, através do rádio. Para isso ser alcançado, sabemos que uma série de resultados parciais tiveram que ser atingidos e chegou-se quase ao ideal em padrão, nesse terreno (considerações sobre conhecimento do problema, condições de aceitação e consciência, níveis paralelos e equilibrados, condições especiais de aplicação em padrão de voz, entendimento e dizeres e mecanização apurativa).

Aos EE.UU. é devida, outrossim, a mensuração sistemática e racional dos adultos. Foi iniciada, em todo o mundo, de modo radical e sistematizado com o Army Test Alfa, em 1917 (selecção de contingentes para a 1ª grande-guerra) e, naquela oportunidade foi obtida a 1ª grande frequência, até então verificada, no campo da psico-estatística — mais de 1,5 milhões de observações.

Esse número está, hoje, largamente superado pelo AGCT americano, com mais de 10 milhões de aplicações.

Convenhamos e respeitavelmente assinalemos, esse povo pode falar, em experiência psicométrica, com autoridade inigualável.

Consta-nos que, na Alemanha, o problema da selecção de líderes e, especialmente, da selecção de elementos para as tropas de choque se fez de forma científica.

Acreditamos nisso, ante o depoimento insuspeito do Cel. Gross

que nos contou que viu e soube ser comum, em contra-ataque de tropas SS, na Itália e contra nossa FEB, o alemão de uniforme preto (assalto noturno) das SS, ferido de morte quando investia determinadamente, levantar o braço em saudação fascista, bradar "Heil Hitler" e cair para o derradeiro descanso.

Sabemos que é possível selecionar, num grupo, os portadores de traços de liderança e de autodomínio e destacar aqueles que, ante o perigo, o ruído infernal, a calamidade e a compressão psicológica, manterão a calma de atitudes, o autodomínio e preservarão, nos momentos difíceis, esse espírito de decisão e determinação que admitimos nos verdadeiros heróis, tão caros aos exércitos e decisivos na ação.

Frios ante o perigo, incontamináveis pelo pânico, exemplares pelo estoicismo, eletrizando o subornado pelo exemplo, esses homens ou super-homens são encontráveis nas massas onde muita vez, apenas, deles se notava o pacífico, bondoso e modesto cidadão.

Pensamos que tais índices têm muito mais importância para a formação de chefes militares que o apuro no conhecimento das matemáticas e teorias científicas tão necessárias a um candidato a professor.

Sabemos que estamos sósinhos, assim pensando (pois até agora nada se fez que atestasse a compreensão desse problema, entre nós), mas teimamos em pensar assim.

A psicometria tem meios e métodos para selecionar líderes e chefes, com segurança científica.

Voltando ao manancial norte-americano de ensinamentos, ressaltamos aqui esse artifício genial e utilíssimo de que usam fartamente e em muitos ramos de suas atividades e que na seleção racional e na psicometria tem um valor especialíssimo — a técnica da amostragem.

Na psico-estatística, essa amostragem trouxe uma imensa facilitação.

Exemplificando, segundo esta técnica, para apurar o barema (ou barêmo) mental-intelectual para o Exército Brasileiro, não teremos, para verificação das características de bons testes especialmente construídos para seu uso que pesquisar em todo o Exército mas, apenas, em uma sua amostra representativa.

Essa amostra, para ser assim, representativa, deverá ter a conformação do universo (o todo, em estatística) pelos seus índices proporcionais a esse universo quanto a

- efetivo numérico
- distribuição geográfica
- distribuição étnica
- distribuição intelectual,

para falarmos, apenas, nos "Índices configurantes ou principais".

Consideremos o que de tempo, gastos, facilidades várias, representa a técnica da amostragem que evolui nos EE.UU. e que constitui um dos pilares de seu desenvolvimento cíclico, em todos os campos de atividade humana.

Considerando tudo isto, chegar-se-á, realmente, ao conceito simplório: "e, realmente, essa gente cada vez se torna mais gente e se distancia do boi...". Ali há, de fato, uma integração no culto ao racionalismo humano.

Em toda a parte há fatores múltiplos de reação — a ignorância, a indiferença, a inércia e a inconsciência. Cito-os, apenas, porque constituem o impedimento, até aqui invencível, para progredir rapidamente em nossa Pátria.

Cito-os, porque se faz necessário, mas a contra-gosto. Iluminando podridão, não se desvenda o bom caminho, ao passo que focalizando o belo e o eficiente, ficamos a inspirar a contra-reação e a vibração cívico-racional que seguramente vislumbramos e constatamos no trato quotidiano e pessoal com o homem brasileiro.

Tanta gema fina portando-se como ganga bruta e informe e tanta sensibilidade apurável levada de roldão, no desconstruível da caudal metódica e desorganizada!

Conhecemos os meios, dispomos de material, geralmente mal tradu-

zido e inadaptado. Sabemos que é necessário pesquisar, adaptar, construir os nossos instrumentos e ficamos por aí, a perder tempo, a soprar vaidades vazias, em vez de fazer e realmente trabalhar pelo Brasil.

E gastamos mais, tempo e meios, para nada, como que num festim de esquizofrênicos.

Dispomos mesmo de órgãos especializados — do governo — que não produzem e que dificilmente sairão de sua inércia porque não possuem pilotos habilitados e vontade, sobretudo vontade.

Não fazem estatística, não produzem sequer para, em parte, justificar a aplicação de verbas e, com essa inércia e desorientação, contribuem, em nosso meio, para a desmoralização injusta de um recurso científico de valia incontestável como a psicomетria.

O trabalho psicométrico é eminentemente grupal. Só equipes e equipes de equipes podem levar a resultados realmente sensíveis ou visíveis esse trabalho. E tudo em sistema, tudo sistematizado e levado imperativamente a sério. Esse trabalho e a contribuição de muitos modos para seu êxito é um dever social do porte do respeito à família e ao direito alheio, porque é a materialização de um esforço sincero pelo bem comum.

Não seria o caso da prática psicométrica por todos, pois ela é uma técnica e uma especialidade bem definida.

Mas a todos é um dever aceitá-la e contribuir para a sua realização e permanência de efeitos.

VI — A COMPLEMENTAÇÃO NECESSÁRIA AO TESTE

O teste, mesmo em sua fase experimental ou forma provisória, não deve ser utilizado isoladamente.

Seus resultados são relacionados a escalas ou baremas que o completam como instrumento de medida.

As condições em que deve ser aplicado e as próprias palavras a serem proferidas, ao aplicá-lo e até o que não deve ser dito ou expli-

cado são, outrossim, um complemento de suma importância do teste.

Esta parte deve constar de suas instruções ou manual.

Nestas instruções devem existir, ainda, indicações de seus objetivos e os índices numéricos de suas características que foram obtidos na indispensável pesquisa por que passou (especialmente quanto ao grau de validade e ao grau de fidedignidade), consignando ainda local ou locais e datas dessas experiências.

Só com todos estes elementos em dia e em ordem o teste é, realmente, um instrumento de medida.

Por uma questão de senso de colaboração e intercâmbio, os resultados obtidos em testes gerais (de uso civil ou geral, como os de inteligência) devem ser comunicados aos principais órgãos de estudo especializados do país e do estrangeiro (quando for o caso).

VII — NOÇÕES DE SUA CONSTRUÇÃO

Fazer um teste não é tarefa simples como a maioria das pessoas pode pensar.

Alguns problemas aritméticos, pequenas charadas e interpretação de provérbios conhecidos ou desconhecidos, apenas, não constituem um teste.

Medirá o quê? como? quanto? ...

O teste tem suas características que não devem ser esquecidas, sob pena de anulá-lo como instrumento de medida.

Vimo-las e não devemos esquecê-las.

O teste é concebido para medir determinado fenômeno, simples ou complexo e obedecendo a um fim mais ou menos geral ou absolutamente restrito.

Isto tudo é corporificado ao se dizer — Todo teste obedece a um critério.

Esse critério é o elemento indispensável à orientação de sua feitura e nele são estimadas as condições de causa e efeito que inspiraram a necessidade ou conveniência do teste.

O critério, a seu turno, tem ambiência científica e obedece a razões psicológicas, estatísticas e psicométricas bem definidas.

Os vácuos, deficiências ou falhas, desse elemento de medida, o teste, não existem por culpa do princípio, mas sim pelas limitações da obra humana, chelas de imponderáveis, mas permanentes.

A medicina é utilíssima e todos nós nela confiamos e a ela recorremos, embora todos saibamos que tem deficiências, limitações e muita coisa a esclarecer e desenvolver.

O teste falha, mas o fará tanto menos quanto melhor tiver sido a sua construção. Esta obedece a uma finalidade precípua, em âmbito que varia do pequeno caso particular ao geral e universal e isto constitui o primeiro elemento a ser considerado pelo órgão ou equipe (nunca uma só pessoa) que se determina a construir um teste. É o estabelecimento do respectivo Critério, sua pedra fundamental.

Partindo dele e sempre por ele orientado, busca-se depois, à base de uma análise psicotécnica de maior ou menor profundidade, o elemento ou conjunto de elementos que configuram o fenómeno a medir.

Chegando-se a um resultado realmente configurante, dispomos dos elementos qualitativos mensuráveis do fato ou fenómeno e passa-se ao trabalho de procura dos itens ou partes do teste, apropriados à estimativa desses elementos.

O item é um pequeno teste e também se subordina às principais características do teste (validade, fidedignidade, objetividade, etc.).

O teste vale pela qualidade de seus itens, sobretudo.

Não é tarefa simples, como parece, a obtenção de bons itens. Muita vez assume o aspecto de verdadeira invenção. Daí tanto se compilar e buscar, na invenção alheia, a inspiração e a base da construção dos itens. E isso é muito natural, pois inventar não é tarefa fácil. Algumas vezes, um item que aparenta medir "isto", mede realmente "aquilo" e se dis-

farça com tal sutileza que à maioria engana facilmente.

Os itens de um teste ou subteste guardam entre si, ainda, relações estreitas de homogeneidade e dificuldade gradual e sistemática, afora cuidadosa observância das condições de critério, validade, etc. ...

Suas condições de apresentação, obedientes ao critério (sempre) e adequadas ao nível dos aplicandos a que se destina, também é problema de necessária observância.

Após tudo isto, os itens do teste reunidos em número tal que corresponda a uma duração conveniente do teste ou subteste e colocados em ordem crescente quanto à dificuldade, é aplicado a um pequeno grupo, em caráter experimental.

Nessa oportunidade, é feita a aferição do tempo e a observação das regras e condições de aplicação e anotadas quaisquer deficiências constatadas. Uma dessas deficiências relaciona-se com a relação dos itens que não deve constituir problema de compreensão geral.

Um mesmo problema, redigido de 2 modos diferentes e aplicado a dois grupos, pode mostrar que na melhor redação, isto é, quando não constituir um problema de compreensão, ele funcionará e medirá o que se quer que realmente meça nessa e, no outro grupo, de redação confusa, levará os aplicandos a um fracasso e não chegará a funcionar em medida específica.

Em caso particular, a dificuldade de compreensão ou interpretação poderá ser mesmo o objetivo e então o item confuso será adequado. Mas só nesse caso particular.

Reputamos de grande interesse focalizar-se aqui essa questão da redação e apresentação simples e sem constituir "charada".

Pode levar a injustiças de julgamento e desvirtuamento do teste como instrumento e isso é, por todos os títulos, indesejável.

Tratando-se de medir inteligência especial (forma, grandeza e movimento) por exemplo, um aplicando bem dotado dessa sensibi-

lidade (tão importante que também é chamada inteligência concreta) pode ser levado a um baixo "score" ou resultado pela deficiência com que lhe foi entregue pelo item o "problema". Deu-se-lhe uma questão de compreensão verbal tão absorvente que se não lhe permitiu, seja atacar a solução com propriedade, seja chegar até o ponto em que poderia ter chegado. Em suma, o item (e com ele o teste) falhou e foi capcioso.

O teste tabu de compreensão é mau teste e condenável.

E não é raro encontrar esses tipos de quebra-cabeças travestidos de testes.

Isto é uma das principais razões que levam os técnicos a proscrever, nesse trabalho, o esforço de uma só cabeça e sua única sentença.

Após a aplicação experimental, ainda, os testes são reunidos e passa-se à "calculeira" estatística, em que se chega a fazer, por vezes, milhares, vejamos bem, milhares, de cálculos elementares em que o teste é depurado, pelos números obtidos como expressivos no poder discriminante dos itens (validade do item pelo coeficiente de correlação bisserial, etc. ...) que incide diretamente sobre a validade do próprio teste.

Dividido o teste em duas metades, outrossim, e obtidos os coeficientes de correlação (de Pearson), pela fórmula (de Spearman — Brown) dita de profecia, chega-se ao grau de fidedignidade (também chamada de confiança ou de precisão) do teste. Este é um dos três métodos usáveis para tanto. É uma calculeira dos demônios.

— Dois subtestes destinados a medir aspectos diferentes, da inteligência, por exemplo, devem guardar, entre os seus resultados, uma baixa correlação, a mais baixa possível, como garantia de sua necessária independência mútua como instrumentos de medida.

Isto tudo não é tarefa simples ou "de cima da perna".

Não se deve levemente fazer teste e aplicá-lo porque ninguém tem o direito de desmoralizar um instrumento científico de medida

que se destina a beneficiar a humanidade.

VIII — O TESTE A SERVIÇO DA CIÊNCIA

Vamos citar algumas conexões científicas desse instrumento de medida que alguns pensam "que foi uma tentativa de inovação americana que, rompendo com as austeras provas clássicas e com a confusão e inoperância, trouxe ao ambiente pedagógico um retardo e um impedimento, tornando-se mesmo um fator de involução".

Notem bem o que ficou dito.

Isto ouvimos de pessoa instruída, competente e correta.

Pessoa que nos merece o maior respeito e sincero acatamento.

Nesse ponto, no entanto, divergimos absolutamente.

Acreditamos que essa opinião infundada e injusta deva ser tomada mais como pronunciamento de uma incompreensão e de um desconhecimento do assunto que não é tão vulgar quanto aparenta.

Há, pela simplicidade de seu aspecto e acessibilidade de seus problemas mais comuns, muita facilidade de falsa-improvisação.

Na aparência, é acessível a toda a gente. Mas apenas na aparência.

Não fôra por certas dificuldades materiais e veríamos muita gente por aí a fabricar termômetros e outros instrumentos, também de simples aspectos.

Mas a construção de um teste é muito mais sutil, embora o material necessário seja, apenas, papel e lápis. Muito mais sutil, trabalhosa e enganadora. Cheia de ângulos, arestas, pequenos e grandes percalços, exige conhecimentos específicos, conhecimentos gerais e muita experiência e trabalho.

Perguntem quantos pequenos laboratórios psicológicos e centros de pesquisas psicométricas capacitados existem funcionando na América do Norte e verão em seu número mais que diminuto (disseram-me que não chega a uma dezena) assim como que uma advertência, no terreno prático. É uma advertência e um chamado à realidade para os nossos inúmeros sabe-tudos, pois o

EE UU. são, no mundo, o país vanguardeiro, nesses assuntos.

Como apoio a esta assertiva, menciona apenas o fato de que, nas listas bibliográficas sobre esse assunto, os livros e autores norte-americanos surgem com uma superioridade que vai além de 10 para 1, sobre o resto dos outros povos.

Agora mesmo, com o desenvolvimento do estudo do somatotipo de Sheldon e Stevens, coisa muito recente, com a idade de mais ou menos 6 anos e ainda engatinhando na experimentação e sistematização, vislumbramos o ultra-passatempo, com larga margem, das escolas alemã e italiana, com Kretschner, Viola e pendem nos estudos do temperamento pelo biotipo.

— Chamamos Psicometria à parte da psicologia aplicada ao estudo das medidas psicológicas e seus instrumentos — os testes.

— A Psicotécnica é o ramo da psicologia que estuda os fenômenos psicológicos aplicados ao trabalho e à produção.

É um vasto assunto que, como um líquido, toma a forma do vaso em que se o derrama. Temos, assim, a Psicotécnica Industrial, a Psicotécnica Jurídica, Médica, etc., etc... e ainda com muito e muito que desenvolver a Psicotécnica Militar que, entre nós, já é servida por um curso especial que começou este ano (1950) a existir e onde nos honramos em ter sido diplomados na 1ª turma.

O nome de Psicotécnica foi lançado por Stern, em 1903, querendo "atingir fins elevados por meios apropriados".

O teste é por ela usado fartamente e em diferentes campos (psicológico, profissional, pedagógico, etc.). Seus setores gerais também são variados e de grande alcance: a *orientação profissional* (procura da função ou trabalho adequado à criança, ao adolescente ou mesmo ao homem), a *seleção profissional* (procura do homem para a função ou trabalho), problemas de ajustamento, readaptação de trabalhadores, etc., etc.

No ensino, quem quiser ver algo de muito interessante, em matéria de Psicotécnica da Educação, busque ler o pequeno livro do insigne e mundialmente renomado mestre, Prof. Emilio Mira y Lopez, "Como estudar e como aprender", publicado em castelhano.

Na Estatística, outrossim, o teste tem farto manancial e sólida escora. A psico-estatística é elemento "si no qua non" à psicometria.

Essa ciência ou método científico apresenta-se bi-partida.

Numa 1ª parte, em que é mais método que ciência, ela procura condensar as observações referentes a determinado grupo num pequeno rol, de elementos numéricos, caracterizantes desse grupo. É a chamada Estatística Descritiva, aquela que aparece comumente nos jornais, revistas e outras publicações.

É informativa e básica.

Noutra parte, a 2ª, agora nitidamente científica, encontramos a Inferência Estatística.

É o domínio vasto e ainda cheio de hiatos da estatística dos atributos.

Aqui, também, o campo da psico-estatística, de que é basilar.

Enquanto que na 1ª parte ou na estatística descritiva há um trabalho de aspecto dedutivo e orientador, na 2ª parte procura-se, partindo de um grupo-amostra, chegar-se à generalização, ou seja, à população representada naquela amostra.

A psico-estatística traz à psicometria, sobretudo a precisão matemática dos índices característicos mais importantes (validade e fidedignidade).

A inferência estatística culmina na análise fatorial, a nosso ver. Esta é o recurso matemático pelo qual se vão, em estafante calculeira e por etapas, retirando, um a um, de um instrumento de medida psicológica, os fatores (daí o fatorial) que realmente esse instrumento pode constatar.

Não conhecemos esse recurso bem e muito pouca gente, no Bra-

sil e mesmo do mundo, está habilitada a usá-lo, adequadamente.

No Brasil, há um cultor de escola da Psico-estatística e experimentado em análise fatorial. É uma figura respeitabilíssima de nossa nata intelectual, tão grande no mérito quanto modesto e simplório no modo de ser:

— o ilustre Eng^o. Octávio A. Lins Martins, renomado técnico e professor.

No ensino, citamos o nome desse brasileiro ilustre como preito de profundo respeito e cívico orgulho.

O Prof. Octávio Martins fez, de fato, em condições científicas, um instrumento de medida — o teste Jota.

IX — O TESTE IMPRÓPRIO E MAL FEITO

Há muitos fazedores de teste por aí que não sabem mesmo o que fizeram — se o quisermos dissecar à luz da psicologia e da psico-estatística.

O emprêgo leviano do teste, sobretudo no campo psicológico, pode levar o homem à desconfiança, à insegurança e à confusão, de modo muita vez nefasto e sempre nocivo.

É um malefício do mesmo porte do charlatanismo em medicina.

Não o permitamos, nós que somos cavalheiros, assim da pátria como da ciência, porque somos diplomados em grau superior.

Não consintamos que se leve ao vulgar e à incompreensão um instrumento de medida que se destina a bem-fazer e a construir em prol da humanidade.

O teste impróprio ou mal-feito é assim como a balança viciada dos maus comerciantes. É ainda pior. É um recurso científico deturpado, violado e injustamente desmoralizado.

Os testes de escolaridade, no entanto, esses que normalmente substituem as arcaicas provas de dissertação ou "embromação" não oferecem esse perigo e são mais inocuos, se mal feitos.

São mais inocuos, é verdade, mas vêm oferecendo bom campo à inoperância.

X — ALGUMAS CURIOSIDADES PSICOLÓGICAS A SEREM ESTIMADAS

A Psicologia Diferencial nos diz das razões pelas quais não há duas pessoas rigorosamente iguais.

Uma personalidade difere sempre da outra.

Diferem por uma quantidade de elementos e aspectos. Felizmente, para o que importa aos traços psicocomensuráveis práticos, esses elementos de variação não são tão numerosos.

Mais a título de ilustração, colocamos aqui alguns elementos que devem ser considerados porque esclarecem o modo de proceder na maior parte dos casos encontrados nos trabalhos de testes.

Inteligência — Tipos — QI

Apesar de ser elemento constitutivo da personalidade e talvez o mais caracterizante, faz-se o seu destaque para melhor estudo, apreciação e apuração de seus pronunciamentos, porque é o elemento de mais valia prática e de incontestável predomínio em todos os campos do pronunciamento pessoal.

A personalidade, que é um todo indivisível, tem os aspectos analíticos com que a estudam tão correlacionados e mutuamente influentes que ninguém pode encarar o aspecto elementar como configurante, por si só, do todo.

A inteligência é muito visada pelo seu índice avultado de utilidade prática e mesmo pelo relativo predomínio de que goza entre as mais características psicológicas da personalidade, do capítulo zoológico do "homo sapiens".

Todo indivíduo (e não só o homem) tem inteligência. O que varia é o grau e a espécie de inteligência com que cada um é dotado.

Ela constitui assunto muito debatido e desde Platão (IV AC) que as classificações, conceituações, etc., pululam nos pronunciamentos dos pensadores, sábios, filósofos e estudiosos em geral.

Allás, Platão deu "palpite" sobre uma quantidade de coisas, e, vejamos, dizem que foi o primeiro a pres-

crever a seleção racional para o serviço militar.

Defini-la não é de grande importância, mas conceituá-la e subdividi-la é de grande utilidade. O que de penúltimo e último há nesse terreno é o que se segue. Começemos pelo penúltimo, melhor sistematizado e definido, pela relativa idade e experiência. É o critério mais aceito, como o de Thorndyke, que separa a inteligência num fator *G* (geral), que todos possuem mais ou menos desenvolvido (deve ser muito grande nos sabe-tudo) e fatores *S* ou específicos, caracterizados pelos troncos mais importantes:

Inteligência Verbal ou Social (expressão e expressividade);

Inteligência Abstrata (idéias, números e interpretações, especialmente de símbolos);

Inteligência Especial ou Concreta (forma, dimensões ou grandezas e movimento).

Esta classificação, ainda adotada porque está melhor sistematizada, foi ultrapassada pelas modernas idéias de Thurstone que, além do fator Geral (anunciado por Stern), subdividiu a inteligência dita abstrata em diversos fatores relativos às idéias, aos números, etc..., ou melhor,

- fator ideativo
- fator numérico
- fator memória (também subdivide quanto às palavras, nomes, números, sons, linhas, etc.).
- fator reacional de velocidade (de visualização, de percepção ideativa, etc...), acreditando-se que esse cultor da psico-estatística (é o criador da análise fatorial) subdividirá a inteligência espacial e a verbal, também, em fatores específicos característicos.

Note-se que ele só anuncia essas coisas depois de pesquisas e experimentação.

Estamos, assim, vivendo uma fase de progresso muito intenso e muito rápido e temos que ser prudentes e apenas acompanhar essa evolução.

Até à sistematização e a necessária configuração científica das novas observações e teorias, vamos adotando a classificação triplíce que tem dado excelentes resultados práticos e relacionados aos padrões e escalas de apreciação do QI.

A escala de QI presentemente utilizada é a seguinte:

A — nível genial — 140 — 0,25 % e acima;

B — nível subgenial — 120-139 — 6,75 %;

C — nível superior — 110-119 — 13,00 %;

D — nível normal ou médio — 90-109 — 60,00 %;

E — nível subnormal (lentidão mental) — 80-89 — 13,00 %;

F — nível baixo — 70-79 — 6,00 %;

G — nível de debilidade mental — 50-69 — 0,75 %;

H — nível de imbecilidade — 25-49 — 0,19 %;

I — nível de idiotia — abaixo de 25 — 0,06 %.

É uma escala provisória e ainda não mundial, mas de caráter estatístico.

Apreciação da Personalidade

Sendo o grau de desenvolvimento da inteligência e suas diversificações, um traço marcante e o mais útil na aferição da personalidade, é usual computá-lo em separado, em virtude mesmo de sua importância e polivalência.

Se bem que uma variada quantidade de elementos físicos, fisiológicos, psíquicos, etc..., constituam ângulos de diversificação da personalidade, dois deles avultam e são os geralmente estimados — os índices, tempero-emocional e caracterológico.

Para a configuração suficiente da personalidade, pois, os cinco aspectos mais usuais, são o Aspecto, Somático, o Aspecto Sensorial, o Aspecto Intelectual, o Aspecto Tempero-Emocional, por alguns chamado Afetivo, e o Aspecto Caracterológico, ou da conduta individual.

Já vimos o terceiro e assim dele não mais trataremos.

Não trataremos aqui do primeiro e segundo aspectos, outrossim.

O aspecto *têmpero-emocional* ou afetivo é o "ser" individual.

Através dele pode ser aferida a sua sensibilidade emotiva, o tipo de emoção nele predominante (medo, ira, melancolia, alegria e afeto) por um imperativo de sua natureza fisiológica e o grau de maturidade que atingiu nesse campo, através do tipo de interesses e desinteresses manifestados e da natural expressividade e controle de seu estado afetivo.

— O aspecto *caracterológico*, ou seja, o "parecer" individual é aquele que nos permite prever as suas reações ante os estímulos externos e o seu comportamento ante o meio e o grupo social.

O veículo de apreciação desse elemento que comanda a conduta pessoal é a verificação de seus propósitos pelos tipos de ambições que nele são constatadas (ambições extensas ou ambições duráveis e meios de que usa para servi-las) e os índices de tenacidade de pro-

pósitos, coerência de propósitos e o seu tipo de adaptação ecológica, do meio, ao meio ambiente.

— Se bem que a *psicometria* destes dois índices não esteja tão adiantada como a do índice intelectual, já dispõe de material farto e variado e, com o tempo e experiência, poderemos esperar uma melhor sistematização de sua mensuração e mesmo uma simplificação de seus métodos.

O número de casos de psicoses e neuroses de guerra, verificado no último grande conflito, algumas vezes ultrapassando os casos de ferimento e acidente, indicam o estado, neste setor, como uma necessidade inadiável e que só não será abordado em forças armadas existentes apenas para desfiles festivos.

Em vista disto, todos os exércitos dignos desse nome praticam e desenvolvem a seleção racional por intermédio da qual ganharão eficiência e salvaguardarão melhor a integridade físico-psíquica do combatente, em seu próprio benefício. Deus permita que o Brasil o faça, também.

COMPANHIA BRASILEIRA DE EXPLOSIVOS



RUA DO MEXICO, 98 — 13º ANDAR — RIO DE JANEIRO

FABRICA EM MORRO AGUDO

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CASA BRASIL

TINTAS E VERNIZES "YPIRANGA"

PINTAR E CONSERVAR

Rua Marquês de Paranaguá, 70 — Tel. 30 — End. Teleg. "Albagil"

ILHEUS — BAHIA

ACERTARIA A CARGA!...

(ANEDOTÁRIO DA FEB)

Oferta da CASA NENO

O primeiro escalão da gloriosa F.E.B. encontrava-se a bordo, já fora da barra. A disciplina do navio era cousa completamente nova para os nossos pracinhas. Vários treinamentos haviam sido feitos, para as trágicas hipóteses de torpedeamento pelos traçoeiros submarinos nazistas. De vez em quando soavam as campainhas de aviso, e assumia o comando do barco o já célebre "General Alarme" (apelido que os brasileiros deram, criando esta personagem fictícia, aos sinais de "general alarm").

Certo comandante de Companhia tinha um subtenente muito "enquadrado" que ia até ao exagero. Este, após um dos treinamentos de bordo, chega perto do oficial, enquadra-se todo, formaliza-se e lhe diz:

— Meu capitão, é preciso prever-se tudo, de maneira que eu deseje saber de meu capitão, como proceder com o arquivo de nossa companhia (que aliás se encontra com a escrituração em perfeita ordem...). No caso de um verdadeiro ataque submarino, o que deverei fazer em primeiro lugar?

O oficial, que também já andava aborrecido de tanta presença do "General Alarme", resolveu rapidamente o problema respondendo ao subtenente:

— No primeiro alarma que houver, seja ele falso ou verdadeiro, você atire logo no oceano o seu "Livro Carga", e temos conversado!...



DO MILITAR PARA O MILITAR

AVISO AOS COMPANHEIROS

A CASA NENO

tão nossa conhecida, oferece **RÁDIOS, BICICLETAS, RELÓGIOS, ENCERADEIRAS** e demais utilidades domésticas, entregando imediatamente a mercadoria mediante a apresentação da identidade, para pagamento em 10 prestações, isto porque, seu sócio-gerente, **COMPANHEIRO REFORMADO**, deseja facilitar tôdas as nossas compras.

RUA REPÚBLICA DO LÍBANO, 7, 14 E 16

(Antiga Rua do Núncio)

RUA BUENOS AIRES, 151

SOMBRAS E LUZES SOBRE A AMÉRICA LATINA

RENÉ GRANDCHAMP, da "Revue Militaire d'Information", M.D.N. (Guerre) — France.

Trad. do Maj. FLORIANO MÖLLER.

Nos primeiros dias de abril do ano corrente, em Washington, a Conferência Interamericana, que agrupou os representantes das 21 repúblicas do Novo Continente, adotou uma resolução "reafirmando a sua solidariedade e advertindo ao comunismo internacional de que estão firmemente unidas para repelir toda e qualquer agressão". Por 20 votos contra um (o da Argentina) foi aceita uma outra resolução, concitando os membros da União Pan-americana a colocarem uma parte de suas forças à disposição da defesa continental e, no caso de uma ação internacional da ONU, "com a condição — esta a pedido da Argentina e da Guatemala — de que este apelo não viesse prejudicar a defesa nacional legítima" de cada país e — ainda a pedido da Guatemala — "na medida em que cada um se julgasse em condições de o fazer".

Os debates foram assinalados pela influência do Brasil, cujo programa de cooperação econômica foi bem acolhido e os Estados Unidos anunciaram a ampliação de seu auxílio financeiro aos países da América do Sul. Do ponto de vista político, as resoluções que vimos de mencionar apresentam algumas nuances que não devem ser esquecidas. Por outro lado, em seu discurso inaugural, o Presidente Truman fez alusão à necessidade de favorecer o progresso da Bolívia, privada de um acesso ao mar. Ora, algumas semanas mais tarde, este país, ao mesmo tempo que o Panamá, estava entregue a uma agitação política, cujas causas pretendemos examinar, a fim de "tomar a tem-

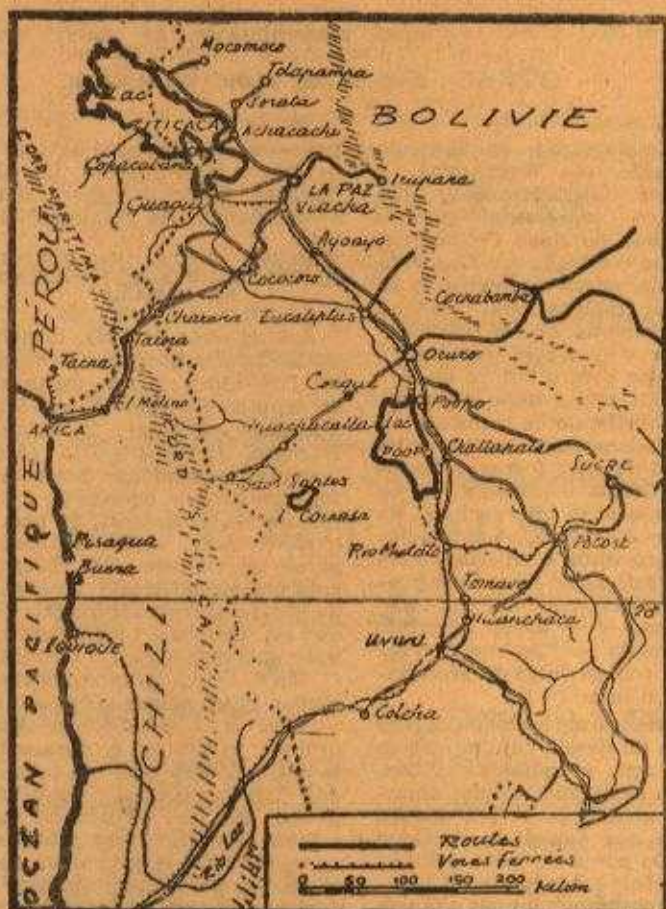
peratura" da América latina, onde as febres intermitentes dão algum cuidado àqueles a quem interessa a manutenção da paz mundial.

ELEIÇÃO INÚTIL NA BOLÍVIA — GOLPE DE FORÇA FALHADO NO PANAMÁ

A 6 de maio de 1951, teve lugar, na Bolívia, a eleição à presidência da República, e bem assim as de 56 deputados e 9 senadores. M. Paz Estensoro, candidato do Movimento Nacional Revolucionário (MNR), derrotou o candidato governamental, que todavia conservou a maioria nas duas câmaras, se bem que o MNR tenha arrebatado seis lugares no Senado. M. Estensoro, cujo programa se aproximava mais ao do presidente argentino Perón que do "fascismo", repudiara qualquer convivência com o comunismo. O MNR exigia grandes nacionalizações, entre outras a das minas de estanho e o estabelecimento de granjas coletivas e demonstrava oposição à ampliação da influência dos Estados Unidos. Deve-se salientar que, em virtude da insuficiência da instrução pública, o corpo eleitoral representava apenas a décima parte da população. Os porja-vozes comunistas se lançaram sobre M. Estensoro e os motins por eles provocados causaram numerosas vítimas. A 16 de maio, para restabelecer a ordem, o presidente Urriolagoitia apelou para o General Quiroga, chefe do Estado-Maior do Exército, o qual organizou uma "junta governativa", à frente da qual foi colocado o General Hugo Ballivian, antigo adido militar nos Estados Unidos e Espanha, o qual

assumiu também o Ministério da Defesa Nacional, enquanto que o presidente se demitia e partia para o Chile. Após a instalação deste regime, análogo aos do Peru e Venezuela, a "junta" lançou um manifesto justificando a sua intervenção, em face da necessidade de lutar contra uma campanha hostil

esse país, juntamente com o Paraguai (cuja superfície é bem inferior), foi o único a ser privado de saída marítima, o que evidentemente impedia a exploração de suas imensas riquezas minerais. A solução do problema não pode ser encontrada — a geografia o demonstra — senão numa estreita co-



ao Exército e esclarecendo que a sua passagem pelo governo seria breve e não tinha outro objetivo que o de assegurar a ordem e o futuro das instituições nacionais.

As razões políticas não são as únicas a perturbarem a estabilidade da Bolívia. Num estudo recente, M. Angel Marvaud lembrou que

laboração com o Peru e o Chile e com a ajuda financeira dos Estados Unidos. Muito discretamente, o Presidente Truman sugeriu a construção de um canal, utilizando as águas dos lagos andinos — Titicaca, Poopo e Copaysa — para atingir o Pacífico. O Chile pareceu ser mais favorável a este projeto que o Peru,

uma vez que não está somente em causa a cessão de alguns trechos de territórios chileno e peruano, mas também porque o seu pórtio de Iquique, onde terminaria o canal, veria a sua atividade extraordinariamente aumentada. Enfim, M. Angel Marvaud salientou, com justiça, que a Argentina não veria, com bons olhos, o desvio do comércio boliviano, cuja maior parte se escoaria atualmente pelo Rio da Prata, para o Pacífico.

Ao mesmo tempo que se realizavam eleições movimentadas na Bolívia, o presidente da República do Panamá, M. Arnulfo Arias, a 7 de maio, decretava a dissolução da Assembléia Nacional e anulava, por decreto, a Constituição de 1946, pondo em vigor a de 1941, época em que ascendeu ao poder, pela primeira vez. O ministro da Justiça anunciou que a última Constituição "não dava meios suficientes ao Estado para cumprir eficazmente os seus deveres internacionais e cooperar na defesa do Canal do Panamá". A Assembléia reagiu violentamente e destituiu o presidente. Após sangrentos motins, foi ele deposto com os seus partidários; o vice-presidente, M. Arosemena, o substituiu, constituindo um gabinete de coalizão com os membros dos principais partidos.

M. Arias estivera antes à testa do P.R.A. — "Partido Revolucionário Auténtico" — cujo programa comportava a melhoria da sorte das massas e o afrouxamento da tutela dos Estados Unidos. Eleito presidente, em plena guerra, havia apresentado dificuldades para conceder as bases indispensáveis à segurança do canal. Destituído, logo após a guerra, tomou uma posição "neutral" entre o Oriente e o Ocidente, voltando ao Panamá em 1948; a época estava agitada e muitos presidentes passaram pelo poder, simultaneamente, antes que M. Arias ficasse sozinho. Em 1947, o governo recusara a renovação do tratado dando aos Estados Unidos o direito de utilizar as bases aéreas da república e a defesa da zona do canal — território pertencente aos E.E.U.U. — se tornara mais difícil. O presidente Arias, novamente no

poder, parecia querer se aproximar dos Estados Unidos e havia pôsto fora da lei o partido comunista, por decreto de junho de 1950. M. Aleman, ministro da Justiça, em janeiro de 1951, levou, à Assembléia Nacional, provas da existência duma penetração comunista na zona do canal e no país. A gravidade da situação internacional, dissera ele, exigia medidas energéticas e a comissão especial da Assembléia Nacional recomendara "a entrada em vigor de uma lei contra a sabotagem, a espionagem e as conspirações hostis ao regime democrático". A influência do partido comunista se exercia, no Panamá, por intermédio do "partido do povo" e de diversas organizações clandestinas.

AS "JUNTAS" E A DEMOCRACIA

A 26 de novembro de 1950, realizaram-se, no Uruguai, as eleições presidenciais e legislativas. Os "colorados" — liberais — venceram os "blancos" — conservadores — e M. Martinez Trueba foi eleito presidente. Como de costume, tudo se passou em perfeita calma. Os "colorados" detêm o poder, sem interrupção, há 85 anos; as três tendências em que se divide o seu partido — "A Defesa" — harmonizaram-se em seu seio, para manter em xeque o "Partido Nacional" dos "blancos". O partido comunista está em evidente retrocesso; sobre 1.200.000 eleitores e eleitoras, não conseguiu recolher senão 15.000 votos contra 32.000, em 1947; não tem mais representantes no Senado e 2 apenas, em vez de 4, na Câmara.

"O Uruguai é uma verdadeira democracia que poderia servir de exemplo", escreveu "La Nación", de Buenos Aires, a 29 de novembro do ano findo. Esta homenagem é perfeitamente merecida, porque esse país — onde a França é querida — é também desenvolvido sob os pontos de vista económico e cultural, tanto quanto politicamente. Ele pratica, verdadeiramente, uma política de "boa vizinhança" com todos os países.

Na Venezuela, em novembro de 1948, o presidente Gallegos foi substituído por uma "junta" que o acusou de incapacidade. A 13 de novembro de 1950, seu sucessor, o tenente-coronel Delgado Chalbaud foi assassinado em circunstâncias que permaneceram misteriosas. Em maio desse ano, havia ele proscrito o partido comunista e dado garantias às companhias petrolíferas, mas seria pueril ver em tudo "o dedo de Moscou", tanto mais que o presidente Chalbaud era muito combatido pelos socialistas da "Ação Democrática" e pelos católicos. O doutor Flammerich, que o sucedeu, constituiu uma "junta" governativa civil e militar.

Em outra oportunidade, expusemos as condições em que o General Odría havia substituído, no Peru, o presidente Bustamante, a 31 de outubro de 1948. Na Venezuela, o partido do ex-presidente Gallegos se chamava "Ação Democrática"; no Peru era "Aprista", tendo sido fundado há 25 anos, por Haya de la Torre e se fortificado na clandestinidade, afastando-se dos processos democráticos. O governo ditatorial do General Odría foi bem sucedido em seus esforços de recuperação econômica, mas não pôde impedir um forte aumento do custo de vida, assim como o êxodo rural na direção das cidades, o que diminuiu o rendimento agrícola e aumentou as dificuldades do abastecimento urbano. Malgrado a oposição da "Aliança Nacional", partido dos grandes industriais do algodão, aliados aos direitistas, o general foi reeleito presidente por seis anos, a 2 de julho de 1950, organizando então um gabinete de seis civis e seis militares, para substituir a "junta" que detinha o poder.

Os Estados Unidos interessam-se pelo Peru, em virtude de suas riquezas minerais, sobretudo o petróleo, abundante no Norte do país, no deserto de Sechura e onde a exploração poderia, em alguns anos, alcançar o nível da produção venezuelana. De outra parte, o desenvolvimento das comunicações terrestres e o estabelecimento de bases aéreas apresentam, atualmente, um grande interesse para

a defesa desta parte do hemisfério ocidental.

RAZÕES ESTRATÉGICAS

Já em 1933, a sagacidade do Presidente Roosevelt percebera o perigo hitlerista e discernira claramente que não mais se tratava de problemas especificamente europeus, mas, na verdade, de uma ameaça direta contra a democracia, em que os Estados Unidos não poderiam evitar de virem a ser o campeão, mais cedo ou mais tarde. Ora, num conflito armado com a Alemanha e seus satélites eventuais, a América Central e a América do Sul poderiam desempenhar um papel absolutamente decisivo. Se o Reich chegasse a tomar pé no mar dos Caraíbas e a transformar em hostilidade aberta a desconfinança das nações da América do Sul em relação aos Estados Unidos, a sua própria existência poderia ser posta em jogo.

Era então necessário agir com celeridade sobre um adversário que já havia preparado o terreno, metódicamente, por meio de uma emigração maciça. Existiam minorias poderosas no Brasil e Argentina, as duas grandes nações que, face à África, asseguravam já as novas ligações aéreas com o continente europeu. Certas "infiltrações" se desenvolviam em diversos Estados da América Central. O Reich poderia tentar transformá-los em bases para um assalto final contra a América do Norte.

Um outro perigo se manifesta, hoje em dia, ainda mais grave para os Estados Unidos, porque os seus meios de ação são infinitamente mais poderosos que os do hitlerismo e encontram "bases de partida" muito mais sólidas nessas mesmas regiões. Para apreciar, tão exatamente quanto possível, a força real do comunismo, nesta parte do mundo, convém lançar um rápido golpe de vista sobre os grupos humanos.

EVOLUÇÃO DOS GRUPOS HUMANOS

A evolução dos grupos humanos da América Central, à exceção de

Costa Rica, e dos da América do Sul, à exceção do Brasil, da Argentina e do Uruguai, foi determinada pela presença de certos fatores políticos ou culturais, possuídos em comum, tais como a existência de uma importante minoria indígena e a circunstância de terem sido colonizados pela Espanha.

A maior parte dos países da América "mestiça" não faz distinção entre brancos e mestiços, em virtude da pouca importância social do conceito de raça branca pura, noção que se não observa senão no interior de algumas famílias aristocráticas que reivindicam descendência direta de ancestrais espanhóis. Os imigrantes de origem europeia são poucos numerosos. O Peru, a Bolívia, o México, o Equador e a Guatemala possuem as mais fortes proporções de índios puros e ocupam as regiões onde os espanhóis encontraram as civilizações mais adiantadas: o império Maya-Azteca, na América Central e o império Inca, nos Andes. Olvida-se ordinariamente a existência de 300.000 índios nômades de raças diversas que vivem nas regiões amazônicas do Peru e se menciona apenas os Aymaras e os Quechas, que são os mais numerosos e formam uma classe de agricultores de um nível de vida extremamente baixo, e cujo lugar na vida econômica e política é quase insignificante. Uma parte, dentre eles, não abandona o Altiplano senão durante a estação em que a terra exige poucos cuidados e trabalham, então, nas minas ou nas plantações do litoral. Em seguida retornam às suas aldeias e, em geral, exploram as suas terras segundo um processo comunitário. Nos mercados rurais, os negócios se fazem, na maioria das vezes, por troca e os índios que trabalham nas grandes propriedades são, em geral, pagos em espécie. Formam um grupo econômico isolado e as suas instituições permaneceram as mesmas, desde a conquista de Cortez.

Da civilização ocidental, os indígenas não retêm senão certas manifestações exteriores do catolicismo, algumas ferramentas de aço e, às vezes, alguns rudimentos de es-

panhol. A sua linguagem, maneira de vestir, de se alimentar, de habitar, permaneceram as mesmas, depois de mais de quatro séculos; nove décimos sendo analfabetos, não podem votar e não exercem nenhum papel político. O grupo indígena é, entretanto, facilmente assimilado na sociedade, porque o problema não é essencialmente racial, mas provém, principalmente, duma diferença na maneira de viver. O índio não se distingue de um mestiço pela aparência física, mas pelo fato de que vive em comunidade, usa o "poncho", anda descalço e masca a folha de coca. Sem grandes dificuldades, os índios poderão ser assimilados, em um século, pela educação dos filhos e pelo casamento. De qualquer modo, não constituem o problema essencial das repúblicas sul-americanas.

Os mestiços possuem certos caracteres físicos do grupo indígena, mas as instituições indígenas foram destruídas totalmente pelos conquistadores hispânicos. A influência espanhola, pelo contrário, foi considerável: durante mais de três séculos, a Espanha foi o único país em comunicação com esta parte do mundo. Esse país não lhes transmitiu senão os aspectos tradicionais medievais do Ocidente. Não tendo ele próprio conhecido a Reforma, o liberalismo e a revolução industrial, interditava sistematicamente a propagação, em suas colônias, das idéias ou das invenções novas. Foram crioulos ou espanhóis estabelecidos, após muitas gerações, como Bolívar, que fizeram conhecer, nas colônias hispano-americanas, em consequência das guerras da Independência, o que havia sido ocultado anteriormente, no domínio das idéias políticas, sociais ou econômicas. Ainda se descobre, nas instituições dos diversos países da América latina, a marca da organização colonial: a educação, mesmo a de grau superior, permaneceu escolástica; o sistema de propriedade continuou feudal, em numerosas regiões onde os índios eram, por assim dizer, parte da terra; o poder temporal da Igreja e as rela-

ções familiares são ainda, sob certos aspectos, as que existiam na Espanha, nos séculos 17 e 18. Não foi senão após as guerras da Independência e sobretudo após a abertura do canal do Panamá que a influência ocidental, européia e norte-americana, se fez sentir.

A organização dos serviços de saúde é recente, mas, recentemente — para não citar senão um exemplo — calculava-se que a média de vida, no Peru, não passava de 32 anos e que uma, em cada cinco crianças, morria durante o primeiro ano de vida. A alimentação, tanto nas cidades quanto na campanha, é, em geral, deficiente. As instalações sanitárias são rudimentares, mesmo nas cidades importantes e é preciso admitir que os progressos serão lentos, mesmo nas melhores condições econômicas e políticas.

No "Listener", hebdomadário da BBC, Sir Ronald Frazer descreveu recentemente a dura existência dos habitantes do Altiplano. "Ninguém se lava, porque faz muito frio e, de qualquer maneira, não há água. Todo mundo masca a folha de coca... Não é somente entre os índios que tais são as condições de existência, se bem que a vida, em outras partes, não possa ser tão dura quanto sobre esses ásperos platôs. Mesmo na Argentina, o gaúcho, o reideiro, ou o homem de pequena condição, vive frequentemente numa cabana sórdida, em promiscuidade com os porcos, as galinhas e o resto. Não há, após o crepúsculo, outra iluminação que um bico de acetileno ou uma candeia e isto nem sempre... De uma extremidade à outra da América latina se exige, cada vez mais, uma melhoria geral do nível de vida, mas a penúria e a falta de técnicos, somando-se à falta de capital indígena, torna difícil corresponder aos desejos duma população que se apercebeu de que há coisas boas neste mundo e que, ao mesmo tempo, aumenta com uma rapidez excepcionalmente espantosa... As populações crescem com mais rapidez que a produção dos gêneros alimentícios cultivados no país. Em geral, muito primitiva, a agricul-

tura é praticada com enxada ou um bastão pontudo...".

O COMUNISMO E OS PROBLEMAS SOCIAIS

Uma das primeiras condições do progresso seria, evidentemente, a estabilidade política. Os países em exame têm, geralmente, uma constituição republicana, inspirada na dos Estados Unidos, com certos mecanismos dos sistemas francês e inglês; entretanto, a democracia, em geral, constitui apenas um ideal longínquo, em que cada partido a reclama, mas que não é realizada por diversas razões, entre as quais, a mais importante é a de que a maioria da população é analfabeta. Esta maioria permanece, assim, indiferente à vida política, permitindo a uma classe extremamente reduzida se manter no poder. Após a primeira guerra mundial, certa classe, intermediária entre os conservadores e os trabalhadores-mestícios, agrícolas ou urbanos, lançou-se à vida política e, unindo-se aos partidos trabalhistas numa coalisão anticonservadora, alcançou o poder, em diversas circunstâncias.

Num dos números recentes desta revista, falamos sobre a situação econômica e social na América latina e da posição do partido comunista. Foi no Brasil que ele obteve o maior número de adeptos, ainda que pareçam estar em grande decréscimo; houve 600.000 votos comunistas nas eleições presidenciais de 1945 e apenas 208.000 cédulas em branco, nas eleições de 1950, pois então o partido estava fora da lei. Se existem ainda 15.000 comunistas no Uruguai, onde está autorizado a funcionar, não deve haver mais de 3.000 na Venezuela e algumas centenas no Paraguai que, como o Brasil, o Chile, a Bolívia e o Peru, colocaram o P.C. fora da lei. Sem dúvida, subsistem uns 60 a 70.000 no Chile e 40 ou 45.000 na Argentina, onde ainda está autorizado a funcionar, mas a polícia descobriu recentemente (a 4 de abril último), um plano de ação comunista, no decurso de investigações feitas no domicílio de certa pessoa detida em consequência de mani-

festações diante da embaixada dos Estados Unidos.

A notícia da reunião da última Conferência dos Chanceleres americanos bastou para lançar, em março último, uma vaga de propaganda comunista contra a América latina, que os agentes russos apresentaram como "invadida por ondas de greves" e onde os trabalhadores eram "massacrados pelos governos a sôdo de Washington". Mas, acrescentava o rádio, "sob a direção de sindicalistas progressistas, como o mexicano Lombardo Toleriano e o cubano Lazaro Pena, os trabalhadores sairão vitoriosos desta luta". A estes nomes, é forçoso acrescentar os do brasileiro Luiz Carlos Prestes, expulso de sua pátria há três anos, do chileno Pablo Neruda e do paraguaio Obdulio Barthe. Graças à Confederação dos Trabalhadores da América latina, centralizada no México, M. Lombardo Toledano dispõe de uma influência que não seria de negligenciar.

"Numéricamente, escreveu recentemente o jornal suíço "Saint-Galler Tagblatt" os comunistas não representam, certamente, nenhum perigo na América do Sul. Contudo, podem se tornar perigosos, se seus aderentes chegarem a ocupar postos-chaves no movimento sindicalista, como é o caso de Toledano e Lazaro Pena."

O individualismo hispânico, a passividade do índio, o gosto da dependência, opõem-se à propaganda comunista, mas esta sabe utilizar-se das más condições econômicas, e, ao mesmo tempo, utiliza-se das reivindicações sindicalistas, das aspirações nacionalistas, por vezes hostis aos EE.UU. e se vale de certas reivindicações dos índios do Pacífico e dos negros do Brasil. É forçoso dizer que as causas remotas dos movimentos revolucionários, na América latina, expressam-se em uma única palavra: a miséria. Do mesmo modo que no Sudeste asiático, o melhor meio de lutar contra o comunismo seria eliminar as condições sociais que favorecem a sua eclosão. Luiz Carlos Prestes, para atender aos trabalhadores agrícolas, reclama a expro-

priação das grandes propriedades, como fizeram e fazem os líderes marxistas na China e no Sudeste asiático. Como deixar de se impressionar com esta analogia, uma vez que lá, como também no Extremo Oriente, dezenas de milhões de deserdados estão espalhados sobre imensos espaços?

Num interessante estudo sobre o comunismo na América latina, M. Pierre Fréderix lembrou a possibilidade de um plano que consistiria em "operar pelo interior", provocando insurreições, recrutando os indígenas, aterrorizando os colonos e enfeixando e encampando o poder legal nas cidades do litoral. Este plano, antes de tudo, assemelha-se extremamente ao de todos os "maquis" asiáticos atuais. É também, do ponto de vista militar, o que permitiu à Bolívar e San Martín se desembaraçarem dos espanhóis, após 15 anos de luta. Tratava-se, então, duma guerra de libertação política, dirigida contra uma potência européia. Prestes, atualmente, pensa em termos de libertação econômica e considera os Estados Unidos o seu principal adversário. Sonhará ele tornar-se o Mao-Tse-Toung da América do Sul?

A IMPORTANCIA DO MEXICO

Situado na outra extremidade da América latina, o México possui, ao Norte, uma fronteira comum de 2.700 quilômetros com os Estados Unidos. A Este e a Oeste, é banhado pelo mar das Antilhas e pelo Oceano Pacífico, sobre costas de 3.100 e 7.400 quilômetros de extensão, respectivamente. Isto já diz da sua importância. Do ponto de vista econômico, o México é um país novo; possui uma população jovem — mais de 22 milhões de habitantes — fornecendo uma abundante mão-de-obra não especializada. A sua atividade básica é a agricultura. Impondo bastar-se a si próprio, a guerra permitiu-lhe intensificar a sua produção industrial e desenvolver as suas atividades gerais. Entrando na guerra a 22 de maio de 1942, membro das Nações Unidas, participou de todas as reuniões internacionais e o es-

fôrço comum lhe permitiu estabelecer relações mais amistosas com outras repúblicas americanas e em particular com os Estados Unidos, do qual se havia afastado um pouco, em 1938, após a expropriação das empresas petrolíferas. Durante a guerra, os seus recursos em gêneros alimentícios, em metais estratégicos e em mão-de-obra, foram postos à disposição das Nações Unidas.

Em sua fronteira Norte, formou-se uma grande organização industrial. Atualmente, o país produz muito e faz o aproveitamento dos seus filões de minérios de ferro e carvão. A indústria leve está em vivo progresso, graças aos investimentos estrangeiros, às subvenções do Estado ou mesmo pela emissão de valores. A economia rural está em vias de transformação e os camponeses adquirem objetos manufaturados.

Temos a satisfação de assinalar esta evolução porque, da mesma forma que o Uruguai, o México demonstra uma profunda simpatia pela França. Como em relação a Índia do "pandit" Nehru, Marguerite Jouve já o notara antes, com muita justeza, porque "Nehru é o líder de uma nação que, ontem ainda colônia, mostrou, de maneira mais proveitosa e menos agressiva, que está perfeitamente apta a desempenhar um papel internacional".

Não obstante, Marguerite Jouve salientou também a presença, no México de uma colônia chinesa extremamente numerosa. "Continua a ser verdadeiro, afirmou ela, que o México é o tendão de Aquiles dos Estados Unidos... Um só exemplo mostrará que, para estes, é melhor contar com o México entre os seus amigos. Logo após a entrada em guerra dos americanos, cinquenta e dois navios de todas as tonelagens foram afundados, em uma só semana, no Golfo do México! Haviam sido estabelecidas, na costa, bases clandestinas de abastecimento para submarinos, à revelia do governo". Os americanos conhecem a importância estratégica do seu vizinho. "Ora, dizia ainda Marguerite Jouve, o caminho

que os Estados Unidos devem percorrer de volta é bem penoso. É possível que esta situação comporte uma parte de injustiça, mas isto não a modifica em nada. Existe, quem sabe, uma voz no mundo que, pelo instinto de raça e os complexos engendrados pela história, pudesse verdadeiramente converter os corações mexicanos à causa ocidental e, esta, é a voz francesa."

PARA UM FUTURO MELHOR

Nada ocultamos sobre os males de que sofre a América latina. São eles sem remédio? Não o cremos, pois estamos convictos de que o parto do mundo novo, que esta época de transição está preparando, não será obrigatoriamente sangrento.

Desde logo, os principais dirigentes dos Estados Unidos discerniram claramente que o seu futuro econômico dependeria, em grande parte, da modernização da América latina. Deixaram assim de crer que, criando indústrias aí, provocariam uma concorrência perigosa; bem ao contrário, elas permitiriam o surgimento de um mercado essencial à sua própria prosperidade. Entretanto, a solidariedade internacional, no seio do hemisfério americano, seria sem fundamento, se não fôsse sustentada por uma comunhão de ideais baseados — repetam-lo — na vontade determinada de acabar com a miséria.

Em seu discurso inaugural da Conferência do México, a 8 de março de 1945, o presidente Padilha declarava: "A América latina tem necessidade de uma elevação do seu padrão de vida, de salários mais altos, do desenvolvimento da instrução pública, duma luta vitoriosa contra a tuberculose e outros flagelos sociais, duma melhoria da sorte das massas. Os Estados Unidos possuem a ferramenta e os técnicos. A América latina pode oferecer créditos bancários, consistindo em musculaturas de excelente qualidade e em matérias-primas de toda sorte".

Este programa não perdeu nada de sua importância nestes seis anos. Ao contrário, deve ser aplicado vi-

gorosamente e o mais rápido possível.

Resta a preparação moral, que nem sempre correspondente à união econômica. O Norte, anglo-saxão e o Sul, ibérico, fortemente modificado pelo elemento indígena, não falam intelectualmente, nem sentimentalmente, a mesma linguagem. Conversam, como que, por cima de um muro. É preciso derrubar esse muro. Somente a circulação das pessoas em grande escala e a difusão das idéias, através das duas Américas, ligadas à circulação crescente dos produtos e das riquezas, consolidará e animará verdadeiramente a organização pan-americana.

A necessidade desta solidariedade internacional patenteia-se claramente aos intelectuais da América latina.

"Toda a história do México pode ser considerada como uma procura de nós mesmos" escreveu M. Octavio Paz, num artigo intitulado "O labirinto da solidão". Após uma brilhante exposição histórica, verificou ele que a Europa, atualmente, vivia como o México — "au jour le jour". Estritamente falando, disse ele, o mundo moderno não

tem mais idéias... A situação do nosso país não difere muito da de outros. Depois da segunda guerra mundial, percebemos que esta criação de nós-mesmos, que a realidade exigiu de nós, não é diferente daquela que uma realidade análoga exige dos outros. Vivemos, como o resto do mundo, uma conjuntura decisiva e mortal, — órfãos de um passado e com um futuro a inventar. A História Universal é, para o futuro, uma tarefa comum e o nosso labirinto é o de todos os homens.

Esta opinião se soma à de um francês, o Coronel Alban-Vistel — herói da Resistência — que viveu muito tempo na América latina e que, numa obra preciosa sobre essa parte do mundo, assim escreveu: "A revolução indo-latina não implica na deseuropeização do mundo, nem significa uma ruína para a cultura ocidental branca. É uma afirmação de vitalidade, um esforço biológico do jovem que sente despertar em si próprio uma alma e tenta exprimir nela a revolta e o canto. Isto é certamente mais complexo, muito mais vasto e, sobretudo, muito mais comovente de que todas as rebeliões imaginárias".

Retificação de eixos só na Mecânica Arpon Ltda.

Reforma parcial ou total de motores para
automóveis, caminhões, etc. com garantia

Fones : 48-2949 e 48-3809

RUA LINO TEIXEIRA, 176 a 182



PROBLEMAS DO BRASIL

Cel. ADALARDO FIALHO

A Redação desta Revista, ao fazer publicar a bibliografia de "Problemas do Brasil", do Coronel Adalardo Fialho, como última parte desse seu trabalho, que vem sendo publicado desde o número de maio de 1950, reporta-se à apresentação que, do mesmo, foi feita no referido número inicial: "Estamos certos de que os leitores de "A Defesa Nacional" terão, na excelente colaboração do Ten.-Cel. Adalardo Fialho, uma variada e agradável leitura para as suas horas de lazer e um verdadeiro subsídio para a ampliação dos seus conhecimentos gerais".

De fato, o trabalho do Coronel Adalardo Fialho despertou o interesse que proviramos, principal-

palmente entre os oficiais candidatos às provas de Cultura Geral do Concurso de admissão à Escola de Estado-Maior, sendo, hoje, citado como fonte de consulta para o estudo dos candidatos à referida Escola e tendo mesmo servido, dois de seus artigos, como subsídio para a solução de questões ligadas àquele concurso. Alguns capítulos foram transcritos na imprensa do país.

Por tudo isso, esta Revista se congratula com o Coronel Adalardo Fialho, agora fazendo parte do seu corpo redatorial e o concita a reunir os seus artigos em livro, para comodidade dos que o desejarem consultar — Gen. R.B. Nunes.

Bibliografia de "Problemas do Brasil"

- "America's strategy in world Politics", por Nicholas John Spykman
- "U.S. Foreign Policy", por Walter Lippmann
- "The coming battle of Germany", por William B. Ziff
- "You can't do business with Hitler", por Douglas Miller
- "Vitória pela força aérea", por Alexandre de Sewersky
- "South America's Lost Canal", por Ruth Sheldon
- "Limites do Brasil", por Lima Figueiredo
- "Gomez, Tirano dos Andes", por Thomas Rourke
- "Aspectos Geográficos Sul-Americanos", por Mario Travassos
- "Notas de Geografia Militar Sul-Americana", por Paula Cidade
- "Mensagem apresentada ao Poder Legislativo, em 15 de março de 1948", pelo General Eurico Gaspar Dutra
- "Global War", por Edgar Ansel Mowrer e Marthe Rajchman
- "Dia Pan-americano", pelo General Souza Doca
- "The History of the United States", por Allan Nevins e H.S. Commager
- "Aspectos da população do Brasil", pelo professor Giorgio Mortara
- "Estados — Continente" e "Estados — Ilha", por Cristovam Dantas
- "Tratado de Assistência Recíproca, do Rio de Janeiro"
- "Carta da "Organização dos Estados Americanos"

- "Necessidade e impossibilidade de produção", por Evaldo Simas Pereira
- "Educação alimentar para o Brasil", pelo Dr. Castro Barreto
- "A função Econômica e Social do Estado", por A. C. Ferreira Reis
- "Imigração italiana", por L. V. Giovannetti
- "Fome de imigrantes", por Cristovam Dantas
- "A Política e o problema humano no Brasil", por Hermes Lima
- "O problema da Imigração", pelo Professor Maurício de Medeiros
- "O Município", por Levi Carneiro
- "Brasil, 1943-1944", pelo Ministério das Relações Exteriores
- "Raça e Assimilação", por Oliveira Vianna
- "Compass of the World", por Hans W. Weigert e Vilhjalmur Stefansson
- "A Batalha do Passo do Rosário", pelo General Tasso Fragoso
- "Brasil, país do futuro", por Stefan Zweig
- "This Time for Keeps", por John Mac Cormac
- "Petróleo", pelo Gen. Ibá Jobim Meireles
- "O problema do petróleo no Brasil", pelo Maj. João Baptista Peixoto
- "O petróleo no Brasil", por John R. Suman
- "O problema do Petróleo", pelo Gen. Horta Barbosa
- "History of the Second World War", por Henry Steele Commager
- "Revista do Clube Militar"
- "A Defesa Nacional"
- "Revista Brasileira de Geografia"
- "Revista Brasileira de Estatística"
- "Nacionalização do Vale do Itajaí", por Rui de Alencar Nogueira
- Artigos diversos publicados em Revistas e Jornais do país.

AGRADECIMENTO E APELO

A redação desta Revista, ao ensejo da reorganização das diversas secções em que está dividida e da nova orientação que imprimirá à mesma, daqui por diante, ou seja, franco acolhimento da boa matéria nacional, porém ampliação, de outra parte, da matéria estrangeira que concorra para a atualização dos conhecimentos militares e para a divulgação dos ensinamentos das últimas guerras, vem fazer público os seus agradecimentos aos abnegados camaradas Ten.-Cel. Arold Ramos de Castro, Majores Floriano Möller, Moziul Moreira Lima, Reinaldo Mello Almeida, Luiz Wiedman, Capitães João Wagner e Alberto Fortunato, os quais, apesar dos seus afazeres diários, atenderam gentilmente ao pedido para traduzirem artigos de revistas militares estrangeiras, publicadas nos últimos números. Apela, outrossim, para todos os demais camaradas da guarnição da Capital Federal, que queiram colaborar, para entrarem para o corpo permanente de tradutores da nossa Revista, bastando, para isso, entenderem-se com o Diretor-Secretário da mesma.

Finalmente, a redação agradece ao Ten.-Cel. Francisco Ernesto Pais Leme a valiosa e apreciada colaboração que, desinteressadamente e também para atender ao seu pedido, prestou-lhe e continuará a prestar, sob a forma de magníficas ilustrações.

Geografia e História Militar



A MANOBRA COLLECHIO-FORNOVO

A LUZ DE UM EXERCÍCIO TÁTICO

General SILIO PORTELA

Nota da Redação. — Era desejo da redação desta Revista publicar a carta abaixo no número de abril, mês em que se comemora a vitória da manobra Collechio-Fornovo. Infelizmente, razões que se prendem à programação prévia dos assuntos e também às mudanças havidas na Diretoria da Revista impediram-nos assim como no mês de setembro, quando se comemora mais um aniversário da entrada em ação da F.E.B., na Itália. Penitenciando-se dessa falta e pedindo excusas ao autor, a Redação faz publicar, no número deste mês, a referida carta e a recomenda aos leitores desta Revista, pois nunca é tarde para se relembrar os brilhantes feitos do nosso Exército nos campos de batalha da Europa. Nela, o Exmo. Sr. Gen. Sílio Portela procura comparar, com a proficiência de antigo e emérito professor de Tática da Escola de Estado-Maior, a bela manobra de Collechio-Fornovo, sem dúvida a mais feliz operação da F.E.B., a um "Exercício tático onde as decisões são necessariamente orientadas para certos desfechos, a fim de ressaltar os ensinamentos que se pretende sublinhar".

Rio, 25 de abril de 1951.

Meu caro Mascarenhas.

Li, com o máximo interesse, os feitos de nossas tropas sob seu digno Comando, na Campanha da Itália, através das brilhantes páginas de "A F.E.B., pelo seu Comandante".

Nelas, tive a satisfação de ver que a nossa gente esteve à altura

dos melhores soldados que pelejaram na península, nisto incluso o mais aguerrido adversário que poderíamos defrontar, não só pelos pendores raciais que em todos os tempos os alemães demonstraram possuir, como também pela experiência adquirida, em longos anos de peleja, no Norte da África e alhures.

Esta situação de paridade, ao lado de forças aliadas de escol e

face ao veterano inimigo, foi o que, na época, eu mais almejava para a conduta dos brasileiros que foram postos sob suas ordens, pois sabia que, com um bom material humano, as qualidades intelectuais e morais do seu ilustre Chefe eram bastantes para levantarem bem alto o nome do Brasil na terra estranha em que precisou ser ouvido.

Seria muito longo expressar ao amigo as minhas impressões sobre os acontecimentos relatados em seu instrutivo trabalho, todos ricos de ensinamentos, por viverem situações concretas de uma Campanha que, não tendo a longa duração de toda a guerra, foi, todavia, assinalada por gloriosos acontecimentos, não esmaecidos pelos naturais contratempos que fatalmente ocorrem em tais circunstâncias.

Mas, agora, com a proximidade do 29 de abril, data aniversária do espetacular desfecho da manobra Colléchio-Fornovo, desejo transmitir ao eminente Comandante da F.E.B. a minha grande admiração pela perícia com que os acontecimentos foram aí conduzidos e pela excelente execução que lhe deram os seus comandados.

Não foram poucas as operações duramente coroadas de sucesso, empreendidas pelas nossas forças na Itália. Colocadas no flanco livre do Exército, muito poucas vezes auxiliadas pelos vizinhos e mais freqüentemente auxiliando-os com substituições que prolongavam demasiado a sua frente, agindo singularmente em direções divergentes, em relação ao conjunto das operações na península — o que as levava a se haverem consigo mesmas, no âmbito exclusivamente divisionário — as nossas tropas deram provas de uma eficiência digna do elevado conceito que rapidamente conquistaram entre os estrangeiros com quem colaboraram.

Nenhuma operação, porém, mais me empoçou do que a manobra de Colléchio-Fornovo; foi u'a manobra conduzida tão afortunadamente que mais pareceu a ficção de "Exercício tático", onde as decisões são necessariamente orientadas para certos desfechos, a fim de res-

saltar os ensinamentos que se pretende sublinhar.

Desde que, muito longe ainda do teatro dos acontecimentos principais, a 1ª D.I.E. teve rebaixar-se para Noroeste, a fim de cobrir o eixo Módena-Piacência, tem-se a impressão de que a "Direção de Manobras" estava encaminhando as cousas para o desenlace já previsto no vale do Rio Taro, lá para mais de 100 km distante. (Ver fig. 1).

E como o tempo urgia, para que o "exercício" se realizasse dentro do calendário preestabelecido, foi preciso a adoção de decisões heróicas, como sejam o contorno da resistência de Marano, deixando-a à sua própria sorte, e a utilização dos meios transportadores da artilharia, para acelerar os deslocamentos na direção das conveniências.

No entanto, não se tratava de ficção alguma, e sim de um caso concreto arriscadamente vivido, no cumprimento de missões que se contradiziam; pois, de um lado, a 1ª D.I.E. tinha que barrar a passagem aos alemães que, transpondo os Apeninos ligurianos, procurassem acolher-se aos seus, no vale do Pó; e, de outro lado, deveria estar pronta a se engajar na direção oposta, impedindo os socorros que poderiam chegar aos primeiros, vindos do Norte. Mais uma vez, a 1ª D.I.E. seguiu a sorte que lhe estava predestinada: empenhar-se em combates segundo direções completamente diversas das operações gerais das tropas amigas.

Esses riscos foram bem caracterizados pela larga articulação a que sucessivamente nossas forças foram obrigadas, culminando com um desenvolvimento de mais de 80 km, quando o inimigo se apresentou concentrado no vale do Taro, com efetivos superiores à totalidade de nossas tropas de choque: assim o indica o número de prisioneiros feitos em zona res- trita.

A correta utilização do Esquadrão de Reconhecimento foi a causa determinante do contacto estabe-

VALE DO PÔ

Movimentos que antecederam o Combate de Fornovo

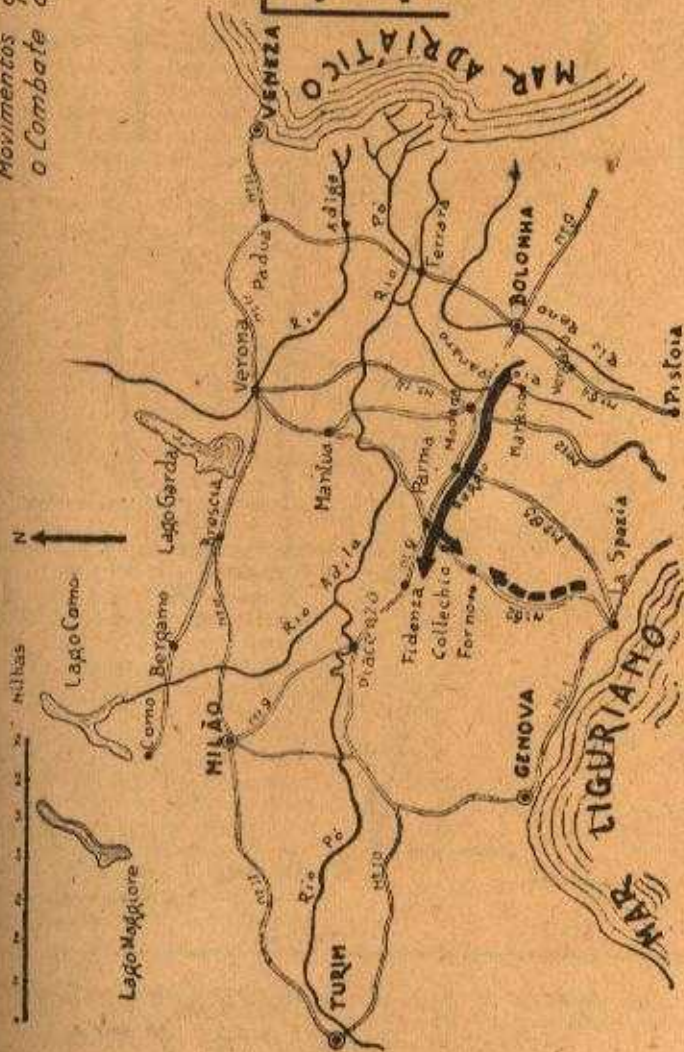
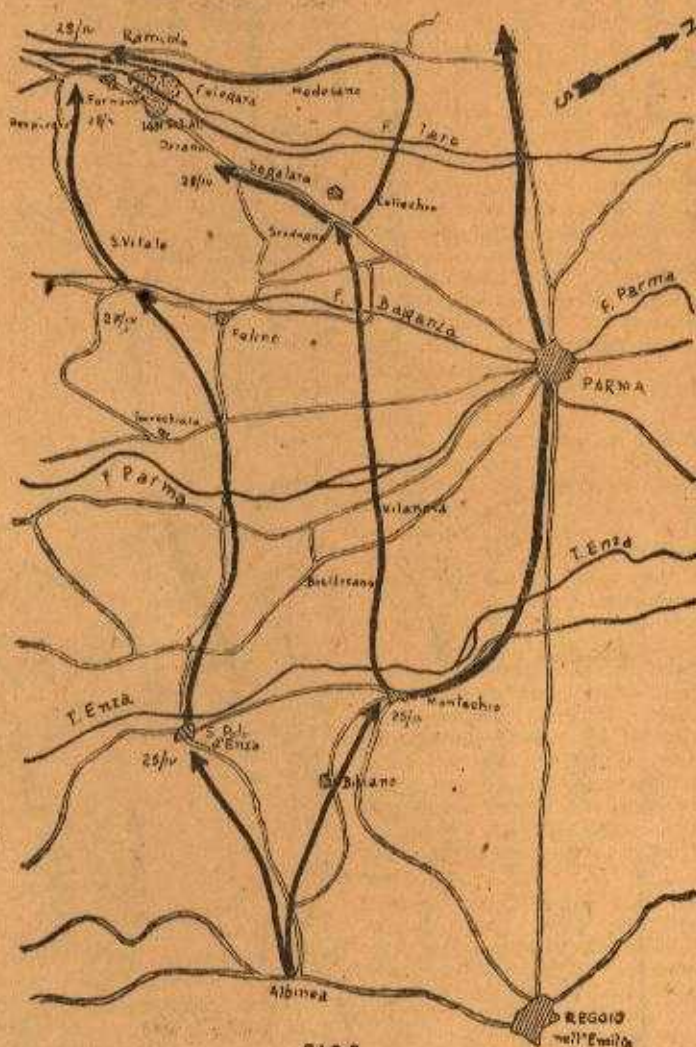


FIG. 1

MANOBRAS COLLECHIO-FORNOVO (Abril de 1945)



Do livro "A F.E.B. pelo seu Comandante" do
Marechal Mascarenhas de Moraes

lecido com o inimigo, na sua apresentação em Colléchio. Abro um parêntese para render minha homenagem a essa pequena unidade que, durante toda a campanha, cumpriu com brilhantismo as variadas missões que lhe foram atribuídas, com proveito de sua grande mobilidade e potência de fogo. Unidade de formação nova, em nossa organização militar, bem merece ser destacada, em narração especial, pelo extraordinário rendimento tático que sempre deu na Itália, segundo se deprende das páginas de seu atraente livro.

Citava o contacto conseguido pelo Esquadrão de Reconhecimento na calha do Taro, para reportar-me aos fatos que aí se desenvolveram tão perfeitamente como no encaminhamento de um "Exercício na carta".

Primeiro, a chegada do Esquadrão, no momento em que o adversário também entrava em Colléchio, barrando a este o prosseguimento da marcha para o Norte.

Depois, a hora adiantada em que esse encontro teve lugar, mascarando, com a noite que pouco depois veio, a fraqueza dos efetivos que inicialmente se contrapunham aos tedescos.

Finalmente, a presença do próprio Chefe superior da D.I.E., no seio do elemento precursor, em condições de tomar pessoalmente medidas rápidas para a convergência de reforços, de modo que, na manhã seguinte, a barragem estava consolidada e o resto da Divisão se articulava para o cerco de Fornovo e para, no caso de um insucesso local, deter o adversário nas várias estradas que, de Fornovo, vão ter ao corte do Pó.

Esse feixe de estradas parece ter sido particularmente escolhido pela "Direção do Exercício" para a manobra de cerco desenvolvida

nas três jornadas que se seguiram, provocando o desmoroamento da resistência adversa quando o Esquadrão Pitaluga (sempre esse Esquadrão de Reconhecimento!) entrava a fundo no seu flanco esquerdo (Ramiola) e o Btl. Oest sangrava o flanco direito em Respiccio. (Ver fig. 2).

E assim, empenhando somente metade da Divisão, o hábil Chefe brasileiro alcançou a rendição de forças mui superiores, veteranas de uma campanha de vários anos, em boas condições físicas, embora fatigadas (fadiga que certamente também atingia à nossa gente), bem municiadas e dispendo de copioso material de guerra, como consta do "butin" arrecadado.

Foi u'a manobra excepcionalmente bem dirigida, essa de Colléchio-Fornovo. Merece ficar em nossa História Militar como "manobra clássica", já o disse, e nossas Escolas Militares precisam estudá-la e divulgá-la completamente, para que se conheça, até nos menores escalões de força, as causas que concorreram para tão felizes resultados.

Aproximando-se a data aniversária desses notáveis feitos, é oportuno que se renovem ao grande Chefe todos os aplausos de que é merecedor, como arquiteto máximo das glórias alcançadas para a nossa Pátria, na vitória de Colléchio-Fornovo.

Quando o amigo ainda se encontrava na Itália, tive ocasião de escrever-lhe, vaticinando terem os fados o escolhido para o posto de "leader" de nossa velha geração da Praia Vermelha.

O vaticínio foi integralmente cumprido, não resta a menor dúvida.

Do velho amigo.

(a) Sílio Portella.

LUCAS MANGABEIRA COSTA

COMERCIANTE

RUA 7 DE SETEMBRO, 82 — ITABUNA

OS GRANDES PROBLEMAS NACIONAIS

I

A MUDANÇA DA CAPITAL DA REPÚBLICA

A Redação desta Revista, antes de transcrever, com a devida vênia, o artigo do Brigadeiro Lysias Rodrigues intitulado "A "Heartland" brasileira", no qual tece loas à região do Planalto Central de Goiás e refletindo o movimento nacional em favor da mudança da capital da República, notícia a estada, no Rio, da caravana de Deputados goianos que veio se avistar com as altas autoridades do país em missão de propaganda daquele estupendo movimento. Segundo a imprensa local, a caravana estava constituída por representantes de todos os partidos políticos e também por jornalistas e radialistas. Em S. Paulo, onde esteve primeiro, visitou a Assembléia Legislativa, os jornais, as estações de rádio, clubes diversos e associações de classe, encontrando, em toda a parte, a maior receptividade. No Rio, ouviu do próprio Prefeito, Sr. João Carlos Vital: "Sou favorável à mudança da sede do governo para o planalto central". Visitando a Câmara Federal, ouviu, de numerosos Deputados, de todos os partidos, palavras de incentivo. Finalmente, o próprio Presidente da República, o Exmo. Sr. Getúlio Var-

gas, teria dito ao Deputado Rui Ramos, um dos batalhadores pela mudança imediata da Capital, que condicionava a execução da medida à apresentação de um plano financeiro. Os Deputados goianos, portadores de um plano de mudança, que é de iniciativa dos corretores de imóveis de Goiás, já o expuseram ao Exmo. Sr. Getúlio Vargas.

O plano baseia-se no loteamento e venda de 100.000 lotes de terrenos, correspondentes às 100 mil famílias que integrariam a futura capital, num total de 500 mil habitantes.

Os lotes, vendidos à razão de 50 a 200 mil cruzeiros, produziriam cerca de 11 bilhões de cruzeiros, quantia julgada suficiente para a construção dos próprios federais destinados às repartições e autarquias. Outro plano sugerido consistiria na aplicação progressiva dos recursos dos Institutos de Assistência Social na construção das edificações necessárias. Tais planos, é claro, baseiam-se na desapropriação prévia dos terrenos da futura capital, iniciativa, aliás, de que já se cogita.

II

A "HEARTLAND" BRASILEIRA

Brigadeiro LYSIAS RODRIGUES

Em 1919, Sir Harold Mac Kinder, estudioso inglês da Geografia Política, afirmava, em seu livro "Democratic Ideals and Realities" que "havia sido a ameaça do Poder Terrestre, levada pela ferrovia aos

pontos nodais do Império Britânico, que provocara a hegemonia inglesa, baseada no domínio dos altos mares, pondo em jôgo um novo fator na estratégia mundial, e que, reciprocamente, havia sido única-

mente o Poder Terrestre, trazido de além-mar para a cabeça de ponte da França e para o Oriente Médio, que permitira a vitória sobre a Alemanha e a Turquia. Esses novos aspectos da estratégia mundial não eram mais que efeitos da causa primária, a aceleração dos transportes terrestres, processando-se em progressão geométrica, ao mesmo tempo que punha, em um mesmo plano, o Poder Naval e o Poder Terrestre, atuava fortemente para o desenvolvimento de uma nova força, breve encontrada — O Poder Aéreo.

No momento mesmo em que Sir Harold Mac Kinder lançava a sua teoria da "Heartland" surgiu uma esclarecida voz de advertência, contestando-a, e lembrando as possibilidades da aviação futura, então em tentativas promissoras, mas, ainda tentativas somente, "que breve seria uma força a ser levada em conta no equacionamento da política mundial". No calor da luta acérrima entre o Poder Naval e o Poder Terrestre, a advertência não foi ouvida, e se o foi, não teve contestação.

Não necessitamos apontar a evolução espantosa da aviação, depois que Alberto Santos Dumont materializou o milenar sonho humano de voar, porque esta geração teve a glória de assisti-la. Basta que recordemos que ao findar-se a segunda guerra mundial, ela havia evoluído de tal forma, conquistado tantos louros e executado proezas tão destacadas que se transformara em um poder incontestável, Poder Aéreo.

O Poder Aéreo alterou fundamentalmente os conceitos do tempo, da posição e do espaço, ao mesmo tempo que testemunhava quão fundamentalmente errado era o conceito de Mac Kinder sobre a "Heartland".

Há uma "heartland" no mundo, mas, não aquela apontada por Mac Kinder. Sempre houve uma "heartland", desde tempos imemoriais. "Heartland que marcha para a Ocidente com a civilização, e que acaba de transpor o Atlântico, em toda a sua largura.

Quando a China esteve no apogeu de sua civilização, há milênios, aí houve uma "heartland". A proporção que a civilização se deslocava do Oriente para o Ocidente, em cada país que atingia o máximo do progresso — a Índia, a Pérsia, a Assíria, o Egito, a Grécia, Roma — sempre houve, em cada um deles, uma "heartland", uma região que era a expressão máxima da cultura, do comércio e da indústria, uma região que era o coração do país e do mundo de então.

Diria, talvez, Mac Kinder, que essas são "heartland" móveis, variáveis com o tempo, o lugar, a civilização, e que ele se referia a uma "heartland" fixa, permanente, a "heartland" do mundo. A isso replicaremos que, se houvesse uma "heartland" desse tipo, certamente desde tempos imemoriais o mundo seria por ela dominado, o que jamais se verificou, e isto é prova cabal de sua inexistência.

No momento atual, a verdadeira "heartland", aquela região "coração do mundo", densamente povoada, cheia de indústrias as mais diversas, com poderoso comércio que vai aos mais longínquos recantos do mundo, abundando em matérias-primas de toda a classe, com uma cultura do mais alto grau, incessantemente progredindo, região banhada pelos dois maiores oceanos, dispondo de um sem número de boas baías e seguros portos, recordadas de ferrovias e rodovias ótimas e seguras, pontilhada de aeroportos e campos de pouso, com densa rede aeroviária ligando-a a todo o mundo, região que prega os mais altos ideais da humanidade, essa real "heartland", esse "coração do mundo" de hoje, é, sem dúvida, a América do Norte.

HEARTLAND BRASILEIRA

Assim como há uma Geopolítica global e uma Geopolítica própria a cada país, por assimilação, há, também, uma "heartland" global e uma "heartland" inerente a cada país.

Se vamos apontar, agora, a "heartland" brasileira, é porque ela está

fadada a ser, em contados anos, a futura "heartland" do mundo, mercê da ação, de poderosos fatores geopolíticos que sobre ela atuam intensa e incessantemente.

Contemplemos um mapa do Brasil e essa verdade ressaltará, tanto mais que há notável coincidência que faz com que a "heartland" brasileira esteja situada bem no centro do Brasil. Essa região é o Planalto Central de Goiás.

É secularmente afamada a riqueza dessa região; desde 1592, quando Sebastião Marinho descobriu ouro, num pequeno afluente do Rio Maranhão, em Goiás, até à fabulosa tentativa de desviar o curso deste rio, em *Água Quente* (1732), por dez mil trabalhadores, (em 2 horas, tempo que resistiu o dispositivo trabalhosamente feito, colheram-se ouro e pedras preciosas capazes de cobrirem tôdas as despesas feitas e dando larga margem de lucros aos que a fizeram) sempre foram encontradas riquezas imensas.

O rio S. Bartolomeu escavou, no Planalto Central do Brasil, um enorme buraco, de quilômetros de largura, onde está sediada a cidade de *Cavalcante*, nome do bandeirante paulista que a descobriu.

Nesse local, há anotadas trinta e três jazidas de diferentes minerais, inclusive de mercúrio, sendo que o centro da cidade é balizado por uma mina de ouro, tão opulenta que justificou ali a criação de uma "Casa de Cunho", ainda existente.

O Brigadeiro Cunha Mattos descobriu, num brejo de *Água Quente*, "olhos d'água sulfurosa e mais amargosa que a água saloba, tendo muita semelhança, no gosto, à água que passou por alcatrão ou petróleo".

Se a riqueza dessa região é estonteante, não só em ouro e pedras preciosas, mas, em níquel, ferro, calcários e minerais estratégicos, a beleza paisagística é realmente digna de nota. O Padre Rambo é quem, sisudamente, nos diz que: "Em todo o Brasil não se encontra paisagem comparável com a capa

siluriana do Planalto Central de Goiás".

Azevedo Pimentel, em seu "O Brasil Central", é mais expansivo, pois, diz: "Sempre tenho dito, e essa crença já criou raízes fundas no meu ânimo, que o Brasil Central é um paraíso, um verdadeiro paraíso".

A importância dessa região porém, não decorre da beleza de suas paisagens, nem da riqueza estonteante do seu subsolo, mas, da pressão dos fatores geopolíticos, que tomaram-na para seu ponto de aplicação, único e especial.

Essas poderosas forças geopolíticas que atuam nessa privilegiada região, de há muito, estão apontando-a, indiscutivelmente, não só como a "terra-coração" do Brasil, mas, ainda, dentro de contados anos, como a "terra coração" do mundo inteiro.

É nesse Planalto Central de Goiás, numa região bem limitada, que nascem os formadores dos rios Tocantins, Araguaia, S. Francisco e Paraná; estes rios, forças geopolíticas poderosas, são multiplicadas de valor pelas várias vias de comunicação e transporte que servem a região e circunvizinhanças.

Uma só ferrovia, a E.F. São Paulo-Goiás, chega ao sul da "heartland" do Brasil, em Anápolis, mas, a atração geopolítica dessa região é tão forte, que já impôs o prolongamento da E.F. Central do Brasil, de Pirapora a Formosa, hoje quase pronto; o projeto grandioso de Paulo de Frontin, prevê que tal ferrovia rume daí (Formosa) para Belém do Pará, pelo vale do Tocantins. Sua execução justificaria, enfim, esse nome (E.F. Central do Brasil).

A E.F. São Paulo-Goiás, cuja ponta dos trilhos está em Anápolis, já projeta estendê-los até à margem do rio Araguaia, atendendo à impulsão geopolítica para o Oeste, e já lançou um ramal para Goiânia, a novel capital do Estado de Goiás, que anseia por atingir Cuiabá, em futuro próximo.

Também é de prever-se, para breve, o ramal ferroviário Anápolis-Formosa, que interligará a E.F.

Central do Brasil e a E.F. São Paulo-Goiás, como consequência lógica da pressão geopolítica regional.

As rodovias goianas, que rumam para o centro geopolítico de atração — o Planalto de Goiás — estabeleceram uma rede rodoviária de alto valor, já interligam essa região com os Estados da Bahia, S. Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais. A rede aeroviária que já cobre a região, por sua vez, vem reforçar, enormemente, o valor geopolítico das forças aí em ação; essa ação é predominante no rumo Norte, por causa dos fatores geopolíticos poderosos que são os rios Tocantins e Araguaia, tanto que pressionam intensamente a construção da rodovia Transbrasiliana,

cujos serviços progridem rapidamente, e forçam a abertura da rodovia Araraçás-Manaus, também bem adiantada.

A ação geopolítica mais intensa que essa região provoca pressiona fortemente a mudança da Capital Federal para aí há longos decênios. Tem havido descasos, retardamentos, oposições, mas não há dúvida alguma de que aquelas forças geopolíticas tão potentes serão vencedoras.

Com a mudança da Capital Federal para ali, a impulsão geopolítica para todos os quadrantes será de tal ordem, que todo o Brasil sairá largamente beneficiado, tornando-se, em curto prazo, aquela região, a "terra-coração" do mundo.

OFICINA MECÂNICA BRASILEIRA

Fabricante do Reparo para Metralhadora "Madsen" 1935

MARIO FABRI

Encarrega-se de serviços de mecânica em geral
 Serviços de Tornos — Serviços de Freza — Serviços de Plana
 Soldas elétricas e a Oxigênio — Serralheiro — Estamparia
 Fabricação própria de fogareiro de um queimador a gasolina, tipo militar
 Fabricante da palha de aço "Cruz de Malta"

ORÇAMENTOS GRÁTIS

RUA TENENTE ABEL CUNHA, 149-A-B E C

PADARIA E CONFEITARIA REALENGO

FORNECEDORA DA E.I.E.

PRÓXIMO AO CAMPO DE INSTRUÇÃO FÍSICA

Bebidas finas nacionais e estrangeiras — Conservas alimentícias,
 queijos, cigarros, etc.

M. PAULINO

197, RUA BERNARDO VASCONCELOS, 197 — REALENGO
 TELEFONE BANGU 218

MENDONÇA, SOBRINHO & CIA.

ESTIVAS POR ATACADO

Comissões e Conta Própria

MARQUEZ DE PARANAGUA, 259 — END. TELEG. "JAZIEL — ILHEUS

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

"A Defesa Nacional" agradece as seguintes publicações recebidas durante o mês de setembro do corrente ano.

a) *Do exterior*

- Argentina — Revista Militar — N. de julho de 1951.
França — Revue de Défense Nationale — Ns. de abril, maio e junho de 1951.
— Revue mensuelle de l'Armée de l'Air — Ns. de maio e junho de 1951.
Itália — Rivista Militare — Ns. de junho e julho de 1951.
Paraguai — Revista de las Fuerzas Armadas de la Nacion — Ns. 125 e 126.
Peru — Revista de la Escuela Militar de Chorrillos — N. de maio de 1951.
Uruguai — Boletim Histórico — Ns. de março e abril de 1951.
U.S.A. — Military Review — N. de julho de 1951.
— Revista Aérea Latino americana.

b) *Nacionais*

- Revista Militia da F.P.S.P. — Ns. de maio e junho de 1951.
Revista de Intendência da Aeronáutica — Ns. 6 e 7.
Revista do Instituto do Açúcar e do Alcool — N. de abril de 1951.

LOJA PAX

DE

JOSEPH SCHREIBER

Grande sortimento de Aparelhos de Jantar, Chá e Café, Baterias de Alumínio, Cutelarias finas e artefatos de metal — Brinquedos e artigos para presentes

PREÇOS BARATOS

RUA DR. SEABRA, 116 — (JUNTO AO CINEMA PAX) — BAHIA

SINTESE DE ESTUDO SOBRE O NORDESTE DO BRASIL

Major JOAO BAPTISTA PEIXOTO

I

O método para se fazer o estudo militar de uma região geográfica, necessariamente compreende a análise da mesma sob os seguintes aspectos:

1) aspecto geral ou fisionomia da região a estudar, comportando sua localização, características, extensão, limites físicos, composição política e subdivisão natural.

2) aspecto fisiográfico, incluindo estrutura e relevo do solo, hidrografia, pluviosidade, clima e panorama vegetal.

3) aspecto etnográfico: formação étnica, desenvolvimento demográfico quantitativo e qualitativo, distribuição da população.

4) aspecto econômico, particularmente quanto à produção (agro-pecuária, mineral e industrial), quanto ao comércio (interno e externo), quanto às comunicações (terrestres, marítimas, aéreas e fluviais) e finalmente quanto aos recursos de energia (combustível e eletricidade).

5) aspecto político do passado e do presente, isto é, fases da evolução política, fatos contemporâneos relacionados com a região em apêço e planos objetivando a prosperidade e a segurança da região.

6) aspecto militar decorrente da fisiografia, da etnografia e da economia regional tendo em vista ações militares relacionadas com a defesa da região.

Assim, pois, o presente trabalho sobre o N.E. brasileiro, seguirá esse método, porém, apenas resumidamente e com as restrições impostas à divulgação pela própria natureza do assunto.

1) FISIONOMIA GERAL DO N.E.

O N.E. brasileiro é uma região tropical, que fica entre os paralelos de 3° e 10° de latitude Sul.

Apesar de ser uma das menores do Brasil, quanto à área (972.275 km²), é, contudo, a terceira quanto à população, pois possui mais de 12 milhões de habitantes.

É constituída de oito Unidades da Federação: sete Estados (Maranhão, Piauí, Ceará, R.G.N., Paraíba, Pernambuco e Alagoas) e um território insular a 361 km da costa (F. Noronha).

O N.E. é um saliente continental entre o Atlântico N. e o Atlântico S. e também um autêntico maciço soerguido entre a larga foz amazônica e a profunda calha do S. Francisco no trecho final do seu curso.

A subdivisão natural do N.E., adotada oficialmente, é a seguinte:

a) N.E. ocidental: Maranhão e Piauí.

b) N.E. oriental: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. (fig. 1)

2) FISIOGRAFIA

O N.E. é formado em sua maior parte por terrenos antigos pertencentes ao complexo cristalino brasileiro, recoberto em alguns trechos por formações cretáceas. Os terrenos terciários formam a faixa sedimentar do litoral. As ocorrências quaternárias são representadas pelos arrecifes ao longo da costa. (fig. 2)

O relevo é constituído por um planalto (Maciço nordestino) pouco elevado e muito desgastado pela



Fig. 1 — As regiões brasileiras, segundo a circular de 31 de janeiro de 1942

erosão, contornado por uma planície que se estende ao longo do litoral atlântico desde a foz amazônica.

A bacia hidrográfica do N.E. é formada pelos cursos fluviais que deságuam no Atlântico, entre o estuário do Amazonas e a foz do São Francisco.

Os rios que atravessam o Maranhão e o Piauí são verdadeiros elementos de transição entre a pujante bacia amazônica e a débil bacia nordestina, na qual a água só circula permanentemente nos baixos cursos. (fig. 3)

No N.E., predomina o clima semi-árido. As chuvas são irregulares e escassas. A temperatura média é elevada e pouco variável, principalmente no sertão onde a

vegetação natural é quase inexistente.

O litoral é quente e úmido (planície tropical) mas no interior o clima é muito saudável.

A irregularidade e a escassez das chuvas é a grande adversidade da região. Para atenuar os trágicos efeitos causados pelas secas periódicas do N.E., tem-se recorrido à perfuração do solo (poços), à construção de barragens (açudes) e ao melhoramento da rede rodoviária, mas apesar disso os sertanejos continuam sofrendo a inclemência desse flagelo. (fig. 4)

A vegetação nativa do N.E. compreende:

- a mata da faixa litorânea;
- as formações tropicais do agreste;



Fig. 2





Fig. 4

— a flora característica do sertão.

3) ETNOGRAFIA

O nordestino é o elemento mais característico do caldeamento étnico brasileiro.

Na paisagem humana do N.E., destacam-se dois acentuados tipos regionais: o vaqueiro do interior e o jangadeiro do litoral.

Apesar de ser uma das maiores regiões naturais do Brasil, o N.E. possui cerca de 12 milhões de habitantes, sendo por conseguinte a terceira região quanto à população.

A densidade demográfica da região é de 10,25, sendo que a maior parte da população vive no litoral. O interior continua praticamente despovoado. Pernambuco e Ceará são os Estados mais populosos, e

Recife é o maior centro social da região.

Como consequência natural das fatalidades geográficas e de defeitos da formação etnográfica, existe muita pobreza e atraso no N.E., principalmente no interior.

4) ECONOMIA

A produção agrícola é mais intensa na faixa litorânea onde as condições naturais são mais favoráveis à plantação. O principal produto da lavoura nordestina é a cana de açúcar. As ravinas e as chapadas do agreste são aproveitadas para plantação de cereais, e no sertão predomina a cultura do algodão.

A produção mineral do N.E. é muito reduzida. Até pouco tempo

a única fonte de riqueza mineral da região eram as salinas. Atualmente, porém, é a extração de minérios raros (berílio e lítio) no R.G.N. e na Paraíba.

O desenvolvimento da produção industrial tem sido muito lento, devido, sobretudo, à falta de energia elétrica.

A lenha ainda é o combustível mais empregado, tanto para iluminação e transportes como para fabricação, o que evidentemente é a causa fundamental do lento progresso regional.

A grande esperança do N.E. está no aproveitamento hidrelétrico da cachoeira de Paulo Afonso, cujo extraordinário potencial, juntamente com a ampliação da precária

rêde de comunicações terrestres, transformará completamente a economia regional, contribuindo assim para reduzir o desequilíbrio econômico e social entre o N. e o S. do país. O N.E. é uma região essencialmente consumidora, na qual a importação global é muito mais elevada do que a exportação.

O açúcar, o algodão e o sal são os principais produtos de exportação. Recife é o principal escoadouro e o centro comercial mais importante da região, desde o período colonial.

A rede de comunicações do N.E. é muito precária. Ainda não há interligação entre todas as capitais nordestinas e o rendimento das estradas existentes (Great-Wes-

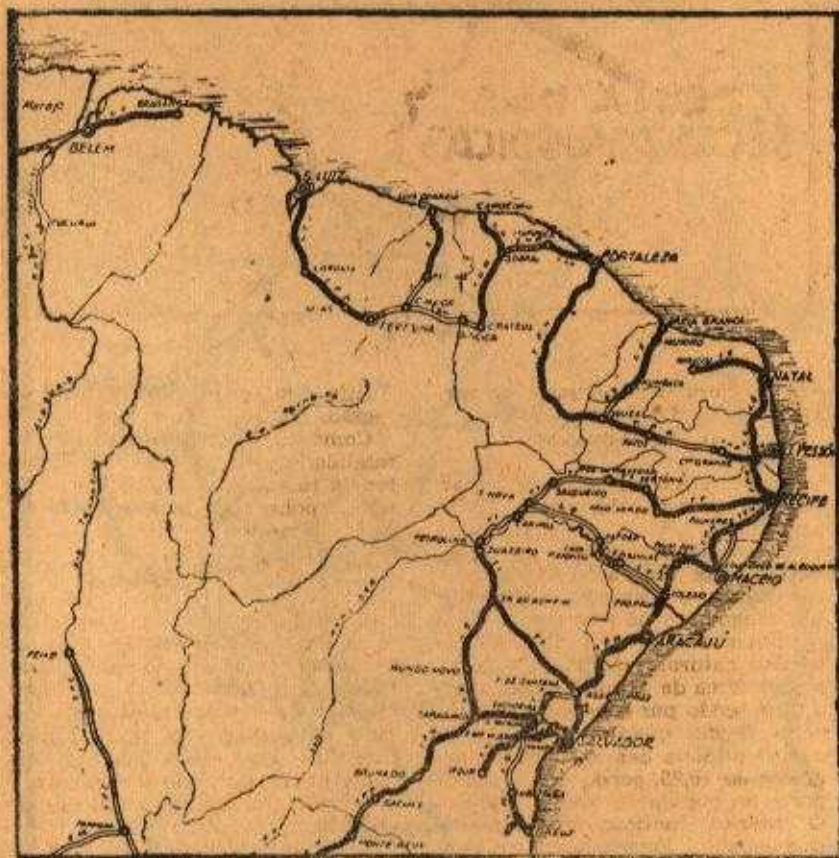


Fig. 5 — A rede ferroviária do N.E.

tern of Brazil, Rede de Viação Cearense, E.F. S. Luis-Teresina) é muito baixo. O plano ferroviário tem em vista justamente corrigir esses defeitos. (fig. 5)

Uma rodovia litorânea de terceira categoria, liga as diversas capitais estaduais, desde a margem do S. Francisco até Fortaleza. Brevemente deverá ficar concluída uma ponte que atravessará o grande rio à jusante da cachoeira e ligará a rede rodoviária nordestina com a Rio-Bahia. (fig. 6)

Todos os Estados nordestinos têm uma rodovia transversal que liga o hinterland com o porto de mar da respectiva capital.

O mar ainda é a principal via

de comunicações do N.E. Com exceção do Piauí, todos os Estados têm um porto de mar que é principal centro de atração da vida econômica e social de cada província.

Além dos portos, existem inúmeras enseadas ao longo do litoral, nas quais estão organizadas as tradicionais colônias de pescadores.

Pela sua privilegiada posição geográfica para a navegação aérea, a meio caminho de importantes rotas, o N.E. tornou-se de um momento para outro, uma região de grande significação política, econômica e militar, não só para o Brasil como para o continente americano.

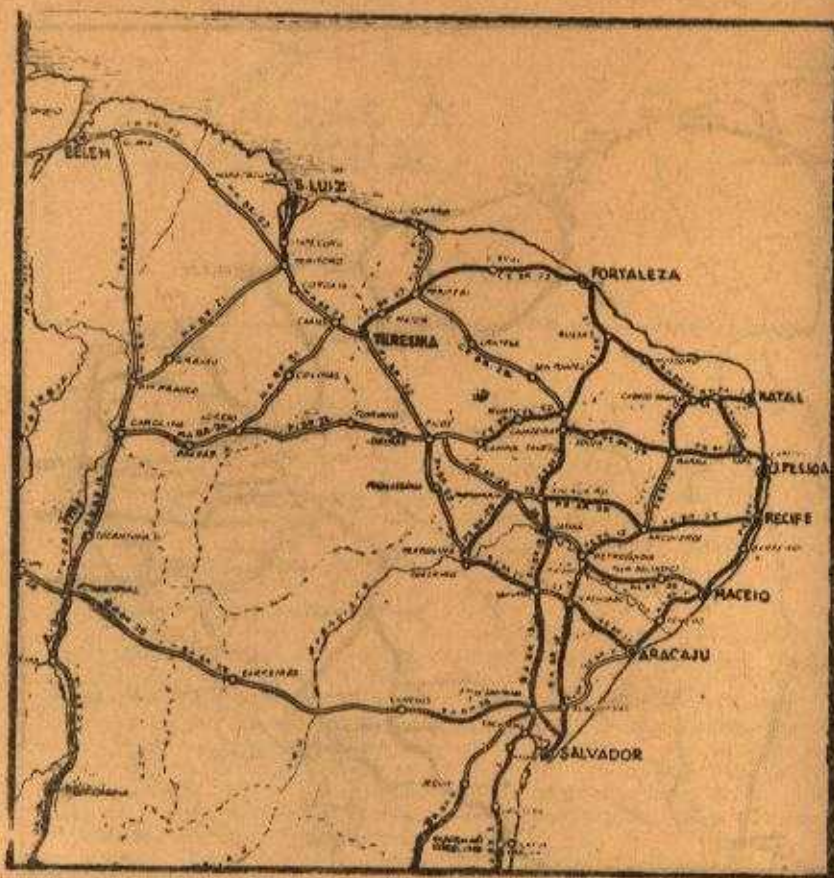


Fig. 6 — A rede rodoviária do N.E.

5) HISTÓRICO

No passado, o N.E. foi alvo de duas importantes invasões estrangeiras.

A primeira, foi a invasão dos franceses no Maranhão, para fundar uma colônia no Novo Mundo — a França Equinocial (1594-1614).

A segunda, foi a invasão dos holandeses em Pernambuco, aida-

ciosa operação de conquista, que durou 24 anos (de 1630 a 1654), ameaçando seriamente a integridade da colônia, que estava sob domínio de Espanha (1580 a 1640).

A conquista durara cinco anos (1630-35), o domínio dez (1635-45) e a luta pela recuperação nove (1645-54).

Durante a segunda guerra mundial, o N.E. brasileiro foi impor-

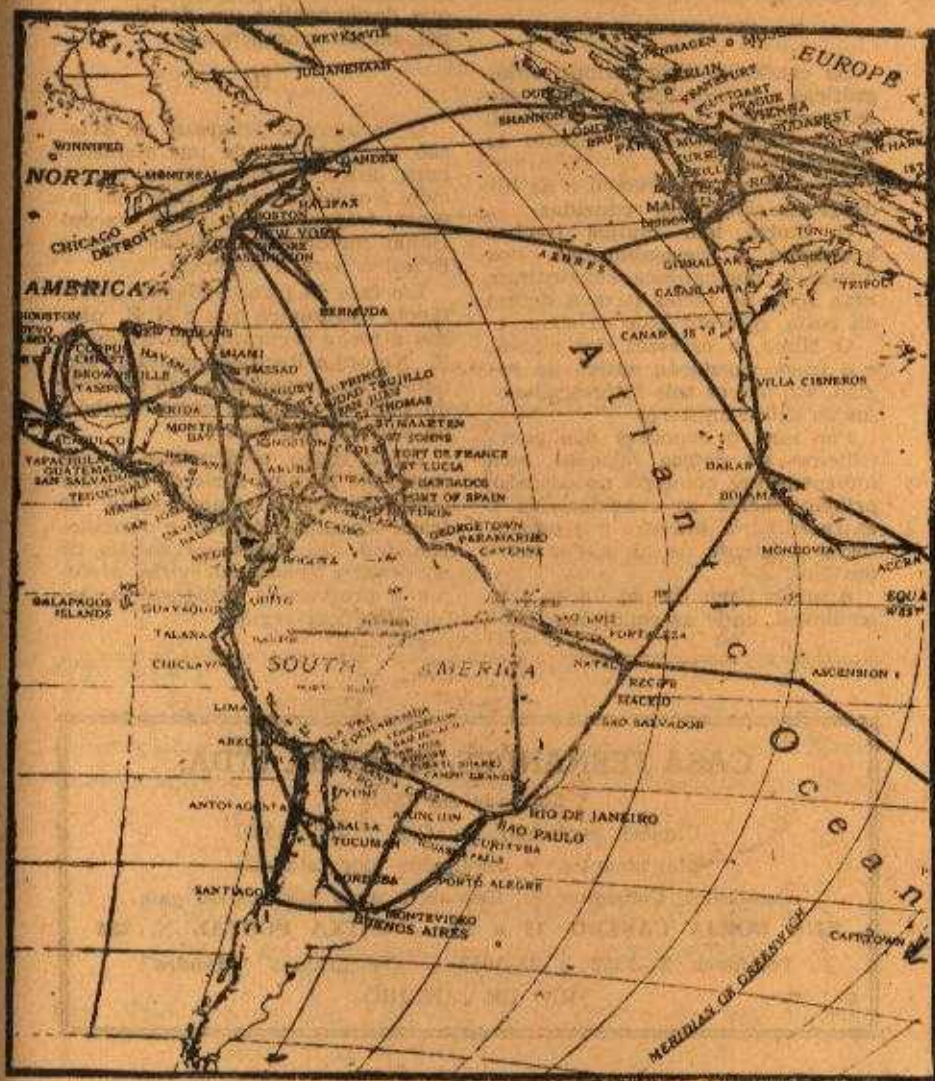


Fig. 1 — As rotas aéreas que atravessam o N.E.

tante base da defesa continental e um trampolim para travessia aérea e naval do Atlântico Sul, na direção da África e da Europa.

Presentemente, o N.E. brasileiro é um corredor aéreo entre o N. e o S. do continente americano e entre o Novo Mundo e o Velho Mundo. (fig. 7)

No futuro, a importância estratégica do N.E. certamente ainda será maior.

5) ASPECTO MILITAR

As condições fisiográficas, etnográficas e econômicas do N.E. são desfavoráveis à defesa regional, menos acentuadamente quanto às etnográficas.

As vantagens do relevo e da hidrografia são muito reduzidas.

O litoral tem muitos trechos acessíveis a desembarques, nos quais os portugueses construíram uma série de fortes para a defesa da costa, que até hoje existem.

O clima, a escassez das chuvas e a fraca vegetação nativa da região, são outros três fatores adversos às ações militares.

Por isso, o concurso dos guerreiros na defesa regional, será indispensável, como foi no passado, principalmente se considerando a extraordinária bravura e o patriotismo existente na alma dos nordestinos.

A maior parte da população vive no litoral, onde as condições fisio-

gráficas são mais favoráveis à vida e ao trabalho.

A densidade do interior é muito mais baixa.

A faixa litorânea abriga também a maior parte da riqueza nordestina.

As comunicações terrestres não correspondem às necessidades mínimas da defesa militar.

Em vista disso, a navegação marítima e a navegação aérea terão que desempenhar um decisivo papel em tal emergência.

III

O vertiginoso progresso da aviação transformou, de um momento para outro, o tranqüilo e esquecido Nordeste, numa base de intenso tráfego aéreo e de excepcional importância militar para o Brasil e para a América.

Em face da transcendente importância estratégica que o N.E. passou a ter, a segurança do triângulo F. Noronha-Recife-Fortaleza, tornou-se um imperativo não somente da política nacional como também da política continental.

Ficou então evidenciado a necessidade de uma série de medidas objetivando o fortalecimento da fraca economia regional e o melhoramento das condições sociais do nordestino, tendo em vista acelerar o progresso e assegurar a defesa daquela região.

CASA FERNANDES, MOREIRA LTDA.

Fundada em 1841

Capital realizado — Cr\$ 2.200.000,00

Mantimentos e molhados por atacado

Comissões, Consignações, Cereais e mais gêneros do país

RUA BORJA CASTRO, 13 e 15 — CAIXA POSTAL N. 234

Telefones 23-3952 e 23-3953 — Telegramas "Mandes"

RIO DE JANEIRO



Palavras proferidas na Escola Superior de Guerra pelo Tenente-Brigadeiro Eduardo Gomes

Os civis e militares, permanentes e estagiários, da Escola Superior de Guerra, ofereceram à direção do mesmo Instituto o quadro da Ceia do Senhor que foi ontem entronizado, no refeitório, pelo Cardeal D. Jaime Câmara.

Estavam presentes o General de Divisão Osvaldo Cordeiro de Farias, Comandante da Escola; Brigadeiro Ismar Pfaltzgraff Brasil, General de Brigada Tasso Tinoco, Contra-almirante Benjamim Sodré, assistentes. Além desses, os Senhores Tenente-Brigadeiro Eduardo Gomes, Vice-almirante Antônio Guimarães, Vice-almirante Braz Paulino da Franca Veloso, Generais Nicanor Guimarães de Sousa, Juarez Távora, Antônio José Lima Câmara, Manuel Azambuja Brilhante e João Vicente Saião Cardoso, Coronéis Inade de Carvalho Tuper, Sebastião Claudino de Oliveira, Oscar Rosa Nepomuceno da Silva, Nilo Augusto Guerreiro Lima, Floriano Peixoto Keler, Paulo Joaquim Lopes e João Saraiva, Capitães de Mar e Guerra Luiz Fernandes Barata, Luiz Felipe de Salda-

nha da Gama e João Pereira Machado, Brigadeiros Henrique de Sousa Cunha, Antônio Azevedo de Castro Lima e Armando Pinheiro de Andrade, Coronel aviador Estevam Leite de Rezende, Ministro Jorge Emilio de Sousa Freitas, Primeiros Secretários Frederico Chermont Lisboa, Henrique Rodrigues Vale e Mário Gibson Alves Barbosa, Drs. Moacir Veloso Cardoso de Oliveira, Fernando Bastos Ribeiro, Hermógenes Brenha Ribeiro Filho, Jefferson Firth Rangel, Eurico Siqueira, Virgílio Correia Filho, Valdemar Freire Lopes, Hugo Floriano Mota, Eugênio Caiado Jardim, Mário Abrantes da Silva Pinto, Ernesto Luiz de Oliveira Junior, Humberto Bastos, Rafael Paula Sousa, Antônio Salém, Coronéis Sadi Folch, Afonso Henrique de Miranda Correia e Jurandir Mamede, Majores João Bina Machado e Eduardo Domingues de Oliveira, Coronel "T" Delso Fonseca, Coronel aviador engenheiro, Julio Américo dos Reis, Professor Reinaldo Ramos de Saldanha da Gama, Primeiro Secretário Maurício Wel-

lisch, Coronel Antônio Coelho dos Reis, Tenentes-coronéis Henrique Geisel, Antônio Carlos da Silva Murici, Djalma Pio dos Santos e Marcio de Azevedo Franco.

Falaram, na solenidade, o Cardeal D. Jaime Câmara e o Tenente-Brigadeiro Eduardo Gomes, que, em nome de seus camaradas, proferiu o seguinte discurso:

"Exmo. Sr. Cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, Exmo. Sr. General Comandante da Escola Superior de Guerra, meus colegas: com emoção de católico e de soldado, congratulo-me convosco no momento em que passa a presidir nossos encontros no refeitório da Escola Superior de Guerra, o quadro que lhe é oferecido por civis e militares, permanentes e estagiários deste Instituto, e que celebra um Sacramento da religião, por nós professada, e em cujos princípios fortalecemos a confiança nos rumos da comunidade brasileira.

Ensinou-me a Igreja o sentido e o símbolo das palavras divinas no sagrado episódio da ceia: é o alimento da vida cristã. E S. Paulo, na primeira epístola aos coríntios, apontou naquelas palavras o padrão por onde se medem os valores humanos. "Examine-se pois, a si mesmo o homem, e assim coma deste pão e beba deste cálix". E, se dêsse modo nos devemos julgar, para não ser julgados, convenhamos que as responsabilidades de cada cidadão e, especialmente, de cada militar e daqueles cuja atividade se relaciona com os deveres mais importantes do Estado, nas horas perturbadas de nossa Pátria e do mundo, aumentam na razão

mesma dos seus encargos e dos deveres de fidelidade à civilização ocidental, às suas construções espirituais, à ordem por ela instituída, à segurança de que precisam cada vez mais os indivíduos, para o desenvolvimento da personalidade e para a realização do bem-estar, na assistência à família, na garantia do trabalho, no amparo da economia e na proteção das liberdades. Nas Forças Armadas repousam as esperanças dos que desejam ver a Nação prestigiada e engrandecida: pois é todo um conjunto de direitos e de condições essenciais para a existência que se confiou à sua lealdade e a sua vigilância, como se fossem os depositários, em cada geração, do patrimônio moral, que de uma a outra se transmite, para que a Nação cumpra, com dignidade, o próprio destino.

Aqui confraternizamos, diplomatas, engenheiros, professores, bacharéis, economistas, agrônomos, militares de terra, mar e ar, nesta cerimônia, que é honrada com a presença de sua Eminência, o Cardeal D. Jaime Câmara, Cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro. E, no exame de consciência a que nos submetemos, reais, como nunca esta verdade: o Brasil, formado à sombra da cruz, jamais faltará à obrigação de defender os bens da nossa cultura, contra as idéias ou práticas materialistas e utilitárias que afrontam a nossa concepção de vida, de sociedade e de Estado. É o voto que devemos repetir com singeleza, no instante em que a mais grata comoção envolve a nossa alma, fortificando-se no seio da fé."

(Da imprensa)

PAULO NUNES

XARQUEADA E SABOARIA

CATALUNHA

Xarque, Couros, Sêbo refinado, Farinha de osso e de Sangue e muitos outros sub-produtos

INDUSTRIA: Ql. 87 Estrada de Itabuna a Conquista

ESCRITÓRIO E DEPÓSITO: Rua Ruy Barbosa, 49 ITABUNA — BAHIA

FILIAL: Rua Tiradentes, 34 — ILHEUS

End. Teleg. CATALUNHA — Caixa Postal, 19

EMPRESA NUNES

Abastecedora de Carne Verde, Couros, Sêbo, etc.

ESCRITÓRIO: Rua Ruy Barbosa, 49 — Tel., 47 — ITABUNA — BAHIA

O DESAPEÇO AS TRADIÇÕES

Ten.-Cel. AROLD RAMOS DE CASTRO

É com tristeza que se nota, ultimamente, um certo Desapêgo às Tradições, manifestado, não só no seio das Classes Armadas, como no próprio Povo Brasileiro, em geral.

Sempre que se apaga, entre nós, uma Tradição, surge, como justificativa, a afirmação de que a medida é decorrente dos imperativos do Progresso. Realmente, as Tradições Materiais não podem, via de regra, subsistir indefinidamente, ante os imperativos da modernização, ditados pelas contingências da vida contemporânea.

Entretanto, à base de tais contingências, muito Desapêgo é demonstrado e, não raro, até as Tradições Morais e Espirituais são impietosamente eliminadas do Patrimônio Cívico e Cultural da Pátria.

A título de exemplo e estudando a questão exclusivamente no âmbito do Exército, verifica-se a influência de que acima citamos. Assim é que, com extraordinária facilidade, eliminam-se Unidades; mudam-se Aquartelamentos; rompem-se princípios que são a lembrança de um Passado de Honra, Dignidade e Bravura.

Dois fatos podemos apontar como justificativa do que acima dissemos: um, o que se passou com as Unidades da Arma de Cavalaria e outro, com os Colégios Militares. A Arma de Cavalaria tem perdido, progressivamente, Unidades e Aquartelamentos, de um forma impiedosa e, com tristeza, os Cavalheiros vão vendo desaparecer, absorvidos na voragem da Modernização, um precioso acervo Material e Moral que era olhado com Orgulho e Carinho. Foi o que se

passou com as Unidades de Cavalaria sediadas em Castro, Curitiba e Três Corações; Unidades tradicionais e que representavam, na vida da Nobre Arma, traços marcantes de Operosidade, Patriotismo e Dignidade, tanto na Paz como na Guerra.

De maneira idêntica, o Desapêgo às Tradições se manifestou, quanto aos Colégios Militares; hoje, só resta uma saudosa lembrança dos de Barbacena, Fortaleza e Porto Alegre e, quem sabe, se, dentro em breve, do existente na Capital Federal.

A aplicação, em larga escala, no Exército, da "Lei de Lavoisier", tem tido, ultimamente, um dilatado emprego e, com ele, vão se apagando, para as gerações vindouras, Tradições que constituíam precioso meio de formação de Caracteres e Personalidades.

É possível que um estudo cuidadoso de certos problemas referentes à Organização e à Modernização do Exército pudessem ter tido uma solução que não acarretasse a destruição de muita coisa que representava Carinhosas e Elevadas Tradições.

Não nos esqueçamos que a Tradição constitui, particularmente nas Classes Armadas, uma força de extraordinária significação Congregadora e um Estímulo para a elevação dos princípios de Disciplina e de Trabalho, que são, indubitavelmente, pedras angulares da sua Formação.

Infelizmente, no Mundo Contemporâneo, o Desapêgo às Tradições vem se tornando um dilatado e contristador princípio e, para maior

Infelicidade, são as Tradições morais que vêm sofrendo u'a maior destruição.

Na Sociedade Moderna, quanta coisa de Dignificante e de Sublime vai sendo relegada e os seus poucos adeptos, considerados Arcáicos, Retrogrados ou Anacrônicos!

O abandono dos princípios de Cortezia e até mesmo de Humanidade é normalíssimo na época presente; tal fato é, sem dúvida, mais uma demonstração do Desapêgo às Tradições, que mesmo um hiato de Educação. As gerações contemporâneas vão se Criando e Formando

em ambiente do mais absoluto materialismo, esquecidas de tôdas as Tradições que fizeram dos nossos ancestrais um Elevado Exemplo de Nobres Ações.

Em boa hora, felizmente, foi criado no Exército o Serviço Social, pois temos a convicção de que ele, para atingir às suas altas finalidades, necessita restabelecer, na plenitude da sua acepção, as Tradições Militares e, paralelamente, tôdas as Tradições que representam, para a Sociedade e para a Pátria, um sublime exemplo de Honra e Dignidade.

Companhia Boavista de Seguros

AVENIDA 13 DE MAIO, 23-8º ANDAR — RIO DE JANEIRO

Opera em Seguros de:

INCENDIO

LUCROS CESSANTES

TRANSPORTES

ACIDENTES PESSOAIS

ACIDENTES DO TRABALHO

RESPONSABILIDADE CIVIL

AUTOMÓVEIS

AERONÁUTICOS

Receita de Prêmios em 1950 — Mais de Cr\$ 116.000.000,00
Capital e reservas em 31-12-50 — Cerca de Cr\$ 50.000.000,00
Sinistros pagos até 31-12-50 — Mais de Cr\$ 187.000.000,00

SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODO O BRASIL

PARA SEGUROS

BOAVISTA

Cia. de Seguros de Vida

DE VIDA

PEDRO LOPO ADAN & CIA. LTDA.

RUA DR. J.J. SEABRA, 285 — TELEFONE, 3513 — BAHIA

LOJA ÁGUAS SANTAS

IMPORTAÇÃO DIRETA

Completo e variado sortimento de Louças, Vidros, Cristais, Louças esmaltadas, Baterias de alumínio, Ferragens, Tintas, Óleos, Vernizes diversos, Materiais para Construções e outros artigos do ramo

SECÇÃO ESPECIAL DE MATERIAIS ELÉTRICOS

ARMAZÉM ÁGUAS SANTAS

Sortimento de gêneros alimentícios de superior qualidade — Especialidade em Manteigas finas, Conservas, Doces, Licores, Águas Minerais, Vinhos finos, para Mesa, Cervejas, etc.

RUA CÔNEGO LOBO, 4

PETAIN

Ten.-Cel. J. H. GARCIA

Para nós, militares, Petain continua o general francês que a França desta última guerra não mereceu.

Para nós, uma grande parte do povo francês, desejando castigar-se pelo papel apagado que desempenhou, tomou Petain, lido representante da França que o mundo admirava, para seu objeto e nele, na figura imponente do soldado que não escolhe o momento para sacrificar-se pela Pátria, masturbava-se doentivamente, como desejando lavar os seus pecados na honra do velho general.

Algo nos diz, algo nos faz sentir que, de toda esta lama que a França criou em torno de Petain, sairá ele, um dia, maior para a história e para grandeza de sua própria Pátria.

Para nós, a maior resistência à bolchevização, na França, é constituída pelo espírito da civilização francesa, que vive e se reproduziu e viverá no espírito da humanidade civilizada; na honra do exército francês, aquele exército que nós, aqui no Brasil, admiramos, no exér-

cito de Foch, Joffre e Petain, estaria outro baluarte.

Depois de Petain, mais de cem anos devem passar para surgir outro exército francês que possa ser um exemplo, para os exércitos do mundo, como os exércitos de 14 o foram...

Há alguém, doente, dominando as decisões, com referência ao velho marechal.

Seu sepultamento, na calada da noite, no pátio úmido de uma fortaleza longínqua, reflete, não atitudes de franceses envergonhados do papel do marechal frente aos alemães, mas um temor que somente alguns franceses conhecem ou seriam capazes de nos explicar.

Tomara que os descendentes dos filhos dos defensores de Verdum não se lembrem de completar esta obra tenebrosa de enxovalhamento, erguendo em bronze, na praça pública, como exemplo de traição à Pátria, a estátua do velho marechal, algemado e sem as suas honradas e merecidas insígnias!...

ELSO MOUREN DA SILVA

DESPACHANTE ADUANEIRO

TELEFONE : 43-3182

AVENIDA RIO BRANCO, 39-1º ANDAR-SALA 801

O SERVIÇO SOCIAL NO EXÉRCITO

REFLEXÕES EM TORNO DE SUA EXECUÇÃO

Major FLORIANO MOURA BRASIL MENDES

Mandado organizar pelo ex-Ministro, Gen. Canróbert, existe hoje, no Exército, o Serviço Social.

A recente viagem empreendida pelo chefe do referido Serviço a alguns países sul-americanos virá, sem dúvida, proporcionar orientação segura e acertada ao serviço, cuja lacuna era, de há muito, notada entre nós.

Lembro-me, ainda hoje, do que me foi dado presenciar há dez anos. Um acidente esportivo obrigou-me a baixar ao H.C.E. Ali, ainda que amparado em bengala, podia percorrer os diversos quartos, visitando os companheiros baixados. Notei que, entre estes, vários eram da reserva. Tratava-se de oficiais reformados há anos passados e que não dispoñdo de recursos nem mesmo para viver em modesta pensão, em face do aumento de custo de vida, lançavam mão daquele expediente — baixa ao hospital, isto é, faziam do nosocômio uma pensão.

Este fato, porém, dava lugar, com frequência, a situações embaraçosas. É que a simples saída do hospital, exigia autorização do diretor burlada, amiudadamente, em fugas bem dignas dos cadetes de meu tempo, não faltando mesmo, na maioria das vezes, o colorido da narrativa do sucedido, com jocosidade quase estudantil.

Causava pena a situação daqueles companheiros, muitos dos quais, por certo, com relevantes serviços prestados durante a permanência na ativa. Tal era a situação pecuniária de muitos que nem dispunham de algumas pratas com

que gratificar o trabalho dos serventes, nos aposentos, originando, não raro, represálias, cujo reflexo se podia observar na própria fadiga de que eram encarregados.

A circunstância de ser espectador desses acontecimentos, levou-me a conjecturas a respeito do assunto.

Imaginei que o Exército deveria cuidar daqueles que, da adolescência à senectude, tudo haviam dado pelos ideais que abraçaram. Quantos não teriam mesmo derramado sangue, em momentos difíceis para a Pátria? Quanto estoicismo, quanta renúncia não encerrava a vida de muitos dos que ali se achavam e de outros que padeciam alhures, sem lançar mão daquele processo expedito!

Pareceu-me verdadeira ingratitude do Exército para com os que, em outros tempos, haviam constituído o seu serviço ativo.

A minha imaginação de moço idealizou soluções.

Imaginei a possibilidade de serem construídos, em todos os estados, estabelecimentos onde esses antigos companheiros pudessem ser recebidos, sem constrangimento, e que lhes pudessem proporcionar um tratamento à altura da sua própria dignidade.

Imaginei casas de construção sóbria, porém confortáveis, preferentemente de um andar (nada de escadas, para não cansar, ainda mais, aqueles corações já cansados de pulsar pela Pátria), em terreno amplo, comportando jardins, granjias com criação de animais domés-

ticos, hortas, etc. Seria, por exemplo, "A Casa do Reformado".

Inúmeros seriam os que se recolheriam, prazerosamente, a esses locais e poderiam mesmo, de acordo com suas aptidões ou inclinações, vir a colaborar nos trabalhos de manutenção de alguns setores da instituição. Daí, talvez, a vantagem de existir, nas organizações desse gênero, ambiente capaz de atrair a atenção dos hóspedes, de acordo com os seus pendores próprios. Cada homem, ali residente, não olharia a sua situação como a de um asilado, nem seria aconselhável que fosse dado esse cunho à instituição. Para o próprio bem-estar de cada um, seria interessante que a permanência na "Casa" fosse considerada útil para o estabelecimento. Uns poderiam trabalhar na administração (administrador, fiscal, etc.); outros poderiam tratar dos interesses da instituição junto às repartições públicas (procurador); a outros caberia o trato com funcionários efetivos da casa e seus moradores (aprovisionador ou gestor); enfim, outros, voluntariamente, poderiam cuidar das atividades da granja, horta, pássaros, etc.

Talvez fosse mesmo possível efetuar, por eleição, o preenchimento dos cargos que devessem constituir a direção da casa, resultando na obtenção de dupla vantagem: econômica (visto que o serviço poderia ser feito mediante contribuição módica) e psicológica (pois tais funções, exercidas por elementos saídos da própria comunidade, colocariam os seus componentes de ânimo elevado, quer por se considerarem úteis, quer por julgar-se cada um em condições de o fazer).

Meus desvaneios imaginaram a existência de um conjunto dessa natureza em cada estado do Brasil. Pensei até na possibilidade de serem alguns estados contemplados com mais de um. Com relação ao nosso Distrito Federal, antevis, com euforismo, agradáveis conjuntos, em Jacarepaguá ou numa ilha, onde os amantes de pescarias, canoas em punho, tivessem oportuni-

dade para longas tertúlias de boas recordações.

Entre nós, em virtude da vastidão do território, e que mais se faz sentir em consequência da precariedade de meios de transporte, parece-me que a solução mais aconselhável, para atender a problemas dessa natureza, como aliás de qualquer outra referente a organismos espalhados pelo país, não está na criação de órgãos, ainda que muito bem aparelhados, na Capital da República.

Mantenho, por isso, hoje em dia, em linhas gerais, as idéias que me assaltaram, quando tenente, em face do que me foi dado observar nos poucos dias de permanência naquele nosocômio. Acho, porém, que a simples disseminação de "casas do reformado", pelo Brasil a dentro, muito pouco representaria, na órbita do que se deve fazer, no setor do Serviço Social. Seria um passo, possivelmente em boa estrada, visto que representaria uma solução, atendendo à Capital e aos Estados, simultaneamente.

Haveria necessidade de atender, com obra também de cunho social, aos elementos da ativa. Creio que, neste particular, o trabalho deveria ter início atendendo aos elementos de menor graduação, na escala hierárquica. São, sem dúvida, os que mais necessitam de amparo social.

Achei muito interessante quando se realizou, há tempos, uma ampliação nas instalações do H.C.E., possibilitando o internamento de pessoas da família do oficial. Grande tem sido o auxílio prestado a nossos companheiros. Não é pequeno, estou certo, o número de crianças nascidas naquele velho casarão da Rua Licínio Cardoso. Acho, apesar de tudo, que teria sido mais acertado iniciar-se obra dessa natureza visando atender à classe dos sargentos e, sobretudo, evitando limitá-la à Capital. Este é também o meu entender, no que tange ao Serviço Social agora em estudos.

Na impossibilidade de obter recursos com que enfrentar o problema exclusivamente à custa do Serviço Social, julgo que seria

aconselhável, sob a orientação desse serviço, a realização de empreendimentos nos quartéis e demais estabelecimentos, por sua própria conta. E, ao que parece, é mais ou menos isto que já se vem realizando, pelo menos em alguns lugares. Ainda a respeito da última visita ministerial realizada ao 2º Btl.Ferv., tive ocasião de ler uma reportagem do jornalista Otávio de Castro sobre a obra social do referido Batalhão. Seria talvez, proveitosa uma visita dos atuais dirigentes do Serviço Social do Exército ao Batalhão em aprêço. Pelo menos seria interessante solicitar ao Cel. Rodrigo Otávio, seu atual comandante, um relato completo do que ali se faz nesse sentido, contendo, além disso, sugestões do mesmo oficial. Tratando-se de uma unidade onde o serviço já vem sendo realizado, seria de toda a conveniência aproveitar-se a oportunidade da opinião e dos pontos de vista do atual comandante, sem dúvida valiosa, máxime por se tratar de um grande expoente moral e intelectual de nosso Exército.

Graças à iniciativa particular, como é sabido, muita coisa vem sendo feita, também, em outros órgãos do Exército, no âmbito do Serviço Social.

Em 1947, em objeto de serviço, estive na Fábrica de Piquete. Entusiasmou-me o que ali me foi dado observar, neste setor.

Não tive oportunidade ainda de uma visita a Volta Redonda mas, pelo que tenho lido, é digno de registro o que também ali se faz.

Quando se trata de estabelecimentos como os acima, possuindo, via de regra, receita em seus movimentos financeiros, há relativa facilidade de acompanhar o ritmo atual de vida das coletividades, onde jamais pode ser olvidado o amparo social aos menos favorecidos. Entretanto, nas unidades de tropa, é realmente difícil realizar-se, com os recursos disponíveis, qualquer coisa nesse sentido. Por isso mesmo é que o órgão recentemente criado no Exército virá prestar inestimáveis serviços. Menos expressivos no que se refere àqueles estabelecimentos, para os

quais, penso, funcionará como órgão planejador, orientador por excelência; grandes, extraordinariamente expressivos mesmo, para o caso dos corpos onde as atividades dessa natureza, na maioria dos casos, se encontram na estaca zero.

Dentro do mesmo setor limitado dos corpos de tropa, algo pode ser feito, sobretudo, no que tange à suavização da luta pela vida. Posso citar exemplo por mim próprio presenciado. Servi, até há pouco, numa unidade recém-criada — o 3º Gr. Can. Au. A. A., em Caxias do Sul. Ali, o Cmt., Ten.-Cel. Arcy da Rocha Nobrega vem realizando verdadeira obra social, sem possuir recursos para isso destinados, visto que não os há, entre nós. Organizou um Armazém Reembolsável, onde os gêneros são vendidos por preços bastante inferiores aos do comércio local. Até nos cigarros há abatimento. Os lucros não atingem 10%. Há artigos em que a margem é mesmo da ordem de 3 ou 4%! Possuindo a unidade um projetor de 16 mm, é ele utilizado em filmes educativos de grande alcance, sobretudo para o soldado oriundo do campo, para onde deverá retornar, uma vez concluídos os seus deveres para com o serviço militar. Este retorno ao campo, aliás, é ali, sempre estimulado pelo comandante. Não deixam de ser obra social as visitas que aquele comandante costuma realizar às colônias, muitas vezes a convite de soldados que desejam apresentá-lo às suas famílias, certamente levados a isso pelo tom paternal dos conselhos que dele recebem. Têm o cunho de obra social, principalmente porque essas ocasiões são aproveitadas para ensinamentos, conselhos, visando ao bem-estar dos colonos. É indiscutível que a vida atrasada e a ausência dos mais elementares estágios de conforto exigidos para uma vida condigna são os principais fatores de abandono do campo. Há quem atribua ao Exército esse mal. Creio seria ele atenuado se fôsse comum proceder como o fazia o Ten.-Cel. Arcy. Tive ocasião de visitar, com ele, certa colônia onde todos estavam descalços, in-

clusivo as mulheres. O único que se apresentava decente, limpo, era o soldado, num misto de garboso e encabulado, em seu uniforme. O próprio "pracinha" ventilou o assunto de asseio, declarando que se habituara ao banho, no quartel e que já se sentia mal no dia em que não podia fazê-lo. O coronel aproveitou a oportunidade para orientar o que, ali na colônia, podiam fazer para esse fim, visto que a água ficava a mais ou menos 200 m do edifício onde residiam. Explicou como, com pouca despesa, poderiam levar a água até a casa, proporcionando possibilidade de conforto a todos. Pouco depois, sugeriu a mudança de um chiqueiro que ficava ao lado da casa para outro local que ele mesmo escolheu. Tais sugestões foram prontamente seguidas, tendo o soldado participado a sua execução e a satisfação geral que proporcionara. Surgia, então, o momento propício a novos e objetivos conselhos, mostrando ao homem a necessidade de seu retorno ao lar, para introduzir na colônia as noções de conforto, higiene, asseio, etc., que lhe estavam sendo ministradas.

As realizações ativas, atinentes ao Serviço Social são, via de regra, dispendiosas. A organização de um serviço no Rio, com amplos programas, poderia trazer o inconveniente de não atender aos que se acham afastados da Capital,

muitas vezes mais precisados de amparo dessa natureza.

Organizar, de início, um departamento abrangendo todo o território nacional não será fácil, em face da atual situação financeira do país.

Acredito mais, por isso mesmo, na eficiência de um Serviço funcionando atualmente como órgão de orientação e ajuda aos diversos organismos militares existentes, a cargo dos quais o Serviço Social seria realizado.

Não somente de cometimentos de caráter material se deve cuidar, através da ação social. Esta, para a consecução de seus objetivos, comporta indispensáveis realizações, no âmbito espiritual. Ambos se completam, procurando situar as relações entre os homens num plano harmônico, através da difusão e consolidação do verdadeiro sentimento de amor ao próximo.

Só assim poderá predominar, na coletividade, o sentimento do bem comum, consumação sublime do preceito cristão de amarmos-nos uns aos outros, fundamento de valor inestimável, sobre o qual se deverá alicerçar e desenvolver toda a ação social, tanto mais necessário quanto mais se avolumam as tendências desagregadoras hoje existentes e que visam fomentar e estimular a luta de classes, para a consecução de seus nefandos objetivos.

Fábrica de Artefatos de Couro

PASTAS E ESTOJOS PARA APARELHOS
FOTOGRAFICOS E ÓCULOS

GEORG J. RUSCHIN

REPRESENTANTE

Rua Santo Amaro, 125 — Recados: Tel. 25-0590
Rio de Janeiro

MOBILIZAÇÃO DOS CIENTISTAS BRASILEIROS

O Conselho Nacional de Pesquisas reuniu-se, recentemente, em Belo Horizonte. Durante uma das sessões plenárias, seu Presidente, o Almirante Alvaro Alberto, fez uma revelação que repercutiu auspiciosamente, em todo o Brasil: estão sendo iniciadas as "demarches" para a instalação da primeira cidade atômica do Brasil.

Retornando da capital mineira, e ouvido pela reportagem, o Almirante Alvaro Alberto, antigo representante do Brasil na Comissão de Energia Atômica das Nações Unidas de que foi Presidente e um dos nomes mais representativos da cultura e da ciência do país, fez-nos declarações, em torno daquela revelação e sobre as possibilidades da nação nos domínios da energia nuclear.

VISITA UTILÍSSIMA

— "O Conselho Nacional de Pesquisas, diz-nos, em virtude da disposição constante da própria lei que o instituiu, pode ser convocado para sessões plenárias, em qualquer ponto do território nacional. A execução desse dispositivo já demonstrou sua utilidade por ocasião de visita feita a São Paulo, onde o Conselho teve a oportunidade de efetuar sessões conjuntas com os órgãos da alta cultura científica e tecnológica daquela grande capital, em junho último. Agora, os frutos de nossa ida a Belo Horizonte se apresentam magníficos, tal como ocorreu na metrópole bandeirante. Fomos recebidos na capital mineira pela sua elite de homens de ciência. O Governador Juscelino Kubitschek, os Secretários de Educação e de Saúde e Assistência, o Reitor da Universidade, Professor Mario Werneck,

os Diretores das grandes escolas da Universidade de Minas, do Instituto de Tecnologia Industrial, do Instituto de Higiene e de outros grandes centros de cultura, bem como Professores e Pesquisadores que trabalham nos vários setores da investigação científica, deram as mais positivas e reiteradas provas do caloroso interesse e da perfeita compreensão com que encaram as atividades do Conselho Nacional de Pesquisas.

A FUTURA CIDADE ATÔMICA

A uma pergunta sobre os principais temas discutidos em conjunto com os cientistas mineiros, informou-nos o Almirante Alvaro Alberto:

— Foram vários e do mais alto interesse para as pesquisas em geral, sendo o primeiro item do plenário o problema n. 1: formação urgente de técnicos nos vários setores especializados. Dois temas, entretanto, do mais palpitante interesse, estavam reservados para Minas Gerais: — o plano para o levantamento metódico da nossa riqueza em material apropriado ao aproveitamento da energia atômica, elaborado pelo Departamento Nacional da Produção Mineral, com a colaboração do Conselho Nacional de Pesquisas e do Instituto de Tecnologia Industrial de Minas Gerais, e a apresentação do projeto de criação do germe — da primeira cidade atômica do Brasil. Este foi, aliás, o ponto alto das reuniões. Com relação ao planejamento das operações de intensificação dos trabalhos a cargo do Departamento Nacional de Produção Mineral, fizeram sintéticas exposições o Senhor Irnack do Amaral, Diretor do Fomento da Produção Mineral, o

Sr. Djalma Guimarães, Diretor de Pesquisas Geológicas do Conselho e o Sr. José Moreira dos Santos Pera, Diretor do Instituto de Tecnologia Industrial de Minas Gerais, além de outros técnicos.

O POTENCIAL ATÔMICO DO BRASIL

E o Almirante Alvaro Alberto prosseguiu:

— "Foram recebidas com o maior interesse as importantíssimas revelações dos notáveis representantes da tecnologia brasileira. Segundo suas palavras, dentro de prazo, relativamente curto, o povo brasileiro terá agradáveis notícias a respeito das disponibilidades nacionais em urânio, assim como em outros materiais da maior significação para o potencial atômico do Brasil. Os trabalhos que vêm sendo realizados já apresentam, não apenas simples vislumbres de jazidas uraníferas, porém, algo de mais positivo. Só um dos diques em prospeção ultrapassa seis quilômetros de extensão. É evidente que, por enquanto, não devem ser feitas declarações definitivas a respeito de tais trabalhos. É, todavia, perfeitamente justificável franco otimismo de seus resultados. O Professor Djalma Guimarães já tem, em elaboração, um esboço da carta geológica daquela região abençoada e dela contamos, dentro de algum tempo, dar conhecimento ao povo brasileiro.

Procuramos obter do Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas uma informação mais minuciosa da anunciada cidade atômica e S. Excelência esclareceu-nos:

— "O assunto já havia sido esboçado perante o Governador de Minas. Em janeiro deste ano, quando tive a oportunidade de ser recebido por S. Excia., em companhia de comum amigo, o Sr. Milton Prates, havia sido formulado o plano para a instalação em Minas, do primeiro reator atômico, em terras brasileiras. E ficou, então, assentado que tal buscaria fazer caso viesse a ter qualquer partici-

pação no Conselho Nacional de Pesquisas, então recém-criado, o Presidente da comissão elaboradora do anteprojeto de que resultou a Lei n. 1.310, criadora do Conselho. Devo mesmo acrescentar que, durante os trabalhos de elaboração do anteprojeto, a idéia da ereção de uma pilha atômica era considerada como um dos objetivos cardiais a serem visados pelo Conselho. Nesse sentido, de resto, manifestamo-nos vários membros da comissão. É preciso ficar bem claro que a idéia ora publicamente apresentada se refere a uma instalação — piloto para facultar aos nossos técnicos os conhecimentos necessários à oportuna construção de uma verdadeira usina atômica destinada a produzir energia nuclear industrialmente utilizável — quando a respectiva tecnologia houver alcançado esse estágio. Esse é o exemplo que os fatos nos inculcam e, nesse domínio, um paradigma admirável é o Canadá, o qual, sem dispor de abundantes recursos financeiros, não hesitou, contudo, em fundar a sua primeira pilha atômica, de modestas proporções, a pilha Zeep, isto é, a "Zero Energy Experimental Pile". Quando os técnicos canadenses atingiram o grau de aperfeiçoamento indispensável, não tiveram dúvidas em atacar a construção de um modelo mais eficiente e aperfeiçoado — Gleop — isto é, "Graphit Kow Experimental Pile". Os resultados colhidos no campo da Nucleônica, da Eletrônica, da Metalurgia e Engenharia, especializadas, já permitem aos técnicos canadenses novo traçado que corresponde a um estágio dos mais avançados no efetivo aproveitamento da energia atômica para usos industriais, como tão auspiciosamente se prenuncia.

Na Inglaterra, fato semelhante se passou. A primeira pilha construída na Cidade Atômica inglesa, Harwell, foi a "Gleop", capaz de fornecer apenas 100 KW; em 1948 era aumentada para 6.000 KW, na pilha "Bepo". E já se trata de pôr em funcionamento, segundo notícias telegráficas, novo reator, muitíssimo mais poderoso.

Os países escandinavos e, especialmente, a Suécia e a Noruega, que dispõem de moderados recursos financeiros, acabam de propor à Holanda a construção neste último país, de uma pilha atômica para uso comum das nações interessadas. Notícias oriundas da Bélgica indicam que este país também está encaminhando providência análoga. Intencionalmente não citamos, até aqui, os Estados Unidos e a França. O primeiro é incontestavelmente vanguardeiro na grande competição internacional pela posse dos meios de produzir e utilizar a energia atômica, para o que tem dispendido recursos de que só aquele país poderia dispor. Não pode, por consequência, ser invocado como exemplo para nós, nesse particular. A França construiu o pequeno reator "Zoe", inaugurado a 15 de dezembro de 1948. A relação entre o programa americano e o francês como é, segundo Tufin, da ordem de cem para um. Não obstante esta diferença consta que os franceses colheram interessantes dados de sua instalação do Forte Chatillon.

E em nosso próprio continente sul-americano, não se pode deixar de citar o vigoroso exemplo da Argentina, que não poupa esforços para ocupar posição de destaque dentre as nações decididas a participar da arrancada para o aproveitamento da energia nuclear, que dá o nome à era inaugurada por Enrico Fermi, a 2 de dezembro de 1942, quando o homem pela primeira vez provocou e controlou uma reação nuclear em cadeia e autotretida. Precisávamos tomar uma iniciativa que nos habilitasse, oportunamente, a aproveitar as nossas riquezas atômicas naturais. Fato para o qual chamo especial atenção, é que, dos países citados, apenas o Canadá e a Bélgica dispõem verdadeiramente, de grandes jazidas de minérios de alto teor em urânio.

Os Estados Unidos acabam de proclamar que já dispõem dos recursos necessários em urânio, embora, os seus minérios sejam, notoriamente, de teor baixo. Graças à pesquisa e prospecção intensiva-

mente realizadas nos últimos quatro anos, as disponibilidades em urânio atingiram o nível que acaba de ser anunciado pela Comissão Norte-Americana de Energia Atômica. Os americanos conseguiram, portanto, meios adequados ao aproveitamento de minérios de teores não elevados. Tomemos nota deste ponto. Quanto aos outros países citados nenhum dispõe, quanto sabemos, de jazidas que os abasteçam na escala conveniente. Não se pode deixar de citar o exemplo da Índia, grande produtora de minério de tório, que é aquele, até agora, mais abundante conhecido no Brasil, para o futuro aproveitamento de energia atômica — a monazita. A Índia, graças à larga visão dos seus governantes já se apronta para entrar na liça do aproveitamento da energia atômica à escala industrial. Não nos faltam, portanto, belos exemplos a seguir.

O MÉTODO PARA O APROVEITAMENTO DA ENERGIA ATÔMICA

— Qual o método que se poderia utilizar para esse aproveitamento? — indagamos.

Responde o Almirante Alvaro Alberto:

— "Não temos conhecimento suficientemente esclarecido senão do processo baseado na cisão atômica dos elementos pesados. Como se sabe, do urânio se extrai o isótopo urânio 235, que é o único combustível nuclear existente na natureza. E do urânio 238, que abrange 99,3% do urânio natural, obtém-se por transmutação, o plutônio. Quanto ao tório, não é utilizável diretamente, na técnica atual e, tal como o urânio 238, sofre transmutação, mediante a qual se obtém o urânio 238. Temos, pois, em vista, utilizar o processo de cisão de um dos três combustíveis nucleares ora disponíveis. Quanto ao processo de fusão de núcleos leves, não estamos ainda, habilitados a encará-lo. É claro, que não deixaremos de fazê-lo, se no futuro as circunstâncias o permitirem e aconselharem.

O APOIO DO GOVERNO

Quando pensa que será possível atingir êsse desiderato?

O Almirante responde:

— "Como disse, não estamos, é bem dever, pensando em montar uma pilha atômica para a efetiva utilização da energia nuclear, problema, aliás, ainda em fase experimental — mas, tão somente de um estágio preliminar que é o de uma instalação piloto. Para isso tem o Conselho Nacional de Pesquisas, em seu favor, o largo descortino do Governo do Presidente Getúlio Vargas, que tem dado o seu decisivo apoio às atividades deste Conselho e não há de faltar, assim estamos certos, neste empreendimento crucial. Em Minas Gerais o Governador Kubistchek distinguiu o Conselho com as mais inequívocas provas de incentivo, tendo se dignado presidir pessoalmente a sessão do dia de Nossa Senhora da Glória, em que, perante seletos auditório, que enchia literalmente o salão nobre da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, prestigiou o Conselho com as expressivas declarações então proferidas e, dentre elas, a que se anunciava já haver nomeado uma comissão de técnicos para estudar os vários problemas e tornar efetiva a construção do núcleo que se há de transformar, futuramente, na cidade atômica, a começar pela escolha do local mais adequado. Essa histórica declaração do Chefe do Executivo Mineiro, saudada como foi, por uma verdadeira aclamação, constitui, de fato, o marco inicial de uma nova era de progresso e prestígio não só para o grande Estado, como para toda a Nação brasileira. Várias são, aliás, as razões que inculcam Minas Gerais como região de escol para acolher a instalação em apêço.

A Comissão nomeada pelo Governador é constituída pelo Professor Djalma Guimarães, Diretor de Pesquisas Geológicas do Conselho, Professor Francisco de Assis Magalhães Gomes, Catedrático da Escola de Filosofia da Universidade

de Minas Gerais, Sr. Domício Murta, Consultor Jurídico do Gabinete do Governador do Estado, e Professor Eduardo Schmidt Monteiro de Castro, Catedrático da Escola de Engenharia.

FATORES DE ÊXITO

— Quais os fatores que deverão permitir a realização de tão grande idéia?

O Presidente do Conselho responde sem hesitação:

— Em primeiro lugar uma inflexível vontade de realizá-la. Essa vontade existe nos responsáveis pela governação, quer na órbita federal, quer na do Estado de Minas Gerais. Sem dúvida, os recursos financeiros não serão regateados pelos nobres representantes da Nação, quando se tem em vista matéria que concerne ao engrandecimento de nossa Pátria e ao bem-estar e segurança da nacionalidade. O primeiro a ser atacado é o problema humano, como sempre, de influência precípua e condicionante. Esse problema não poderia deixar de ter sido levado em conta. Da própria exposição apresentada à Presidência da República, em maio de 1949, e que acompanham o anteprojeto encaminhado pela mensagem 213 de 1949, pela Presidência da República ao Congresso Nacional, já constavam as seguintes passagens:

"4 — Dispomos, em nossos centros de investigação, de notáveis cultores da ciência e da tecnologia. É premente, porém, aperfeiçoar e ampliar os conhecimentos de maior número possível de cientistas e técnicos".

"46 — Dêsse problema, repitamo-lo, o primeiro a exigir imediato andamento é o da ampliação de nossos quadros de cientistas, tecnólogos e pesquisadores. Esse é ponto pacífico nos meios interessados em tais questões".

O Conselho Nacional de Pesquisas não se esqueceu de incluir essa providência capital entre as suas cogitações. E os fatos brevemente responderão por esta afirmação.

Devo salientar que os brasileiros ilustres que dão ao Brasil, através do Conselho Nacional de Pesquisas, todo o contingente das suas energias morais, intelectuais e físicas, são o seguro penhor da continuidade da ação do Conselho no sentido de realizar tão sublimado intento. Ao lado deles, o Presidente do Conselho se ufana de agir, embora, como obscuro catalizador. Os nossos esforços, entretanto, poderiam não resultar efetivos se não fosse a ressonância que temos encontrado em várias outras instituições culturais do país, como aquelas que tivemos a honra de visitar em São Paulo e, agora, em Minas Gerais.

É nosso intento associar neste magnífico empreendimento os cientistas brasileiros que desejarem trazer-nos o concurso inestimável da sua técnica e do seu patriotismo, e temos plena convicção de poder contar com a brilhante cooperação de muitos deles, vindos de todos os quadrantes do país.

Sem dúvida, um empreendimento desta ordem não é para ser levado a efeito, da noite para o dia. Exige a prévia solução de múltiplos e complexos problemas e a conjugação de imensos esforços. Seria preciso que duvidássemos da própria capacidade de nossa gente — pecado que jamais incorreríamos para deixar de manter firme convicção de que os cientistas brasileiros, amparados como estão, pela

larga visão dos nossos homens de Estado, hão de transformar em realidade a idéia em marcha sob tão belos e altos auspícios. Não acreditamos em ciência infusa. E aquilo que outros países têm realizado seria um ato de traição moral à nossa pátria negar que pudéssemos também edificar. E havemos de servi-la, mercê de Deus.

* *

AO SUL DE BELO HORIZONTE A CIDADE ATÔMICA

Falando aos jornalistas sobre o futuro levantamento, em Minas, de uma "Cidade Atômica", o Professor Djalma Guimarães, um dos quatro cientistas incumbidos pelo Governo de tratar os estudos preliminares da questão, declarou:

A "Cidade Atômica", a ser construída em Minas Gerais, com o apoio do Governo do Estado e de acordo com os resultados da recente sessão plenária do Conselho Nacional de Pesquisas, deverá ser levantada na região meridional do nosso território, ao sul de Belo Horizonte. Visará a instalação de laboratórios de pesquisas físicas em geral e em particular das de natureza atômica e nuclear. A área de ocupação é relativamente grande e não poderá ser inferior a 20 quilômetros quadrados.

(Imprensa do Rio)

JOALHERIA DA MODA

End. Teleg.: JOIAMODA — Tel. 42-6606

RUA SENADOR DANTAS, 118-D

RIO DE JANEIRO

VINTE MIL BARRIS DE PETRÓLEO POR DIA

Relatório do Presidente do Conselho Nacional do Petróleo, referente ao ano de 1950

"As atividades do Conselho Nacional do Petróleo, durante o ano de 1950, foram assinaladas por três acontecimentos de grande repercussão na economia do país: o início da industrialização do petróleo baiano através da refinaria inaugurada em Mataripe, a descoberta de novas áreas produtoras de óleo no Estado da Bahia e a organização da frota nacional de petroleiros.

A par desses eventos, sobretudo auspiciosos, não foram menos satisfatórias as realizações da rotina deste órgão nos setores técnico, econômico e administrativo.

De fato, os estudos geológicos e geofísicos que se processaram em várias regiões do país indicavam a existência de novas estruturas com características favoráveis à acumulação de petróleo, nas quais se programa a perfuração de poços pioneiros para a confirmação das suas possibilidades produtivas. Na região amazônica, foram determinadas as estruturas de Piriá, Marituba e Paraná do Moreira; no Estado de Alagoas, as de Palmeiras Alta e Barra de São Miguel; no Estado de São Paulo, a de Guareí. Por outro lado, dos poços pioneiros abertos nas estruturas localizadas em campanhas anteriores no Estado da Bahia, os de Água Grande (Catu) e Paramirim do Vencimento (Almas) revelaram-se produtores de óleo, abrindo, assim, perspectivas promissoras quanto ao aumento das nossas reservas de petróleo nesse Estado.

Além disso, desenvolveram-se em diversos Estados as pesquisas que este órgão vem realizando com

o mesmo objetivo de selecionar áreas propícias à existência de petróleo.

Na bacia amazônica, tais estudos, que se estenderam desde a ilha de Marajó até as zonas da baixa e médio Amazonas, compreenderam reconhecimentos geológicos nos Tapajós, Trombetas e Erepecuru e trabalhos geofísicos, pelos métodos sísmico e gravimétrico, nos municípios de Afuá e Chaves, rios Tocantins, Moju, Canaticu, Piriá, Mapuá, Mocoões, Jurupucu, Cururu, Madeira e Purus.

No Estado do Maranhão, procedeu-se ao levantamento pormenorizado da área Carolina-Balsas, executando-se, simultaneamente, perfis sísmográficos na ilha de São Luiz, baía de São Marcos e na região Perizes-Presidente Dutra.

Em Alagoas, iniciaram-se investigações sísmicas nos arredores de Maceló, as quais prosseguiram ao findar o ano, e, em Sergipe, foram concluídos os trabalhos dessa natureza que se vinham processando nas zonas central e nordeste do Estado.

No Estado da Bahia, intensificou o Conselho os estudos geológicos e geofísicos, tendo os primeiros ficado a cargo de quatro turmas de técnicos, que se distribuíram pelas regiões central e sul do Estado, ao passo que os trabalhos sísmicos couberam a duas turmas (uma da United Geophysical Co. S.A. e outra da Geophysical Service Inc.), que pesquisaram as áreas de Paramirim do Vencimento, Mata de São João, Catuiçara, Dom João, São Francisco do Conde e Mocambo.

Fizeram-se ainda reconhecimentos geológicos na faixa sedimentar

costeira do Estado do Espírito Santo, entre Vitória e a fronteira baiana, e nas regiões de Guareí, Estado de São Paulo, Jacarézinho e Ribeirão Claro, Estado do Paraná, Lajes, Estado de Santa Catarina e Guaraí, Estado do Rio Grande do Sul.

Os trabalhos de perfuração, que até 1949 se concentraram no Recôncavo baiano, estenderam-se em 1950 aos Estados do Pará e Sergipe, onde se abriram poços pioneiros em Limoeiro e Japoatã, respectivamente. Dêstes, o primeiro ainda se achava em perfuração no último dia do ano, quando atingira a profundidade de 2.230 metros, e o segundo revelou-se improdutivo, tendo alcançado 537 metros.

Para 1951 está previsto o início da perfuração de um poço pioneiro em Carolina, no Estado do Maranhão, onde já se encontra montada a respectiva sonda. O total de poços terminados no Estado da Bahia, no período em apêço, elevou-se a 33 dos quais 25 são produtores de óleo, 4 de gás e 4 secos. Um desses poços, aberto no Município de São Francisco, teve objetivos exclusivamente estratigráficos.

No campo de Candeias, concluíram-se 11 poços, sendo 7 produtores de óleo, 3 de gás e 1 seco; no de Dom João, 18 poços, havendo apenas 1 seco; no de Aratu, o aprofundamento de um dos poços existentes, que se revelou produtor de gás e na região de Jeremoabo, o pioneiro de Piranhas, que se manifestou seco. No fim do ano, estavam em perfuração 2 poços em Candeias e 3 pioneiros, locados, respectivamente, em Pedras, Água Grande e Paramirim do Vencimento, os quais, embora não concluídos, já haviam indicado a existência de horizontes oleíferos.

Nesse trabalho, utilizaram-se 11 sondas, que perfuraram 23.316,37 metros, correspondendo a Candeias 13.507,51 m, a Dom João 5.981,48 metros e aos pioneiros 3.574,39 metros.

Em 31 de dezembro de 1950 era de 202 o total de poços perfurados no Estado da Bahia desde o início das atividades do Conselho, dos quais 75 em Candeias, 34 em Dom

João, 27 em Itaparica, 17 em Lobato-Jones, 13 em Aratu, 4 em Pitanga, 13 pioneiros e 19 estratigráficos. Dêsse conjunto, 117 produzem óleo e 19 gás, sendo os demais secos ou esgotados (êstes em número de 3).

Além do êxito nos poços pioneiros há pouco mencionados de Água Grande, Pedras e Paramirim do Vencimento, cumpre destacarmos a importância das perfurações executadas na parte sudeste de Candeias. A produção do poço C-71, ali aberto em 1950, que se revelou surgente a profundidade de 1.377 metros, provém ao que se presume, de nova zona inferior de óleo, o que, se confirmado, proporcionará perspectivas animadoras quanto às reservas petrolíferas dêsse campo.

A produção de óleo bruto nos campos da Bahia, que, conforme se acentuara nos relatórios anteriores, atendia apenas às necessidades do Conselho naquele Estado, assumiu em meados de 1950 caráter efetivamente industrial com o início das operações da refinaria de Mataripe. Daí o aumento sensível verificado nessa produção que de 190.077,48 barris em 1949, passou a 338.707,13 barris em 1950. Computando-se toda a produção de petróleo dos campos da Bahia, desde o início das atividades dêste órgão até 31 de dezembro do ano findo, ter-se-á a soma de 977.040,60 barris, dos quais 78,11 % cabem a Candeias.

O abastecimento regular à refinaria de Mataripe, durante o último trimestre do ano, permitiu que se estudasse as condições técnicas da produção de óleo, colhendo-se elementos para determinar o rendimento efetivo de cada poço e, desta sorte, calcular a capacidade produtiva dos vários campos.

Tendo por base êsses estudos e os testes efetuados no período em apêço, a produção potencial de petróleo na Bahia aproxima-se de 20.000 barris diários.

A produção de gás natural ascendeu, em 1950, a 5.070.049 metros cúbicos, ou sejam 2.807.083 m³ a mais do que no ano anterior, tendo contribuído para o acréscimo não só fornecimento contratual a uma

fábrica de Itaparica, como o uso desse combustível nas operações iniciais da refinaria de Mataripe e em diversas caldeiras do campo de Candelas.

As disponibilidades de gás natural em todos os campos da Bahia não sofreram alteração, sendo mantida a estimativa que figurou no relatório anterior, isto é, 1.200.000.000 metros cúbicos.

No que se prende às reservas de óleo recuperáveis no recôncavo baiano, eram avaliadas, em 31 de dezembro, em 44.000.000 de barris, considerados nesse cálculo os três principais Campos (Candelas, Dom João e Itaparica) e excluídas as novas áreas produtoras descobertas em 1950, por se acharem ainda em início de exploração. Essa estimativa, que apresenta ponderável aumento em relação a 1949, proveio de novos cálculos feitos por técnicos do Conselho à vista dos resultados obtidos nas últimas perfurações executadas no campo de Dom João.

As investigações iniciadas em 1949 com o objetivo de verificar as possibilidades do aproveitamento econômico das jazidas de xisto pirobetuminoso existentes na região do vale do rio Paraíba, Estado de São Paulo, prosseguiram em 1950 com a realização de estudos estratigráficos e estruturais, trabalhos topográficos e de sondagem, bem como coleta de amostras de testemunhos e respectivas análises. Perfuraram-se aí 27 poços, que proporcionaram 6.939 amostras de rochas para os ensaios de laboratório.

Espera-se que os resultados dessas análises e a interpretação dos perfis estratigráficos levantados na área em pesquisas esclareçam suficientemente a natureza e a extensão das jazidas, bem como o teor em querogênio das respectivas camadas, permitindo que se chegue a determinadas conclusões quanto à expressão econômica das reservas de folhelho pirobetuminoso no referido vale.

Cumpre-nos acrescentar que, ultimados os entendimentos que se vinham processando entre o Conselho e o "Bureau of Mines", do Departamento do Interior dos Es-

tados Unidos da América, se firmou um acordo visando à assistência técnica por parte desse órgão nos assuntos relacionados com a exploração do xisto betuminoso no país. Em consonância com tal ajuste, que prevê a vinda de, pelo menos, quatro especialistas em mineração e na destilação e refino de óleo de xisto, esteve no Brasil um reputado técnico daquela repartição norte-americana, que, em contacto com os engenheiros do Conselho, conheceu dos trabalhos já executados no vale do rio Paraíba e assim reuniu elementos para os estudos que o "Bureau of Mines" se propôs realizar.

Ampliando as pesquisas de rochas betuminosas e pirobetuminosas além do citado vale, iniciou o Conselho, em 1950, investigações no Município de Guareí, também no Estado de São Paulo, com a finalidade de determinar as reservas em óleo das jazidas de arenito asfáltico existentes na área Botocatu-Anhembi. Coletaram-se amostras dos testemunhos nos 13 poços perfurados, as quais estão sendo analisadas, aguardando-se a conclusão dos estudos para se decidir sobre o aproveitamento das jazidas em causa.

Ainda em relação ao xisto, cabe-nos mencionar que, pelo Decreto n.º 28.861, de 19 de setembro de 1950, foi criada a Comissão de Industrialização do Xisto Betuminoso, diretamente subordinada ao Presidente da República, por intermédio da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional. De acordo com os dispositivos desse Decreto, compete ao Conselho Nacional do Petróleo, além da fiscalização técnica dos empreendimentos da Comissão, apresentar plano para a intensificação dos trabalhos em curso e proporcionar a assistência técnica que for solicitada.

Por indicação dessa Comissão, a área que está sendo prospectada pelo Conselho no vale do rio Paraíba, Municípios de Taubaté e Tremembé, foi, por ato do governo federal em dezembro de 1950, declarada de utilidade pública para desapropriação pela União, como

necessária à industrialização do xisto betuminoso.

Em 1950, julgou-se prudente estabelecer normas para o abastecimento nacional do petróleo na previsão de se tornar imperiosa, em situação de emergência política, a adoção da medida excepcional do racionamento de combustíveis líquidos.

O Serviço de Racionamento, eriado com essa finalidade, traçou as linhas gerais do plano a ser adotado e prossegue nas providências concernentes à sua execução para o momento em que tal medida se torne imprescindível.

No setor da industrialização do petróleo, as atividades deste órgão, no período em revista, compreendem a conclusão da montagem e início de funcionamento da refinaria erigida em Mataripe, no Estado da Bahia, para o trato do nosso próprio petróleo e o começo da construção da refinaria de Cubatão, no Estado de São Paulo, com a capacidade de 45.000 barris diários, para o trato inicial de petróleo importado. Adquiridos os terrenos destinados a essa última refinaria, principiaram-se ali serviços de terraplenagem e drenagem da área, bem como a construção de edifícios e do ramal ferroviário que vai servir à usina. Simultaneamente com esses trabalhos preparatórios, adquiriram-se no estrangeiro cerca de dois terços do equipamento e a quase totalidade dos tanques de armazenamento, tubulações e bombas, material este que já começou a chegar ao porto de Santos. Espera-se que a refinaria de Cubatão esteja em funcionamento no decorrer de 1953.

Relativamente à de Mataripe, é relevante assinalar que a sua montagem, feita no prazo exiguo de 10 meses, embora demandasse trabalhos especializados que pela primeira vez se executavam no Brasil, esteve a cargo de engenheiros, químicos e técnicos nacionais, assistidos por elementos da empresa responsável pelo projeto e orientação técnica da sua construção. Em 25 de agosto foram iniciados os testes dos equipamentos e em 24 de outubro acenderam-se as retortas de cra-

queamento, sendo obtidos os primeiros subprodutos do petróleo nacional.

Entre 24 de outubro e 31 de dezembro, tratando 144.524,01 barris de petróleo bruto fornecido pelos campos de Candeias e Itaparica e parte de Dom João, a refinaria de Mataripe produziu 41.500 barris de gasolina, 12.500 barris de querosene, 5.100 barris de óleo diesel e 33.000 barris de óleo combustível.

A capacidade de refino que é atualmente de 2.500 barris diários de óleo bruto, será ampliada para 5.000, usando-se aí principalmente a produção do campo de Dom João. Consoante o contrato para esse fim assinado com a M.W. Kellogg C^o. em 4 de dezembro de 1950, a nova unidade, que se prevê em funcionamento dentro de 15 meses, disporá de instalação própria para a produção de gasolina por polimerização catalítica, de elevado índice de octanas, e de gás liquefeito.

Quanto às refinarias de petróleo de 10.000 b/d e 20.000 b/d, respectivamente no Distrito Federal e São Paulo, outorgou-se às concessionárias — Refinaria de Petróleo do Distrito Federal S.A. e Refinaria Exploração de Petróleos União S.A. — novo prazo de dois anos a contar de 1 de janeiro de 1951, para a conclusão das obras, estabelecendo-se a condição de serem assinados, dentro do prazo máximo de 120 dias a partir daquela data, os contratos de financiamento e de construção das citadas refinarias.

No tocante ao transporte de petróleo e derivados, foi concluído o projeto detalhado do sistema de oleodutos entre o porto de Santos e a cidade de São Paulo, de que se achava incumbida a firma norte-americana Williams Brothers C^o., conforme contrato assinado em 1949 com este órgão, tendo as obras prosseguido no correr do ano. É concessionária desse empreendimento, consoante decisão do governo, a Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, a quem o Conselho tem proporcionado constante cooperação. Cumpre esclarecermos que essa rede de oleodutos, destinada, de início, aos produtos importados, atenderá também ao suprimento da refinaria

de Cubatão em óleo bruto e ao conseqüente transporte de derivados aí produzidos.

Cuidou-se ainda da constituição de uma frota nacional de petroleiros, tendo em vista a concorrência pública internacional realizada em Estocolmo em fins de 1949, adquiriu-se um navio-tanque de 16.000 toneladas que já se acha em serviço, e lavraram-se contratos com estaleiros da Suécia, Inglaterra, Holanda e Japão para a construção de 11 navios-tanques de grande tonagem e de 9 de pequeno porte, no total de 207 mil toneladas. Estes últimos, de construção japonesa, encontram-se em viagem para o Brasil e os 11 restantes deverão ser entregues até junho de 1952.

É oportuno mencionar que o Conselho, ademais do ajuste que vigora desde alguns anos com a firma DeGolyer & MacNoughton para a supervisão técnica de todas as atividades de pesquisa, continua man-

tendo contratos com vários geólogos e companhias estrangeiras para serviços de natureza especializada.

No que diz ao material de sondagem, foram importados em 1950 equipamentos e acessórios no valor de Cr\$ 36.947.951,80, adquirindo-se no país no mesmo período, diversos materiais que somaram Cr\$ 16.937.002,10.

Os serviços administrativos, quer na sede, quer nos Estados da Bahia e Pará, decorreram normalmente no ano em apêro, tendo o Conselho Pleno realizado 48 sessões ordinárias e 4 extraordinárias para discussão de assuntos de rotina e outros referentes à economia e política do petróleo.

Tal é o conjunto de considerações que mais nos pareceram interessantes, ao formular-se a síntese dos acontecimentos que caracterizaram as atividades do Conselho no ano de 1950".

PREFEITURA DE ILHÉUS

Em visita à Prefeitura Municipal da Cidade de Ilhéus, Unidade próspera do Estado da Bahia, os nossos representantes tiveram a oportunidade de se dirigirem ao Exmo. Sr. Prefeito Municipal Dr. Pedro Vilas Boas Catalão, figura de destaque no cenário político do Estado da Bahia, a fim de ouvir a opinião de S. Excia. sobre o desenvolvimento econômico do Município, tão bem governado.

Referindo-se S. Excia. sobre a nova instalação da 18ª Circunscrição de Recrutamento Militar naquela Cidade, disse aos nossos enviados que a Prefeitura Municipal de Ilhéus tem, à disposição da 6ª Região Militar, diversos lotes de terrenos, destinados à construção da C.R., bem como, casas residenciais para oficiais, em funções na citada Circunscrição de Recrutamento.

Finalizando a palestra, os nossos representantes despediram-se de S. Excia. cientes de que a Cidade de Ilhéus vem sendo administrada com a máxima boa vontade e esforço de um homem dotado de uma grande força idealista; assim é que a Cidade de Ilhéus vem vertiginosamente prosperando no Sul do Estado da Bahia.

A "Defesa Nacional" deseja ao ilustre Prefeito muitos louros no período de sua administração de realidades, naquela Cidade, Princesa do Sul.

O LUGAR DO BRASIL NA SIDERURGIA LATINO-AMERICANA

O Brasil está destinado a ser um dos maiores produtores de gusa e aço em todo o mundo. Em 1925, dois países latino-americanos produziam aço: o México, com 75 mil toneladas e o Brasil, com 8 mil. Em 1929, o México produzia 124 mil toneladas e o Brasil 26 mil. Em 1935, o México passou para 129 mil toneladas e o Brasil para 64 mil. Em 1939 batiamos o México: Brasil, com 114 mil toneladas e México, com 77 mil. Em 1945, mantínhamos o primeiro lugar e outros produtores de aço surgiram:

Brasil.....	206 mil t
México.....	196 mil t
Argentina.....	120 mil t
Chile.....	22 mil t
Peru.....	5 mil t

Em 1949, a situação era a seguinte:

Brasil.....	480 mil t
México.....	269 mil t
Argentina.....	170 mil t
Chile.....	30 mil t
Peru.....	10 mil t
Colômbia.....	10 mil t

Em 1953, a situação será a seguinte, segundo previsões dos técnicos:

Brasil.....	1.200 mil t
México.....	650 mil t
Argentina.....	270 mil t
Chile.....	100 mil t
Peru.....	20 mil t
Colômbia.....	20 mil t
Venezuela.....	20 mil t

O Brasil é, incontestavelmente, o país de maior futuro siderúrgico.

Dispomos de, pelo menos, 25 bilhões de toneladas de minério de

ferro com teor excepcionalmente alto: 65 a 69 %. Talvez o nosso minério seja o melhor do mundo — o mais rico e o mais puro. Os Estados Unidos, cujo consumo é astronômico, raspa o fundo de sua outrora gigantesca jazida de Mesa-bi. Infelizmente não temos carvão de pedra em grandes proporções. Aproveitando-se, porém, o carvão existente, apelando-se para o carvão de madeira, a energia hidrelétrica e o coque importado, em troca do minério de ferro que exportamos, progredimos rapidamente e poderemos, em futuro próximo, alcançar e depois ultrapassar a produção francesa. Já produzimos mais ferro gusa que velhos países siderúrgicos, como a Itália, o Japão e a Espanha.

Só Volta Redonda, após a ampliação projetada, poderá produzir 700 mil toneladas de gusa e 460 mil de aço. O aumento da produção possibilitará a instalação de fábricas de automóveis, caminhões, tratores, vagões ferroviários e motores e dos grandes estaleiros de Jacuecanga. O Presidente Getúlio Vargas promete outra Volta Redonda, em Minas Gerais. Para finalizar, publicaremos, a seguir, os mais recentes dados relativos a Volta Redonda, apresentados pelo Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura:

Anos	Aço (t)	Gusa (t)	Lamina- dos (t)
1947	144.879	175.672	89.688
1948	243.736	224.025	197.545
1949	302.369	192.774	226.889
1950	420.188	339.062	287.168

No primeiro semestre deste ano, já se divulga que a produção de trilhos, chapas e fôlhas de Flândres de Volta Redonda, atingiu 166.922 toneladas, contra 139.912, em igual período do ano passado. De acôrdo, ainda, com o S.E.P., a produção total da indústria siderúrgica brasileira foi a seguinte, em 1950:

Aço.....	779.466 t
Gusa.....	729.033 t
Laminados....	807.862 t

Observação: Valemo-nos, na elaboração destas notas, dos dados contidos no excelente artigo do Sr. Pimentel Gomes, intitulado "A siderurgia latino-americana", publicado no "O Jornal", desta capital.



Ferragens São Pedro Ltda.

IMPORTADORES

**FERRAGENS
FERRAMENTAS
TINTAS**

AV. PRES. VARGAS N.º 710
DEP. R. DOS ANDRADAS, 109
FONES. 43-2630 - 43-5206

DEP. 43-9834

Oficinas especializadas na execução de quaisquer tipos de chaves
e concertos de fechaduras Yale, tipo Yale, e para automóveis

— RIO DE JANEIRO —

CAPITÃO AUGUSTO NOGUEIRA GONÇALVES

DESPACHANTE ADUANEIRO A SERVIÇO DO MINISTÉRIO
DO TRABALHO E OUTROS

TELEFONE: 23-5258

RUA SACADURA CABRAL, 79-1º AND. — RIO

MANOEL OLIVEIRA SILVA

ESTIVAS E CEREAIS

Em Grosso e a Varejo

RUA MARQUEZ DE PARANAQUÁ, 167 — ILHEUS — BAHIA

BRASIL, CAMPEÃO NO COMBATE À MALÁRIA

O Brasil situa-se, nos dias que correm, como um campeão no combate à malária. Ainda agora o professor Pampana, grande sanitarista francês, atualmente à frente da Secção de Impaludismo da Organização Mundial de Saúde, em declarações a esta folha, afirmou caber ao Brasil a primazia no mundo em relação à luta contra a malária por meio de inseticidas de ação residual. E, comentando essas declarações, o Sr. Pinotti, Diretor do Serviço Nacional da Malária, alinhou números que confirmam plenamente a afirmativa acima referida.

Estamos, por assim dizer, diante de verdadeiro milagre — em quatro anos, conseguimos reduzir de praticamente 90 % os casos de impaludismo em nosso país. Antes da campanha de dedetização, a média anual de casos de malária ocorridos montava a 33 mil; em 1949, esses casos somaram 3.831, apenas. E a tendência há de ser para redução maior, a partir de agora. Não ficam nisso, porém, as provas disponíveis sobre os sucessos que estão coroando a campanha anti-malárica. Vejamos outras indicações.

O Brasil possuía, antes da utilização do DDT e da distribuição

maciça de específicos contra o paludismo, cerca de 8 milhões de impaludados, e essa massa de gente doente levava o nosso país a ser considerado a pátria da maleita. Hoje, inquéritos expeditos levados a termo nas zonas palustres do território nacional mostram que os impaludados somam cerca de 1.600.000. Somente no último exercício, segundo revelações do Sr. Mário Pinotti, foram dedetizados quase dois milhões e seiscentos mil prédios, correspondendo a uma área de 348 milhões de metros quadrados, e tratadas 1.018.710 pessoas, com um consumo de quase cinco e meio milhões de comprimidos de cloroquina, considerado o mais eficaz específico contra aquela doença.

Esses números desafiam contestação, e provam, à saciedade, que o esforço que o Brasil vem desenvolvendo na luta contra a malária não tem resultado em vão. Regiões tradicionalmente palustres, como o vale do Paraíba e do São Francisco, hoje oferecem outra fisionomia sanitária. E as áreas maláricas do país, em função da campanha persistente, estão em processo de redução, devendo desaparecer em breve tempo.

(Imprensa local)

CAFÉ E BAR LAGUNA LTDA.

MATRIZ:

AVENIDA PASTEUR N. 493 — TEL. 26-5616

FILIAL:

RUA DIAS FERREIRA N. 256-B — TEL. 27-4843

RIO DE JANEIRO

Em 5 anos a produção de artefatos de borracha do Brasil mais do que duplicou

Em 1946, o Brasil produzia 994 milhões de cruzeiros de artefatos de borracha, ou cerca de 50 milhões de dólares.

Em 1950, produzimos 2.212 milhões de cruzeiros, ou sejam 111 milhões de dólares.

Só em pneumáticos e câmaras de ar produzimos, em 1950, nada menos de 1.437 milhões de cruzeiros, contra 661 milhões, em 1946.

Deve-se isso ao aumento vertiginoso dos veículos autopropulsados, dos quais, só nos últimos 10 anos, foram importados 300 mil e à expansão da rede rodoviária.

Conta a indústria de artefatos de borracha com uma base sólida, que é o nosso mercado interno, em plena expansão.

No terreno da indústria leve, o crescimento é não só horizontal (número de fábricas), como ver-

tical (diversificação da produção) e muitos dos seus artigos já figuram na pauta das nossas exportações.

Desenvolvendo-se em ritmo mais acelerado que a produção da matéria-prima indígena, a indústria nacional de artefatos de borracha viu-se na contingência de importar a goma do Oriente. Há, porém, seguro empenho no sentido de abrímos uma segunda frente no complexo econômico da borracha e que culminará pela substituição dos seringais nativos por culturas racionais, não só no Amazonas, "habitat" da seringueira, como em outras áreas do país onde está comprovada a sua aclimação, sobretudo no Sul da Bahia e em algumas zonas de S. Paulo.

O momento oferece condições excepcionais para que abandonemos a exploração extrativa e racionalizemos a produção da borracha.

Não sabemos como será a guerra do futuro. A prudência manda que nos preparemos para a possibilidade de um conflito. Podemos estar certos de que não será semelhante à 2ª Guerra Mundial. É provável que o papel das forças terrestres, navais e aéreas seja materialmente outro. Entretanto, todos são de opinião de que tem de haver a unificação de comando. Por outro lado, os Serviços terão de ser proporcionados, seja qual for a aplicação das forças combatentes. Todas continuarão a ter de comer, a estar sujeitas a ferimentos, acidentes e doenças e exigirão roupa e transporte. A multiplicidade dos Serviços será maior. Não há dúvida de que, encarando francamente a presente situação, o desperdício atual, com repetições inúteis, pode ser diminuído mediante a consolidação destas atividades complexas que reflete, não apenas no campo das operações, mas no próprio âmago da vida nacional e de nossa capacidade de sustentar uma guerra. Se a unificação de comando no campo de operações é ditada pela nossa experiência na guerra, a fusão dos Serviços numa única força é manifestamente de maior importância ainda — General Brehon Somervell.

A "Companhia Vale do Rio Doce" está produzindo dólares para o Brasil

Segundo comunicação feita, recentemente, ao Exmo. Sr. Presidente da República, pelo Presidente da Companhia Vale do Rio Doce, a produção de minério de ferro dessa empresa, nos 7 primeiros meses do corrente ano, foi de 703.599 toneladas, contra 383.545 toneladas, em igual período de 1950. O volume transportado foi de 669.345 toneladas, contra 348.888, em 1950. Finalmente, o volume ex-

portado foi de 659.433 toneladas, contra 324.640, no ano passado.

Em dólares, o valor da exportação, nos 7 primeiros meses deste ano, foi de US\$ 6.057.350,69 contra US\$ 2.464.285,13, em igual período de 1950.

A Estrada de Ferro Vitória a Minas, apesar de ainda não inteiramente aparelhada para a sua tarefa, já vem apresentando saldos apreciáveis, esperando-se, para futuro próximo, o seu pleno rendimento.

Há atualmente no mundo, oito grandes áreas industriais, de produtividade suficiente para representarem fatores importantes de uma guerra em grande escala. O centro de cada uma delas situa-se no Japão, na Sibéria Central, nos Urais, em Moscou, na bacia do Don, na Europa Ocidental, nas Ilhas Britânicas e no Nordeste dos Estados Unidos. Todas elas estão acima do paralelo de 30° N.

As duas grandes massas de terra onde as áreas estão localizadas — a Eurásia e a América do Norte — têm uma região comum: o Oceano Ártico, com o seu vasto tópo gelado. Embora intransponível por navios ou forças de superfície, o Ártico não oferece barreiras aos aviões que o sobrevoarem — General Carl Spaatz.

MOINHO BARRA MANSA

Farinhas de Trigo

de superior qualidade & rendimento

marcas

"MONTANHA"

"CARIOCA"



Noticiário de Interêsse Militar

Prepara-se a Marinha para um rápido soerguimento com a recente Lei do Fundo Naval

O almirante Raul de San Tiago Dantas, chefe do Estado-Maior da Armada, que vem de realizar uma viagem de inspeção às instalações navais sediadas no norte e nordeste do país, fez, ontem, aos jornalistas acreditados junto ao gabinete do titular da pasta, almirante Renato de Almeida Guillobel, as seguintes declarações: "Preliminarmente, devo dizer que tenho a maior satisfação em me pôr em contacto com a imprensa acreditada junto ao gabinete do ministro da Marinha, essa imprensa que tanto nos tem auxiliado em tudo que se refere às atividades navais. Acabo de chegar da viagem que programei ao norte do Brasil, com o objetivo de observar e auscultar as necessidades da Marinha. Visitei o Segundo Distrito Naval, sediado na Bahia, o Terceiro, em Recife, e o Quarto, em Belém do Pará. Nada mais lógico que um chefe deslocar-se da sede dos seus serviços para ver tudo aquilo que corre sob sua responsabilidade em diferentes Estados da Federação.

Na Bahia, como em Recife, Natal e Belém, fui encontrar nossos serviços em perfeita ordem e até — porque não dizer — além da nossa expectativa. Nossos oficiais e nossas tripulações se conduzem em tais locais com alto espirito de Marinha, dedicação ao serviço, disciplina e sociabilidade que muito nos desvanecem.

Tive oportunidade de, em cada ponto e em cada serviço, observar tudo nos menores detalhes e confesso que vim emocionado pela dedicação do nosso pessoal.

Como sabem, a Marinha se prepara para um soerguimento rápido, tendo como base os recursos que vão ser postos à nossa disposição pela Lei do Fundo Naval.

E S. Excia. o Ministro da Marinha, oficial inteligente, culto, patriota e dedicado, está animado de um grande entusiasmo, que se fará sentir dentro em pouco.

As nossas bases do Recife, Salvador, Natal e Belém estão em pleno funcionamento, trabalhando não só na reparação das nossas forças nelas sediadas, como, também, para a indústria particular e empresas de navegação nacionais e estrangeiras.

Nesses pontos, onde temos Escolas de Aprendizes Marinheiros, Centros de Instrução de Reservistas e Centro de Instrução de Profissionais, encontro ambiente deveras consolador, do qual a Marinha muito tem a es-

perar. Não fôsse a deficiência de pessoal com que a Marinha luta no momento, temos a certeza de que todos os nossos serviços se encontrariam no nível de eficiência que, como chefe do Estado-Maior da Armada, desejo. Devo frisar que, em todos os locais visitados, encontrei perfeito espírito de cooperação entre as autoridades civis e militares no sentido da manutenção da ordem e do desenvolvimento das diferentes unidades federativas. Quero pedir aos jornalistas que ora me ouvem, façam chegar até os senhores governadores da Bahia, de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, do Pará e do Amazonas, o nosso reconhecimento pelas manifestações de afeto que prestaram à Marinha Nacional, na pessoa do chefe do Estado-Maior da Armada.

Concluindo as minhas impressões sobre a visita que acabo de realizar, desejo agradecer à imprensa que me honra com a sua visita, fazendo sentir que nem tudo quanto vi, infelizmente, posso transmitir ao público".

— Estamos informados de que a Marinha pretende adquirir, dentro em breve, uma flotilha de submarinos. Que nos poderá informar V. Excia. a tal respeito?

— Não tenho base alguma — respondeu o chefe do E.M.A. — para negar ou afirmar, mas sei que a Marinha necessita possuir belenaves daquele tipo. Há um plano estabelecido pelo Estado-Maior da Armada para a aquisição de uma nova esquadra, no qual serão considerados os submarinos como arma essencial. Com os recursos que forem postos à disposição da Marinha pelo Fundo Naval, poderemos adquirir, em futuro próximo, unidades que reforcem o poderio de nossa Esquadra.

— Qual a Base Naval que V. Excia. considera de maior importância estratégica para a nossa Marinha de Guerra?

— "Em face da situação internacional e das necessidades da Marinha, penso que a Base Naval de Aratu, pela sua situação estratégica e geográfica, será incontestavelmente, no futuro, a nossa principal base naval. Entretanto, as bases de Recife, Natal e Belém terão também grande importância, como pontos de apoio para as nossas futuras operações navais. Por outro lado, não podemos desprezar a costa sul do Brasil, que, no seu tempo, terá incontestavelmente o desenvolvimento que desejamos concentrar em pontos estrategicamente colocados.

Finalmente, indagou um jornalista.

— "Por que a Marinha intensificou ultimamente o treinamento de seu pessoal?

— A atual esquadra está empenhada no treinamento do seu pessoal e creio mesmo que não terá escapado aos olhos argutos da imprensa a movimentação diária dos nossos navios, isso com o objetivo de que, em época própria, a nossa gente possa tripular as novas unidades a serem adquiridas ou construídas no Brasil, aproveitando tanto quanto possível a matéria-prima nacional.

Ao terminar a entrevista, foi servido aos presentes um coquetel, tendo o almirante San-Tiago Dantas erguido um brinde à imprensa brasileira. ("Diário de Notícias", de 31-VIII-51).

Novas armas

Noticiou a imprensa que o Presidente Truman visitou, nos campos de provas de Aberdeen, no Estado de Maryland, os últimos aperfeiçoamentos bélicos do exército norte-americano. Entre as várias armas apresentadas, notavam-se as seguintes, consideradas como o "último grito" da técnica de armamentos:

- Canhões nos quais se suprimiu por completo o recuo;
- Canhões automáticos de 20,32 centímetros que podem ser colocados em posição de disparo em 3 minutos;

- "Bazookas" aperfeiçoadíssimas, com absoluta segurança de tiro;
- Metralhadoras de 60 milímetros de calibre que se disparam por eletricidade e que podem ser adaptadas para disparar projéteis de dois centímetros. Utilizar-se-ão principalmente nos aviões de propulsão a jato, conquanto esteja previsto, também, a sua utilização nos serviços da Infantaria e da Armada;
- Fuzis de Infantaria que pesam várias libras menos que os "Garand", utilizados na atualidade e que podem disparar pentes de 20 balas, ao invés dos de 8 dos "Garand";
- Tanque "T-41", que receberá o nome de "Bull-dog Walton", em memória do Cmt. do 8º Exército, na Coreia, General Walton Walker, que morreu em acidente automobilístico e que será usado em missões de reconhecimento; poderá correr a 64 km por hora e está armado de um canhão de 76 milímetros. Considera-se esse tanque superior, tecnicamente, ao "M-46" que, até agora, não encontrou rival nos campos de batalha da Coreia.

Rádios de combate

Os rádios "Walkie-talkie" e "Handie-talkie", que foram empregados na II Guerra Mundial, foram modificados radicalmente, com o objetivo de proporcionarem transmissões aperfeiçoadas às linhas de frente. Os dois aparelhos foram uniformizados e se encontram, agora, em processo de fabricação. O novo "Walkie-talkie" tem, mais ou menos, a metade do peso e tamanho que tinha há dez anos. O último modelo pesa uns dez kg, tem 35 cm de altura, 20 de comprimento e 7 de largura. O novo "Handie-talkie" pesa uns 3 kg; cada aparelho é um transmissor-receptor que funciona com baterias. O "Handie-talkie" tem um alcance de pouco mais de 1,5 km sobre terreno ondulado comum e sintonizará com muitos aparelhos de rádio, inclusive o "Walkie-talkie". Tanto um como outro estão modulados em frequência.

Âncora de aterrissagem

A aviação americana acaba de pôr em serviço uma âncora de aterrissagem que compreende essencialmente um tubo de aço de comprimento de 70 centímetros e de um diâmetro de 35 milímetros. Este tubo, inserto no avião, perto da empenagem, contém um foguete. Antes de tocar o solo, o piloto, por simples pressão sobre um botão, solta o foguete que enterra a âncora 45 cm no solo e sob um ângulo de 45 graus. A âncora está ligada a um cabo que, medindo 60 m, enrola-se sobre um freio hidráulico destinado a absorver a energia no momento do desencadeamento do foguete. A âncora de aterrissagem permite diminuir de metade o comprimento da pista. Pode suportar um esforço de tração de onze toneladas. O movimento de recuo provocado pelo lançamento do foguete é fraco e o cabo de aço pode ser utilizado uma centena de vezes.

As etapas da conquista atômica

- 1896 — Descobrimento da radioatividade (Henri Becquerel).
- 1898 — Descobrimento do rádio (Pierre e Marie Curie).
- 1899 — Descobrimento dos raios "Alfa" e "Beta" (Rutherford).
- 1900 — Descobrimento dos raios "Gama" (Villard).
- 1905 — Equivalência da matéria e da energia (Einstein).
- 1910 — Descobrimento dos isótopos (Soddy).
- 1911 — Estrutura planetária do átomo (Rutherford).
- 1913 — Invenção do espectrógrafo de massa (Aston).

- 1913 — Modelo do átomo (Bohr).
- 1919 — Primeira transmutação atômica (Rutherford).
- 1924 — Teoria da mecânica ondulatória (Broglie).
- 1925 — Mecanismo das mudanças nucleares (Blaskett).
- 1930 — Invenção do ciclotron (Lawrence).
- 1931 — Descobrimento do elétron positivo (Anderson).
- 1932 — Descobrimento da água pesada (Urey) e do neutron (Chadwick).
- 1933 — Materialização dos ftons em electrões (Blaskett e Occhialini).
- 1934 — Descobrimento da radioatividade artificial (Joliot-Curie).
- 1934 — Efeitos dos neutrões sobre os núcleos (Fermi).
- 1935 — Descobrimento do meson (Yukawa).
- 1939 — Descobrimento da fissão do urânio (Hahn e Strassmann).
- 1942 — Primeira pilha atômica de Chicago.
- 1946 — Primeira bomba atômica de Alamogordo.

Hélices supersônicas

A Divisão de hélices da Corporação Curtiss-Wright, em Caldwell, N.J. (Estados Unidos) fez público, há pouco, que uma série de hélices melhoradas subsonicas, transônicas e supersônicas prepararão o caminho para o objetivo final de velocidades até 1.600 km por hora com aparelhos de bombardeio de largo alcance impulsionados por hélice, bem como com aviões de transporte de abastecimento e tropas. A princípio, estas novas hélices se empregarão em aviões com velocidade de cruzeiro de 700 a 850 km por hora. Não obstante, a investigação sobre a qual se baseiam tais hélices indica que no futuro, poder-se-á conseguir o dobro destas velocidades em aviões impulsionados por hélice.

Modificações no B-36

O B-36, o bombardeiro intercontinental norte-americano, pode suportar grandes modificações. Esta máquina, desenhada para ser o principal bombardeiro pesado da Força Aérea dos Estados Unidos, tem um raio de ação de 8.000 km e um teto de 13.500 m. Os planos incluem a readaptação das asas, as que aparentemente são mais delgadas e fechadas para trás. Outra modificação será a substituição das hélices por outras, recentemente desenhadas. Esta nova hélice está construída com aço delgado e tem forma retangular, exceto nas pontas, as quais são ligeiramente afinadas para o final da base, onde as pás conectam com o eixo do motor. Os seus bordos mais largos são curvados, a fim de formarem uma superfície côncava que olhe para trás, na direção do avião.

Empregando esta nova hélice, que gira mais rapidamente que o som, crê-se poder alcançar velocidades mais altas e autonomias mais extensas.

Espera-se que o B-36, modificado, alcançará uma velocidade de 900 km por hora e um teto de serviço de 16.500 m, sem diminuir o seu atual raio de ação.

Pontos principais da política geral de defesa americana

O Departamento da Defesa, num documento em que expõe os fundamentos do programa de defesa dos Estados Unidos, declara que "os países latino-americanos constituem uma parte integrante da segurança dos Estados Unidos".

O documento, constante de seis páginas, sintetiza, a juízo dos altos funcionários daquele Departamento, os pontos principais da política geral

de defesa dos Estados Unidos e em um de seus parágrafos expõe de que maneira essa política se aplica às várias regiões do mundo.

"Os Estados Unidos e as demais nações do mundo livre" — diz a publicação oficial — "estão criando uma poderosa força militar para a defesa comum, diante da ameaça soviética à paz e à segurança".

No que se refere à América Latina, o documento diz:

"Os Estados Unidos e as demais Repúblicas americanas concordaram, em 1947, ao firmarem o Tratado do Rio de Janeiro, em que um ataque armado a uma delas será considerado como um ataque armado a todas e que todas atuarão unidas para a defesa comum".

"Os países latino-americanos, que ocupam ou dominam as imediações de muitas regiões e centros militares do Hemisfério Ocidental, constituem uma parte integrante da segurança dos Estados Unidos. Eles são também a principal fonte estrangeira de cerca de vinte materiais estratégicos e escassos, necessários à nossa produção de defesa".

Diz ainda o documento que a ajuda dos Estados Unidos é necessária para preparar as forças das nações latino-americanas, para tarefas especiais neste Hemisfério. Acrescenta que o programa de ajuda tornará possível que essas nações coloquem suas forças armadas, em níveis comparáveis aos dos Estados Unidos, evitando-se, assim, que este país tenha que enviar ao exterior suas forças para a salvaguarda da defesa comum (U.P.).

Avião a jato argentino

O recém-construído avião a jato argentino, *Pulqui II*, foi apresentado em Buenos Aires. O nove avião, acionado por um motor *Rolls Royce Nene*, alcançou, durante a demonstração, uma velocidade de mais de 990 km/h. Não foram revelados dados precisos de suas características. (*Aero Mundial Suplemento Argentino*).

Estojo de aço para cartuchos

O Exército anunciou que fabricará estojos de aço para cartuchos, ao invés de latão, a fim de poupar os materiais estratégicos.

Espera-se que com isso se economize milhares de toneladas de cobre e zinco na fabricação de cartuchos para armas portáteis e munição de artilharia.

O Exército fez experiência com estojos de aço na 2ª Grande Guerra, mas, verificou que os mesmos tendiam a dilatar-se e rachar. Pesquisas subsequentes produziram um estôjo de aço que se comporta tão bem quanto o de latão. (*Da Imprensa*).

Aviação Americana

Os E.U.A. na dianteira de todas as outras nações signatárias do Pacto do Atlântico reorganizam e reforçam as suas forças aéreas de forma a que elas possam desempenhar, em caso de novo conflito, papel preponderante na defesa da civilização ocidental.

Durante a última guerra o número máximo de Grupos de aviação que os E.U.A. dispuseram foi de 243. Após 1945, este número foi extraordinariamente reduzido. Quando do início do conflito da Coreia aquele país apenas dispunha de 48 grupos. Desde então, este número tem aumentado sucessivamente, dispondo hoje a aviação americana de 60 grupos e prevê-se que, em 1953, aquele número seja elevado para 95 grupos.

A distribuição daquele número pelas diferentes especialidades de aviação está prevista que seja da forma seguinte :

Aviões de Comb. Pesado — 6 grupos com 30 aviões por grupo ;
Aviões de Comb. Médio — 20 grupos com 35 aviões por grupo ;
Aviões de Comb. Ligeiro — 5 grupos com 48 aviões por grupo ;
Aviões de Caça-Bomb. — 18 grupos com 75 aviões por grupo ;
Aviões de Caça de dia — 11 grupos com 36 aviões por grupo ;
Aviões de Caça de todo o tempo — 11 grupos com 36 aviões por grupo ;

Aviões de Rec. Tático — 6 grupos com 30 aviões por grupo ;
Aviões de Rec. Estratég. — 6 grupos com 36 aviões por grupo ;
Aviões de Transporte — 12 grupos com 36 ou 48 aviões por grupo.

Destas unidades algumas estacionarão na Alemanha, outras irão para Inglaterra, Marrocos, Alasca, etc.

Presentemente é o avião "Convair-B-36" aquêle que equipa as suas unidades pesadas, mas é provável que este aparelho vá sendo substituído, gradualmente, por um avião pesado, acionado por motores de reação, possivelmente, o "B-52".

O avião de caça de jato "F. 86-Sabre" parece ser aquêle que num futuro próximo equipará as unidades de Caça diurnas, ficando o "Lockheed F. 94" e "F. 89" reservados para as esquadrilhas de caça com todo o tempo. ("Revista Militar", de Portugal).

Combustível atômico

A Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos anunciou, que dentro de três semanas procederá às primeiras experiências de uma máquina, com a qual espera poder determinar se é possível "criar" combustível atômico mais depressa do que o seu funcionamento exigiria que consumisse.

Além disso, a Comissão anunciou que foram feitos progressos nos diferentes ramos da pesquisa sobre a utilização da energia atômica, entre outros :

- 1º. Exército : motores de submarinos e aviões militares ;
- 2º. Medicina : experiências feitas em laboratório permitindo esperar que se encontrará, um dia, um método para tratar as pessoas expostas às radiações, seja por acidente ou durante um bombardeio. Além disso, umas mil pessoas atacadas de leucemia — doença causada pela superprodução de glóbulos brancos no sangue — foram, senão salvas, ao menos aliviadas por tratamento feito com auxílio de materiais radioativos ;
- 3º. Química : e produção e distribuição de isótopos radioativos foi acelerada, e foi essa, salienta-se, a primeira aplicação pacífica da energia atômica ;
- 4º. Indústria : ainda graças à energia atômica pôde-se determinar como uma vaca produz seu leite. Pôde-se medir a distância o conteúdo de água de uma queda de neve nas montanhas. Descobriu-se um novo método para determinar a eficiência dos anticorrosivos.

Finalmente, a Comissão de Energia Atômica revelou que os Estados Unidos gastaram, até agora, quase cinco bilhões de dólares no país e pensam gastar dois e meio mais no ano próximo. (A.F.P.).

Armas Atômicas

A Comissão da Energia Atômica dos E.U.A. e os Serviços de Defesa do mesmo país publicaram, há meses, um curioso e útil livro intitulado "*Os efeitos das armas atômicas*". Este livro inicia os seus conselhos com uma verdade de La Palice — avisa os leitores de que a melhor maneira de escapar aos efeitos mortais da bomba atômica, é não estar no local aonde ela explode... mas ao lado desta verdade, embora escrita quase por brincadeira, a referida publicação dá-nos ensinamentos que reputamos interessantíssimos e dignos de ficarem arquivados nas páginas da nossa Revista em virtude da sua grande oportunidade.

Os indivíduos que forem surpreendidos fora dos abrigos, especialmente construídos contra os ataques atômicos, devem-se atirar ao chão e fazerem-se numa bola, a fim de exporem o mínimo possível da superfície do corpo às radiações, devendo permanecer nesta posição o mínimo de 10 segundos. Se assim se proceder o pior terá passado. Se no minuto seguinte conseguirem escapar sem um ferimento fatal, estarão salvos".

Os perigos das radiações atômicas foram muito exagerados nos ataques às cidades japonesas, pois, conforme nos revela o livro acima referido, somente 5 a 10 % das baixas existentes foram consequência da radioatividade. Os prejuízos e baixas mais elevadas foram consequência da explosão, do calor intenso e queda dos prédios.

Quanto aos efeitos das bombas atômicas o livro diz-nos que uma bomba que explode no ar, a 600 metros de altura, atinge os seus mais devastadores efeitos. Destrói praticamente tudo num raio de 800 metros. Emite radiações mortais durante uns segundos, mas quase que não deixa radioatividade passado esse tempo.

Uma bomba atômica que explode na água, a vários metros de profundidade, tem um efeito destruidor 50 % inferior ao da explosão no ar livre, mas produz uma onda intensamente radioativa que destrói tudo que se encontrar na sua passagem. Esta onda pode alastrar a mais de 5 quilômetros e tornar toda esta área perigosa durante dois meses.

Uma bomba atômica que explode a 12 ou 15 metros abaixo da terra danificará uma superfície mais pequena do que a bomba que explode no ar, mas é bastante mais eficaz contra instalações subterrâneas. A cratera aberta por uma explosão nestas condições poderá ter 240 metros de diâmetro por 30 metros de profundidade.

O livro a que nos referimos diz que não seria difícil construir abrigos que salvariam muitas vidas, mesmo sob o local da explosão.

A principal dificuldade a vencer na defesa contra os ataques atômicos é o de se estar preparado para tratar grande número de pessoas queimadas, pois julga-se que as queimaduras tenham sido a causa de mais de metade das baixas fatais sofridas nas duas cidades japonesas.

A Comissão de Energia Atômica não liga grande importância ao efeito das radiações. Embora sejam, realmente, um perigo, não devem por forma alguma serem preocupação dominante e, portanto, os receios de contaminação de todo o mundo por radiações radioativas não nos deve afligir. Para constituir um perigo em todo o mundo seria necessário detonar cerca de um milhão de bombas atômicas, o que parece estar fora do campo das realidades, pois isso, como diz a referida Comissão, seria uma situação muitíssimo improvável.

Novo sistema de direção de tiro

Um sistema aperfeiçoado de direção de tiro com radar, que manobrá, automaticamente, a artilharia antiaérea, dispõe de uma "máquina-calculadora" elétrica. Esta determina onde uma granada deve explodir

para derrubar um avião e aponta, para aí, automaticamente, os canhões. Este sistema, agora em produção, é superior ao elétrico usado com eficácia na 2ª Grande Guerra. (*Science News Letter*).

Pára-quedas de tecido de algodão

Um novo tipo de pára-quedas econômico, destinado a cargas — feito com tiras de musselina — foi aperfeiçoado pela Força Aérea. Destina-se a substituir o antigo de rayon de 7 m, no lançamento de carga (em grupo de três ou quatro), esperando-se que desempenhe o papel do pára-quedas de nylon de 19 m.

Este novo tipo, custando apenas a metade do preço do de rayon, lançará 230 kg de carga de um avião voando a 300 km/h.

O tipo antigo de rayon pode suportar, somente, 140 kg e ser lançado de um avião a 230 km/h. (*Air Matériel Command*).

Produção de aço

Em 1950, a produção de aço, das nações livres da Europa Ocidental, foi da ordem de 50 % superior à da URSS e todos seus Satélites.

A produção de aço bruto das nações da Europa Ocidental atingiu, em 1950, aproximadamente, 53.000.000 t, enquanto que, é estimada em 35.788.000 t, a produção máxima da URSS e seus Satélites.

Em 1950, a produção de aço bruto dos EE.UU., alcançou 87.723.000 t. Assim, a produção de aço dos EE.UU. e da Europa Ocidental, naquele período, foi superior a 40.000.000 t, ou seja, quase 4 vezes a produção do bloco soviético. (*Da Imprensa*).

Dir-se-á que, para garantir sua segurança, nosso país terá apenas de confiar em seu armamento, não precisando depender do potencial humano.

Esta doutrina muito se aproxima da de defesa negativa, que causou a derrota da França. A inutilidade da Linha Maginot ficou demonstrada logo no início da guerra, mas era muito tarde para salvar a França. A loucura da nova doutrina, que já começa a tomar forma no modo de pensar de muitos norte-americanos, também se evidenciará rapidamente, porém tarde demais para a salvação dos Estados Unidos.

A única defesa eficiente que uma nação pode adotar atualmente, é manter-se em condições de atacar. Esse poder não se consegue apenas com máquinas; necessitamos de homens para guarnecer os engenhos de guerra — General de Exército George C. Marshall.

O QUE HÁ DE MAIS FINO PARA HOMENS

MAGAZINE LEREX

CAMISARIA — ALFAIATARIA — SPORT

VENDAS EM 12 PRESTAÇÕES

DESCONTO DE 10 % AOS SÓCIOS DO CLUBE MILITAR

AV. RIO BRANCO, 251-A — EDIF. CLUBE MILITAR

"SIC"**Sociedade Importadora Comercial Ltda.**

ESPECIALISTA EM ARTIGOS SANITARIOS E ACESSÓRIOS

VIDROS PLANOS EM CORES, FOSCOS

RUA DR. J. J. SEABRA N. 61 — SALVADOR — BAHIA

FILADELFO COSTA & CIA.FERRAGENS, LOUÇAS, VIDROS, MATERIAIS PARA CONSTRUÇÕES,
TINTAS, ETC.

MATRIZ: AVENIDA RIO BRANCO, 500 — ARACAJÓ — ESTADO DE SERGIPE

FILIAL: RUA LOPES CARDOSO, 9 — SALVADOR — ESTADO DA BAHIA

EMPRESA TÉCNICA RÁDIO CINE LTDA.

Técnicos Eletro-Mecânicos

Rádios, Amplificadores, Microfones, Válvulas e peças — Material para Rádio e
Cinema — Oficinas

Preços especiais

RUA CARLOS GOMES, 17-C — ENDEREÇO TELEGRÁFICO: RADIOLA
CAIXA POSTAL, 530 — TELEFONE, 2209**LOJA FRANCO**

DE

IZIDRO FRANCOCompleto e variado sortimento de miudezas, perfumarias, linhas, rendas, bicos,
bijouterias, luvas, meias, fitas, bolsas, papelaria, liga, etc.

Preços sem competitor

SALVADOR — RUA DR. J. J. SEABRA N. 166 — TELEFONE 5535 — BAHIA

Filial: Rua Lima e Silva, 298

CASA REQUIÃO

DE

Irmãos Requião & Cia. Ltda.Tubos de manilha para esgotos, Telhas de zinco, Chapas zincadas e de cobre,
Ferro para construção, Cimento branco

TELEFONE 4644 — RUA LOPES CARDOSO N. 19 — BAHIA

A casa que mais barato vende

FARMÁCIA MARIA

A SUA FARMÁCIA

Estoque novo e variado — Objetos para presentes — Produtos Nacionais e
Estrangeiros — Perfumaria em geral — Manipulação escrupulosa

Verifiquem os nossos preços antes de efetuar suas compras

Temos preços realmente honestos

Leão & Cia. Ltda.

RUA CHILE, N. 5 — TELEFONE 6089 — SALVADOR — BAHIA

CASA MOREIRA

DE

MOREIRA & IRMÃOSAgentes dos afamados produtos da Companhia ATLANTIC REFINING OF BRASIL
Querosene Sol — Gasolina Atlantic — Óleos e Graxas — Pneus e Baterias

ATACADISTAS E VAREJISTAS — COMÉRCIO EM GERAL

Praça Cel. Paiva Gonçalves, 118 — C. Postal, 7 — Mimosa do Sul — E. E. Santo

ATOS OFICIAIS GERAIS

Atos oficiais do Ministério da Guerra, publicados no "Diário Oficial" no período de 27 de agosto a 19 de setembro de 1951

CONTAGEM PELO DÓBRO DAS LICENÇAS ESPECIAIS NÃO GOZADAS

1. Havendo o 1º Sargento Mário Gomes de Lima, solicitado transferência para a reserva remunerada, pretendendo fôsse adicionado ao seu tempo de serviço efetivo o dôbro do correspondente a licenças especiais não gozadas, suscitou-se dúvida no Ministério da Marinha sobre a interpretação da Lei n. 283, de 24-V-948, em face do Estatuto dos Militares (Decreto-lei n. 9.698, de 2-IX-946). Houve por bem o respectivo titular pedir o pronunciamento desta Consultoria Geral.

2. Em parecer emitido a respeito, o ilustre Consultor Jurídico do Ministério, opinou pela prevalência da Lei n. 283, sobre o Estatuto. Exige este, com efeito, que o militar precisa de contar 25 anos de "efetivo exercício" para transferir-se, a pedido, para a reserva (art. 51, b). Tal exercício é definido no art. 97, § 2º, a), de forma restrita, com exclusão de certos períodos não computáveis e desprezados os acréscimos previstos na legislação geral informa o Consultor. Mas, a Lei número 283, no art. 7º, dispõe que "será contado em dôbro", para efeitos de aposentadoria ou reforma, o tempo das licenças especiais que o funcionário não houver gozado". Conclui, depois de outras considerações que:

"Efetivamente, mandando contar o aludido tempo para efeitos de aposentadoria ou reforma, atribuiu, a esse tempo, correspondente a licenças não gozadas, a natureza de tempo de efetivo serviço, porque de outro modo não é possível entender-se a expressão "para efeitos de reforma".

A meu ver, "para efeitos de reforma" significa para efeitos do direito à reforma que, na hipótese, significa inatividade, abrangendo, portanto, a transferência para a reserva".

3. A interpretação preconizada parece-me bem fundada. O propósito da Lei n. 283 foi o de assegurar aos seus beneficiários todas as vantagens do exercício, como se dêle não se tivessem afastado, quando licenciados. No art. 2º foi dito que a duração da licença "não influirá na contagem de tempo para efeito de promoção, aposentadoria, reforma ou gratificação adicional". Por isto mesmo, o tempo da licença não gozada, computa-se em dôbro para o efeito da reforma do militar ou da aposentadoria do funcionário civil. Esta compensação já constava do Estatuto dos Funcionários Civis (art. 278, § 1º).

4. O tempo correspondente a cada período de licença será contado normalmente como tempo de serviço efetivo, quando gozada; se o civil ou militar preferir não gozá-la, terá como recompensa a contagem em dôbro, sem quaisquer restrições. A segunda parcela, resultante da duplicidade é da mesma natureza da primeira. E quanto a esta, a Lei número 283, no art. 2º, dá-lhe os característicos de efetivo exercício.

5. Sendo o Estatuto dos Militares anterior à Lei n. 283, qualquer restrição nele contida, neste particular, se deve considerar abolida pelo texto posterior. É o que, aliás, dispõe o Decreto n. 25.267, de 28-VII-948, que regulamentou a concessão das licenças especiais (art. 2º, parágrafo único).

tempo de serviço de cada um prestado no Exército.

4. Considerando que o dispositivo constante do item 3º estabeleceu, desde logo, a precedência hierárquica entre os oficiais dentistas aproveitados no Quadro em extinção, respeitando a antiguidade dos que estavam nele desde 1947, amparados pela Lei n. 11, de 28-XII-946.

5. Considerando que a Lei número 1.125, de 7-VI-950, determinando, no seu art. 7º, a inclusão no Quadro de Dentistas, por ela criado, dos oficiais beneficiados pelas Leis ns. 11 e 719 não modificou o critério preestabelecido no art. 2º desta última.

6. Considerando que, como esclarece o Consultor Jurídico deste Ministério, em Parecer n. 143, de 25-IV-951, não importa o emprego do termo "nomeado" no art. 2º da Lei n. 719, quando deveria ser "aproveitado" ou "incluído", porque não havendo possibilidade de nomeação é evidente que o legislador quis referir-se aos "aproveitados" ou "incluídos".

7. Considerando que não é de acolher o argumento da condição de "convocado" dos oficiais beneficiados pelas Leis ns. 11 e 719, porquanto, mesmo como convocados, deve ser respeitada a precedência decorrente do art. 2º da Lei n. 719, em nada alterado pela Lei n. 1.125, que não mais podia modificá-la, por força do § 3º do art. 141 da Constituição.

8. Considerando que de acordo com o § 2º do art. 16 do Estatuto dos Militares (Decreto-lei n. 9.698, de 2 de novembro de 1946) só deve prevalecer antiguidade diferente da data de promoção ou nomeação, se em decreto for taxativamente mandado contar outra data.

9. Considerando que tanto o inciso 4º do art. 57 do Decreto número 8.738, de 10-II-942, como o artigo 2º da Lei n. 719, de 27-V-949, consagrou o tempo de serviço como elementos para decidir a precedência.

Resolve:

1. Os oficiais dentistas incluídos no Quadro reestruturado pela Lei número 1.125, de 7-VI-950, devem ser colocados no Almanaque de acordo com as normas seguintes:

a) Oficiais efetivos remanescentes do extinto Quadro de Dentistas, segundo a ordem que já vinham ocupando no Almanaque do Exército, com precedência sobre todos os outros;

b) Oficiais amparados pelas Leis ns. 11, de 28-XII-946, 719, de 27-V-949 e 1.125, de 7-VI-950, escalonados de acordo com os postos com que foram incluídos no atual Quadro de Dentistas, observando-se em cada posto a seguinte ordem:

I — Oficiais amparados pela Lei n. 11;

II — Oficiais amparados pela Lei n. 719;

III — Oficiais amparados pela Lei n. 1.125;

c) A precedência dos oficiais constantes do item I da alínea b) é determinada pela antiguidade, contada esta a partir do decreto de promoção ou nomeação, ou da data que taxativamente tiver sido mandada contar por decreto, adicionando-se a essa data o tempo de efetivo serviço ativo no posto, e recorrendo-se, sucessivamente em caso de igualdade:

1º — ao tempo de serviço prestado no Exército;

2º — ao posto ou graduação anterior;

3º — à idade.

d) Com relação aos oficiais de que trata o item II da alínea b), para o estabelecimento da precedência devem ser obedecidas as prescrições contidas nos arts. 2º e 5º da Lei n. 719;

e) Quanto aos oficiais referidos no item III da alínea b), a sua precedência é fixada de acordo com o prescrito na alínea c);

2. A D.S.E. providencie para a confecção da relação dos oficiais dentistas de acordo com as normas acima, remetendo cópias à C.P.E. e ao D.G.A.

3. A C.P.E. faça proposta dos oficiais que devem ser promovidos, em ressarcimento de preterição, de acordo com a colocação resultante das normas acima e dos que devem agregar em consequência da mesma colocação.

Em 3 de agosto de 1951 — General Newton Estillac Leal.

(Despacho Ministerial de 29-VIII-951 — "Diário Oficial" de 31-VIII-951.)

• •

FIXA O NÚMERO DE VAGAS PARA MATRÍCULA NO COLÉGIO MILITAR EM 1952

De acordo com o que propõe a Diretoria de Ensino do Exército, é fixado em 180 (cento e oitenta) o número de vagas para a matrícula

de candidatos no Colégio Militar, em 1952, destinando-se:

a) para os candidatos ao Curso Científico — 20%;

b) para os candidatos ao Curso Ginásial — 80%.

2. Se as percentagens acima não forem atingidas em um dos cursos, as vagas restantes reverterão em benefício do outro.

3. As vagas resultantes da divisão percentual referida no item anterior serão repartidas, dentro de cada um dos dois cursos, na forma do que prescreve o art. 66 do Regulamento do mencionado Colégio — General João de Segadas Vianna.

(Aviso n. 578, de 30-VIII-951 — "Diário Oficial" de 1-IX-951.)

ALTERA A PORTARIA N. 49, DE 26-II-951

O Ministro de Estado da Guerra, atendendo às razões apresentadas pelo Comando da 2ª Região Militar e o parecer do Estado-Maior do Exército, resolve alterar, na forma abaixo, o efetivo previsto para o C.P.O.R. da 8ª R.M. pela Portaria n. 49, de 26 de fevereiro do corrente ano:

- alunos de Infantaria — 62.
- alunos de Artilharia — 21.

(Portaria n. 197, de 3-IX-951 — "Diário Oficial" de 5-IX-951.)

FUNÇÃO DE ADMINISTRADOR DO EDIFÍCIO PRAIA VERMELHA

Em solução à consulta do Administrador do Edifício Praia Vermelha, de 20 de junho de 1951, indagando "se o Administrador do referido Edifício e o seu auxiliar, a que se referem o art. 8º e § 2º, das Instruções Reservadas de 9-I-951, estão compreendidos no espírito e na letra do art. 314, da Lei n. 1.316, de 20-I-951", declaro que aos mesmos não se aplica aquele dispositivo por não ser o Edifício da Praia Vermelha uma organização militar — Gal. Segadas Vianna, Secretário Geral do Ministério da Guerra, respondendo pelo expediente.

(Aviso n. 591, de 4-IX-951 — "Diário Oficial" de 5-IX-951.)

REQUISITO PARA ACESSO DE SARGENTOS PARA-QUEDISTAS

1. Tendo em vista a situação particular e atual da Escola de Para-

quedistas no tocante ao Recrutamento de praças, declaro que os Sargentos que na data deste Aviso servem nesta Escola e possuam o C.R.A.S. de Motomecanização, são considerados como tendo satisfeito o requisito do curso de aperfeiçoamento exigido para o acesso à graduação de 1º Sargento na categoria de fileira de Arma.

II. Essa determinação diz respeito exclusivamente às promoções para a citada Escola e só será aplicada aos Sargentos que já se tenham habilitado com o Curso de Formação de Para-quedistas (Básico e Mestre de Salto). — Gal. João de Segadas Vianna, respondendo pelo expediente.

(Aviso n. 592, de 4-IX-951 — "Diário Oficial" de 5-IX-951.)

CALENDÁRIO DE PROVAS PARA O CONCURSO A E.T.E.C. EX.

O Ministro de Estado da Guerra resolveu aprovar a indicação do D. T. P. Ex., das seguintes datas e horas para a realização, em 1952, das provas escritas para o Concurso de Admissão à Escola Técnica do Exército:

a) para o Curso de Preparação:

1ª prova — Francês e Inglês — dia 5 de fevereiro (terça-feira) — das 9 às 11 horas.

2ª prova — Álgebra Complementar — dia 7 de fevereiro (quinta-feira) — das 8 às 12 horas.

3ª prova — Geometria e Trigonometria Retil. — dia 9 de fevereiro (sábado) — das 8 às 12 horas.

4ª prova — Física (ou Química para os candidatos ao Curso de Química) — dia 12 de fevereiro (terça-feira) — das 8 às 11 horas.

b) para o 1º ano dos Cursos Técnicos:

— prova de Geometria Analítica e Cálculo — dia 4 de fevereiro (segunda-feira) — das 8 às 12 horas.

— prova de Mecânica Física e Racional — dia 6 de fevereiro (quarta-feira) — das 8 às 12 horas.

— prova de Eletricidade — dia 8 de fevereiro (sexta-feira) — das 8 às 12 horas.

— prova de Termodinâmica e Calor — dia 11 de fevereiro (segunda-feira) — das 8 às 12 horas.

— prova de Física-Química e Física Corpuscular — dia 13 de fevereiro (quarta-feira) — das 8 às 12 horas.

— prova de Desenho Técnico —
dia 15 de fevereiro (sexta-feira) —
das 8 às 12 horas.

(Ficha 15.920-51.)

(Despacho de 28-VIII-951 — "Diário Oficial" de 5-IX-951.)

MODIFICAÇÃO NO ESTANDARTE DO REGIMENTO OSÓRIO

DECRETO N. 29.948 — DE 1 DE SETEMBRO DE 1951

Modifica no estandarte do Regimento Osório, criado pelo Decreto-lei número 3.283, de 16 de maio de 1941, o escudo d'Armas do Marquês do Herval

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição, decreta:

Art. 1º. Fica modificado no estandarte do Regimento Osório (18º Regimento de Cavalaria), criado pelo Decreto n. 3.283, de 16 de maio de 1941, o escudo d'Armas do Marquês do Herval, cuja confecção deverá obedecer ao estabelecido na sua carta de Brazão, arquivada no Museu Histórico Nacional.

Art. 2º. Passa a ser a seguinte a descrição do escudo: campo de vermelho com um leopardo de prata, tendo na garra dextra uma espada de ouro; chefe de azul com três estrelas de ouro.

Art. 3º. O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1951; 130º da Independência e 63º da República.

GETULIO VARGAS.

Newton Estillac Leal.

(O desenho em apreço acha-se publicado à pág. 13387, do "Diário Oficial" n. 206, de 8 de setembro — "Diário Oficial" de 8-IX-951.)

MODIFICAÇÃO NAS CARACTERÍSTICAS DA CARTEIRA DE IDENTIDADE

Atendendo à solicitação da Diretoria de Recrutamento, em Ofício número 1.084-Gab., de 20 de agosto do corrente ano, declaro que a letra c), do item I da "Discriminação pormenorizada da Carteira de Identidade e do Cartão pelo sistema Ter-

moplástico" aprovada por Aviso número 125, de 12 de fevereiro de 1949, passa a ter a seguinte redação:

"c) A carteira de identidade deverá ser impressa de ambos os lados em cor verde sobre fundo um pouco mais claro" — General Newton Estillac Leal.

(Aviso n. 609, de 12-IX-951 — "Diário Oficial" de 14-IX-951.)

DISPENSA DO REGIME DE SUBSISTÊNCIA AO 3º BTL. RODOVIÁRIO

Em solução ao Ofício n. 128, de 6 de agosto de 1951, do 3º Batalhão Rodoviário, concedo dispensa do regime de subsistência aquele Batalhão, de acordo com o disposto no art. 78 do Regulamento aprovado pelo Decreto n. 4.163, de 30 de maio de 1939 — General Newton Estillac Leal.

(Aviso n. 619, de 12-IX-951 — "Diário Oficial" de 14-IX-951.)

PRORROGAÇÃO DE TEMPO DE SERVIÇO DE PRAÇAS DA COMISSÃO DEM. LIMITES

Tendo em vista que o Contingente da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, sediada em Belém do Pará, presta seus serviços na demarcação da fronteira com a Venezuela, resolvo, em face da natureza do serviço a que se obrigam as praças, autorizar o engajamento e reengajamento de cabos e soldados reservistas, para preenchimento de claros no referido Contingente.

As praças nas condições acima, enquanto interessar ao serviço, a critério do Comandante da 8ª Região Militar, poderão servir até a idade limite de permanência no serviço ativo, não sendo, porém, permitida a transferência para outra Unidade ou Contingente — General Newton Estillac Leal.

(Aviso n. 615, de 13-IX-951 — "Diário" de 14-IX-951.)

DISTINTIVO DE BRACO DO 1º BTL. POLÍCIA EX.

Aprovo o modelo de "distintivo de braço" que a este acompanha e que poderá ser usado em todos os uniformes pelos Oficiais e Praças

do 1º Batalhão de Polícia do Exército.

NOTA — O modelo do citado distintivo, acima referido, acha-se publicado à pág. 13764 do "Diário Oficial" n. 212, de 15 de setembro de 1951.

(Aviso n. 604, de 12-IX-951 — "Diário Oficial" de 15-IX-951.)

PREENCHIMENTO DE FUNÇÕES DE EXTRANUMERÁRIO-MENSALISTA

DECRETO N. 29.997 — DE 14 DE SETEMBRO DE 1951

Dispõe sobre o preenchimento, em caráter provisório, de função de extranumerário-mensalista

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição, decreta:

Art. 1º. Poderá ser preenchida, em caráter provisório, vaga de referência inicial ou única de extranumerário-mensalista quando não houver candidato habilitado na forma do art. 28 do Decreto-lei n. 5.173, de 7 de janeiro de 1943.

Art. 2º. O órgão de pessoal a que corresponder a tabela de mensalista exigirá do candidato os seguintes documentos:

- a) prova de nacionalidade brasileira;
- b) atestado de vacina, fôlha corrida ou atestado de boa conduta, passado por dois funcionários;
- c) prova de quitação com o serviço militar;
- d) título de eleitor;
- e) prova de que atende às condições especiais exigidas em lei para determinadas funções.

§ 1º. Após o exame legal dos documentos apresentados, o órgão de pessoal submeterá o candidato a exame médico, para a verificação do estado de sanidade e de capacidade física para a função.

§ 2º. O órgão de pessoal promoverá, a seguir, a expedição da portaria de admissão, que mencionará expressamente o caráter provisório do preenchimento da função, e obedecerá ao modelo aprovado pelo D.A.S.P.

Art. 3º. O extranumerário que for admitido na forma deste decreto será inscrito *ex-officio*, na primeira prova de habilitação que se realizar para o preenchimento da respectiva função.

§ 1º. Após o encerramento das inscrições, a admissão, em caráter

provisório, só poderá recair em candidato inscrito na respectiva prova de habilitação.

§ 2º. Homologada a prova de habilitação, serão dispensados todos os extranumerários-mensalistas admitidos em caráter provisório.

Art. 4º. O extranumerário admitido em caráter provisório só poderá ter exercício na repartição em que houver sido lotado, e, nessa condição, não poderá ser transferido, removido, nem obter melhoria de salário.

Art. 5º. Será observado, na admissão de que trata o art. 1º, o disposto no Decreto n. 29.893, de 14 de agosto de 1951.

Art. 6º. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º. Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1951, 130ª da Independência e 63ª da República.

GETULIO VARGAS.

Francisco Negrão de Lima.
Renato de Almeida Guillobel.
Newton Estillac Leal.
João Neves da Fontoura.
Lazary Gomes.
Alvaro de Souza Lima.
João Cleofas.
E. Simões Filho.
Segadas Vianna.
Nero Moura.

("Diário Oficial" de 17-IX-951.)

MODIFICAÇÃO NO BRAZÃO DE ARMAS DA A.M.A.N.

DECRETO N. 29.974 — DE 10 DE SETEMBRO DE 1951

Modifica o Braço de Armas da Academia Militar das Agulhas Negras

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição, decreta:

Art. 1º. Fica modificado o Braço de Armas da Academia Militar das Agulhas Negras, de acordo com o modelo que acompanha o presente Decreto, da seguinte forma:

— O dístico "Escola Militar" é substituído pelo de "Agulhas Negras".

COLABORAM NESTE NÚMERO :

Brig. Eduardo Gomes.
Brig. Lysias Rodrigues
Gen. Felício Lima.
Gen. Manoel Carneiro Fontoura.
Gen. Sílio Portela.
Cel. Adalardo Fialho.
Ten.-Cel. Arold Ramos de Castro.
Ten.-Cel. J. H. Garcia.
Ten.-Cel. Raphael de Souza Aguiar.
Ten.-Cel. Riograndino da Costa e Silva.
Major Floriano M.B. Mendes.
Major Floriano Möller.
Major João Baptista Peixoto.
Major A.P. Leitão Machado.
Major Lulz F.S. Wiedmann.
Major Moziul Moreira Lima.
Major Reinaldo Melo de Almeida.
Cap. L.C. Silveira.
Cap. João B. Santiago Wagner.
Ten. Carlos Cesar Taveira.
Ten. Gustavo Lisboa Braga.



É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos publicados nesta Revista, desde que seja citada a fonte.

Cr\$ 10,00

S. G. M. G.
IMPRENSA MILITAR